PENETRALIA

RESPOSTAS HARMONIOSAS A QUESTÕES SIGNIFICATIVAS

ANDREW JACKSON DAVIS

Tradução: Amadeu Duarte

Vários volumes sobre a Filosofia Harmónica.

O poder de fazer uma pergunta pressupõe e garante o poder, não menos importante, de a responder. — Ver página 21.

Boston
William White and Company

Estereotipado na
Women's Printing House,
na esquina da Avenue A com a Oitava Rua,
Nova Iorque.

PREFÁCIO

Ao longo dos últimos três anos, o Autor foi interrogado sobre quase todos os temas — frequentemente por carta, por vezes oralmente, e naturalmente pelas próprias pessoas enquanto estavam a ser examinadas.

Este volume é concebido e fraternalmente apresentado como uma resposta às perguntas que pareceram mais importantes e úteis à Humanidade.

Penetralia é um termo latino que significa os recantos mais íntimos ou "recantos mais íntimos, secretos, ou sagrados" de um templo, da mente ou da alma.

De acordo com o espírito desta palavra, o Autor penetrou nas partes ocultas e isoladas de inúmeras questões da mais profunda importância para toda a mente humana.

Do interior espiritual — dos recantos secretos do imperecível *Univercuelo** — foi extraída a essência de cada resposta. No entanto, o método é tão familiar quanto as deduções ordinárias do intelecto.

*****(a substância universal primordial ou a essência unificadora de todas as coisas no universo.)

O Autor não presume acreditar que as suas respostas serão finais ou satisfatórias para aqueles que ocupam posições diferentes em relação aos vários temas

considerados. E, ainda assim, o seu espírito é animado pela esperança de que, para tais mentes, as páginas seguintes possam sugerir até mais do que expressam — pensamentos elevados e princípios salvadores.

O motivo que anima o espírito deste *Penetralia* é fazer brilhar uma fé mais divina no coração da natureza humana.

Para alcançar este glorioso objetivo, as questões são apresentadas em várias formas, e respondidas com palavras simples e ilustrações acessíveis:

Explora os vários departamentos da existência humana, e considera tanto o comum como o extraordinário, o sensível e o celestial:

Desce até aos alicerces do Templo tríplice da Natureza, conduzindo o leitor filosófico através de inúmeros e agradáveis labirintos:

Percorre as cordas da criação, entoa o doce cântico da Harmonia Eterna e desperta aspirações em direção ao Amor, à Sabedoria e à Liberdade.

A. J. D.
Nova Iorque, 12 de Junho de 1856

Índice

A FILOSOFIA DAS PERGUNTAS E RESPOSTAS

Politicamente e teologicamente, a mente humana está em cativeiro; mas, constitucional e espiritualmente, é livre como a Divindade. Os seus pensamentos, indiferentes às barreiras do tempo e do espaço, voam por toda a parte com asas velozes. As montanhas eternas, ainda que se ergam e se percam nas nuvens, não passam de parques de brincadeiras.

As ideias, nas boas mentes, são anjos. A mente, feita de forma temível e maravilhosa, compõe-se em harmonia; e, como um semi-deus, comissiona os seus Pensamentos para realizarem o trabalho exterior. Pela reflexão serena, quem poderá seguir os caminhos do Pensamento? Os pensamentos, filhos da mente, brincam nos campos da Natureza. Com asas ansiosas, voam pelas longas eras passadas, pousam nos inícios da vida e respondem às perguntas como se por sopros de intuição.

As jornadas variadas destes anjos (os pensamentos) são difíceis de seguir. Como aves de outra esfera, dotadas de funções de movimento veloz, os Pensamentos dos homens divertem-se entre as estrelas e brincam destemidamente com os exércitos cintilantes, onde, dir-se-ia, apenas os serafins mais elevados ousariam pisar. Entretanto, a mente, revestida do corpo físico, senta-se em juízo sobre os relatos trazidos pelo Pensamento — classificando-os como "bons" ou "maus", segundo uma lei interior de Justiça eterna. Nas mentes grandes e virtuosas, todos os pensamentos são harmoniosos e humildes; já nas mentes pequenas, os pensamentos agitam-se e pavoneiam-se, como marionetas numa caixa de teatro de feira.

Correndo o risco de chocar a tua experiência, começo por afirmar que a mente humana não possui poder ou função para conceber ou supor coisas e ideias que não existam, essencialmente. Não acredito que o ser humano consiga imaginar impossibilidades. Todo o pensamento humano tem origem na essência da verdade. E, no entanto, de ambos os lados deste poderoso rio de verdade em corrente, encontrarás as ervas daninhas da diminuição e do exagero. Em todos os estágios inferiores do crescimento humano, observarás pessoas nascidas com inclinação para diminuir ou para exagerar aquilo que dá origem às ideias.

Aos que diminuem chamamos céticos; aos que exageram, idealistas. Os primeiros vivem nos fatos; os segundos, nos princípios. Os chamados "céticos" acreditam apenas no Finito — naquilo que pode ser percebido pelos sentidos; enquanto os crentes são céticos em relação aos fatos, ocupando-se apenas do Infinito — ideias do ilimitado e do sem fim. O erro, assim chamado, encontra-se, em maior ou menor grau, nestes dois extremos da Vida. Cada mente parte do ponto central e ruma a extremos opostos do Universo.

O que os homens chamam de “Imaginação”, considero eu como o poder da mente para “dar corpo (profeticamente) às formas das coisas desconhecidas” — coisas que existem, de forma inerente, na constituição da alma, mas que talvez ainda não tenham encontrado os seus símbolos correspondentes no mundo exterior. O idealista alberga, primeiramente, a igreja e o Estado na sua mente. O quadro e a estátua existiram primeiro na mente do artista.

Na mente do mecânico, assentaram-se os primeiros carris, construiu-se a primeira máquina a vapor. Houve, portanto, um tempo em que igreja e Estado, estátua e quadro, caminhos-de-ferro e locomotivas eram apenas Ideias não simbolizadas. Os céticos (os homens do finito ou dos fatos) apelidaram-nas de “Imaginação”. Muitos comerciantes lamentaram-se, com um desprezo piedoso, das fantasias do barco a vapor de John Fitch e Robert Fulton!

O primeiro barco a vapor foi construído, lançado e movido para cima e para baixo nos largos rios da Reflexão nas mentes de John Fitch e, mais particularmente, de Fulton. Houve um tempo em que este fantasma a vapor provocou o ridículo das mentes sensuais. Mas dirás que esse fantasma não se tornou realidade prática? Se sim, respondo-te que as mais extravagantes imaginações de Fulton foram ultrapassadas pelas mais comuns máquinas dos dias de hoje. Não me acuses de ceticismo; olha antes para dentro de ti e condena-te a ti mesmo. Duvido de muitas das coisas em que o mundo acredita, porque vejo tantas outras das quais não posso duvidar.

Se eu fosse classificar os três departamentos do pensamento humano, diria que o Homem é um mundo Indefinido, situado entre o Finito e o Infinito — ou que existem três mundos onde os seus pensamentos podem eternamente vaguear e encontrar satisfação. O Homem é, para si mesmo, a esfera do Indefinido; e assim “todo o nosso saber é conhecermo-nos a nós próprios.” Este é o único conhecimento capaz de humilhar verdadeiramente a mente; é o saber, com certeza, que somos ignorantes. Assim, diante do autoconhecimento, curvamo-nos com reverência, como perante um Deus ao mesmo tempo estranho e indefinível.

Mas o orgulho surge com as ciências exteriores, finitas. Dá a um homem o sentimento de que conhece a ciência das estrelas, a Astronomia, e imediatamente endireita as costas diante dos outros. Dá-lhe a Geologia, ou a Matemática, ou a Química, ou a Geometria — e logo se torna filho da Vaidade e da Ambição. Isto é especialmente verdade nas mentes que apenas conhecem fragmentos dessas ciências — uma espécie de “palha informativa” que flutua à superfície dos jornais modernos e da literatura periódica; mas, se misturarmos essas ciências com os princípios fundamentais do autoconhecimento, a mente humilha-se com reverência perante o Deus do seu ser, e a verdadeira humildade torna-se inevitável.

Poderíamos perguntar: "Porque altera o autoconhecimento ou sabedoria o rumo dos sentimentos do homem?" Porque abre à alma dois vastos mundos de existência, não visíveis na esfera do Finito: o Indefinido, que é ele próprio, e o Infinito, com o qual sente estar instintiva e eternamente ligado — a maravilha íntima de cada mente.

Basta que o véu seja parcialmente levantado, aquele que durante tanto tempo separou o presente do futuro, para que o Homem se veja como um enigma por resolver. E aí começa uma série infinita de perguntas e respostas. O homem apresenta-se, diante do seu semelhante, com perguntas. Cada um descobre em si o desejo de saber; daí os incontáveis milhares de milhões de biliões de triliões de perguntas que pululam nos campos da experiência humana. A mente questiona, em voz alta ou em silêncio, porque ela própria é um mundo de interrogação; mas, quando tudo é dito, revela-se também como um mundo de respostas — simples, temíveis, maravilhosas, satisfatórias.

As perguntas do homem, no que respeita às suas relações com o Infinito, ergueram monumentos de teologia inútil. Escreveram-se poemas, preceitos e bíblias para responder a essas perguntas incessantes. Erigiram-se catedrais e igrejas para fazer soar as respostas a centenas de ouvidos ao mesmo tempo. O Infinito foi interrogado; mas só mundos menores responderam.

E assim será, creio eu, para sempre. O Infinito nunca responderá ao finito, senão através dos seus canais imutáveis da consciência. Se um homem consegue formular uma pergunta profunda, existe dentro dele um poder latente igualmente capaz de responder; ou seja, a capacidade de colocar uma questão com justeza pressupõe a capacidade de lhe dar uma resposta justa — tal como todo desejo espiritual é uma garantia interior de que será um dia satisfeito.

Quando a memória fiel me mostra os traços ténues das minhas primeiras experiências, enquanto ser interior, lembro-me imediatamente das palavras amáveis e das perguntas que me foram dirigidas ao ouvido desperto. A minha alma dormia na ignorância infantil até então. As perguntas que conhecia eram do tipo comum — aquelas que as pessoas usam nas formas mais simples de pensamento. Mas que palavras maravilhosas brotaram dos meus lábios, em resposta, quando ouvi: "Jackson! O que vês?"

A revelação sublime da Verdade Infinita pareceu fulgurar no horizonte das minhas perceções despertas. Nenhum raio de luz espiritual iluminou jamais os montes celestiais com mais ternura do que estas verdades iluminaram o meu céu mental. Mas nada compreendi até ouvir a pergunta. Nenhum poder me foi dado para responder, então. Mas, desde esse dia até hoje, tenho-me empenhado em contar ao mundo exterior aquilo que o mundo interior me diz!

E agora, se me for permitido continuar a falar de mim, afirmo que ser eu um benefício ou uma penalização para ti — isso cabe a ti decidir. Em ti está o poder de determinar se sou proveitoso ou prejudicial. O vapor e as estrelas são valiosos, ou não, consoante aprendas a arte de lhes fazer as perguntas certas e obter as melhores respostas práticas. Podes perguntar ao vapor: "O que sabes fazer?" E ele responde: "Reveste-me com uma armadura de aço e ferro, dá-me um barco para empurrar, uma fábrica para mover ou um comboio para puxar, com uma mão hábil para me conduzir, e mostrar-te-ei do que sou capaz!"

Mas durante quanto tempo foi o vapor deixado sem perguntas? Durante milhões de anos, ele brincou, na tolice da imbecilidade, diante dos olhos sonhadores dos homens — nunca respondendo a uma pergunta, porque nenhuma lhe foi feita. Pergunta às estrelas: "O que nos podeis dizer ou fazer?" E elas respondem: "Estuda-nos, e dir-te-emos a imensurável magnitude do glorioso templo de Deus! Interroga-nos com verdade, e revelar-te-emos a gravidade, as leis das marés, da luz e do calor, das estações, da prosperidade, do verão e do inverno, do tempo de semear e do tempo de colher; tudo o que podes anotar nos teus almanaques e vender aos pobres — tanto de bolsa como de espírito — que não têm tempo nem compreensão para aprender na nossa escola."

O que desejo é impressionar-te com a *lei das perguntas*, para que, doravante, trates todas as coisas como capazes de abençoar ou amaldiçoar, conforme o uso que delas fizeres. Diz-se: "A mente mais comum está cheia de pensamentos, alguns dignos das mais raras; e se os visse escritos com clareza, maravilhar-se-ia com a sua riqueza." Aquela árvore nada diz, a menos que a interroguemos. Ela oferece as suas melhores verdades quando melhor questionada.

Para o cão, é apenas um objeto que deve evitar ao correr pelo jardim. Para o botânico inteligente, ela revela grandes capítulos de segredos. Para o índio sem instrução, é "boa" ou "má", conforme o fruto que dá. Para o poeta, profetiza beleza e verdade. É, para ele, um abrigo encantador de sentimento profundo, como o coração puro de uma mulher; o símbolo de alegrias futuras e o presságio de dores demasiado fundas para palavras.

Posso afirmar que o principal propósito da existência é evocar, através de perguntas puras e apropriadas, os grandes pensamentos que jazem enterrados na essência mental. Todo o sistema educativo que não se baseia neste princípio é penoso para a juventude, porque é essencialmente errado e fundamentalmente inadequado. Uma criança nunca está pronta para o conhecimento até que a sua alma se mova para colocar perguntas; é então que chega o momento de pôr o professor à prova, pois só é digno de ensinar quem responde como uma criança e sabe colocar novas perguntas que atraiam a intuição da criança e expandam os seus dons naturais.

É impossível ensinar todas as crianças pelos mesmos métodos. As almas são bênçãos — ou não — conforme adaptamos os nossos métodos aos temperamentos em que as encontramos.

A tabuada encanta o teu filho; mas à tua filha parece um juramento mental, quando chega a sua vez de a aprender. Mas as perguntas certas abrem-lhe a alma a si mesma. Que mundo encantado é esse! Num instante, a sua alma salta por cima de anos de existência; os seus olhos abrem-se, e ela sente-se sábia como a mítica Eva. E esse autoconhecimento não é um mal. Ele dir-nos-á onde estamos nus — desprovidos de sabedoria e harmonia — e informar-nos-á dos métodos de vida que conduzem ao verdadeiro Éden da alma.

Entre os judeus, era costume, vindo da jurisprudência egípcia, que toda a criança fosse ensinada na história e nas leis judaicas. Em conformidade com este método, o filho de José e Maria foi levado ao templo da lei, da medicina e da divindade. Diz-se que tinha então apenas doze anos. Foi para ter o seu nome inscrito entre os homens da nação. Era também tradição que os doutores da lei, os ministros da justiça, os professores da escola dominical e os doutores da divindade fizessem certas perguntas — históricas, legais e religiosas — aos rapazes, para assegurar o patriotismo e a ortodoxia.

Joshua parece ter satisfeito todos os professores, exceto os "doutores da divindade", que ficaram espantados e confundidos com a profundidade das suas respostas! Ele manifestou a linguagem da intuição — um fato que se deve tanto ao poder do questionamento como à excelência interior que sustentava as respostas. Sim, diz-se que o catecúmeno e os doutores ficaram surpreendidos com as respostas que conseguiram obter de Joshua!

E os professores modernos acham que só um ser enviado e inspirado por Deus poderia tê-lo feito. Não se pode deixar de lamentar a omissão, por parte dos historiadores, das perguntas feitas e das respostas dadas. Porque, se os doutores da divindade, nos dias de Joshua, estavam tão pouco esclarecidos quanto os da nossa época, é de concluir que ficaram bastante estupefatos muito antes de se atingir qualquer profundidade verdadeira.

Penso que terão ficado atónitos — e talvez até instruídos — com a ousada declaração da sua disposição reformadora e missão espiritual; não menos com a sua sabedoria inata e conhecimento intuitivo, inteiramente naturais à sua constituição, mas muito além dos rapazes da sua idade e limitada educação. Entretanto, não nos esqueçamos de que tudo isso foi provocado pela colocação de perguntas apropriadas.

Jesus é o grego para a palavra hebraica “Joshua”.

As perguntas nem sempre implicam movimento dos lábios e som no ouvido. Cada homem é um ponto de interrogação! A sua existência convoca o pensamento.

Na *Harmonia*, encontrarás este lema — "As perguntas espontâneas e profundas são representantes vivos dos desejos interiores; mas, para obter e usufruir dessas respostas puras e belas, que são intrinsecamente elevadoras e eternas, o inquiridor deve consultar, não autoridades superficiais e populares, mas os ensinamentos eternos e imutáveis da Natureza, da Razão e da Intuição."

Quando escrevi isto pela primeira vez, não compreendia o seu verdadeiro sentido. Mas agora vejo que cada parte de um ser humano é uma pergunta. Ela pergunta: "De onde?" "O quê?" "Para onde?" "Qual a nossa origem?" "O que somos?" "Qual o nosso destino?" As bíblias e as igrejas ainda monopolizam estas perguntas e patenteiam as respostas. Mas não devemos consultar autoridades superficiais; temos de encontrar as respostas na esfera onde as perguntas nasceram.

E, no entanto, não podemos trabalhar por nós mesmos, senão por intermédio de outros. Nenhum homem pode responder-se inteiramente, embora possa satisfazer o seu irmão. Neste princípio, "as esposas dos sapateiros e os cavalos dos ferreiros andam descalços." Médicos, quando doentes, precisam de outros médicos. Mas isto não será sempre assim. Os homens tornar-se-ão mais autossuficientes quando forem mais cultivados — ou quando souberem usar as coisas e as ideias sem o desconto das diminuições e exageros — aí onde se encontra o erro, assim chamado, e as superficialidades da nossa peregrinação.

Se leres o relato do mundialmente conhecido "Sermão da Montanha", observarás que o pregador "abriu a boca e ensinou", como se estivesse a responder a perguntas. A multidão seguia-o. Estavam a pedir respostas para pensamentos que tinham dentro de si. Cada homem era uma pergunta; uma interrogação orgânica! Se fossem apenas ovelhas ou vacas, achas que a alma dele se sentiria questionada? As suas melhores palavras são respostas a perguntas que lhe foram colocadas.

A pergunta mais importante, em todo o relato, foi feita por Pilatos. Após interrogar Jesus sobre a sua realeza, etc., Pilatos perguntou: "O que é a Verdade?" O relato diz que, "tendo dito isto, saiu." Por isso, essa pergunta permaneceu, desde então, em aberto! Devemos lamentar, pelo bem da humanidade, que Pilatos não tenha obtido uma resposta. Que vasto mundo de dogmatismo isso poderia ter evitado! Padres católicos e protestantes têm respostas patenteadas, fixas como palavras do Destino.

Que montanha de conjeturas teológicas repousa sobre esta omissão de Pilatos! E, além disso, o mundo permanece cético quanto ao tipo de verdade a que o Governador se referia: legal? histórica? geológica? teológica? Como a pergunta não

foi respondida por Jesus, cada alma deve então considerar-se interpelada — e responder o melhor que puder.

Grandes montanhas de ouro são muito menos valiosas para a humanidade do que a descoberta de que o poder de fazer uma pergunta pressupõe — e garante — o poder, não menos importante, de lhe dar resposta. Afirmo que Pilatos possuía o poder de responder à sua própria interrogação. Mas, tal como é lei da Natureza que a bolota preceda o carvalho, também, e pela mesma lei, as perguntas precedem frequentemente por muito tempo as respostas.

Se uma alma não consegue hoje, ou nesta geração, ou mesmo no próximo século, satisfazer as suas interrogações, chegará ainda assim, com certeza, o tempo em que o poderá fazer com facilidade — e, não apenas isso, mas também alcançará a capacidade de questionar por conhecimento maior e sabedoria mais elevada. Para encontrar tais verdades, a mente consumirá as horas da eternidade à medida que giram na roda do tempo, prosseguindo assim na sua feliz progressão rumo ao Infinito inatingível.

"Que é a Verdade?", perguntou Pilatos. Ora, tudo depende do que ele quis dizer com isso — se poderia responder em uma hora, num ano, em cinco ou em um milhão. Se quis dizer *toda a Verdade* — científica, filosófica, teológica e espiritual — então, pela centralidade da sua própria consciência individual, apresentou a sua pergunta ao Infinito, e poderá respondê-la, ponto por ponto, camada por camada, à medida que ascender nas esferas do Futuro ilimitado.

Porque, se perguntou por toda a verdade, então fez uma pergunta eterna; e a resposta, através da sua própria alma, só poderia vir ao longo de um período igualmente interminável. E, no entanto, como pelo seu estado de desenvolvimento ele não poderia ter querido dizer *toda* a verdade (pois só um Deus poderia inteligentemente formular uma questão tão profunda), afirmo que encontrará muitas respostas — cada uma das quais, no momento, poderá parecer à sua alma o ápice da satisfação — onde descansará por breves períodos, saboreando essas respostas; mas, em seguida, surgirá a capacidade de fazer perguntas ainda mais profundas, em novas direções do ser; e assim será, por um método de propulsão interior espontânea, que a sua alma, em contínua revelação na graça da vida, progredirá através de séries intermináveis de graus de Sabedoria e Conhecimento!

Por mim falo: a reverência da minha alma é profundamente tocada pelas perguntas feitas a Jesus — pois duvido que qualquer outra coisa pudesse ter feito emergir de forma tão impressionante a rica beleza espiritual que caracterizou as suas respostas. Platão sentia-se questionado por toda a humanidade. E assim respondeu: "Todas as coisas existem por causa do bem; e o bem é a causa de tudo o que é belo." E o

mundo, em algumas regiões mais cultas, encantado com a sabedoria do grego, devolveu-lhe um elogio: “Se Júpiter descesse à Terra, falaria ao estilo de Platão.”

Platão sentiu as necessidades do mundo, sentiu as suas perguntas, e dedicou a sua vida a prestar o serviço exigido pela opulência da sua natureza. Já se disse que “ele acendeu um fogo tão verdadeiramente no centro da vida, que vemos a esfera iluminada, e podemos distinguir polos, equador, linhas de latitude, cada arco e nó; uma teoria tão equilibrada, tão modulada, que diríamos que os ventos sopraram através desta estrutura rítmica — e não que foi apenas o esboço improvisado de um escriba efémero.” A pureza e verdade de uma resposta dependem da qualidade da pergunta. “Uma resposta branda desvia a ira” — é verdade; mas uma resposta branda só pode ser dada por almas que se sintam questionadas na sua caridade.

Cada homem tem capacidade de prestar um serviço elevado à humanidade; mas se a humanidade o receberá dele — ou o contrário — será sempre algo que o mundo decidirá. O homem é capaz de agir. Mas é preciso que lhe seja mostrado qual é a ocupação que beneficia a todos; caso contrário, sendo nascido para a ação, acabará por desempenhar um papel desarmonioso. Escraviza um homem, e ele, por virtude da sua degradação, acabará por escravizar-te também. Comete uma injustiça, e sofrerás com ela; pois perguntas e respostas, como causa e efeito, correspondem essencialmente.

E aqui estou eu, a agir fielmente de acordo com a minha personalidade e os seus limites. Se souberes como me usar, conforme a natureza que possuo, então te serei uma bênção permanente. Mas, se por ignorância de ti mesmo (e, por conseguinte, de mim), não me colocares ao melhor serviço, sentirás em breve a penalização. Essa penalização, no entanto, é um benefício, ainda que de carácter negativo. Não te ensinará uma verdade, mas sim um erro cometido; e indicar-te-á o método de escape.

A árvore é fiel a si mesma — e eu a mim. Se conheço o suficiente de mim próprio para fazer as melhores perguntas a essa árvore, ela dar-me-á as melhores lições — lições que o lenhador não obtém, nem o pássaro que canta nos seus ramos, nem o esquilo que se alimenta do seu fruto. No entanto, existem para o lenhador, para o pássaro e para o esquilo outros benefícios nessa árvore — os quais eu nem desejo, nem posso obter. Assim, a mesma árvore, quando bem questionada, serve e beneficia uma centena de individualidades, uma centena de formas de matéria: a terra, a água, a atmosfera, os pássaros, os quadrúpedes, a humanidade. O seu poder para isso, porém, reside menos em si mesma do que nos que a interrogam.

“Vou para o deserto habitar entre ruínas,” disse Volney, “e interrogarei os antigos monumentos sobre a sabedoria dos tempos passados.” Ele perguntou ao passado pela história do mal no mundo — e ela respondeu-lhe.

Se não percebes o meu significado — por causa da nova forma que os meus pensamentos possam ter assumido — ainda assim colherás algo. Aquilo que pretendo significar talvez não vejas, mas é provável que vejas o que eu não vejo; e podes, dentro de uma hora, revelar-me aquilo que agora não tenho poder para comunicar. Talvez te consiga mostrar agora o caminho para uma Verdade. Mas, enquanto sigo esse mesmo caminho, ao serviço de o apontar para ti, posso subitamente aprender uma nova verdade, que me advirta de que este não é o caminho que devo seguir. Ou, talvez, veja razões adicionais para não falhar em segui-lo, e razões pelas quais tu também não o deves abandonar.

Defino, na tua mente, a minha posição. Mas, se não conseguires ver as minhas razões, nem a legitimidade da minha posição, reside em ti o poder e a liberdade para continuares sem mim. E quando um novo caminho se abrir diante de ti, e fizeres o melhor uso possível de tudo o que tens e encontras, então talvez consigas tirar pão daquilo que, à distância, me parecia pedra; e saúde daquilo a que chamo veneno e doença. A cicuta dá mel à abelha, que instintivamente sabe como questioná-la; ao homem, daria amargura e morte. A abelha interroga a flor, e o homem interroga a abelha — que responde por vias geométricas, vertendo pelos poros os elementos vitais da doçura.

Que cada um seja, pois, ele mesmo; mas, se quiser melhorar a sua condição, deve tratar bem o seu próximo; pois, na melhor das hipóteses, só nos podemos ajudar a nós mesmos por intermédio dos outros. A teia da vida está para ser tecida. E o homem, como a aranha e o bicho-da-seda, deve trabalhar de dentro para fora! Os benefícios do Individualismo, tão numerosos, tão complexos, escapam à consciência daqueles que dependem demasiado de fatores externos para obter simpatia e apoio. Que tudo — por fora e por dentro — nos beneficia na proporção da justiça com que o tratamos, ainda não é um princípio praticado na Terra. Digo justiça, porque é superior a todas as humanidades — à simpatia, à benevolência, à filantropia; pois a Justiça compreende todas elas — e é, por isso, a mais elevada manifestação da verdadeira Religião!

Aquele carvalho antigo — solitário, robusto e grandioso — ainda não se declarou ao mundo; simplesmente porque o mundo não soube como o interrogar. Opulento em quantidade e qualidade de matéria — protegido contra tempestades pela sua própria força e couraça — continua estranho ao homem. E também é estranho a si próprio! Quem sabe o que mais poderá fazer, além de fornecer madeira para navios, móveis ou acender a lareira do camponês? Ainda está por ser interrogado. Onde está o homem que conhece a si mesmo o suficiente para o fazer?

O que está oculto nos recessos do meu ser, ainda não tenho poder de revelar. Anseio que venha o homem certo, de qualquer grau da vida, que saiba colocar à minha alma as perguntas certas. Então, respondê-lo-ei com pensamentos e palavras tão

profundas e belas, tão verdadeiras e elevadas, que nem sei quando me recuperaria do espanto de mim mesmo. Mas, neste arcanum de “perguntas e respostas”, há verdades no homem que só uma mulher pode fazer emergir; e há forças na mulher que só vêm ao mundo ao apelo da masculinidade.

Inúmeras são as pessoas de quem se ergue o lamento: “Ai de mim! Ninguém me compreende — por nenhum espírito afim sou compreendido!” Essa dor insuportável, esse desejo insatisfeito de apreciação, em naturezas sensíveis e cultas, chega a adquirir voz. Gastam momentos preciosos em atos interiores de autocomiseração. Choram quando o alívio está próximo; mas, por vezes, o sentimento torna-se demasiado profundo para lágrimas; então o silêncio, como o manto da noite, cobre e envolve a alma — dizendo: “Paz, sossega.”

Cantam as canções mais tristes. Escrevem poesia perpassada de uma tristeza indefinida. Mas, perseverando na expressão, alcançam por fim um resultado — de todos o mais importante — que a mente, na sua ignorância da natureza e das adaptações, não sabia como nem onde procurar. Assim foi que as dores dos “Five Points” ascenderam à literatura. As degradações de homens embrutecidos, e as maldições de mulheres abandonadas, foram traduzidas para a língua inglesa. E o lamento “Hot Corn” faz-se ouvir nos salões elegantes — entoado por cordeirinhos de luxo, em dobras magníficas, cujos pastores são, talvez, banqueiros de Wall Street e comerciantes da South Street. Assim, os outrora não apreciados veem, por fim, o caminho que leva à justiça e à satisfação — alcançando uma notoriedade literária que promete popularidade na plenitude dos tempos.

A compreensão de si mesmo, contudo, embora deva ser sempre um objetivo, permanecerá para sempre acima da capacidade da própria faculdade de compreensão. Do mesmo modo, a Razão não pode dizer o que é a Razão; mas pode facilmente determinar o que ela *não* é. Aquilo a que os homens chamam de Consciência — a conclusão sumária de todas as funções da Mente — chamo eu de Justiça.

Mas o que é a justiça, nenhuma mente humana pode determinar; já a injustiça, essa a faculdade decide com prontidão. “O que Deus é”, disse um pensador alemão, “não sei; mas o que Ele não é, isso eu sei.” Para sempre permanecerá este fato na natureza humana — este poder dos positivos para determinar apenas os negativos — mantendo a alma envolta, em maior ou menor grau, no mistério. O Homem é o mundo do Indefinido, pois existe entre as coisas e as ideias, entre o finito e o infinito.

Muitos filósofos, cansados das contradições e paradoxos constantes da natureza humana — agindo de forma tola quando era preciso sabedoria, manifestando fraqueza insuportável quando se exigia força — tornaram-se cínicos e sarcásticos. O

mundo humano enoja-os; e assim, como Diógenes, passam os seus dias numa misantropia irritadiça. Emerson escreveu: “Conheci um filósofo que costumava resumir a sua experiência da natureza humana dizendo — ‘A humanidade é um malandro danado.’” Talvez tenha sido um jorro dessa impaciência face aos paradoxos humanos que levou o Nazareno a chicotear os “cambistas”, e não menos a chamar “serpentes” e “víboras” a muitos, considerando-os dignos apenas da danação de Geena.

O homem é sempre o indefinido — mas tem de ser questionado. Mal supomos que nos compreendemos plenamente, ou que fomos classificados definitivamente por alguma nova frenologia ou antropologia, irrompemos, de súbito, numa nova manifestação — provocando tanto a nós próprios como aos nossos dogmatizadores — com novas exibições mentais, com características para as quais nenhuma ciência, religião ou bíblia estabeleceu leis ou explicações adequadas.

E assim, apesar de todas as restrições arbitrárias e injunções canónicas contra a autoconfiança, somos inevitavelmente lançados de novo ao nosso próprio centro — para começar mais uma série de perguntas e respostas rumo à compreensão pessoal. Dir-se-á, com razão, que a história do homem permanece, em substância, a mesma, era após era: que nenhuma nova lei é desenvolvida a partir dele; mas há, penso eu, uma característica em que a humanidade se mantém homogénea — a imutabilidade da sua mutabilidade. É essa a lei da Unidade na Variedade que tanto ansiamos compreender.

Mas o grande objetivo a alcançar é transformar tudo num benefício. Lá, na encosta da montanha, vês o regato alegre a descer, apressado, para aninhar-se no vale — como uma criança veloz e feliz, correndo a brincar com a relva e as flores nos campos abaixo! Terá sido feito apenas para brincar? Nada mais pode fazer? Sim. O gado sedento pode beber largos goles de força no seu seio ondulante; e a cotovia, vendo-se refletida nas suas águas, pode cantar ainda mais docemente para os filhos dos homens.

E será isso tudo? Ninguém pode extrair dele um serviço ainda maior? Pois bem, pode servir profundamente o homem, se este souber como o ajudar a servir. O moinho pode ser movido por esse curso de água; pode trabalhar e brincar ao mesmo tempo, sem sofrer empobrecimento. Mas o regato não conhece o seu poder; espera ser interrogado.

O rio Blackstone, que nasce em Massachusetts e atravessa parte de Rhode Island, correu alegremente, murmurando ou em silêncio, durante milhares de séculos. Quanto tempo fluiu solitário! O barco do índio deslizou nas suas águas; mas o aborígene não conhecia o rio. Por fim, chegou o homem branco, que sabia pôr ao serviço a maré até então ociosa. Construiu uma barragem no seu curso. Tal como a

mente humana pára diante de uma interrogação, assim aquela forte barragem travou as águas. Como consequência, a corrente recuou, espalhou-se pelas margens adjacentes e, com o poder do peso acumulado, correu vigorosamente pelo novo canal criado para ela, contra uma roda que, girando firmemente sobre o seu eixo, transmitia movimento à maquinaria de uma fábrica de algodão. Sabia esse rio, antes, que podia abençoar assim? Podia ele próprio dar início a esse trabalho?

O que era, ele próprio não sabia. O seu poder estava oculto, fluía e rolava preguiçosamente. Mas agora, esse regato lúdico, musical e belo sustenta nada menos do que cento e trinta grandes fábricas de algodão, lã e outros materiais! Dá de beber ao gado sedento como antes; irriga os campos como sempre; fala e salta como dantes, leve e livre; é tão belo ao olhar como quando era "doce e jovem"; corre alegre por entre os rochedos, salta corajosamente de altura em altura — e, ainda assim, porque foi adequadamente questionado, põe em movimento cerca de dois milhões de bobinas e fusos entre Worcester e Providence — abrangendo apenas cerca de cinquenta milhas do seu parque original de brincadeiras.

Enquanto estava ocioso, não tinha admiradores inteligentes; pois tal, segundo a lei da natureza, é o destino de todos os inúteis. Mas agora, é o deleite de centenas de trabalhadores — homens e mulheres — que, mesmo sem tempo para parar e agradecer-lhe, obtêm dele o seu sustento ano após ano, servindo as rodas e fusos que giram e zumbem sob a pressão gentil, mas imperiosa, das suas águas sempre correntes.

"Tão grandes foram os avanços na maquinaria de fiação que um único operário pode atender 1.038 fusos, cada um produzindo três novelos, ou 8.264 novelos por dia; de tal forma que, em comparação com o mais habilidoso fiandeiro da Índia, o operário americano realiza o trabalho de 300 homens."

Perde ele algo com isso? Perde o sol luz ao pintar daguerreótipos? Perde a alma vida ao pensar?

Não! O curso segue em frente e alarga-se no grande rio, sustentando navios e vapores, seguindo sempre até ao oceano. De lá, ascende em vapor, forma nuvens suaves e numerosas, enche a alma do artista de amor e lições, e, sob novas formas de beleza, regressa talvez à sua origem. Pode assim viver, vezes sem conta, a sua vida útil e bela. E assim trabalha, nas suas fantasias — e brinca com poderes que não conhecia — brilhante como o nascimento das flores, serpenteando entre as ervas e prados primaveris e verdejantes; por vezes ruidoso como o Delaware, noutros trechos tão belo como o Hudson, e quase mais laborioso que o famoso Merrimack!

Assim também é o homem — inativo — até que o mundo interrogue a sua natureza. Com as perguntas certas, no tempo certo e da maneira certa, uma mente humana

pode ser revelada a si própria. Nessa arte residem todos os verdadeiros métodos de educação.

"Conhece-te a ti mesmo," disse Pope, "não te aventures a sondar Deus." Há uma rica sabedoria neste conselho. Porque ser inteligentemente apresentado à própria alma é entrar reverentemente na presença de todo o Deus que a alma poderá jamais conceber. Nada há de mais profundo, nem mais vasto, nem mais elevado do que essa revelação. Mas a alma não se pode interrogar a si mesma! O homem tem de colocar essa pergunta à Natureza; deve ser livre para o fazer — e livre, não menos, para responder às perguntas que a Natureza lhe coloca. Nenhum sectário dogmático e fanático — pagão ou cristão — pode ser livre para fazer nenhuma das duas coisas; e assim, ofendem a lei e colhem a penalidade da injustiça; causando, enquanto isso, sofrimento universal através dos laços das simpatias inseparáveis.

Todos os catecismos do passado contêm perguntas feitas por um mundo ainda na adolescência, e podem, por isso, ser perdoados por esta era mais madura.

Mas que perguntas surgem agora? Quem as fará? Quem lhes dará resposta? Não podemos mais aceitar dogmatismos! Vinde, então, ó filhos da experiência, deixai-nos ouvir as vossas palavras: falai! e o mundo acolherá toda a verdade que puderdes oferecer. Que a voz certa se faça ouvir, e eis que, como os pulsares musicais do mar em paz, os nossos prazeres espirituais hão de crescer — estender-se e expandir-se, ondulando e avançando — até que os anjos dos mundos superiores recebam alento e se tornem mais belos, tal como nós bebemos de poços que brotam da terra escura e árida.

A lei das perguntas e respostas regula o mundo. Em todas as coisas vemos uma lei de associação: que significa isso? Inseto, ave e quadrúpede, recriando-se mutuamente de forma progressiva — formando, nas suas ligações, uma irmandade: porque existem? Que bíblia responde? Para onde vamos buscar sabedoria? Guerras sangrentas, separando almas dos corpos, flagelando famílias e nações: porque existem? Quem é e onde está Deus? Quais são as suas leis? Seremos imortais? E se o somos, para quê? E se não, porquê? Quem responderá?

"Eureka!" O homem tem de desejar e aprender a responder a cada pergunta que tenha poder de formular! Eis a origem de todo o desenvolvimento progressivo.

A Fome pergunta ao homem: "Sabes como me satisfazer?" — e o homem cultiva a terra. A Fadiga interroga-o: "Conheces o meio de repouso?" — e o homem inventa camas e mobílias. O Amor interroga-o: e ele busca companhia. A Sabedoria pergunta: e o homem olha para o Infinito. A Ciência pergunta: e o homem estuda o Finito. A Filosofia pergunta: e o homem estuda o Indefinido. A Razão pergunta: e o homem procura familiarizar-se consigo mesmo — para harmonizar os dois outros

mundos. A Humanidade pergunta: e a Humanidade, sempre esperançosa, sempre promissora, responde: “Alegrai-vos, ó habitantes da Terra, pois VIRÁ UMA ERA DE PAZ UNIVERSAL E UNIDADE!”

O BREVE CATECISMO DA CONGREGAÇÃO

Revisto e Corrigido

Cada século que passa sobre a Terra acrescenta mais um volume à Biblioteca do mundo. Cada página apresenta uma espécie de impressão em daguerreótipo de algum acontecimento, acidente, circunstância ou desenvolvimento. E cada pessoa, seja de classe alta ou baixa, é certamente autora de algo. Cada coisa individual também — a árvore, o pássaro, a flor, o animal, a fonte, o sol, a estrela — contribui fielmente para as páginas deste misterioso e coeso Registo. Transferimo-nos à vida da Posteridade, física e espiritualmente, tal como os ribeiros da encosta correm para formar o Oceano. Por isso, cada pessoa tem uma influência imortal — mesmo neste, o estádio embrionário da existência humana.

Ao folhear e examinar as páginas recentemente escritas deste século — especialmente aquelas provenientes das partes mais progressistas da nossa espécie — observo a recorrência frequente de perguntas importantes: físicas, sociais, morais, científicas, espirituais. Estas perguntas provam, de forma conclusiva, que os habitantes da Terra sentem-se insatisfeitos com as respostas dadas por fontes tidas como sagradas ou veneradas. Os monopólios teológicos, se estiverem fora do seu tempo, entram em conflito com o progresso individual; as descobertas científicas não deviam ultrapassar os avanços da teologia e da religião — uma opinião que, nos últimos cinco anos, ganhou força prodigiosa e uma popularidade sem precedentes.

Encorajado, portanto, pela boa receção que várias grandes inovações nas Artes e Ciências tiveram entre classes capacitadas e destemidas, e acreditando que essas mesmas mentes acolherão com igual hospitalidade melhorias na teologia, avanço para apresentar uma edição revista e corrigida do mundialmente famoso *Breve Catecismo da Assembleia*; e espero sinceramente que as alterações aqui introduzidas, embora similares ao método de Westminster de formular perguntas e respostas, não sejam consideradas com desdém, nem condenadas como uma infração pelos monopolistas da teologia.

Começando, então, com a melhor e mais pacífica harmonia entre passado e presente, atrevo-me a apresentar respostas a *Perguntas Importantes* — de acordo, naturalmente, com a minha conceção dos ensinamentos evoluídos pela Filosofia Harmónica.

Qual é o fim principal do homem?

O fim principal do homem, dito em poucas palavras, é a progressão interminável; fazer o bem, ser feliz, obter sabedoria e aspirar serenamente à perfeição; tornar-se harmonioso, como o são o seu Pai-Deus e a sua Mãe-Natureza.

Que regra deram o Pai-Deus e a Mãe-Natureza para nos guiar na obtenção destes fins?

Os nossos Pais Celestiais deram-nos uma regra na constituição espiritual do nosso ser; também nas formas exteriores do homem; e, em escala ainda mais ampla, na constituição e harmonia lírica do Universo que nos rodeia.

Como se chama essa regra?

Pelos sensualistas — chama-se Prazer; pelos religiosos — Escritura; pelos harmonialistas — Progressão.

Quem está mais certo?

Aqueles que, sem depender da autoridade exterior, buscam a Progressão.

Por que os consideras mais certos?

Porque os sensualistas ou materialistas buscam o Prazer como fim; os religiosos buscam a Verdade conforme os seus credos e fórmulas favoritas; os harmonialistas buscam a Vida Eterna e o Aperfeiçoamento Infinito — dos quais o Prazer e a Verdade são desenvolvimentos incidentais e acompanhantes constantes.

Quantas pessoas há na Divindade?

Na Divindade e no Corpo Divino (isto é, nas Mansões imperecíveis do Pai-Deus e da Mãe-Natureza), existem todas as pessoas que já foram desenvolvidas em qualquer estrela do firmamento ou na Terra abaixo; todos os homens, todos os espíritos, todos os anjos, arcanjos e serafins que povoam as esferas imensuráveis da vida e da animação; pois vivemos, nos movemos e existimos no Ser Divino, "cujo corpo é a Natureza, e cuja alma é Deus."

Quais são os decretos de Deus?

Os decretos de Deus são as leis eternas do seu Sistema vital; inscritas na constituição do Homem; e republicadas sempre que uma Criança nasce.

Como são chamados esses decretos?

Segundo descobertas recentes, chamamo-los de Associação, Progressão e Desenvolvimento.

Aplicam-se esses decretos — as leis da Associação, Progressão e Desenvolvimento — ao Homem individual?

Sim, mas apenas naquela aplicação sublime das ideias que reconhece o homem como uma parte microcósmica do Sistema Universal.

Quais são, então, os decretos de Deus que dizem respeito ao governo imediato e à salvação do homem?

Todos os seres animados, especialmente a humanidade, são regulados por leis fixas — físicas, orgânicas e espirituais. A primeira determina a relação do corpo com todos os outros objetos, a sua temperatura, elasticidade, densidade, etc.; a segunda rege as necessidades vitais do organismo e regula o suprimento conforme a procura; a terceira determina a relação da alma com as suas amizades e simpatias — tanto com o visível como com o invisível, o temporal e o eterno. E, como está implícito neste admirável código de decretos, a felicidade ou a miséria do indivíduo é sempre e em todo o lado proporcional — antes e depois da morte — à sua obediência ou transgressão dessas ordens divinas.

Como podemos conhecer essas leis?

Pelo uso das nossas faculdades intelectuais, sociais e espirituais. Cada lei, e os seus requisitos positivos, só pode ser percebida pelas partes ou funções que ela própria foi designada a governar e a harmonizar com o sistema da criação.

O que queres dizer com isso?

Quero dizer que o corpo, através do seu nervo simpático, é apto a perceber a relação que mantém com todos os outros corpos e objetos; que as faculdades intelectuais, ao acumularem tais observações, criam uma ciência da gravitação, da proximidade, etc.; e que, por este princípio — o semelhante reconhece o semelhante — as funções orgânicas e vitais percebem a química dos alimentos, líquidos, odores, sabores, sons, visões, cores e semelhantes.

Os princípios sociais e afetivos compreendem a natureza e o valor da amizade, da infância, do amor conjugal, da identificação e unidade universal dos interesses e atrações humanas; e, por fim, as faculdades espirituais no cérebro superior expandem os seus poderes de vasta compreensão em direção às Realidades

estupendas, belas, vastas, sublimes, divinas e celestiais — que existem aqui rudimentarmente, mas florescem plenamente nas Moradas Superiores da Alma.

O ser humano pode, portanto, ser fisicamente feliz e socialmente miserável, ou o contrário — pode desfrutar do espiritual e sofrer no plano orgânico da existência — dependendo da sua conformidade ou violação da lei que governa tal departamento. Assim, cada parte da natureza humana possui um princípio regulador imutável, que é necessariamente fonte de benefícios belos ou de penas dolorosas, causa de felicidade ou miséria, conforme a vida do seu possuidor determinar.

Como executa Deus os seus decretos?

Vivendo em conformidade com os princípios imutáveis do seu próprio ser físico e mental; universalizando o seu espírito e tornando as coisas mais humildes exemplos do seu amor e sabedoria.

O que é a obra da criação?

Não existe criação, mas sim formação perpétua.

Como criou Deus o homem?

Deus não criou o homem. O homem veio do útero da Natureza como uma criança nasce do ventre materno; é um Produto da Natureza e, como tal, recorre a ela para todo o sustento, entretenimento e instrução.

Quais são as obras da providência de Deus?

Todas as coisas no universo; nada é especialmente designado; tudo surge na sua ordem natural e grau adequado, segundo leis sem variabilidade.

Os nossos primeiros pais permaneceram no estado em que foram criados?

Os nossos primeiros pais, ao descobrirem que estavam dotados de perceção intelectual e necessidades físicas, começaram a agir conforme os instintos de descoberta e preservação pessoal. Começaram a aprender, a sofrer, a dominar. Descobriram que o matrimónio e o mecanismo eram inseparáveis — tal como as aves, que têm de aprender a construir ninhos para a sua prole. Assim, ainda que num nível muito rudimentar de existência, os nossos primeiros pais avançaram lentamente de um estado de ignorância para uma iluminação relativa; ainda assim, eram autênticos bárbaros em comparação com qualquer parte da raça anglo-saxónica.

Os nossos primeiros pais alguma vez caíram da inocência?

Não podiam, pois nunca estiveram de pé. Começaram física e mentalmente na parte mais baixa do vale da existência humana; logo, como não havia "profundidade maior", uma queda era impossível. No entanto, tropeçaram muitas vezes na subida da colina do desenvolvimento progressivo.

Como podes provar essa afirmação?

Pelas bem-aventuradas e até infalíveis escrituras.

A que escrituras te referes?

Às escrituras que o verdadeiro e eterno Deus escreveu. Todo o universo é composto por seres sensíveis, cada um dos quais é uma palavra expressa do Ser Supremo. A Natureza é um livro cujas frases provam a ascensão do homem a partir de um ponto minúsculo de vida; as primeiras produções da Natureza são inferiores a cada uma das suas manifestações posteriores.

O que é o pecado?

Pecado é um nome para o excesso; uma meta falhada pelo homem no seu processo de desenvolvimento; é uma vala em que, cegos pela ignorância ou pela paixão, tropeçamos por algum tempo.

Qual é a consequência?

Ficamos impregnados, talvez saturados, pelas suas impurezas. Quanto mais fundo mergulhamos, mais sujos ficamos; tão manchados, por fim, que tememos ser vistos à luz do dia. Por isso, retiramo-nos (mentalmente) para as trevas exteriores; evitando o sol e o olhar dos olhos honestos, devido à nossa degradação.

Toda a humanidade caiu na primeira transgressão?

A Natureza, em todas as suas partes, é regulada pelos mesmos princípios imutáveis — um deles é a lei do aperfeiçoamento progressivo; por isso, descendendo das raças primitivas por geração natural, a posteridade é beneficiada, e não prejudicada, pelas más direções iniciais. Pois tão grande, poderosa e justa é a Divindade que todo o mal é superado pelo bem. E um dos erros originais dos nossos antepassados mais remotos provou ser mais valioso como meio de conquista pela retidão do que um milhão de atos de bondade passiva ou virtude negativa. Tais atos, como os erros primitivos da humanidade, não são fruto de afeto voluntário nem de escolha inteligente baseada em experiência adequada — mas antes erros e atos tropeçados e descobertos por acidente, como o diamante precioso que foi atirado à luz do dia pela

ponta descuidada de um selvagem errante — onde não existia mérito nem demérito, mas descoberta, ainda assim, e benefícios incontáveis.

Em que estado ficou toda a humanidade após a "queda"?

O que teologicamente se chama de "queda" foi, na verdade, o maior benefício para a humanidade: desenvolveu a indústria física, embelezou o solo, melhorou o clima, exerceu as faculdades intelectuais, evocou o sentimento de associação e despertou as afinidades espirituais. Em suma, segundo este mito oriental, expulsou a Família Aristocrática dos relvados de veludo, dos caminhos luxuosamente decorados com tapetes de flores, da presença de perfumes incessantes, de cadeiras rústicas não criadas por invenção prazerosa nem por trabalho vitorioso, de sofás naturais sob os arcos graciosos de árvores magníficas jamais plantadas ou cuidadas por mãos humanas, do deleite lascivo do canto de pássaros paradisíacos, de rios preguiçosos cujas águas nunca fizeram mover a roda pesada de uma fábrica de algodão ou do moinho do pioneiro; assim sendo, a queda foi, de fato, o primeiro passo naquela colina que conduz à iniciativa masculina e à independência feminina — o caminho democrático para o Conhecimento útil.

Em que consiste o pecado desse estado para onde o homem entrou?

O pecado, ou melhor, a falha desse estado, consiste no fato de que, segundo o relato, o ato não foi fruto de uma deliberação, mas de mera "curiosidade ociosa" em provar, à vontade, todos os frutos autóctones daquele solo solarengo. Em resumo, o pecado (ou a pena) está na procrastinação, na falta de indústria e de esforço autossuficiente, características do reputado primeiro casal, e que foram transmitidas a todas as partes da humanidade que desonram o trabalho.

Qual é a miséria desse estado em que o homem entrou?

A miséria, para os ociosos e aristocratas, consiste em descobrir que todo o verdadeiro sucesso e distinção duradoura dependem de uma iniciativa individual sincera e ativa; regulada por princípios de justiça, verdade, amor ao próximo, reverência ao Pai-Deus e temperança em tudo — uma miséria conhecida apenas por aqueles que desejam viver do "trabalho alheio", que anseiam por riquezas e autoridade mesmo à custa dos pobres, que amam a Notoriedade e a Popularidade com devoção, e não a Verdade pelo seu valor intrínseco.

Deus deixou toda a humanidade perecer nesse estado?

Pergunta blasfema! Como pode um Deus omnipresente e imutável retirar o seu espírito do homem, quando cada gota da sua vida-alma provém da Fonte eterna?

Deus elegeu alguns para a vida eterna e outros para a perdição eterna?

Deus é o Pai dos espíritos de todos os homens. Portanto, todos os homens têm a sua existência inteira no Espírito omnipresente da Divindade. Pensas que o Todo pode ser feliz quando muitas das suas partes estão em miséria? As almas humanas são personificações individualizadas e destacadas da Natureza e Essência divina; e a imperfeição ou destruição de uma só dessas partes seria, como a perda de uma roda num relógio perfeito, um dano à sua bondade e uma perturbação à precisão infinita do Mecanismo Universal.

Quem é o Redentor do Homem?

Se por "redenção" entendes melhoramento em tudo o que é natural e espiritual, então o redentor do homem é a Sabedoria — o belo Filho de uma santa união nupcial entre o Amor e o Conhecimento; o "princípio-Cristo" da alma — um profeta natural, um príncipe da paz, um sacerdote espiritual, um rei inspirado por Deus daquele reino que está dentro de ti.

Como pode a Sabedoria, sendo a soma dos atributos humanos, salvar o homem?

Abrindo a alma à perceção das coisas espirituais, angélicas, celestiais e divinas. Como o pêssego guarda em si as perfeições de toda a árvore que o produziu, assim a Sabedoria reúne todas as belezas dos afetos do Amor e do Conhecimento (como explicado no volume IV da *Grande Harmonia*), e assim abre os portais da alma ao Amor Infinito, à Verdade Eterna, ao Pai-Deus e à Mãe-Natureza.

Que benefícios recebem os crentes da Sabedoria na morte?

A Sabedoria pura, tendo aberto à alma uma gloriosa consciência da existência de um mundo melhor e menos rudimentar, traz uma grande paz à mente e envolve o leito do crente com muitos espíritos e anjos.

Que benefícios recebem os crentes da Sabedoria na ressurreição?

Na ressurreição, os crentes, sendo elevados imediatamente após o cessar do bater do coração, são reconhecidos na Terra do Espírito por hostes de amigos acolhedores e, assim, ao contrário dos descrentes, tornam-se participantes diretos daquela plena alegria que apenas os harmoniosos conhecem.

Qual é o dever que Deus exige do homem?

O verdadeiro e eterno Pai-Deus exige do homem fidelidade aos ditames das suas mais elevadas atrações. (Ver perguntas sobre a "Vida.") Fazer o bem por dever,

obrigação ou medo, como a maioria das pessoas faz, está muito aquém do nobre motivo que impele as naturezas elevadas a praticar o bem e dizer a verdade para satisfazerem as suas atrações internas.

Quais são as mais elevadas atrações do homem?

As mais elevadas atrações do homem nascem na parte superior do cérebro, chamada região da sabedoria; isto é, nos órgãos da benevolência, veneração, consciência, firmeza, respeito próprio, esperança, sublimidade, idealidade, admiração e amor à Verdade.

O que revelou Deus ao homem, no princípio, como regra de obediência?

Deus, ao viver na alma do homem desde o princípio, revelou às suas faculdades religiosas ou de sabedoria esta lei: "o pensamento carnal é morte; o pensamento espiritual é vida e paz."

Como revelou Deus esta lei?

Primeiro, nas relações comuns entre os homens; segundo, na "voz suave e subtil" da perceção integral da justiça, chamada Intuição; terceiro, através dos vários espíritos e anjos que presidiam (e ainda presidem) com amor sobre a Terra, falando por vezes em visões aos jovens, em sonhos às mulheres, e por mandamentos aos líderes religiosos.

Onde está resumida a lei moral?

A lei moral — que é o princípio imutável da Justiça manifestado por todo o lado na suprema Constituição do Pai-Deus e da Mãe-Natureza — encontra-se resumida e belamente expressa no corpo e na alma do Homem.

Onde é verdadeiramente visível a lei moral?

A lei moral é plenamente exibida e cumprida em qualquer ser humano que tenha atingido a Harmonia total — a plenitude da estatura de um Homem perfeito em Amor e Sabedoria — obedecendo aos seus doze mandamentos de origem divina e autenticação supernal.

Qual é a síntese desses doze mandamentos?

A síntese dos doze mandamentos é: fazer obras boas e harmoniosas, para a redenção e enobrecimento dos teus semelhantes. Tais obras, para serem verdadeiramente "boas", devem ser realizadas sem considerar idade, sexo, cor, crença ou reputação;

pois a Raça Humana é apenas Uma Família — todos membros de um só corpo — no qual não há Judeu nem Gentio, Nazareno nem Grego, Etíope nem Anglo-Saxão.

Qual é o prefácio aos doze mandamentos?

O prefácio encontra-se nestas palavras: “Escreve-me como alguém que ama os seus semelhantes.”

O que nos ensina o prefácio aos doze mandamentos?

Ensina-nos que, sendo o homem um ser que não se originou a si mesmo, mas que veio à existência involuntariamente como Filho do Pai-Deus e da Mãe-Natureza, amar, melhorar e tornar feliz o caminho dos seres humanos é a mais elevada e aceitável forma de homenagem que a alma pode prestar à "Grande Causa Primeira", que existia antes de todas as coisas e em que todas as coisas existem.

Primeiro Mandamento

Qual é o primeiro mandamento?

“Ouve e obedece ao requisito natural do Amor-Próprio”; pois este é o princípio central de toda a individualidade.

O que exige o primeiro mandamento?

Exige que reconheçamos e respeitemos a sabedoria do Pai-Deus, percebendo que esta lei do Amor-Próprio é o fundamento de todos os direitos e liberdades individuais.

O que proíbe o primeiro mandamento?

Proíbe tanto o excesso como a inversão deste afeto central; a penalização da desobediência é tanto imediata como futura, e, enquanto persistir, nunca se separa do transgressor.

O que é prática extrema ou invertida?

O Amor-Próprio extremo é servil, interesseiro — cheio de baixeza, sendo egoísta, mesquinho, mercenário; quando invertido, gera efeitos opostos — não nobreza nem magnanimidade, mas abnegação doentia, negligência morna e impureza pessoal, conforme explicado na *Grande Harmonia*.

Segundo Mandamento

Qual é o segundo mandamento?

“Ouve e obedece à lei do Amor Conjugal com todo o teu coração e toda a tua mente”; pois das operações deste princípio nascem as miríades de gerações de homens, espíritos e anjos.

O que exige o segundo mandamento?

Exige que se recebam e mantenham todas as conceções puras e espiritualizadoras da verdadeira relação conjugal; a conceção central sendo que o Homem e a Mulher são manifestações duplas de Uma só existência, cada um agindo no outro como um Messias através dos mundos eternos.

O que proíbe o segundo mandamento?

Proíbe as prostituições do Extremismo e as corrupções do Inversionismo; bem como a contagem de anedotas obscenas e a leitura de livros impuros, que fomentem emoções impuras na alma.

Quais são as causas do infortúnio conjugal?

Primeiro, a ignorância sobre o uso e a santidade do casamento; segundo, a falta de cultura espiritual entre pessoas que, noutros aspetos, são inteligentes e exemplares; terceiro, um fato transitório inerente ao crescimento lento dos séculos.

Terceiro Mandamento

Qual é o terceiro mandamento?

“Ouve e obedece à lei do Amor Parental com pura e reverente devoção”; pois a fundação do mundo é a Infância; e a felicidade dos mundos futuros brota de fontes terrestres.

O que exige o terceiro mandamento?

Exige que os pais respeitem os direitos do bebé ainda antes do nascimento, abstendo-se de toda e qualquer indulgência de amor meramente carnal; e que, após o nascimento, pais e tutores concedam liberdades aos filhos e eduquem as suas faculdades apenas à medida que estas se manifestarem por meio de perguntas; até que chegue a fase em que o trabalho físico e a disciplina mental se tornem naturais e necessários; nesse momento, a Instituição Harmónica deve prosseguir com o processo de harmonização do corpo e da mente dos jovens.

O que proíbe o terceiro mandamento?

Proíbe todos os exemplos desarmónicos dados pelos pais na presença dos filhos: como intemperança, uso de tabaco, consumo excessivo de carne, hábito constante de beber chá ou café, hábitos vulgares, palavrões, incumprimento de promessas, respostas evasivas ou enganosas, expressões de preconceito contra vizinhos, repetição de calúnias, oposição a pessoas de crenças religiosas diferentes; bem como toda forma de irreverência que possa gerar laxismo moral ou cegueira em relação à Existência Divina.

Quarto Mandamento

Qual é o quarto mandamento?

"Ouve e obedece à lei do Amor Fraternal com toda a tua alma e com todo o teu entendimento"; pois este é o princípio que une homem a homem na vasta irmandade das raças e nações.

O que exige o quarto mandamento?

Exige o exercício daquele sentimento nobre de caridade fraternal "que não pensa o mal"; tanto no teu lar como no lar do vizinho; pois, para os verdadeiramente dotados de Sabedoria, não há nada de impuro ou injusto em si mesmo, salvo no sentido de má adaptação ou substituição de leis e condições. Como, por exemplo, um homem que adota hábitos físicos adequados apenas a certos animais, ou que substitui, no governo de raças civilizadas, leis despóticas e guerreiras próprias apenas de gerações bárbaras.

O que proíbe o quarto mandamento?

O quarto mandamento proíbe todas as transgressões do princípio do Amor Fraternal. Portanto, todas as distinções teológicas estão proibidas.

Que exemplos podem ser dados de distinções teológicas prejudiciais?

Há muitos exemplos na história eclesiástica — e ainda mais na história, manchada de sangue, da humanidade confusa. O Antigo Testamento reconhece Mestres e Escravos. Reis e Súbditos são apresentados em nítida distinção. Ouvem-se palavras insultuosas e nada fraternais sobre plebeus e patrícios. Continuam a ressoar, desde os púlpitos, sermões impiedosos sobre os bons e os maus, as ovelhas e os bodes, os eleitos e os réprobos, como partes essenciais do evangelho. A génese dessa doutrina é completamente oposta ao bem-estar fraterno e ao progresso pacífico da humanidade.

Os interesses fraternos do mundo são divididos por ela; cada homem contra o seu próximo. A unidade da história é manchada pela sua divulgação. Retarda o crescimento do sentimento universal — "Sois todos irmãos." A história humana deve ser vista como o crescimento de uma Árvore: primeiro, o pequeno germe; depois, a expansão subterrânea; então, o surgimento de raízes diversas; depois, a ascensão de um tronco central; em seguida, o aparecimento de espinhos e, por vezes, excrescências disformes; mais tarde, a reprodução das raízes subterrâneas sob a forma de ramos visíveis; depois, uma infinita multiplicação desses ramos em pequenos raminhos; e por fim, brotam promissoras flores nas extremidades — profetizando e proclamando a chegada dos frutos.

Assim deve a história da humanidade ser estudada: sem lamentações sobre o mal, sem broncas de púlpito, sem blasfémias canónicas. Por vezes, a Raça produz apenas espinhos, outras vezes ramos secos sem beleza, depois beleza sem energia — mas tudo em seu tempo; e, em devido curso desta progressão, tudo se enfeita de frutos infinitos — todos puros, nobres, e Harmónicos!

Quinto Mandamento

Qual é o quinto mandamento?

"Ouve e obedece à lei do Amor Filial com toda a espontaneidade do teu espírito grato"; pois é este princípio belo que liga os inferiores aos superiores, os animais ao mundo humano, e a humanidade ao mundo interior e espiritual.

O que exige o quinto mandamento?

Exige a honra ao "teu pai e à tua mãe" porque foram instrumentos para te dar uma existência individual e eterna! A gratidão é irmã da generosidade. Mas esta Lei Filial não obriga um filho a obedecer a um pai insensato ou intemperado; nem escravos a sujeitarem-se cegamente aos decretos de mestres autoproclamados que apenas atribuem deveres e guardam para si os direitos. Nenhum ser humano está obrigado, por qualquer lei natural (ou divina), a sacrificar os seus direitos individuais para cumprir "deveres" impostos por autoridades arbitrárias.

O que proíbe o quinto mandamento?

Proíbe o descuido deste tributo filial devido a toda pessoa, ideia ou verdade que revele superioridade e justiça inata. Toda forma de tratamento desdenhoso a outro ser humano — desprezo pelos pobres, atitudes arrogantes para com os que trabalham no campo, na oficina ou na cozinha; pisotear os direitos alheios; troçar ou escarnecer do que, sem investigação adequada, se considera imoral ou antirreligioso; toda irreverência e sectarismo político manifestado contra os habitantes de países ou

reinos estrangeiros — em pensamento ou palavra; e, por fim, toda transgressão voluntária deste Princípio Filial relativamente ao homem na terra, aos espíritos no céu, aos anjos nas esferas, aos serafins nas constelações ou ao Pai-Deus na união nupcial com a Mãe-Natureza — é formalmente proibida agora e para sempre.

Quais os resultados da obediência ao quinto mandamento?

Os resultados fluem como águas cristalinas através do jardim da alma. Os efeitos são belos e salutares, como flores imortais a perfumar eternamente o caminho da vida — Gratidão, Generosidade, Paciência, Devoção, Moderação, Justiça! — estas são as joias que adornam o verdadeiro filho da Natureza, com poder para trazer vida longa e prosperidade.

Sexto Mandamento

Qual é o sexto mandamento?

"Ouve e obedece à lei do Amor Universal com toda a sinceridade da tua natureza mais íntima"; pois é este princípio ilimitado que circula e pulsa por todas as veias e artérias da Humanidade.

O que exige o sexto mandamento?

Exige que cada indivíduo identifique a sua paz, prosperidade e felicidade com a de todos os outros. A existência isolada e a ação solitária não são compatíveis com a verdadeira humanidade nem com o progresso duradouro. O Amor Universal tem a sua base na essência vivificadora da existência universal e deve regular os impulsos mais elevados e nobres que atuam na vasta dimensão da Natureza Humana.

O que proíbe o sexto mandamento?

Proíbe todo egoísmo e toda luta isolada por riqueza e poder. As empresas monopolistas e a indústria competitiva estão proibidas por este princípio. Através de uma análise filosófica dos chamados vícios e paixões do homem, descobre-se que, com poucas exceções, as piores e mais desarmoniosas manifestações do carácter são geradas e fortalecidas nos baluartes institucionais — políticos, eclesiásticos e sociais.

Como surgiram essas instituições?

Estas instituições tirânicas e arbitrárias (que escravizam a humanidade e produzem efeitos subversivos) originaram-se da ignorância do homem, e não da sua depravação; embora a ignorância dê origem a uma multitude de propensões desgovernadas que só a Sabedoria pode acalmar e embelezar. Deve-se lembrar que o

Homem (e toda a Raça) é um Ser em progresso. A sua vida e ações, em diferentes períodos da história, como os ponteiros de um relógio, indicam a ordem e o grau da sua evolução. E a "regeneração" é um fenómeno perpétuo da existência humana. A elevação e expansão dos afetos humanos até ao Amor Universal é o fruto perfeito da árvore da Vida; não resultado de uma "mudança milagrosa de coração", mas de um crescimento perene em amor e sabedoria. Quando este mandamento for obedecido, as diversas raças apertarão as mãos por meio de organizações de interesse mútuo, e um grandioso templo harmonial cobrirá o mundo.

Sétimo Mandamento

Qual é o sétimo mandamento?

"Ouve e obedece ao evangelho do uso"; pois esta é a primeira manifestação do princípio da Sabedoria.

O que exige o sétimo mandamento?

Exige que usemos todas as coisas que contribuam para o crescimento, enobrecimento e felicidade do nosso ser físico e mental. Não há um só fio de erva, nem um só grão de areia, que não possa ser ajustado à melodia das necessidades humanas. A sabedoria subjetiva busca a existência objetiva; dando ao artista um impulso inteligente para apropriar cores, e ao amante da beleza o desejo de embelezar o seu lar com resultados pitorescos. O homem de utilidade, cuja mente se dedica a isso, é um homem de efeitos e pormenores; as ciências exatas e as artes construtivas são extensões desta lei.

Obedecemos ao sétimo mandamento quando tornamos útil qualquer elemento da natureza; quando trabalhamos para ocupar uma função útil no mundo vivo; quando transformamos uma adversidade em trampolim para o sucesso; quando colocamos um dom físico ou intelectual ao serviço do bem; quando triunfamos sobre uma falha, obrigando-a a servir de influência positiva; quando permanecemos, como deuses, sobre o vulcão das paixões impetuosas, e fazemos recuar a maré ardente do desejo descontrolado no exato momento em que o fogo e a fumaça da prostituição e profanação ameaçam envolver a cidadela da pureza interior.

O sétimo mandamento proíbe a profanação de qualquer objeto natural pelo seu uso indevido; bem como a profanação de qualquer função ou faculdade pelo seu mau aproveitamento. Por exemplo: usar uma vaca ou um cavalo, uma mulher ou um homem, para realizar tarefas que as forças eletromagnéticas, o vapor ou o calor poderiam cumprir com maior rapidez e eficácia; usar a mão para agredir um irmão; usar a língua para humedecer tabaco ou proferir palavras grosseiras; usar os lábios para rezar a Deus ou para dar o beijo do traidor; usar a memória como baú de lixo

acumulado durante a jornada da vida; usar o raciocínio para ludibriar ou superar o próximo; empregar os impulsos poéticos como anjos de luz para arrastar outro ser à ruína conjugal; utilizar a clarividência para fins egoístas e empresas mercenárias — tudo isto, e infinitamente mais, é proibido pelo sétimo mandamento.

Oitavo Mandamento

Qual é o oitavo mandamento?

"Ouve e obedece ao evangelho da Justiça" — a segunda manifestação do princípio da Sabedoria.

O que exige o oitavo mandamento?

Exige a aquisição e o incentivo legítimos da riqueza e da estabilidade material para nós e para os outros; e também exige que se procure estabelecer um equilíbrio entre interesse e dever, de modo que ninguém seja chamado a fazer algo que esteja em desacordo com a mais elevada justiça. Por exemplo: o advogado vive das desavenças humanas, o médico das doenças, o clérigo da submissão do povo a autoridades institucionais externas — mas o dever do advogado é promover a paz na terra; o do médico, a saúde; o do clérigo, a harmonia individual e a soberania da autolegislação. Assim, as relações sociais atuais geram todo tipo de injustiça; que, embora perpetuada por necessidade, é unanimemente reconhecida como indesejável.

O que é proibido no oitavo mandamento?

É proibido tudo o que infrinja os direitos e liberdades dos outros. Ó Terra! três vezes bela és, e digna para o desabrochar inicial do espírito jovem, quando os homens amam a justiça e a vivem. Justiça! a forma mais elevada da verdadeira Religião, enriquecida com harmonias angélicas, com olhos penetrantes e universais que não dormem, observando os motivos, vendo o pensamento antes da ação, a substância por trás da sombra, rasgando o véu frágil e falso que os homens penduram secretamente entre si e o mundo! Nas folhas ainda inconscientes da eterna árvore da Vida, este princípio majestoso escreve cada pensamento, palavra e ato do espírito imortal.

Nono Mandamento

Qual é o nono mandamento?

"Ouve e obedece ao evangelho do Poder" — a terceira manifestação do princípio da Sabedoria.

O que exige o nono mandamento?

Exige o emprego enérgico do corpo e da mente para o bem e a felicidade humanos. O que Sócrates fez no mercado; o que Platão ensinou com vestes régias aos estudantes metafísicos; o que Aristóteles contemplou do átomo, do mundo, do tempo, do espaço, da eternidade, do infinito; tudo o que foi visto, dito ou profetizado por pensadores reais — Locke, Hume, Kant, Bacon, Newton, Cuvier, Goethe, Spinoza, Fourier, Humboldt, Parker, Emerson — tudo isso é possível para ti, sim, para ti, leitor incrédulo! Obras ainda maiores do que essas farás! A vida humana é eterna; e o poder, para alcançar os voos mais altos, está oculto em ti; por isso, acredita agora — e serás salvo.

O que é proibido no nono mandamento?

É proibida a ociosidade física, a debilidade mental, e o desenvolvimento desproporcional do coração e da razão. Também é condenada a sobrecarga de esforço destinada à satisfação e enriquecimento dos aristocratas.

Décimo Mandamento

Qual é o décimo mandamento?

“Ouve e obedece aos sussurros do espírito da verdadeira Beleza” — a quarta manifestação do princípio da Sabedoria.

O que exige o décimo mandamento?

Exige que harmonizemos os nossos amores e desejos mentais por completo; e assim criemos essa Beleza, plena de simetria e conformação regular, que será uma alegria eterna.

O que é a Beleza?

A beleza objetiva é aquilo que atua através do olhar e desperta prazer no temperamento espiritual. (Ver o volume IV da *Grande Harmonia*.) Não precisamos vaguear por domínios grandiosos nem sondar minas de essência incorpórea ou abtrações metafísicas para responder a esta pergunta simples. A verdadeira beleza é aquilo — exterior ou interior — que gera prazer e desperta gratidão.

O que disseram os antigos sobre a Beleza?

Diz-se que Sócrates chamou à Beleza uma tirania efémera; Platão, um privilégio da natureza; Teofrasto, um engano silencioso; Teócrito, um encantador preconceito; Carnéades, um reino solitário; Domiciano disse que nada era mais agradável;

Aristóteles, que a Beleza era melhor que todas as cartas de recomendação do mundo; Homero, que era um glorioso dom da Natureza; Ovídio chamou-lhe um favor concedido pelos deuses; Emerson, que a Beleza é a marca que Deus coloca na virtude; e um provérbio francês diz que a Beleza sem virtude é como uma flor sem perfume.

Que definição dás da Beleza?

Defino a Beleza como a encarnação de três princípios ativos — Utilidade, Justiça, Poder — a coroação de tudo o que é útil, harmonioso e enérgico. Quem deseja ser verdadeiramente belo não deve estar deformado pela ostentação.

O que é proibido no décimo mandamento?

Proíbe todos os hábitos físicos que possam prejudicar a mais agradável proporção de forma ou traço; e mais ainda, qualquer disposição mental que possa desfigurar a Beleza superior com que o Pai-Deus adornou a vida interior. "Em atos e motivos que a língua não conta — que o cinzel não talha, que os poetas não cantam — vive a Beleza nas profundezas da alma."

O que é particularmente proibido neste mandamento?

Proíbe toda a turbulência de espírito que, em poucos anos, enruga o rosto belo; também toda a animalidade que destrói a graça óssea, salienta as articulações e dissipa o frescor da juventude dos dentes, olhos, cabelo e pele (ver volume IV da *Grande Harmonia*); proíbe ainda o descontentamento com as condições próprias de uma existência embrionária, a inveja ou mágoa pelo bem do próximo, e todo afeto desordenado por qualquer coisa que seja dele. Pois a Natureza não atribui a ninguém mais do que o necessário para a subsistência e uma salvaguarda contra a Pobreza, física e mental; todo o resto, ainda que legal segundo as normas atuais dos direitos individuais, não passa de apropriação indevida da propriedade alheia e privação ao irmão dos meios de felicidade.

* *O leitor perdoará esta palavra de tom ditatorial, com base no fato de ser usada em conformidade com o Breve Catecismo, e não com qualquer sentido sectário que repugne ao autor.*

O que devemos concluir disto?

Devemos concluir, e resolver de imediato, que neste décimo mandamento está proibida toda e qualquer lei social ou civil que infrinja a Beleza da Justiça Universal. Mais ainda, estão proibidas todas as religiões que façam da repressão do órgão da Idealidade e das exigências normais do temperamento espiritual uma virtude.

Objetos externos belos — quadros, estatuária, flores, ornamentos; odores belos — perfumes delicados, violeta, miosótis, gerânio, cascarilha; sons belos — canções, música instrumental, palavras de amor, sinos de liberdade, as cadências arredondadas das palavras da Sabedoria; sabores belos — todas as bagas e frutos que crescem ao sol e agradam ao paladar; e assim, por entre todas as vastas, profundas e místicas simplicidades da existência sensorial do dia-a-dia, o décimo mandamento proíbe qualquer circunstância civil ou obrigação religiosa que possa prejudicar o desenvolvimento simétrico daquela Beleza Interior, tão poderosa como a Verdade e tão essencial à felicidade como o próprio céu.

Décimo Primeiro Mandamento

Qual é o décimo primeiro mandamento?

"Ouve e obedece ao evangelho da Aspiração" — a quinta manifestação do princípio da Sabedoria.

O que exige o décimo primeiro mandamento?

Exige que reconheçamos, na nossa conduta e conversa diárias, a nossa consciência grata por tudo o que é interior e superno — pela nossa ligação a isso e pela dependência disso — que é, ao mesmo tempo, fonte de prazer imperecível e causa de crescimento em vastos domínios de gloriosa meditação; mais vastos do que os campos da cultura intelectual, mais profundos que os oceanos da erudição teológica, mais doces que mil jardins de flores paradisíacas, mais divinos que os cânticos das auroras fluentes, puros como o Amor perfeito.

O que é Aspiração?

Aspiração, como a palavra indica, é um elevar espiritual — uma prece por auxílio providencial, um anseio por coisas e verdades superiores — uma atração para aquilo que está guardado para a alma.

O que é proibido no décimo primeiro mandamento?

Proíbe toda a ingratidão; todos os hábitos de negligência das faculdades de sabedoria. Proíbe também qualquer irreverência para com aquilo que é verdadeiramente útil, justo, enérgico e belo — não apenas aos olhos e sentidos corporais, mas tudo aquilo que serve amorosamente e com sabedoria as faculdades mais elevadas; todo o abuso daquilo que dá asas à imaginação e expande as capacidades da compreensão mais íntima.

Décimo Segundo Mandamento

Qual é o décimo segundo mandamento?

“Ouve e obedece ao evangelho da Harmonia” — a sexta manifestação do princípio da Sabedoria.

O que exige o décimo segundo mandamento?

Este mandamento, que é a síntese de toda a Sabedoria, exige que sejamos e façamos o que possa oferecer ao nosso próximo o melhor serviço e a mais duradoura felicidade.

O que é proibido no décimo segundo mandamento?

Proíbe todos os sistemas de governo e todas as religiões que atrasem o progresso da humanidade em direção à Unidade Harmónica.

Algum homem consegue cumprir perfeitamente os mandamentos de Deus?

Não; nenhum homem, sozinho e sem auxílio, sem o conselho e magnetismo de seres superiores, pode cumprir todos estes mandamentos. Mas um desejo firme e uma aspiração sincera de o fazer atrairão o auxílio da amizade angélica e ajudarão a centralizar as capacidades pessoais.

A ajuda angélica é a mais importante e necessária?

Não; a condição principal para o progresso individual é a harmonia exterior; não apenas em saúde corporal, mas nas várias relações exigidas pelos vários amores. Uma mulher casada, para ser feliz, além da sua própria paz interior, necessita de um companheiro bom e inteligente. Nenhuma sala de estar é harmoniosa se reina discórdia na cozinha. A retidão espiritual e a felicidade são impossíveis enquanto as condições exteriores da vida social humana forem contraditórias. Oh, se os religiosos vissem melhor o Tempo nas suas obras de benevolência! Os assuntos dos mundos eternos podem ser mais facilmente compreendidos e geridos pelos seus próprios habitantes. As obras de salvação e redenção do homem devem ser adaptadas a este mundo.

Que explicação se pode dar para a ausência de harmonia social entre os cristãos?

É de suma importância compreender a verdadeira teoria da reforma; e também a razão pela qual o sistema da Igreja não tem sucesso. A Igreja professa estar adequadamente armada para combater o pecado, munida de todos os verdadeiros

instrumentos de Reforma Social. Afirma ter o imenso "Verbo" do seu lado — e não só isso, mas também o Todo-Poderoso com ela. De fato, todos os elementos da Divindade são reivindicados como os iniciadores e co-operadores na vasta obra da redenção humana.

Que resultado apresenta esta associação eclesiástica?

Todo o sistema sobrenatural leva quase dois milénios a converter cinquenta milhões de protestantes em sectários religiosos. Mas esses milhões estão longe de ser reformados ou harmonizados. Muitos ainda possuem escravos, sustentam a Lei do Escravo Fugitivo e opõem-se fortemente à queda do Rei da Superstição. Esses membros e apoiantes da Igreja não são melhores comerciantes; como negociantes, não são um pingo mais honestos que um Cético honesto; não são patrões mais bondosos ou justos para os seus aprendizes; e, por vezes, não são melhores — e até piores — do que os chamados céticos e não regenerados.

Como explicas este fato?

Porque toda a teoria eclesiástica da Reforma é antinatural; é lógica a partir de uma base mitológica; e ignora o Tempo nos seus objetivos de Eternidade. Todos os cristãos confessam que ser um cristão bíblico é algo muito contrário ao coração natural do homem. Daí invocam ajuda sobrenatural. Eventualmente acreditam que a obtêm e tornam-se “cristãos” — ou seja, tornam-se antinaturais — mas talvez não um pingo mais puros, honestos ou humanos. Seria interessante recolher depoimentos de cem aprendizes — cinquenta com patrões membros de igreja e cinquenta com patrões que não professam fé religiosa. A pergunta seria: “Qual dos grupos é mais alegre, bondoso, honesto, humano?” Estou plenamente convencido de que receberíamos as respostas mais favoráveis do grupo dito não regenerado.

Infelizmente, é demasiado conhecido — por muitos rapazes pobres e órfãs — o quão insuportavelmente severa é a disciplina doméstica de Diáconos e Leigos que oram. São os mestres mais tirânicos; os mais invencíveis senhores de escravos; os pais mais cruéis; os inimigos mais ignorantes da ciência; os amigos mais firmes da intolerância; os cúmplices da mentalidade estreita.

Porque falha a Igreja Cristã?

A Igreja falha porque procura auxílio na Fonte errada. Espera reformar o mundo pregando o Amor — e o Ódio — de um Jeová omnipotente; insistindo na necessidade de fé na virtude dessa tragédia sangrenta chamada "Jesus Cristo e este crucificado." Pode-se assim conter o mundo, mas não reformá-lo. O jugo sectário pode ser usado por milhares; podem trabalhar nas rédeas do dever, com docilidade e boa vontade, como cavalos habituados ao arnês; mas, no fim da vida, o que são eles?

Estão mais desenvolvidos no Amor e na Sabedoria? São representantes cativantes da Vida divina?
Não: terminam, muitas vezes, a viagem terrena tão presos — e tão pouco desenvolvidos — quanto estavam quando começaram. O maior feito temporal de um cristão protestante é vencer o medo da morte — um feito que o guerreiro, o hindu, o turco e o católico romano possuem em grau eminente, repousando no leito de morte com serena resignação!

É o amor a melhor causa da reforma?

O amor humano, por si só, não é fonte de Harmonia; contudo, é nele que se encontra o que é bom e perfeito. O teu coração pode estar transbordante de Amor, mas isso faz de ti um homem harmonioso? Não: a pessoa mais amorosa e entusiasta, sem ser regulada pela inteligência, é talvez a mais impulsiva e desarmoniosa. A Sabedoria deve lançar a sua influência moderadora sobre o Amor, antes que a alma possa tornar-se equilibrada e ereta de carácter.

Que se pode dizer da religião das igrejas modernas?

Um correspondente do *Southern Literary Herald*, após assistir ao serviço na igreja do Dr. Hawks, em Nova Iorque, comentou com pertinência:

"Os bancos luxuosos, por todo o lado preenchidos por pessoas bem vestidas e de aspeto confortável, pouco lembravam os sofrimentos dos cristãos de outrora, que se reuniam ao ar livre, nos campos ou sob carvalhos sem folhas, no inverno, para elevar as suas vozes em louvor e súplica a Deus...

Não pudemos deixar de pensar que muitas mentes na congregação estavam já voltadas para as operações de Wall Street no dia seguinte, mais do que para o serviço religioso; e que a liturgia teria sido respondida com mais fervor se entre os seus pedidos houvesse esta pequena súplica — 'De todas as perdas por terra ou por mar, de bancos falidos e maus investimentos, de apólices falsas e queda no preço da farinha, Livrai-nos, Senhor!'"

A Religião moderna é bem acolhida enquanto residir em templos caros, for apresentada de forma académica, e estiver na moda.

São todas as transgressões dos doze mandamentos igualmente graves?

Algumas transgressões, em si mesmas e por várias circunstâncias externas agravantes, são mais prejudiciais do que outras.

Quais são os males menores?

São aqueles que não resultam de cedência voluntária à tentação, mas que o espírito sofre como consequência incidental ou inevitável das circunstâncias que o rodeiam.

O que merece cada pecado?

Todo o pecado merece destruição imediata e total.

O que merece o pecador?

O pecador merece o amor e a bênção de Deus infinitamente mais do que o autossuficiente e bem desenvolvido; pois os sábios e felizes não precisam de médico, mas apenas os doentes e desafortunados.

O que exige Deus de nós, para escaparmos à sua ira e maldição devidas ao pecado?

O deus da Bíblia, que não é o eterno Companheiro da Mãe-Natureza, exige de nós fé em Jesus Cristo.

O que é fé em Jesus Cristo?

Isto será respondido extensamente num outro capítulo de perguntas importantes.

O que é arrependimento para a vida?

É uma resolução tomada nas faculdades da Sabedoria, renunciando a um hábito pessoal negativo, perante o mundo angélico inteiro, cujo auxílio se invoca; uma resolução levada à prática em todos os atos da vida subsequente.

Quais são os meios exteriores e comuns pelos quais Cristo comunica os benefícios da redenção?

São os esforços caridosos e sábios para melhorar a condição da Humanidade — esforços para instruir a juventude, elevar os oprimidos, enobrecer o intelecto, promover o génio, harmonizar os interesses nacionais, criar relações laborais equitativas entre as diferentes classes, purgar os governos existentes, reformar religiões nascidas de credos, abolir a servidão, e trazer a Harmonia do Céu para toda a Terra.

Como é que a "Palavra" se torna eficaz para a salvação?

Se por "palavra" entendes os doze mandamentos vivos, escritos por Pai-Deus e Mãe-Natureza na substância eterna de cada ser humano, então ela só se torna eficaz pela compreensão racional dos seus ensinamentos positivos, e pela conformidade com eles, com amor firme pela retidão pessoal perpétua.

O que se entende por retidão pessoal?

Significa fazer tudo o que é correto à luz das tuas próprias intuições morais; o oposto daquilo que acreditas ser errado.

Como deve ser lida e ouvida a "Palavra" para que se torne eficaz para a salvação?

Se por "salvação" entendes o resgate do homem da Ignorância e das suas desgraças, então a "palavra" (entendida como corpo e alma) pode ser lida e ouvida com eficácia quando o egoísmo for suficientemente magnânimo para trazer à Terra uma Irmandade Harmónica; pois o egoísmo mais elevado é idêntico à benevolência universal, "a honestidade é a melhor política", e aquilo que traz felicidade duradoura a um indivíduo é uma bênção firme para toda a Raça.

O que é a verdadeira religião?

A verdadeira religião é a Justiça Universal — que começa no centro do indivíduo e se alarga para fora, em ondas como as do oceano, até que Todos sejam abraçados num só puro abraço de Amor — estabelecendo, assim, a Felicidade de todos com base na Harmonia de cada um.

Quais são os sacramentos desta religião?

Os sacramentos desta religião são: primeiro, limpeza pessoal e castidade; segundo, um coração cheio de Amor devocional caloroso pelo homem e pela Divindade; terceiro, uma mente cheia de Sabedoria serena, firme e estável; quarto, reverência pela relação conjugal; quinto, a regeneração do mundo, tanto quanto possível, através das crianças; sexto, toda instituição humanitária que promova o bem-estar das várias classes trabalhadoras.

Quais são os sacramentos do Novo Testamento?

Se por "Novo Testamento" entendes a Nova Dispensação, então os sacramentos são: primeiro, a Imortalidade dos espíritos de todos os homens; segundo, a ressurreição imediata da alma (conservando a forma do corpo) após a morte, num mundo mais

puro e progressivo; terceiro, o gozo da comunicação com os que partiram, por diversos meios.

O que é o batismo?

O batismo é um sacramento da nova dispensação, significando um banho nos rios da Verdade Infinita, que fluem sem obstáculos pelos jardins ilimitados da existência — através dos vastos territórios da Mente e da Matéria — o Lar imperecível do Pai-Deus e da Mãe-Natureza, cujos sagrados labirintos os pés dos homens podem trilhar com firmeza, e cujas águas translúcidas podem banhar a alma cansada do peregrino terrestre, conferindo-lhe força para ascender montanhas mais elevadas de inteligência contemplativa.

A quem deve ser administrado o batismo?

O batismo não deve ser administrado a quem não busca Novas Verdades — ou seja, ninguém pode receber o banho das Ideias progressivas sem que a sua alma deseje conhecer a Mãe-Natureza e unir a sua vida à do seu Companheiro Todo-Sábio.

O que é a Ceia do Senhor?

A Ceia do Senhor é qualquer banquete hospitaleiro e filantrópico, seja físico ou espiritual, que não profane o corpo nem embruteça a alma, mas que traga prazer e desperte gratidão.

O que é a oração?

A oração é um ato espontâneo de Amor Filial; o anseio involuntário da alma por auxílio contínuo; um reconhecimento intuitivo do superior pela dádiva da existência; um desejo de benefícios adicionais e de felicidade duradoura.

Qual é a origem da oração?

O hábito da oração formal teve origem entre as seitas religiosas do Egipto; era um plano para aplacar a vingança de deuses irados, e para solicitar ajuda de seres sobrenaturais; com o fim de evitar calamidades, curar doenças e garantir prosperidade local.

A oração influencia o Pai-Deus?

Toda a história humana responde negativamente; toda a experiência, chamada de “providência especial”, admite outra explicação. (Ver volume 2 da *Grande Harmonia*.)

Qual é o efeito legítimo da oração?

O efeito de uma dependência excessiva do invisível é gerar fraqueza mental e inapetência para qualquer grande tarefa; nenhum homem pode alcançar muito se duvidar das suas próprias capacidades e fugir à responsabilidade pessoal.

Não há nenhum efeito positivo na oração?

Sim; o efeito normal da oração é duplo — primeiro, abrir e preparar a alma para a iluminação espiritual; segundo, atrair parte do mundo angélico para entrar em harmonia com as nossas necessidades interiores.

Como definirias ainda a oração?

Diria que a oração é natural a todos os "infantes" da teologia, e estritamente espontânea naqueles que, sendo crianças no sentimento religioso, sentem exigências interiores que só a oração pode suprir e estimular.

Devemos orar oralmente?

A verdadeira oração espiritual, como o orvalho da manhã, eleva-se sem ruído. A resposta vem — bem-vinda como a chuva — quando a alma mais precisa de alimento.

O hábito de oração diária é benéfico?

Não é benéfico aquilo que aumenta a tua dependência; que compromete o desenvolvimento simétrico de uma nobre e autossuficiente Humanidade. Contudo, há momentos de provação indizível — quando o coração mais forte, tendo lutado contra um inimigo terrível da vida e da felicidade, é forçado a ir além da Natureza objetiva, orando ao Sobrenatural.

A verdadeira oração é um ato voluntário?

A oração voluntária é sugerida por uma consciência de desejos não realizados; mas, por outro lado, quando as necessidades (ainda mais urgentes que os desejos) se apresentam perante o tribunal da Razão, o coração transborda em reconhecimentos espontâneos à Fonte Oculta da Bondade Infinita —
"Deus dos meus Pais! santo, justo e bom! Meu Deus! meu Pai! minha Esperança infalível!
A quem tenho nos céus, senão a Ti? Na terra, senão a Ti; a quem deveria louvar? a quem amar?"

Devem as crianças praticar a oração?

As crianças devem aprender que o Pai-Deus é espírito, e que os que o adoram devem adorá-lo “em espírito e em verdade”; ou seja, não devem pensar em posturas físicas nem em palavras, mas em viver bem e fazer o bem pelo bem em si. A recordação e prática diária desta aspiração é uma oração “em espírito”; enquanto resistir à tentação, dizer a verdade, viver pacificamente, cuidar do corpo, aprender sabedoria e fazer o bem aos outros — é uma oração “em verdade”; e o Pai procura tais adoradores.

Pode uma pessoa desarmoniosa orar?

Sim; não há necessidade de oração onde não há tentação — nem desarmonia; a vida do homem bom é uma oração perpétua.

As palavras são naturais à gratidão que ora?

Hannah More respondeu bem:

"Fonte de Misericórdia! Teu olhar penetrante
Pode ler por dentro o que lá se passa,
Aceita os meus pensamentos por agradecimento:
Não tenho palavras.
A minha alma, repleta de Gratidão, recusa
A ajuda da linguagem — Senhor! contempla o meu coração."

Quando oramos, devemos pensar num Deus personificado?

A verdadeira oração não resulta de nenhuma perceção intelectual de pessoas, relações, efeitos ou princípios; irrompe, de repente, como um grito de alegria, um clamor de medo, uma palavra de louvor, uma nota de música, um apelo por socorro; daí que todo o serviço verbal escolarizado nas igrejas, como uma bênção apressadamente dita por bocas famintas diante de um banquete farto, seja uma inevitável profanação. Oh, quanto amo esse irmão e essa irmã — filhos espontâneos do Pai-Deus e da Mãe-Natureza — que pedem auxílio espiritual, o cumprimento de um desejo altruísta:

"Por luz e força para suportar
A nossa parte no peso do cuidado
Que esmaga, em silêncio desesperado,
Metade da raça humana!"

Tens usado frequentemente as expressões “Pai-Deus” e “Mãe-Natureza”; o que significam?

Por Pai-Deus entende-se a Fonte viva de toda Causa; por Mãe-Natureza entende-se a Fonte de toda Efetuação.

Estes princípios são masculino e feminino?

Sim; e o casamento harmonial destes Princípios coessenciais e coeternos, semi-personificados e totalmente imutáveis, originou proliferações incontáveis — filhos, homens, espíritos, anjos, em ordens e graus infinitos de perfeição — que povoam os mundos incontáveis em redor, e as Terras do Espírito além; cujos bosques imortais jamais sentem os ventos adversos, cujas avenidas infinitas nunca levam a selvas incultas, cujas paisagens nunca cansam o olhar, nem exaurem a alma que ama a peregrinação da Eternidade!

Como definirias mais profundamente a descendência deste casamento santíssimo?

Defino-os como sendo, em primeiro lugar, todas as formas, graus e relações da Matéria; e, em segundo, todas as formas, desdobramentos e efeitos da Mente. Esta é a definição mais ampla das obras da Natureza.

Se os seres humanos e os espíritos invisíveis são filhos legítimos, não se assemelham aos progenitores?

Sim; o corpo humano é uma representação fisiológica do universo físico, e o universo espiritual é revelado psicologicamente na mente do homem; portanto, o corpo harmonial carrega os traços da Mãe-Natureza, e a melhor organização mental apresenta a imagem e semelhança do Pai-Deus.

O que é a verdadeira moralidade?

A verdadeira moralidade é viver segundo as tuas próprias ideias e sentimentos de verdadeira religião. Aquele que é verdadeiramente e gloriosamente moral age movido pelo afeto da Justiça Universal; os seus atos nascem do amor pelo bem e felicidade humanos.

O que é a fidelidade?

A fidelidade é a integridade da tua alma para consigo mesma — a obediência ao anjo de Deus em ti — aos teus melhores e mais elevados Atrativos.

O que é a infidelidade?

Infidelidade é a violação voluntária daquilo que acreditas ser Verdade, Justiça, Retidão.

O que é a Verdade?

A Verdade é o princípio divino e eterno que "preenche, delimita, liga e iguala tudo" — a Causa e o Efeito da Harmonia infinita — coesiva em todo lugar e sempre consistente — tanto nos reinos materiais como nos espirituais da Existência.

Quem é o homem mais sábio?

É o que compreende os limites da sua própria ignorância e conhece a arte de os destruir.

Quem é o homem mais bem-sucedido?

É o que vê a vitória secreta que habita em qualquer derrota que possa seguir-se a um esforço honesto.

Quem é o homem mais poderoso?

É aquele que, em todos os momentos e em quaisquer circunstâncias, consegue controlar os impulsos do Amor pela voz da Sabedoria.

Quem é o maior filantropo?

É aquele que faz o Bem a alguns e mal a nenhum.

Quem é o homem mais santo?
É aquele que nunca age em contradição com a sua perceção mais elevada do que é Justo.

Quem é o melhor vizinho?

É o que regula os seus afetos privados e os seus atos públicos pelo princípio da Justiça Distributiva.

Quem é o melhor marido?

É aquele que, quando examinado à luz dos teus mais elevados atrativos, tem o corpo mais limpo e o espírito mais puro.

Quem é o pai mais excelente?

É o pai mais excelente aquele que gera os seus filhos através das atrações do amor conjugal puro e sem adulterações; e que, abençoado com a presença da infância, é ao mesmo tempo amigo, irmão, companheiro de brincadeiras e mestre.

Quem é a melhor esposa?

Ela é a melhor esposa que, quando examinada à luz das intuições do teu temperamento mais elevado, se revela como a rapariga mais doce, a amiga mais verdadeira, a irmã mais gentil, a mulher mais cativante.

Qual é a lei do progresso pessoal?

A lei do progresso pessoal encontra-se apenas na ação conscienciosa em benefício dos outros. A lei mais forte da alma é a Ação. Quando bem dirigida, tende, como um rio suave, em direção ao elevação pessoal e à aperfeiçoamento pessoal, através de atos de bem para com a humanidade.

O que é um embuste?

Este termo, muitas vezes usado com desdém, aplica-se rapidamente a qualquer pessoa, associação, partido político ou instituição que prometa realizar algo específico, mas falha em cumprir — insistindo, no entanto, com dogmatismo, que cumpriu inteiramente o que anunciou publicamente ou prometeu em privado. A palavra "embuste" é normalmente atribuída a um impostor, charlatão ou falsificador; por vezes, também a algo que não é nenhuma destas coisas, mas que se rotula levianamente como tal apenas por ser "novo" ou contrário à rotina estabelecida da lei, da medicina ou da teologia.

Temos exemplos?

Sim; muitos esquemas políticos e algumas instituições eclesiásticas nunca cumpriram as promessas que anunciaram nos seus boletins e programas. O sistema evangélico popular, que tenta reformar a humanidade por meio de rituais religiosos e ordenanças canónicas, não realizou um décimo do que os seus predecessores prometeram há séculos alcançar muito antes da nossa era.

O que é o Homem?

O Homem é um produto de todo o Universo. Fisiologicamente — de todas as ordens e graus da matéria; psicologicamente — de todas as essências e propriedades da Mente.

Como deve o homem ser estudado?

Deve ser estudado como o Epitome do Pai-Deus e da Mãe-Natureza. Pode interrogar a sua existência através da ciência, da arte, da música, dos emblemas da criação visível, da anatomia, da fisiologia, da psicologia, da teologia, da filosofia, da imaginação, da consciência, de todos os elementos do amor do coração e de todos os atributos da sua Sabedoria.

O que é Ciência?

Ciência é a perceção intelectual e classificação sistemática dos Fatos.

O que é Arte?

Arte é a embelezamento temporário de objetos comuns, pela habilidade da natureza humana; a transformação da matéria inferior em usos humanos e benefícios práticos.

O que é Música?

Música é a tradução natural de sentimentos mudos em sons expressivos; a melhor revelação das subtilezas celestiais que animam a alma humana; a única linguagem do mundo angélico quando fala das Harmonias da Natureza.

O que é Anatomia?

Anatomia é o conhecimento das formas e estruturas.

O que é Fisiologia?

Fisiologia é o conhecimento dos órgãos e das suas funções.

O que é Psicologia?

Psicologia é o conhecimento do princípio mental, com base na perceção e classificação dos seus fenómenos.

O que é Teologia?

Teologia é uma investigação intelectual, uma especulação conjetural, sobre a personalidade e governo de um ser chamado "Deus." A teologia moderna é a mitologia antiga em estado de decadência; produto dos poetas e semi-filósofos do Egipto, da Grécia e de Roma.

O que é Filosofia?

Filosofia é um termo que pode ser aplicado a todos os exercícios legítimos da Razão e da Intuição. Eu aplicaria esta palavra à perceção intelectual dos Fatos, à apreensão moral das Verdades, à compreensão intuitiva dos Princípios; abrangendo, assim, toda a ciência, toda a teologia, toda a religião.

O que é o princípio da razão?

É a totalidade do amor, espiritualidade e intelecto. A Razão é a flor do espírito. Uma lei da verdade que regula toda a existência do homem — física, social, intelectual, moral e espiritualmente — outro nome para "Sabedoria", o Salvador final da alma.

O que é a imaginação?

A imaginação é o espelho subjetivo dos emblemas e imagens da Natureza objetiva; o precursor autorizado do intelecto; o principal intérprete dos sentimentos; o poeta-laureado das faculdades espirituais; o clarividente de mil olhos da natureza interior.

Qual é o verdadeiro ofício da imaginação?

O verdadeiro ofício da imaginação é sondar a metafísica da criação; dar substância às sombras; distinguir entre isto e aquilo, e deleitar-se na presença de distinções refinadas; moldar essências de outra forma incorpóreas; dar corpo e forma a pensamentos invisíveis; simbolizar a qualidade de um ato; individualizar e eternizar um adjetivo; explorar campos místicos, quebrar os selos proibidos do livro da vida do homem; cantar o bem e o verdadeiro, o puro e o livre, em palavras ao mesmo tempo docemente humanas e majestosa e divinamente inspiradas.

Por fim, a imaginação é destinada a transformar os fatos áridos da ciência vigilante em pão da vida, a moldar as verdades superficiais da filosofia digna em toda forma concebível de beleza, glória, sublimidade e magnificência; e, mais profundamente ainda, a descobrir em todas as coisas a presença da Verdade, em cada homem um pensamento de Deus, e em cada forma o Belo.

O que são os pensamentos humanos?

Os pensamentos humanos são os efeitos do movimento cerebral organizado; as ondas das águas da vida; os filhos da sensação orgânica; os sinais da inteligência.

O que são ideias fixas?

As ideias humanas, quando fixas, são os patriarcas das faculdades do pensamento; muito afeitas ao controlo, geralmente masculinas, e invariavelmente dominadoras; o concílio dos bispos que primeiro tornam os mistérios teológicos em dogma canónico e depois proíbem a investigação.

O que são conceções?

As conceções são os belos primogénitos da imaginação; de disposição feminina, de efeito tranquilizante e elevador; atuam sobre a consciência.

O que é a consciência?

A consciência é uma sensibilidade espiritual com dupla capacidade e origem: primeiro, inata e eterna; segundo, educacional e temporária. A última, um produto artificial das circunstâncias da nossa existência, é a mais jovem e ativa; a consciência natural, pelo contrário, é a primeira na alma, a mais interior, profunda, absoluta e menos ruidosa. Aqui vês a diferença entre ensino e intuição; e a razão pela qual pessoas com religiões opostas são igualmente devotas e prontas a perseguir; por que a consciência exterior de um cristão pode justificar o sistema atual de comércio e troca, tão semelhante ao de Ismael.

Porque não vemos mais desta consciência natural?

A consciência imperecível está agora obstruída nos seus esforços para captar a atenção da alma. É a proclamação do princípio da Justiça — a voz clara do Pai-Deus no jardim — acerca daquilo que é Justo para si mesmo e para todos os homens. Oh, quão glorioso é possuir uma consciência natural! E, no entanto, no mundo tal como vai, quão dolorosa e inconveniente ela se torna!

As suas exigências sobre o seu portador são simultaneamente imperativas e impopulares; os seus julgamentos não servem interesses nem são passageiros; as suas recompensas são imperecíveis; as suas palavras douradas estão gravadas, embebidas pela Imaginação, no Livro da Vida; e a voz das suas palavras reverbera pelos labirintos da experiência escondida, negando à alma desarmoniosa e pecadora

um momento de silêncio, até que cada mal privado seja vencido com coragem e o seu lugar ocupado por aquilo que é verdadeiramente justo e eternamente belo.

A imaginação é enganadora?

Sim; quando o entendimento é fraco ou não desenvolvido, ou quando a consciência natural é suprimida ou temporariamente substituída pelos padrões do mundo sobre o certo e o errado, então a imaginação engravida de formas cruas e fantasias prejudiciais.

Qual é o resultado disso na mente?

O resultado subjetivo é que essas formas e fantasias — embora não essencialmente falsas, podendo ser aproveitadas sob a orientação da razão esclarecida — enchem a mente de truques e exageros incómodos; daí encontrarmos pessoas com imaginação fértil e pouca consciência que parecem deliciar-se, até consigo mesmas, ao contarem histórias e aventuras nas quais foram os heróis e os vencedores.

O intelecto prejudica a imaginação?

Muito pelo contrário; inteligência e uma consciência saudável, juntas, conferem graça consumada e enormes facilidades a esta faculdade profética: aguçam a sua clarividência mística, inspiram-lhe asas com força hercúlea, e tornam-na simultaneamente a visita mais encantadora e a melhor filósofa.

Porque é que a educação filosófica destrói a superstição?

Porque a superstição é produto da imaginação durante os seus anos infantis, antes da sua cultura e maturação; daí que, quanto mais selvagem e indisciplinado um povo (como os antigos chineses, egípcios, persas e judeus), mais cruas são as suas representações de Deus — mais sobrenaturais e exageradas as suas conceções de religião.

Religião e filosofia são incompatíveis?

Religião e filosofia são como irmã e irmão; nenhum par de gémeos do Pai-Deus e da Mãe-Natureza foi jamais tão harmonioso!

Como explicas então os conflitos que tantas vezes ocorrem entre elas?

Não há conflito entre a religião da Natureza e a filosofia pura. A filosofia é uma harmonizadora universal, e apenas interfere com a religião quando as suas superstições férteis e exagerações subsequentes contradizem as afirmações mais elevadas da alma — uma interferência justa e salutar que, tal como um pai sábio a

corrigir a impetuosidade e desonestidade de uma criança, não causa dano, mas antes fortalece, embeleza e intensifica ainda mais a glória natural de toda a verdadeira Religião e Humanidade pura.

PERGUNTAS SOBRE A VIDA,

LOCAL E UNIVERSAL

O que é a vida?

A vida é sentida por miríades incontáveis; trazendo para cada um um valor variável e um significado diferente. Daí que muitas e variadas palavras, incorporando postulados dissemelhantes, sejam invocadas para a tarefa de definição. Existem neste momento quase mil milhões de seres humanos neste globo; portanto, para o problema da Vida, há quase mil milhões de soluções. A conceção que o homem tem da resposta dependerá de duas condições — primeiro, das circunstâncias do seu corpo; segundo, das atitudes centrais do seu espírito; e, embora as respostas provenientes de estados opostos de carne e espírito sejam por vezes antagónicas, na análise final e no juízo sintético, todas as respostas serão declaradas essencialmente homogéneas, e inteiramente consistentes com a doutrina de uma Irmandade universal.

O que é a vida para a infância?

Uma coroa de agradecimentos, querido leitor, por me colocares essa pergunta; a cena que ela desdobra diante do meu espírito é perfumada de doçura e repleta de promessas. Para uma infância bem-nascida e feliz, a Vida é uma só com as ervas rasteiras que crescem em silêncio, com paisagens esmeraldinas, com regatos a cantar e a rir, com a alegria nervosa das abelhas zumbidoras, com os botões a inchar e violetas em flor; uma com as árvores em flor e de fruto, com a fragrância dos pomares, com o colher do trevo e da erva doce no prado, com o chapinhar no ribeiro que corre sob os salgueiros.

Uma com os barquinhos a navegar no lago cintilante ao fundo do campo; com as videiras vestidas de folhas a subir com ternura e ambição pelas grutas do jardim, com os morangos rubros nos recantos e nas encostas rochosas; uma com os habitantes encantados dos recantos sombrios, com o raio de sol entre as rosas que respiram, com o canto diverso das árvores varridas pelo espírito do vento do místico oeste; com o chilrear alegre do tentilhão e do pisco.

Com o sonho vespertino de campos de feno recém-ceifado, com a beleza luxuriante das paisagens para lá do nascer do sol; com a alegria vibrante da luz da manhã, com a dança precoce dos esquilos no muro de pedra; com o potro novo, e a bezerra ainda

trémula, e o peru no pasto, e o cordeiro tímido no relvado ondulante; com os brilhos prateados dos tons do meio do verão, com o silêncio do meio-dia de Julho; com a queda da chuva, com a humidade ascendente, com o arco colorido que neste instante arqueia o horizonte distante; com o anjo do sono, com o anjo dos sonhos, com os deuses das estações; com o fascínio indefinível de rostos novos que visitam a casa, que se sentam à mesa, que sorriem para o bebé, e contam histórias inocentes de terras e cidades ainda por ver; com o encanto efémero de brincadeiras novas, com a angústia de não encontrar o brinquedo perdido; com a meia-triste excitação quando impulsos vibrantes são interrompidos pela voz ou mão firme da vigilante mãe.

Por fim, e em resumo — a Vida, para a melhor infância, é a negação da felicidade sólida, o rubor da antecipação sem o prazer da participação, a perceção do ser sem o luxo de o compreender, uma inocência que nunca sentiu a alegria da tentação resistida; idêntica aos encantos iniciais e alegrias cintilantes incontáveis que rodeiam a cidadela das sensibilidades indisciplinadas, e que plantam, na imaginação em rápido desabrochar, as sementes de ideias que rivalizam com as Ilhas das Sereias em beleza — e com as realidades deste globo também.

Por isso, a infância, para todos os poetas, é uma sagrada antevisão dos prazeres comuns às Terras do Espírito, uma espécie de arauto das realidades de uma existência superior à presente; um índice do livro das eras vindouras; um daguerreótipo, por assim dizer, do mundo além, pintado na terra pelo Sol Infinito do Univercoelum, ou Universo Inteiro.

O que é a vida para a infância infeliz?

A vida, para a infância infeliz, é a maldição respirada de progenitores impuros e desarmoniosos; uma luta orgânica, ofegando entre sorrisos e lágrimas; um pelourinho para a expressão do descontentamento doméstico e da brutalidade parental; um recetáculo para ideias cruas e limitadas de Deus e da humanidade; a fonte de várias doenças a serem transmitidas, nos anos vindouros, à posteridade consequente. Oh, cena tão indesejada!

O que é a vida para a juventude?

A juventude é facilmente magnetizada pelos fenómenos variados da Vida. Esta embriaga-o suavemente, dia após dia, até que cada objeto — natural ou artificial — eletriza os seus sentidos com poder sedutor, dizendo: “Repara! Sou apenas o símbolo do que podes possuir — a mera sombra da substância de amanhã! Avança! Sempre em frente!”

O que é a vida para a maturidade?

Para a maturidade, a Vida é uma chama etérea soprada pela boca de Deus; não dada para dissolver o mundo, mas para purgar as suas impurezas e embelezar todas as relações honrosas.

O que é a vida para a velhice?

Os sonhos da infância desvaneceram-se, mas as primeiras alegrias regressam com um novo encanto; resoluções juvenis não cumpridas, e participações que nunca preencheram a medida do desejo, visitam o velho, cujo barco navega no vale daquela onda montanhosa que em breve o lançará, para além da região do perigo, ao alto seio do Infinito. "A vida é breve", diz Jean Paul Richter. "O homem tem dois minutos e meio para viver — um para sorrir, um para suspirar, e meio para amar — pois, no meio disso, morre; mas a sepultura não é funda — é a pegada brilhante de um anjo que nos busca. Quando a mão desconhecida lança o dardo fatal no fim do homem, então ele inclina a cabeça, e o dardo apenas levanta a coroa de espinhos das suas feridas."

O que é a vida para o homem religioso?

Para o crente ortodoxo, a vida é um dom de Deus transcendentemente misterioso e inefavelmente incerto; para que o homem, através do seu livre arbítrio e conhecimento das leis morais, possa fixar, enquanto neste mundo, o seu carácter e condição por toda a eternidade.

Esta opinião é verdadeira?

Opiniões verdadeiras nunca acusam os desígnios do esforço divino; nem afligem as almas humanas com ideias lúgubres sobre o vasto Além.

O que queres dizer com isso?

Quero dizer, em resumo, que os crentes em dogmas populares vivem atormentados por um medo tirânico, e não ousam pensar livremente, "não vá Deus esmagar a sua dúvida" — pois Deus é visto como um eterno escutador clandestino, sempre de ouvido à fechadura da consciência humana, à escuta do passo errante de um pensamento vagabundo — e então cravam-lhe o raio e empalam-no na sua forquilha flamejante. Por isso, o homem religioso sustenta uma ideia de Deus que, ao mesmo tempo, acusa a majestade da Sabedoria divina e a universalidade do Amor divino.

O que é, então, a vida para o homem sábio?

É o prenúncio de benefícios que a foice do Tempo não pode ceifar, nem a química da morte pode corroer; de lições que, quer tenham sido ou não guardadas e compreendidas nos nossos primeiros anos, são as causas primordiais e rudimentos necessários de uma educação eterna. O homem sábio pensa que a vida deste mundo, como uma harpa dourada de magnitude infinita, responde ao uso que dela se faz; música flutua das suas cordas vibrantes, ou a discórdia percorre e enrola-se pelos tecidos do ser, conforme o modo como nela tocamos. John G. Whittier disse-o bem:

"Nós moldamos, sim, com emoção,
A nossa alegria ou nosso temor,
Da vida que virá, a construção,
Com sombra ou brilho em seu calor.

O tecido do porvir, então,
Tecemos com as cores do coração,
E no campo da grande decisão,
Colhemos nossa própria plantação.

A alma, sempre a recordar,
As sombras que veio a atrair,
No muro eterno irá pintar,
O passado a ressurgir.

Pois ali vivemos de novo a visão —
Ou com calor, ou com frio, sem fim —
As imagens do que fomos, então,
Seguem o homem... até o fim!"

O que é a vida para o autor de livros?

William Hazlitt, tanto reflexivo como imaginativo, está pronto com a sua resposta; ele que nunca escreveu uma frase superficial, aborrecida ou vazia; ainda que a sua posição, sendo meio espiritual e totalmente racional, possa não oferecer a resposta necessária.

Não é tarefa fácil aquela que um escritor — mesmo de tão humilde condição como a minha — assume sobre si; é escarnecido e ridicularizado se falhar; e, se tiver sucesso, a inimizade, as críticas e a malícia com que é atacado aumentam proporcionalmente ao seu êxito. O frio distanciamento e a inveja dos amigos acompanham frequentemente o rancor dos inimigos. Não gostam de ti nem um pouco mais por cumprires a boa opinião que sempre tiveram a teu respeito.

Prefeririam que estivesses sempre a prometer muito e a não fazer nada, para poderem garantir que estavas à altura — isso mostra a sua sagacidade e não fere a sua vaidade. Um autor desperdiça o seu tempo em estudos dolorosos e investigações obscuras para alcançar um sopro de popularidade.

Encontra apenas frustração e deceção em noventa e nove em cada cem casos; ou, quando pensa alcançar o prémio esquivo, descobre que este não vale o esforço — o perfume de um minuto, fugaz como uma sombra, vazio como um eco: "tantas vezes obtido sem mérito como perdido sem merecimento." Pensa que a conquista da excelência reconhecida lhe trará dos outros a expressão daqueles sentimentos que a imagem e a esperança dessa excelência despertaram no seu próprio peito, mas, em vez disso, depara-se com pouco mais do que suspeita vesga, estupefação idiota e escárnio trocista. Parece que não valeu a pena todo o esforço que teve para chegar ali!

Na juventude, pedimos emprestada paciência aos anos vindouros: a primavera da esperança dá-nos coragem para agir e sofrer. Uma nuvem paira sobre o nosso caminho adiante, e imaginamos que além dela está o sol. O horizonte parece interminável, porque não conhecemos o seu fim. Pensamos que a vida é longa e que, por termos tanto para fazer, vale a pena fazê-lo: ou que nenhum esforço é demasiado, nenhum sacrifício demasiado doloroso, para vencer os obstáculos. A vida é uma luta contínua para ser o que não somos e fazer o que não podemos.

Mas, à medida que nos aproximamos da meta, refreamos os ânimos; o ímpeto é menor e o fim está próximo; à medida que os objetos se tornam mais nítidos, tornamo-nos menos esperançosos na sua perseguição; não é tanto o desespero de não alcançar, mas o saber que não há nada de especial a alcançar, e o receio de já não termos sequer desejos, que arrefece o nosso fervor e relaxa o esforço. Cambaleamos nos últimos passos da jornada; fazemos, talvez, um esforço final; e sentimo-nos aliviados quando a tarefa termina!

O que é a vida, considerada poeticamente?

Poeticamente, “a trama da nossa vida é feita de fios entrelaçados, bons e maus. As nossas virtudes seriam orgulhosas, se os nossos defeitos não as repreendessem; e os nossos crimes desesperariam, se não fossem acarinhados pelas nossas virtudes.” Estas são palavras de Shakespeare, o escritor do mundo, que, num curto parágrafo, fornece linguagem suficiente para fertilizar, em almas férteis, vinte ensaios e cinquenta sermões sobre o mistério da Vida e os seus benefícios.

Se a vida fosse só prazer, poderia o homem renunciar ao seu amor por ela e ansiar pela existência eterna para além do túmulo?

É evidente que o jardim espiritual de Letitia E. Landon foi cuidado por mãos invisíveis. E, embora dele subisse um incenso celestial, cheio de doçura e gratidão espiritual, ao mesmo tempo ecoava para o mundo este profundo suspiro:

"Oh, o amor e a vida são mistérios, ambos bênção e ambos abençoados,
E, no entanto, quanto ensinam ao coração de provação e inquietude!"

E ainda, o *Offering of Sympathy* — publicado há alguns anos — oferece uma bela resposta à tua pergunta:

"Porquê, quando tudo é luz e alegria, haveria uma sombra
De se espalhar ao nosso redor? Oh, alma cega e descuidada!
É o mesmo poder que reina, e o mesmo amor
É traçado tanto na luz como na sombra:
A nuvem que transporta o trovão nos seus braços
Vem com boa vontade para o homem!
Oh! Apegar-nos-íamos demasiado à terra, e amaríamos
Em excesso os seus prazeres e delícias,
Se não houvesse sombras nas suas cenas de luz,
Nem tristeza misturada na sua taça de alegria.
Se todo o doce cumprimento seguisse todas as nossas esperanças,
Como o desabrochar de um botão na primavera,
Não buscaríamos um mundo melhor do que este;
Onde então estaria o anseio da alma
Por prazeres mais altos e alegrias mais puras
Que não têm outra morada senão o céu?"

O que é a vida para o químico?

Quimicamente considerada, a Vida é simultaneamente um efeito e um acompanhamento da combustão; uma força evoluída, reunida e centrada pela decomposição de certos elementos, inorgânicos e imponderáveis. Os fisiólogos químicos descobriram que a temperatura do corpo humano é, em todas as partes do mundo, de cerca de noventa e oito graus Fahrenheit. O calor é vida, dizem eles, e o frio é morte. Os alimentos humanos contêm carbono e hidrogénio. Estes existem no quilo. O oxigénio do ar inspirado entra nos vasos capilares dos pulmões, mistura-se com o sangue e é transportado para o coração, e daí para os capilares nutricionais de todas as partes do corpo. Nestes vasos, o oxigénio do sangue arterial une-se ao carbono e hidrogénio dos átomos residuais, formando ácido carbónico e água. Esta

transformação é acompanhada pela libertação de calor. Esta é a visão química da Vida.

E fisiologicamente?

Fisiologicamente, e de acordo com a vertente materialista do ensino cristão predominante, “Vida” é a *vis vitae* dos corpos organizados — um poder de animação e regeneração, reconhecido pelos seus fenómenos variados e conhecido por vários nomes latinos: *vis insita*, ou um poder no músculo animal que por vezes atua independentemente da vontade; *vis nervea*, ou fenómeno semelhante causado pelos nervos; *vis medicatrix naturae*, ou aquele poder inato dos seres animados que, em caso de doença ou acidente, actua directamente para reparar danos e restaurar o equilíbrio do sistema.

E em termos de harmonia, o que é a vida?

Respondendo a partir da nossa perspetiva científica, a vida é o primeiro desenvolvimento do Movimento e a segunda manifestação profética, no reino vegetal e animal, daquela Inteligência que, eventualmente, floresce no sensorium humano. A Vida é o espírito de todo o sangue quente. Circula eternamente através do sistema vascular da imensidão — celestialmente saudável, espontaneamente bela, e toda ela animadora — brotando frescamente do Coração Central dos Céus em rotação. Visto poeticamente, a Vida é o amor da alma de toda a Natureza. Do ponto de vista teológico, é a essência vital da Mente Infinita. Moralmente considerada, citamos Longfellow:

“A vida é real! É coisa intensa,
E o túmulo não é seu fim.
"És pó, e ao pó tu retornas" —
Não foi da alma esse motim.

Não é prazer, nem é tristeza,
O fim da nossa direção;
Mas sim viver com tal firmeza,
Que o amanhã vença a aflição.

Não confies no Futuro — é vaidade!
E o Passado? Que os mortos o levem!
Age! Age no agora, na verdade —
Com Deus acima, e o coração que ferve.

Vidas de homens nobres e verdadeiros
Nos lembram: podemos também brilhar,

E ao partir, deixar traços inteiros
Nas areias do Tempo a ficar.

Pegadas que, talvez, um irmão
Naufragado no mar da aflição,
Ao vê-las, ganhe inspiração
E reviva sua própria paixão.

Ergamo-nos, pois, ao labor constante,
Com coragem para qualquer destino!
Sempre agindo, sempre avante,
Aprendendo a esperar... e o caminho."

(A Psalm of Life)

O que é a vida, socialmente considerada?

É um círculo encantado de amizades incessantes; um rio sem refluxo de simpatias abençoadas; a fonte e mola principal de alegrias nascidas do coração e de bondades amorosas; das mais doces delicadezas — gentileza, ternura, beleza, felicidade.

O que é a vida para o político?

Um palco de ação, ambição, desilusão; não regulado por Princípios, mas por políticas e conveniências adaptadas às popularidades e necessidades do dia; mais apto a governar do que a melhorar, mais certo em prender do que em libertar. Das desventuras das lutas políticas e dos gladiadores sem princípios na arena governamental; dos terrores do deus da aristocracia, cujo nome é "Mamom"; de todas as perdas temporárias, pela morte, de naturezas amantes da liberdade, e, por eleição, da legislação imprudente de mentes por desenvolver — Livrai-nos, Senhor!

O que é a vida para o espiritualmente inclinado?

Segundo o registo deixado das palavras de Jesus pelo filho mediunizado de Zebedeu e Salomé, aprendemos que, ao absorver, incorporar e identificar-se com o Princípio do Amor (ou o princípio do Cristo), o Bendito Reformador Moral disse: "Eu sou o pão da Vida — aquele que vem a mim nunca terá fome — e o que crê em mim jamais terá sede... Aquele que comer a minha carne e beber o meu sangue, terá a Vida eterna;... a água que eu lhe der será nele uma fonte de água a jorrar para a Vida eterna." Mas as palavras de Paulo, embora mais explícitas e belas, podem ser aceites como não menos salutares em sentimento: "Ser carnalmente inclinado é morte — ser espiritualmente inclinado é vida e paz."

O que se entende por espiritualidade?

Cada homem de inclinações sectárias, com o intelecto moldado por interpretações restritas das Escrituras Cristãs, tem a sua própria resposta — uma expressão da sua perceção intelectual do que foi ensinado pelos Antigos Mestres em contemplação espiritual; mas, posicionando-me na plataforma da liberdade igual e sem pretender maiores latitudes de meditação espiritual, respondo — espiritualmente inclinado é aquele que considera a pureza absoluta do coração e da vida como a mais rica posse humana, e que a obediência perfeita às mais elevadas faculdades e atributos (ou atrações) da alma é o único meio de a alcançar.

Se assim se define o espiritual, quem é o verdadeiro mestre da Moral e da Religião?

Escutem! A resposta ressoa — ecoando no firmamento acima dos púlpitos — vinda de Theodore Parker, o intrépido iconoclasta da Cristandade: o Mestre da Religião deve procurar tornar todos os homens nobres. Não está para moldar ninguém à imagem de outro — à semelhança de Beecher ou Channing, Calvino, Lutero, Pedro, Paulo ou Jesus, Moisés ou Maomé — mas para despertar, guiar e ajudar cada homem a alcançar a forma mais elevada da natureza humana que for capaz de atingir; ajudar cada um a tornar-se um homem, sentindo, pensando, querendo, vivendo por si mesmo, fiel à sua individualidade própria da alma.

Gostaria que os homens compreendessem isto: que a sua individualidade é tão sagrada diante de Deus quanto a de Jesus ou de Moisés; e não se deve sacrificar a própria humanidade por eles, tal como eles não a sacrificariam por nós. O respeito pela nossa própria humanidade — seja qual for a dimensão dos nossos dons — é o primeiro de todos os deveres.

Tal como defendo o meu corpo contra ataques externos e preservo os meus membros, assim devo zelar pela integridade do meu espírito, não aceitando a mente, a consciência, o coração ou a alma de ninguém como meu mestre — úteis sim, tiranos nunca. Sou mais importante para mim mesmo do que Moisés, Jesus, ou qualquer homem o possa ser. A santidade, a fidelidade à minha própria consciência, é o primeiro dever de um homem ou de uma mulher; cumprido este, todos os outros seguem-se naturalmente.*

> **Ver Discurso de Theodore Parker, "Sobre as Funções de um Mestre de Religião nestes Tempos."*

O que é então a verdadeira Vida?

Ninguém respondeu melhor do que o autor de *Festus*:

"Vivemos em feitos, não em anos; em pensamentos, não em suspiros;
Em sentimentos, não em números num mostrador;
Devemos contar o tempo pelos batimentos do coração. Vive mais
Quem mais pensa, sente o mais nobre, age o melhor."

Quem melhor compreende o rumo da Vida?

Aquele visionário de pensamento abrangente e clarividência intelectual, que, auxiliado por uma consciência intuitiva de princípios eternos invisíveis aos sentidos exteriores, apreende aquela lei universal e gigantesca que profere discurso em cada ordem e decreto da vida — as atrações interiores são profecias absolutas de destinos exteriores; ou, noutras palavras, cada Desejo humano fundamental é uma Promissória assinada e avalizada pelo Deus Eterno, pagável no sempre solvente Banco da Satisfação Final. Esta é, em verdade, a boa nova de grande alegria que será para todo o povo: uma mensagem entregue a mentes dispostas, pelo Espírito omnipotente e amoroso da Natureza universal.

O que é a vida para o homem do silêncio?

É aquele estado misterioso que envolve "o Deus desconhecido" — um magnífico esquema de tristeza infinita — a única sequência natural de Dores preexistentes, indizíveis.

O que queres dizer com isso?

Quero dizer que há dois tipos de "Silêncio" — o que resulta de pensamento ou sentimento em demasia, e aquele que é criado e imposto pela ausência dos mesmos. O primeiro evoca o Silêncio como a única verdadeira expressão de amor, adoração, gratidão, devoção; o segundo é esmagado por si próprio, como um deserto de areia quente pela sua própria esterilidade opressiva e desolação isolada. Carlyle fala a partir de um silêncio exaltado:

"Quando olho para as estrelas, elas fitam-me com piedade desde os seus espaços serenos e silenciosos, como olhos a brilhar com lágrimas, por causa do destino do homem. Milhares de gerações, todas tão ruidosas como a nossa, foram engolidas pelo tempo, e já não há registo delas; contudo Arcturo e Órion, Sírio e as Plêiades continuam a brilhar nos seus percursos, claros e jovens como quando o pastor os viu pela primeira vez nas planícies de Sinar!"

O que é o verdadeiro silêncio?

O verdadeiro silêncio é a serva da meditação; é uma boa e fiel amiga daquele que ora em segredo.

O que é a meditação?

A meditação é uma bela rainha-anjo, vestida de branco com a pureza espiritual, entronizada no palácio de cristal da Verdade eterna, na "Casa não feita por mãos" — a Morada de Deus, cujas inúmeras Mansões — aquecidas com Amor, iluminadas com Sabedoria, arejadas com Liberdade, mobiladas com Paz — adornam os campos do Infinito; cada Casa com muitas portas; cada porta abrindo para um novo caminho na peregrinação do progresso; e cada novo caminho conduzindo o viajante a um departamento distinto do Pai-Deus e da Mãe-Natureza.

O que é a vida para o comerciante?

A vida, para o comerciante, tem três fases distintas. Lembra estas palavras — A meditação é a porta que se abre para a presença divina — e responderei à pergunta. Cansado de tanta exteriorização, com a vontade sobrecarregada e regulada pela lógica irresistível de uma necessidade imensa, e embora aparentemente alheado de qualquer pensamento interior, vi um certo homem, mesmo sendo comerciante, tornar-se temporariamente um buscador das bem-aventuranças da meditação. Foi um espetáculo estranho!

Os sentidos firmemente encerrados, protegidos por baluartes à prova do mundo, dentro da sua individualidade consciente, substituindo livros de contas e registos pelo livro da vida, os melhores clientes recusados à entrada, e todo o seu semblante a dizer — "Fechado para balanço?" Sim, vi distintamente esse comerciante a calcular os resultados do seu contato com os outros — lucros e perdas — quanto de felicidade possui e quanto de miséria — e ao ver-se a si mesmo, como uma borboleta, a esvoaçar a sua existência nas páginas fatais do livro de registos, escreve, ao fim da sua retrospeção — "Não compensa." Palavras breves, mas terrivelmente cheias de significado.

Vede como o espírito da época — meio fanático com as chamas interiores de um ousado empreendimento construtivo — desperta e reenergiza esse comerciante. "Não compensa" perder-se em abstrações vagas — e assim, "agradecido pelos favores recebidos, decidido a merecer a continuação do apoio do público", ele reabre as portas e decora as vitrinas: compromete-se solenemente, com mente e força, aos deuses sem graça deste mundo; decide viver, como os seus vizinhos, e tão bem quanto os melhores, alimentando as necessidades sem coração e a febre da moda das horas fugazes; torna-se traidor do seu bem-estar interior, apóstata da retidão pessoal, queima e vasculha os bens e glórias da consciência — ai! que vejo? — Avisos pendem de cada canto da sua alma, a dizer — "Mercadoria danificada a preço de saldo."

E ainda assim, cegado pelos rubores de sucessos ocasionais, avança. A mercadoria oculta da sua alma e todos os seus hábitos tornam-se populares; mas ele venderia abaixo do custo. "Despachar os stocks danificados, queimados pelo fogo da consciência ofendida"; os empregados — os seus pensamentos — são instruídos para os vender; assim o fazem — e o comerciante julga-se vitorioso — o mundo comprado pela sua devoção espiritual a ele; mas, no fim, permanece um terrível resíduo, uma massa de bens arruinados nos armários secretos da sua alma, sobre os quais está escrito, como por mão de anjo poderoso — "Mene, Mene, Tekel."

E o comerciante chora! A derrota caminhou ao seu lado, dia e noite, como um lobo disfarçado, vestido à semelhança da vitória. Ai! demasiadas vezes expulsou da sua alma o espírito da Meditação — recusou entrar pela porta estreita; dia após dia permitiu que o negócio dominasse a sua humanidade, violou as leis do corpo e da mente; e, ofendendo ainda a sua sobrevivente perceção dos Direitos do Homem, está prostrado, impotente, no leito de morte que ele próprio preparou. Um anjo de amizade eterna — a chorar, silencioso, poderoso — permanece ainda ao seu lado. E pendurada sobre cada porta da loja em ruínas, o templo material do ocupante espiritual, está a bandeira da morte, o leiloeiro, a anunciar — "Venda por insolvência; sem adiamento por causa do tempo."

De todas estas perceções sobre a Vida, que regras devemos adotar para promover a harmonia individual e a felicidade social?

Toda a minha resposta concentra-se nas seguintes diretrizes para estabelecer a Dispensação Harmónica:

"Venha o Teu Reino." — Como trazê-lo:

1. Pela manhã, levanta-te com a resolução de nada fazer contra, mas tudo fazer a favor, do Reino dos Céus na Terra.
2. Sendo a felicidade de todos o objetivo, que cada ação do Dia brote de pensamentos bem concebidos e bem desenvolvidos que conduzam à sua realização.
3. À noite, recolhe-te — em Paz contigo mesmo — em Paz com os princípios divinos do Amor e Sabedoria universais.

"Seja feita a Tua vontade." — Como cumpri-la:

1. Sê instruído pelo Passado, e por tudo o que ele te trouxe.
2. Sê grato pelo Presente, e por todas as suas bênçãos.
3. Sê esperançoso quanto ao Futuro, e por tudo o que promete trazer-te.

Observa estas Regras, e as Harmonia do Reino de Deus estarão contigo, e a Paz na Terra e a boa vontade para com os Homens tornar-se-ão realidade.

PERGUNTAS SOBRE TEOFISIOLOGIA

O que é a Natureza?

A Natureza é a manifestação sete vezes multiplicada da Grande Mente Positiva.

O que é a Grande Mente Positiva?

A Grande Mente Positiva é a cristalização de todas as Essências — a focalização de todos os Princípios — num grau totalmente incompreensível.

Está a Natureza separada desta Mente?

Não; aquilo a que chamamos Natureza é a eterna companheira da Divindade — vivendo uma na outra, "tudo em tudo" — como a interdependência mútua de Causa e Efeito.

O que são os Princípios?

Princípios são os métodos imutáveis pelos quais todas as essências são reguladas na sua ascensão de primárias a últimas — da simplicidade à diversificação — de um estado de vitalidade meramente abstrata até à corporificação ordenada e organização permanente.

Está Deus confinado a um centro ou foco no espaço?

O espírito de Deus é um princípio espiritual omnipresente — animando e regulando o todo universal — sendo Ele próprio governado pelas necessidades involuntárias da Sua própria constituição.

Deus conhece todos os acontecimentos, anos eternos antes de acontecerem?

Deus conhece apenas através das inteligências em constante despertar da sua existência universal.

Pode Deus fazer todas as coisas?

Deus não tem poder suficiente para concretizar a autodestruição. Existem, portanto, necessidades intrínsecas à omnipotência.

É Deus um ser em progresso?

Não há aumento nas quantidades de mente ou de matéria; mas no progresso das qualidades e nas permutações não há qualquer limitação.

O universo é ilimitado?

"Ilimitado" é um termo comparativo aplicável apenas ao Infinito, e não ao conteúdo orgânico ou inorgânico do mesmo; o que os homens chamam de Infinito é essa extensão sem margens de espaço onde o universo gira.

Estão os conteúdos do infinito eternamente fixos?

A imutabilidade eterna só pode ser afirmada em relação aos Princípios.

As essências não são também imutáveis?

A imutabilidade é verdadeira em relação às essências apenas quando aplicada às suas incessantes e infinitamente diversificadas mutações. Ou seja, todos os elementos vitais e energéticos são estritamente imutáveis na sua própria mutabilidade.

As essências existem para sempre?

Não existe o não-ser. O Infinito é algo que contém algo. O espaço sem limites está, em todos os momentos, ocupado por campos inimagináveis de matéria e movimento — princípios elementares que se elevam pelas vertiginosas encostas da imensidão, avançando progressivamente em direção à expressão através de organizações vivas.

Não existe nenhum domínio do infinito que esteja inativo?

Não; não há espaço desocupado — nenhum vácuo hospitaleiro àquilo que devesse ser destruído. Nada existe sem corporificar ideias divinas e sem servir propósitos eternos. Tudo o que é bom e útil não pode ser destruído; e sendo que não existe nada que não seja animado por um único espírito de bondade e utilidade, também não existe nada passível de ser aniquilado em todos os domínios do Infinito.

Perde-se a individualidade do homem nas esferas futuras?

Não; nunca! Porque a entidade espiritual do homem, ao contrário da de qualquer ser inferior, é o produto de uma aliança matrimonial indissolúvel entre todos os átomos da matéria e todos os princípios da mente; a forma última de todas as forças, o fruto da árvore universal, e retém a imagem e herda a imortalidade dos seus progenitores divinos.

Qual é a pergunta mais importante?

A pergunta mais importante desta era é aquela que indaga sobre a origem da espécie humana; sobre o aperfeiçoamento do homem desde o seu princípio.

Como pode isso ser alcançado?

Filhos saudáveis e bem constituídos podem ser gerados através de casamentos justos, castos e harmoniosos entre homens e mulheres; por meio da obediência aos doze mandamentos.

Como se garantem tais casamentos?

Casamentos verdadeiros podem ser assegurados pelos pais, ensinando aos seus filhos e filhas a importância dessas relações; e depois, instruindo-os sobre o conhecimento dos temperamentos centrais, deixá-los seguir o seu próprio caminho e escolher com base na sua responsabilidade pessoal. (Ver o 4.º volume de *Great Harmonia*, e *Marriage and Parentage*, de H. C. Wright.)

Mas como compreender a tua filosofia dos temperamentos centrais?

Através da observação e do estudo intuitivo, tal como se obtém conhecimento fiável sobre qualquer assunto, seja ele científico ou religioso.

Não podes dar mais detalhes sobre os temperamentos?

Ainda não; *O Reformador* foi escrito para despertar o mundo na direção do progresso matrimonial; e assim, agitando as águas da vida, desenvolver questões que, um dia, terão resposta; mas esse dia ainda não amanheceu sobre o mundo.

Tais casamentos seriam mais férteis?

Não; as relações nupciais verdadeiras, consumadas sobre uma base harmónica, embora produzam vastas colheitas de alegrias douradas para o mundo semear e colher, seriam menos prolíficas na multiplicação de filhos.

Como explicas essa menor produtividade?

A explicação está no fato de que só o que é motivado intelectualmente e espiritualmente pode conceber e iniciar um casamento de ordem superior; e tais pessoas, sendo superiores ao extremismo, e por isso deficientes nas propriedades germinais do amor meramente sanguíneo, trarão inevitavelmente menos filhos ao mundo — mas muito melhores em todos os aspetos orgânicos essenciais.

O que é o princípio espiritual invisível no homem?

O princípio espiritual é um termo usado nesta Filosofia para designar a influência dinâmica, afetiva e inteligente pela qual a organização humana é animada e governada.

Mas tu dizes, na página 103 do volume I de Great Harmonia, que "a doença é uma falta de equilíbrio na circulação do princípio espiritual." Ora, se esse princípio é organizado, tendo forma e solidez, como afirmas, como pode circular na estrutura física?

A explicação é completa quando acrescento quatro palavras à proposição, assim: a doença é uma falta de equilíbrio na circulação dos elementos superficiais do princípio espiritual. Este princípio espiritual, sendo composto de essências infinitamente refinadas, e mantendo afinidades mais ou menos fortes com os diversos elementos imponderáveis de onde, em parte, derivou a sua substância e individualidade, está sujeito à ação positiva e negativa desses elementos; ou seja, os elementos superficiais que permeiam o princípio espiritual podem ser aquecidos ou expandidos, arrefecidos ou contraídos, pela ação das atmosferas magnéticas ou dos agentes elétricos que, em todo o tempo e lugar, rodeiam o corpo da alma humana.

Deste modo, o princípio espiritual pode ser contraído ou expandido (nas suas zonas superficiais) pela presença de calor ou frio, como é comprovado pela experiência comum, podendo assim perder o seu equilíbrio saudável; nesse caso, o indivíduo é acometido por uma de duas condições — febre ou calafrio — a primeira produzida por um estado positivo ou magnético, a segunda pelo seu oposto, o estado negativo ou elétrico.

Como é que a sensação (existindo parcialmente no exterior do corpo físico), que circula através dos nervos sensíveis, se transmite dos seus próprios canais para outros recetáculos mais interiores e antinaturais, como as membranas mucosas?

A resposta é simples. Embora o princípio espiritual invisível seja uma substância organizada e indestrutível, ele está revestido por um meio transitório — a sensação — suscetível de ser influenciada pelo calor e pelo frio, repelida ou atraída, como já foi explicado. Para ilustrar melhor, devo dizer que "sensação" é um termo usado na Filosofia Harmónica com dois significados.

Quais são esses dois significados?

Primeiro, que a sensação é um ingrediente ou princípio elementar da mente imortal; segundo, que a sensação é um atributo penetrante do corpo espiritual, habitualmente presente nas superfícies externas. Ora, visto que esse atributo está exposto (por

residir nas membranas serosas e nos nervos superficiais) à ação dos elementos do mundo exterior, está também sujeito a ser lançado em diferentes fases de operação, causadas, como antes referido, pela presença e influência de diferentes graus de temperatura.

Podes ilustrar essa proposição?

Sim; a eletricidade atmosférica comum, por exemplo, é capaz de diminuir simultaneamente a sensação superficial e aumentar a sensibilidade das partes interiores; enquanto, por outro lado, o magnetismo atmosférico é suficiente para produzir efeitos precisamente opostos.

Pode uma parte, que contribui para formar uma organização perfeita, ser deslocada e transposta sem provocar desorganização?

Sim; tudo isto — ou seja, uma mudança de ação entre os átomos do sangue e uma mudança de temperatura nos fluidos mais subtis — pode ocorrer sem perturbar, desorganizar ou deslocar, em qualquer grau, as substâncias divinas de que é composto o núcleo mais íntimo do espírito, mesmo que tais mudanças sejam prolongadas e suficientes para destruir as funções fisiológicas e libertar a mente imortal. Compreendes, então, que a Sensação — não como princípio elementar da alma organizada, mas apenas como atributo ou meio — está sujeita a diversas transposições. A isto chamo "perda de equilíbrio" — o início de todas as doenças — sendo o tipo inicial a Febre e o Calafrio.

O que devemos fazer para tornar os outros infelizes?

Poderás ser eficaz na produção de infelicidade alheia, primeiro, tendo uma sede de controlo e uma benevolência tão reduzida que te irrites e te zangues constantemente com os outros (tão bons como tu), cujos temperamentos dominantes diferem naturalmente dos teus; segundo, vivendo praticamente nos planos extremos ou invertidos do Amor-Próprio; ou, terceiro, violando qualquer um dos doze mandamentos, tal como expostos nesta publicação e no segundo volume da *Great Harmonia*.

Quando viajamos por prazer, como devemos proceder para garantir que a viagem se torne miserável?

Poderás alcançar esse resultado de várias formas — primeiro, levando mentalmente contigo todos os teus negócios ou as preocupações da tua casa; segundo, fazendo a mala sem qualquer sistema e levando 75% mais bagagem do que realmente precisas; terceiro, cultivando sentimentos de hostilidade para com qualquer pequeno incómodo e lutando contra os atrasos nas estações; quarto, comendo em excesso e

bebendo líquidos estimulantes ou água quando não tens verdadeira sede; quinto, evitando de forma persistente qualquer tentativa de ventilação e usando mais roupa do que o clima exige; por fim, entregando-te ao teu amor fraternal invertido, pensando nos defeitos de algum conhecido, planeando a sua queda ou invejando a sua boa sorte — presente ou ausente.

Como podemos tornar as crianças nervosas, irritadas e doentes durante uma viagem?

Existem muitas regras, mas nenhuma mais eficaz do que esta: dá à criança um pequeno pedaço de algo para comer a cada quinze ou vinte minutos ao longo da viagem — além disso, proíbe-a de falar depressa; proíbe-a de chorar mesmo quando estiver demasiado tempo contida; proíbe-a de querer correr, e mantém a sua boca meio abafada no peito da ama.

Podes sugerir um plano para garantir, com certeza, essa infelicidade e doença da criança?

Sim! O plano mais seguro, aquele que foi “tentado vezes sem conta” e demonstrou ser altamente eficaz, é este: antes de sair para uma viagem de comboio, enche os bolsos e sacos de mão com uma variedade adequada de brinquedos coloridos e guloseimas. Por exemplo: após os primeiros dez quilómetros de entretenimento — depois de ver o fenómeno fantasmagórico dos campos, cercas, árvores e vilas a moverem-se rapidamente para longe — quando a criança começa a perguntar

"Quando chegamos a casa?", a dar sinais de inquietação, a querer trocar de lugar, etc., então revira os bolsos e entrega-lhe um pau de rebuçado de hortelã; quando este acabar, dá-lhe metade de uma maçã com o caroço; a seguir, se continuar inquieta, uns dois cêntimos de amendoins; isso servirá para cerca de meia hora de distração, após o que as pálpebras fechar-se-ão num sono sonhador de quinze minutos; quando a boca começar a preparar o conhecido choro nervoso e meio irritado, trava-o com uma sandes que tiveste o bom senso de preparar antes da partida; depois oferece-lhe um bolo doce de feira ou — serve também — uns biscoitos caseiros.

Mas à medida que as horas passam lentamente e o nervosismo e infelicidade da criança aumentam, dá-lhe uma dose de medicamento, conforme indicado no frasco; quando a sede for insuportável (após comer a sandes), dá-lhe um gole de água morna que podes encontrar no final da carruagem das senhoras; e agora, ao ver o rostinho angelical parecer novamente feliz, tenta intensificar essa alegria colocando na sua mão um belo e doce laranja.

Não lhe tires a casca nem as sementes; mas como, ao comer a laranja, a cabecinha se bateu contra o canto do assento vizinho e, como resultado, a criança, antes bem

comportada, fica subitamente com febre e dor de cabeça, é agora o momento de dar a outra metade da maçã mencionada; isto deve ser seguido por uma tentativa regular de alimentar o estômago (supostamente) vazio, o qual, devido provavelmente ao golpe na cabeça, não mostra desejo por alimentos sólidos; contudo, não te deixes desencorajar, mesmo que o apetite tenha desaparecido e a febre aqueça a testa — dá-lhe um pedaço de rebuçado de coco ou um pau de alcaçuz, algo muito simples; ao ser rapidamente devorado (uma parte tendo caído numa poça de sumo de tabaco que um cavalheiro fez escorrer por baixo), volta aos rebuçados de hortelã e amendoins, às bolachas e queijo quase esquecidos, às restantes laranjas e maçãs.

E finalmente, assim que saíres do comboio, apanha o transporte mais rápido para casa, com a criança doente nos braços, prometendo-lhe incontáveis coisas: sapatos novos, cavalinhos de madeira, roupas novas, etc.; ao chegares, envia alguém à pressa ao médico mais respeitado da zona, leva-o à tua casa e diz: "Doutor! Faça qualquer coisa, rápido, pela nossa criança. A minha mulher e eu (não tendo levado paregórico connosco) fizemos esforços incansáveis durante toda a viagem para manter o nosso querido quieto. Por volta do meio-dia notámos que a sua testinha estava quente."

Sem apetite desde manhã — não conseguiu almoçar connosco — e não foi capaz de ingerir qualquer alimento! Oh, meu Deus — faça qualquer coisa pela criança! O que fizemos nós para sermos assim visitados e afligidos pela Providência? Doutor! O que se passa? Ao que esse cavalheiro responde, gravemente: "Pulso indicativo de febre elevada — irritação gástrica — ameaça de convulsões — uma diarreia perigosa — inflamação dos intestinos — escarlatina — possibilidade de hidrocefalia — poderei dizer com mais certeza amanhã de manhã."

Se a nossa criança morrer, o que deverá ser pregado no seu funeral?

Deveis chamar o amigo mais distinto e colaborador do vosso médico, ou seja, o pastor mais respeitável da cidade. Na oração, ele deverá informar o Sobrenatural de que reconhecemos este evento — o arrancar desta rosa do seu pé materno — como mais um aviso (aos que ficam) para que acreditem no Senhor Jesus e na sua morte pelos pecadores.

No sermão, deverá discursar com comovente eloquência e lágrimas nos olhos sobre os misteriosos caminhos da Providência, sobre a incompreensibilidade dos desígnios de Deus para o homem, sobre a doutrina de que Deus dá e Deus tira; concluindo com uma oração patética sobre a crença de que o jovem espírito partiu "para o lar de onde nenhum viajante retorna", partiu para as regiões do incompreensível, para o misterioso mundo inalcançável, exceto por "fé" nos padrões reconhecidos da verdade evangélica.

Como tornar uma criança calma e feliz durante uma viagem?

Adotando um comportamento diametralmente oposto ao anteriormente descrito. O entusiasmo da mudança e do movimento — e não o esforço em si — é o que provoca um desejo fictício de comer. Crianças e adultos precisam de muito pouco alimento durante uma viagem — devendo comê-lo o mais próximo possível dos horários habituais em casa. Mantendo esse equilíbrio, a viagem, mesmo que à volta do mundo, será alegre e praticamente isenta de cansaço.

O que é o olho?

O olho é o portal através do qual a alma observa o universo: a luz do corpo; o Mestre Artista na Academia pitoresca do Design intelectual; é a imagem de um princípio.

Que funções estão atribuídas aos órgãos da visão?

À organização visual estão atribuídas três funções — Primeira: pintar a sombra exata dos objetos exteriores sobre a tela invisível e abrangente chamada Imaginação; Segunda: estabelecer e regular a Memória, iluminando e expandindo a compreensão; Terceira: descobrir, no deserto das experiências humanas, os caminhos sempre agradáveis e sempre atrativos da Sabedoria Pura — caminhos que começam no vale mais baixo, mesmo ao pé do berço da vida, serpenteando ao redor da vasta base da existência rudimentar e, a partir daí, com uma transição impercetível, prosseguem em espiral ininterrupta por uma galáxia interminável de lares dourados em firmamentos eternos.

Compreende-se a filosofia da visão?

Não; a filosofia da visão humana ainda é pouco compreendida. Se se dissesse que a bela estrutura do globo ocular é um fiel representante das três grandes Leis da Natureza, os médicos sorririam; e, no entanto, o que é mais familiar ao oftalmologista do que a classificação científica das membranas e humores visuais?

AS MEMBRANAS
1.º A esclerótica e a córnea
2.º A coroide e o corpo ciliar
3.º A retina, ou membrana mais interna

OS HUMORES
1.º O aquoso (ou líquido)
2.º O cristalino (lente)
3.º O vítreo (ou vítreo-gelatinoso)

Aqui se indica a presença e ação de uma trindade de Leis vivas, que se expandem em organizações correspondentes.

Está o ouvido construído de forma semelhante?

Sim; como qualquer outro órgão no império animal ou mental. O ouvido, por exemplo, é composto por três partes anatómicas:
1.º A cartilagem enrugada, ou ouvido externo
2.º O tímpano, ou ouvido médio
3.º O labirinto, ou ouvido interno

E, por classificação científica, aprendemos que o labirinto é formado por uma cavidade triangular chamada vestíbulo, pela cóclea e pelos canais semicirculares. Eis, mais uma vez, a atuação das leis trinas.

O que é a língua?

A língua é um padrão de julgamento para toda a organização digestiva; além disso, é o mais fiel e verdadeiro intérprete da alma.

Como é que a língua é uma fonte de julgamento?

Através das suas capacidades sensoriais. Devido à precisão admirável dos seus nervos impressionáveis, a língua é capaz de discernir, tanto na saúde como na doença, quais os alimentos e bebidas que melhor servem ao estômago; neste juízo, ela é mais sábia do que todos os sistemas dietéticos inferenciais dos químicos ou fisiologistas, e, quando devidamente ouvida e obedecida, salvará todo o corpo de extremos e dissonâncias físicas. Assim, cada língua deve ser seu próprio juiz.

Se isso for verdade, por que razão se queixam de doença aqueles que "se entregam aos apetites" e propagam enfermidades?

Porque, nos dias de imprudência juvenil, violaram esse padrão de gosto que é supremo na língua. O álcool, o ópio e o tabaco foram originalmente forçados para dentro da boca, contra as repetidas advertências das sensibilidades linguais, até que a violência e a afronta estabeleceram um reinado de silêncio temporário sobre a língua e a consciência. Mas os "males" de dias, meses ou anos acabaram por falar a linguagem da condenação e apelam à vontade paralisada para iniciar a obra da reforma pessoal.

Quais são os usos da língua?

A função deste instrumento inestimável é quádrupla — Primeiro, informar o olhar do médico sobre o estado secreto dos nervos simpáticos e centros ganglionares;

Segundo, revelar ao ouvido da amizade as afeições e emoções do coração; Terceiro, transformar os pensamentos mais profundos da inteligência em sons que o espírito ouvinte pode recordar durante séculos; Quarto, comunicar as lições sempre atrativas que almas livres e progressivas absorvem do sistema vital do Infinito.

Quando é que a língua é mal utilizada?

Quando é forçada a acolher algo que não condiz com o seu infalível padrão de justiça. Bem sabes que a tua perceção dos sabores não nasceu de uma compreensão intelectual original dos mesmos; não — as faculdades intelectuais adquirem o seu conhecimento acerca de alimentos e bebidas a partir dos testemunhos e advertências fornecidos pela três vezes mais sábia língua; que, se ouvida com inteligência e consciência, ergueria de imediato uma barreira eterna contra a invasão de incontáveis medicamentos e dos hábitos epicuristas tão ortodoxos e na moda nos nossos dias.

Tanto para o humano como para o animal, quer em saúde quer em doença, existe uma regra que é sempre segura — a saber: pergunta ao órgão do olfato que odores te agradam, e ao órgão do gosto que sabores te são prazerosos, e então come e bebe (como indicado no 4.º volume da *Harmonia*); o nariz e a boca avisarão a tua Razão de que um gole de líquido ou uma dentada de pão depois da sede saciada ou da fome satisfeita é excesso desperdiçado e prejudicial, semeando hábitos de intemperança e as sementes da doença.

Quando é que a língua se torna um instrumento de tortura?

Quando grita "Crucifica-o! crucifica-o!!" — palavras que, sem trazerem qualquer boa nova, colocam poderosas armas de perseguição nas mãos dos ignorantes e dos preconceituosos. Acautela-te da língua que se deleita nas causas ocultas e nos pormenores privados das amizades desfeitas; que propaga o mais recente relato de infortúnio ou calúnia sobre indivíduos e famílias da vizinhança, ou sobre disputas de nações em terras distantes.

Quando é que a língua é um anjo de misericórdia?

Quando, aquecida por um coração transbordante de ternura, pronuncia as palavras daquela Amizade que não pode ser comprada pelos dons dourados da prosperidade nem vendida quando a desgraça envia um leiloeiro para dispersar os teus bens transitórios.

Quando é que a língua é o mais nobre amigo do homem?

Quando proclama, com voz de trovão, os princípios irreversíveis do Amor, da Sabedoria e da Liberdade, em favor de todos os povos e de todas as raças humanas; contra o ódio perverso dos tiranos, contra o despotismo desenfreado das monarquias, contra a amargura e intolerância dos religiosos, contra toda instituição que atue em oposição à liberdade mais ampla de qualquer ser que traga a imagem da humanidade.

Quando é que a língua é promotora de prazer?

Quando oferece anedotas instrutivas ao círculo da amizade, e quando, sem ironia nem sátira, põe em movimento harmonioso as engrenagens do Espírito, do Humor e da Alegria convivial. No entanto, a arte de contar histórias (segundo Dean Swift) está sujeita a dois defeitos inevitáveis: repetição frequente e esgotamento rápido — razão pela qual quem valoriza esse dom em si, precisa de ter boa Memória e mudar frequentemente de companhia.

Qual é a utilidade do corpo humano?

A utilidade do corpo humano é moldar, organizar e desenvolver o seu Princípio interno — chamado alma, mente, espírito — uma entidade consciente e indestrutível.

E qual é a utilidade da alma, mente, espírito?

A utilidade do espírito, como foi dito no primeiro capítulo, é o problema indefinido do próprio espírito — um mistério que talvez possa ser dissipado por uma curta sentença, a saber: dar expressão consciente e inteligente aos atributos eternos do Pai-Deus e da Mãe-Natureza.

O princípio pensante do homem — o seu espírito — é extraído ou obtido daquilo que ele respira, come e bebe?

O corpo espiritual do homem (que contém o seu ser mais íntimo) é elaborado e moldado, através dos vários órgãos corporais, a partir de substâncias não-atomizadas extraídas do ar, dos alimentos, da água e dos vários princípios imponderáveis. Mas o íntimo do homem — o seu princípio espiritual — é uma essência divina.

QUESTÕES SOBRE O DESPOTISMO DE OPINIÃO

Quantas formas de despotismo existem?

Existem três formas de despotismo - duas são institucionais; uma, é individual - a saber, o despotismo político, o despotismo eclesiástico e o despotismo de opinião.

O que pode ser dito acerca da América do Norte como país?

Considerado politicamente, e apesar da justificativa que apresenta com relação à escravatura, a América do Norte, enquanto país, é o mais livre e o melhor. Mas conquanto a França, Inglaterra e a Alemanha trabalhem sob inúmeras formas de opressão, gozam de uma maior liberdade de opinião. Na América, o despotismo de opinião é enorme. Está gradualmente a tornar-se menos poderoso, segundo me parece; ainda assim, governa as massas. Isso leva à organização da moda — à imitação — a um padrão de juízo pelo qual as maiorias governam as minorias, os fortes os fracos, o poder é confundido com o direito, e as piores formas de tirania e as melhores fases da liberdade coabitam lado a lado à sombra da bandeira da nação; sintomas de alterações futuras.

O que quer dizer com opinião?

Por opinião, não quero dizer nada que seja demonstrável — como os fatos da história, os fenómenos da ciência ou os princípios da filosofia: estes são suscetíveis da demonstração mais completa. A opinião, ao contrário, é vagabunda, divaga pelos campos da lógica percetiva — é filha ilegítimo do intelecto — uma espécie de bastarda, por assim dizer, cuja ascendência nunca pode ser totalmente traçada nem definida legalmente. A opinião, pois, não deriva de nenhum fato devidamente determinado, de nenhum princípio estabelecido. Se derivasse, não seria mais opinião, mas conhecimento absoluto, o que exclui a opinião.

Que origem terá a opinião?

Opinião é concebido e trazido por fontes tais como as inferências, as deduções, as presunções, como as suposições, os palpites, os erros, as distorções, incompreensões: tudo isso são os ovos, cada qual o centro da opinião insignificante; cada qual germe de despotismos procriadores, gerados por mentes tacanhas e instituições que consomem tempo. O sobrenaturalismo e as teorias metafísicas brotam de conjeturas — as quais, tornando-se numa opinião, por consentimento geral e não por entendimento, atingem a autoridade e negam a partir daí o direito à livre discussão individual.

Que foi que constatou pela investigação?

Pela investigação, adquiri o seguinte conhecimento - que toda teologia é uma teoria despótica, uma opinião; e nada mais.

Estabelece alguma distinção entre a teologia e algumas das doutrinas de Jesus?

Estabeleço; as doutrinas de Jesus, concernentes à moralidade e ao espiritualismo, são compostas de verdades imutáveis. A teologia, ao contrário, não se baseia nos fatos e princípios da natureza, mas, como já foi referido, em inferências, pressupostos, pressupostos, que se tornaram despóticos como qualquer outra opinião. O conhecimento não comporta qualquer escravidão: a opinião não goza de liberdade. A opinião é a construtora de masmorras; o inventor e proprietário de câmaras de tortura e de bastões de ferro; o grande inquisidor que primeiro acende o fogo do mártir e depois executa os seus terríveis juízos.

Esse é o despotismo da opinião. O conhecimento absoluto, por ser intrinsecamente positivo, impossibilita toda a opinião; sempre independente da mera crença. Refiro-me, naturalmente, a um conhecimento como aquele que toda a alma adquire pela atividade através de seus canais apropriados de consciência; aquilo que, no devido processo de crescimento integral, se torna Sabedoria. E repito a afirmação de que a teologia da igreja é apenas uma opinião, uma crença subjetiva; destituída daquele conhecimento que ele se arroga.

Pode apresentar alguma evidência que fortaleça tal afirmação?

Posso; a teologia da igreja, por exemplo, segundo creem as pessoas que, em geral, ignoram completamente a extensão da natureza; as suas leis, as suas funções, as suas relações, as suas harmonias, nunca são percebidas pelo crente numa teologia lúgubre. Mas a mente sectária, "instruída a nunca se desviar tanto quanto até ao percurso solar," estuda geografia, porventura, e encara este globo como o centro, e o sol, a lua e as estrelas, como outros tantos assistentes supranumerários e providências especiais da necessidade de salvação humana. A nossa terra, o centro da criação! Uma esfera estacionária, a maior e mais importante, sobre cuja imperturbável majestade todo o céu gira! E os habitantes da terra, a principal de todas as preocupações do Divino.

Não superamos essa ideia contraída?

Superam; graças a deus! A alma elevada da Ciência ultrapassou as limitações da ignorância — a fonte prolífica da velha teologia — e o conhecimento lento, mas

seguramente em desenvolvimento, do homem reprimiu as marés dos mares mortos do erro e estabeleceu limites para o despotismo da opinião.

Onde foi que o mundo obteve a ideia de que este globo era o centro do universo?

O mundo recebeu-a das tribos orientais. O Gênesis ensina a posição suprema, o tamanho e a importância desta terra; o Sol, a Lua, a miríade de Estrelas, essas são subordinadas e subservientes. Mas a "Via Láctea " foi há muito agitada pela Astronomia e dividida em vastos grupos constelados, cuja magnitude de alguns é suficiente para encher até cima todo o sistema planetário — superando a vasta órbita de Neptuno — aumentando e expandindo-se para as imensas profundezas do espaço além!

Pode ilustrar a ideia que tem dessa magnitude planetária?

Posso; "Alcyone," a título de exemplificação, é o nome de uma das estrelas mais brilhantes na constelação Plêiades. Em torno desse magnífico centro, toda a nossa fraternidade solar — o Sol e a sua vasta família de planetas — viajam velozmente, sem ruído, sem cessar, sem um momento de repouso, sem um momento de fadiga. E, no entanto, como um Homem de harmonia, respiratório e harmonioso, a nossa organização planetária permanece aparentemente destituída de animação, perto do centro de um leito generalizado de estrelas entrelaçadas e habitadas.

Aos sentidos externos, ela parece estar a dormir e a sonhar no sofá do Infinito. Não obstante, qual (inércia aparente), o nosso corpo solar viaja à velocidade assustadora de quatrocentos mil quilómetros por dia; e, no entanto, embora a sua velocidade seja tão grande, requer dezoito milhões e duzentos mil anos para que o nosso sol visível e as suas dependências planetárias girem uma vez em torno de "Alcyone!"

Essa primária (Alcyone A) é quase cento e dezoito milhões de vezes maior em magnitude do que o nosso sol; o que uma vez mais, como vocês bem sabem, é muitas vezes maior que a Terra ou qualquer outro globo afim. Algumas estrelas ainda se encontram tão distantes que trinta milhões de anos mergulharão no oblívio, e quantidades infinitas de seres humanos viverão e morrerão na matéria, antes que a sua luz possa alcançar o nosso globo! Mas isso ajudá-los-á na vossa conceção a lembrar que a luz pode propagar-se a duzentas mil milhas por segundo.

Com essa revelação da Natureza diante de nós, o que haveremos de pensar das ideias cosmológicas orientais — da base da velha mas popular teologia, — do Gênesis, que faz da terra o centro de todas as criações e dos habitantes da terra a fonte de problemas infinitos para a Divindade!

Supondo que um homem deva estudar astronomia e compreender algo da sua imensidão; não haveria ele, caso discordasse, ainda assim acreditar nas doutrinas da teologia?

Sim; a teologia é forçosamente alvo de crença da parte daqueles que são constitucionalmente discordantes — por aqueles que sentem os males internos — que daí inferem a existência de demónios — e possuem, como pensam, evidência interna de uma depravação total. É fato curioso que as pessoas mais cruéis são as que mais creem nas punições literais e futuras do inferno. Os que são suficientemente infelizes para serem ladrões, mentirosos, salteadores de estradas, piratas, detentores de escravos e diáconos ávidos de dinheiro, são crentes desses, e por vezes, igualmente adoradores dos horrores e decretos atrozes da teologia popular.

Quando é que a mente perde essa crença?

"Quando a mente está em equilíbrio — quando a pessoa se torna relativamente harmonizada e tão civilizada em questões religiosas quanto na política atual e nos lugares comuns da vida — aí, a teologia popular a deixa tão natural e rapidamente quanto as bestas das florestas fogem ante a marcha pacífica da humanidade.

Não será a teologia sombria natural para certos temperamentos?

É; A teologia é objeto natural de crença por parte daqueles que possuem grandes órgãos de prudência, sigilo e consciência mórbida. Esses temperamentos tomam o discernimento ou espírito crítico sob custódia. É fato igualmente curioso que a velha teologia (enquanto opinião) nunca penetre nos *aposentos superiores* da mente. Ela vai muito além — espreitando nas cavernas e retiros escuros do cerebelo — como um urso polar por vezes, e como uma víbora, que se mantém retirada por conhecer o seu lugar.

Essa afirmação não encerrará muita injustiça?

Longe disso; ao fazer essa afirmação, não esqueço que a teologia popular recebe apoio de muitos homens e mulheres talentosos, conscientes e benevolentes. Mas não valerá a pena lembrar que os mais inteligentes e corajosos de entre os seus apoiantes foram apologéticos do sistema? Não terão fracassado todos em justificar a teologia pelas faculdades intelectuais da humanidade? O Dr. Adam Clarke, por exemplo, sentiu necessidade de escrever um comentário elaborado sobre a Bíblia.

Por que razão escreveu o Dr. Clarke o seu comentário?

Ele escreveu-o simplesmente para oferecer uma apologia explicativa da natureza humana por se acreditar naquilo que uma razão inteligente e saudável há de eternamente repudiar.

O que é um comentário?

Um comentário é uma tentativa, em muitos casos, de *defender* e *desculpar* uma questão que é considerada impossível, ambígua, contraditória ou improvável. Pudessem vocês observar as *causas* iniciais e incipientes dos diversos comentários sobre a Bíblia, e estou certo de que haveriam de ficar surpreendidos ao descobrir que *cada* escritor trabalhou com base numa necessidade pessoal de desagrado; um método de dissipar os protestos positivos das faculdades intelectuais e da intuição. O recente trabalho académico do Dr. Beecher - "O conflito das Eras" - é o esforço mais malsucedido de um apologista talentoso por satisfazer as demandas da razão humana; por subjugar o "conflito" existente entre as suas próprias faculdades inferiores e superiores. Os últimos cinquenta anos são notáveis pelos sermões apologéticos.

A presença do mal no mundo não convence muitos da teologia antiga?

Sim; a teologia, enquanto opinião, é sustentada por inúmeras mentes honestas, e isso porque não conseguem compreender a origem, a natureza e a cura do mal. (Essas pessoas deveriam ler *A Grande Harmonia*.) Consideram o mal como algo absoluto, e não como algo relativo e condicional. Muitos acreditam que o mal resulta da violação dos mandamentos verbais de Deus; não percebem que os males e pecados (assim chamados) têm origem, antes de tudo, na ignorância do homem acerca da sua própria natureza e no consequente abuso dela.

Como pode a filosofia ajudar o mundo?

A Filosofia Harmónica prestará ao mundo um serviço monumental ao explicar a natureza e demonstrar a cura do mal — algo que a teologia não pode fazer. Porquê? Porque a teologia é uma opinião — baseada, como já vimos, em inferências, induções, presunções, etc., e não no Conhecimento, que não coabita com opinião nem com fanatismos despóticos.

Que outras causas levam as pessoas a acreditarem na teologia?

A teologia é acreditada por pessoas que, sendo mentalmente condicionadas desde a infância, prestam agora homenagem ao altar da religião popular e educacional; o que deixariam de fazer se percebessem que toda a verdadeira religião é inata, não

ensinada — que toda a vida autêntica provém de dentro, é inata e divina, e não absorvida, como uma esponja bebe água.

Quem professa acreditar na teologia?

A teologia é professada por pessoas que adoram nos altares das políticas, conveniências, medidas de compromisso, evasivas, etc.; por pessoas que consideram o Princípio muito bom na poesia e na metafísica — adequado a reformadores fanáticos e revolucionários — como demonstrarei mais adiante.

A teologia popular desapareceria com o advento do conhecimento verdadeiro?

Sim; é impossível a uma pessoa inteligente acreditar nos mitos do antigo Egito.

Qual tem sido a experiência daqueles que procuraram o conhecimento no império da natureza?

Esta questão exigiria uma compilação cuidadosa da história da ciência e um capítulo descritivo da oposição teológica à investigação independente. Como é uma "questão delicada", o leitor permitirá que eu me cale durante vinte minutos e ceda a palavra ao *Weekly Pennsylvanian*, que responde:

"Acreditamos firmemente, não só que o mundo está a tornar-se mais sábio, mas também melhor — e nada contribuiu mais para esse estado desejável de coisas do que a precisão e solidez do saber moderno. As névoas e superstições que ofuscavam o intelecto das eras passadas foram, em grande parte, dissipadas, e os homens começam a raciocinar por si próprios, e o povo está disposto a ser guiado pelo que está de acordo com os ditames do bom senso. Os educadores da juventude e os divulgadores das verdades científicas já não têm medo de seguir as inspirações do génio, temendo a opinião pública bruta que, outrora, fazia de nações inteiras tolas ou loucas.

"Quando a crença na imobilidade da Terra era universal, Copérnico concebeu a ideia de que o Sol era o centro do sistema e que a Terra era um planeta, como Marte e Vénus, e girava em torno do Sol. No entanto, este fundador de uma nova astronomia foi excomungado pelo Vaticano, em 1543, por defender doutrinas heréticas — sentença esta que a corte papal só anulou em 1821.

"Quando Galileu, seu grande seguidor na causa da verdade científica, foi lançado na prisão da Inquisição, em 1633, foi forçado a renunciar solenemente, de joelhos, perante uma assembleia de monges ignorantes, com a mão sobre o Evangelho, às gloriosas verdades que havia ensinado, declarando que a Terra estava imóvel. Ao levantar-se da sua posição humilhante, exclamou indignado, batendo o pé: 'E, no

entanto, ela move-se!’ Por isso, foi novamente condenado aos calabouços por tempo indefinido, sendo obrigado a repetir semanalmente, durante três anos, os sete salmos penitenciais de David.

“Mas o sistema copernicano está agora estabelecido e recomendou-se ao mundo científico através da tribulação. Que Tycho Brahe, Kepler, os Herschel e Newton tenham podido anunciar os resultados dos seus trabalhos em paz deve-se a outras causas e deu-se apesar da natural e universal tendência a sustentar o erro.

“Galileu e Sócrates são exemplos dos sacrifícios feitos por homens em nome da verdade, em circunstâncias adversas, contra preconceitos e superstições de épocas ignorantes. Colombo, Fulton e Franklin foram todos alvo de oposição no seu caminho de descoberta — e só os seus triunfos reais e incomparáveis os salvaram de serem tomados por loucos.

“Quanto deve o mundo a Leibniz, Leverrier, Lambert, Miguel Ângelo, Delambre, Descartes e Galvani, pelas suas dolorosas e laboriosas investigações matemáticas, composições de forças e grandes análises! Elimina-se as suas descobertas, e tudo se torna escuro, caótico e entregue à incerteza.

“Era moda, há vinte anos, negar que a Terra tivesse mais de seis mil anos, mas as investigações geológicas do Dr. Buckland, do Professor Silliman, do Dr. John Pye Smith, de Lyell, do Presidente Hitchcock e de outros provaram, com fatos irrefutáveis, que a Terra deve ter existido durante centenas de milhares de anos. E, no entanto, longe de essas investigações conduzirem ao ateísmo, conduzem ao verdadeiro conhecimento da natureza. Aqueles que insistem numa existência limitada estão prestes a negar, ainda que indiretamente, a existência de um poder divino e a desmantelar todo o edifício da teologia natural.

“A suposição de Chateaubriand — de que a Terra foi criada tal como está, com os seus milhões de conchas fósseis incrustadas nas rochas — destruiria todos os fundamentos da teoria de Paley e conduziria ao mais flagrante ceticismo. Se as montanhas, envelhecidas pelo tempo, não dão provas de terem ardido com fogo vulcânico por séculos — se os ossos dos peixes, com as suas barbatanas, não foram feitos para se mover — se os olhos dos insetos fósseis não foram feitos para ver — então as mais admiráveis adaptações do corpo animal não demonstram desígnio, nem apontam com certeza infalível para o grande Arquiteto e Criador.

“E, contudo, quantas vezes as descobertas da ciência verdadeira passam sem reconhecimento, enquanto os diversos sistemas de charlatanismo obtêm o favor do público. William Harvey, que descobriu a circulação do sangue, foi alvo de calúnias e perseguições que arruinaram a sua prática e o lançaram na pobreza, enquanto os inventores de ‘pastilhas para a tosse’, ‘amargos milagrosos’, ‘comprimidos para o

fígado’, etc., vivem na opulência, vestidos de púrpura e linho fino. Antes do tempo de Francisco I, no início do século XVI, os cirurgiões estancavam o sangue, após amputar um membro, com a aplicação de piche a ferver sobre o coto.

“Ambroise Paré, cirurgião principal do rei, introduziu o uso do fio de sutura. Levantou-se um clamor, e este experiente cirurgião foi vaiado e ridicularizado pela faculdade de medicina, que zombava da ideia de ‘suspender a vida humana por um fio’, quando o piche fervente era prática comprovada há séculos.

“Quando Paracelso, da Suíça, introduziu o uso de antimónio como medicamento, por instigação do Colégio Médico, o Parlamento francês votou que era crime e aprovou uma lei tornando penal a sua administração para qualquer doença.

“Os Jesuítas introduziram na Europa a casca do Peru (quina), e em Inglaterra o medicamento foi imediatamente rejeitado como uma invenção do pai da mentira. Frederico, o Grande, tomou-o apesar dos protestos dos seus médicos — e recuperou rapidamente a saúde.

“Em 1792, o Dr. Groerevett descobriu o poder curativo da mosca espanhola contra a hidropisia, mas mal começaram a circular os relatos das suas curas, foi de imediato encarcerado em Newgate, por mandado do presidente do colégio de médicos, por ter prescrito cantharides por via interna.”

Lady Mary Montague, que passara algum tempo na Turquia, foi a primeira a introduzir a inoculação da varíola em Inglaterra, após ter testemunhado os seus efeitos benéficos durante a sua estadia no estrangeiro. Experimentou primeiro nos seus próprios filhos, e o povo foi ensinado a apupá-la como uma mãe desnaturada, que arriscara a vida dos seus próprios rebentos.

A classe médica insurgiu-se, profetizando fracasso e consequências desastrosas, e o clero discursou dos púlpitos sobre a impiedade de se tentar retirar os acontecimentos das mãos da Providência. Ela protestou que, nos quatro ou cinco anos após o seu regresso, raramente passava um dia sem se arrepender do seu empreendimento patriótico, e jurou que jamais o teria tentado se previsse a perseguição e os desgostos que isso lhe traria.

Quase o mesmo destino recaiu, por um tempo, sobre Dr. Jenner, o descobridor da vacina. O Colégio Real de Médicos recebeu a sua descoberta com escárnio e desprezo. Até a religião e a Bíblia foram usadas como instrumentos de ataque contra ele. Erham, de Frankfurt, tentou seriamente, com citações das partes proféticas das Escrituras e dos escritos dos Pais da Igreja, provar que a vacinação era o verdadeiro Anticristo.

Assim foram alguns dos muitos resultados da ignorância, do preconceito e da intolerância. Espera-se que, com a escola comum, a academia, a universidade, com os poderes de uma imprensa livre, com as salas de aula científicas e a disseminação geral do conhecimento sólido, se tenha conquistado um terreno firme contra as marés da intolerância, da ignorância e da superstição — e que as suas ondas escuras rolem agora de volta sobre si mesmas, deixando em paz a superfície serena de uma humanidade em elevação e nobreza.

Espera-se que, com o conhecimento verdadeiro — a cada dia mais difundido — com a invenção de máquinas úteis que poupam trabalho, com a força do tear e da bigorna, com o motor a vapor e o telégrafo elétrico — chegue, ou já tenha chegado, o dia em que disparates e absurdos já não serão tolerados, mas o ser humano, em todo o lado e em todas as ocasiões, lidará com fatos, não com fantasias; dirá verdades, não devaneios nascidos das incubadoras dos tempos sombrios para espalhar sofrimento pelo mundo. Que chegue — e que seja bem-vinda — a era do bom senso, das visões corretas, do conhecimento útil — tanto mais útil quanto mais verdadeiro.

Como poderá o conhecimento assumir a autoridade que hoje pertence à opinião nas igrejas?

O conhecimento pode substituir a opinião nas igrejas modernas por meio da convocação de uma **"convenção de credos"** e da publicação dos seus resultados ao mundo. Ou seja: que se reúna um senado de líderes cristãos e anti-cristãos, com representação plena de cada sistema. Cada credo contém uma parte de verdade, um fragmento de princípio que o rival não possui.

Quem poderia ser excluído de tal Convenção?

Ouve o eco: "Quem poderia ser excluído de tal convenção?" Quem seria negado a um lugar neste senado? Quem seria considerado intruso — quem, por causa da sua opinião, proibido?

Quem poderia ser ostracizado — poderia ser Fenelon?

"Fenelon?" — com a sua convicção soberana de que as boas obras e a caridade testemunham a regeneração da alma?

Quem poderia ser votado como estrangeiro — poderia ser Lutero?

"Lutero?" — com a sua doutrina da justificação pela fé, o elemento inspirador e princípio conservador do carácter?

Quem poderia ser excluído — poderia ser Santo Agostinho?

"Santo Agostinho?" — apesar da sua sombria visão da natureza humana como majestosamente arruinada?

Quem poderia ser repudiado — poderia ser Calvino?

"Calvino?" — com as suas frases lógicas sobre presciência, livre arbítrio, necessidade e a natureza humana decaída, sem progresso nem expansão?

Alguém poderia ser ignorado — poderia ser Channing?

"Channing?" — com a sua crença nas capacidades ilimitadas do homem e no seu crescimento sem fim?

Poderia um cético ser omitido — poderia ser Hume?

"Hume?" — com a sua doutrina da experiência como teste da verdade?

Poderia alguém ser considerado herético — poderia ser Wesley?

"Wesley?" — com a sua ideia central de uma Missão Evangelizadora?

Poderia um Quacre ser proibido — poderia ser George Fox?

"George Fox?" — com a sua doutrina de que o Espírito infalível de Deus habita em cada peito regenerado?

Poderia um crítico ser rejeitado — poderia ser Voltaire?

"Voltaire?" — com a sua crença de que o que os homens chamam "verdade" é, quase sempre, dois terços de fábula?

Poderia algum visionário ser proscrito — poderia ser Swedenborg?

"Swedenborg?" — com a sua impressão de que o universo exterior é apenas a indumentária e imagem da existência espiritual?

Poderia algum liberal ser excluído — poderia ser Thomas Paine?

"Thomas Paine?" — com a sua convicção de que a Razão é a única Revelação fiável e suficiente como regra de fé e conduta?

Poderia alguém ser tabuado — poderia ser John Murray?

"John Murray?" — com a sua crença na santidade e felicidade finais de toda a humanidade, e na restauração de todas as coisas?

Poderia alguma mulher ser repelida — poderia ser Ann Lee?

"Ann Lee?" — com a sua doutrina sobre a diferença entre a igreja judaica e a cristã gentia, a carnalidade do casamento exterior e a inspiração contínua?

Poderia alguma pessoa, que professe ser honesta, ser excluída — poderia ser Joseph Smith?

"Joseph Smith?" — com a sua doutrina de uma nova Jerusalém, na forma de uma organização Mórmon?

Poderia alguma mente de destaque, na América ou do outro lado do Atlântico, ser negada representação neste senado de credos?

O **eco ainda responde**: "Poderia alguém ser excluído?" Não; pois estes líderes — ou melhor, os seus seguidores — são incapazes de fazer estimativas verdadeiras uns dos outros. Cada sistema, tendo apreendido e incorporado uma parte da verdade, e sabendo pouco ou nada sobre o seu vizinho, reivindica infalibilidade nas suas declarações. A opinião torna-se lei. Cada um investe contra o outro com desespero e rancor.

Em vez de se alegrarem e regozijarem na eloquência, empenho e esforços mútuos pelo bem da humanidade, e de cooperarem fraternalmente, as seitas recusam hospitalidade e conhecimento mútuo, e esforçam-se por impor um só credo a toda a humanidade, como sendo a soma da verdade religiosa. Separam-se em organizações fanáticas — revelando tolice e malícia, paixão e imbecilidade — e assim derrotam o bem que os seus melhores crentes tinham em vista.

O que se pode dizer dos padres e das igrejas?

Padres e igrejas, sem o saberem, abandonaram o caminho da verdade. A dignidade de um princípio eterno foi atribuída a meras opiniões: e as sombrias doutrinas da teologia tendem a rebaixar a mente e a mergulhar o ser humano na desolação.

A influência clerical é contrária à unidade humana?

Sim; os padres separaram-se dos outros em posições sociais mais humildes, e fomentaram a desconfiança entre os homens.

Qual é a teologia dos padres?

A sua teologia é um composto de amor e ódio, de céu e inferno, de recompensas e castigos; e os seus pregadores, ainda que inconscientes, respiram o espírito da divisão e da intolerância humana, mesmo quando o seu tema é "amor". Assim,

dividem os homens e sacrificam os interesses dos indivíduos nos altares manchados de sangue das seitas e do sacerdócio. Não são amigos do pensamento livre, da palavra livre, da ação livre. Têm medo do coração humano; procuram difamar e limitar as suas atrações ordenadas por Deus. A opinião ensina a corrupção da razão, e a traição das suas melhores inspirações. A opinião proclama a superioridade das tradições passadas sobre as verdades do presente. E os padres prefeririam que a Geologia mantivesse os seus segredos, e que a Astronomia ocultasse a sua luz estelar, a ter de ver as suas doutrinas desacreditadas — doutrinas que assentam em crónicas antigas.

E se deixarmos os credos e as igrejas, o que faremos então?

Seremos livres para nos comunicarmos com as revelações divinas da nossa **Mãe-Natureza**. As suas doces vozes melodiosas são sempre animadoras; as suas revelações são sempre bem-vindas aos seus filhos. Ela convida-nos a adorar na **catedral da imensidão**. Os seus ministros são a terra expandida, os céus desdobrados, as estrelas acima, as esferas que se expandem para além das profundezas, e todos os miríades de seres que nelas vivem e amam.

O universo imutável — tanto positivo como negativo, tanto material como espiritual — é o teu Livro Sagrado! Eis a Palavra do Pai-Deus — contendo as suas promessas, os seus propósitos, os seus princípios — superior às tipografias a vapor, e ao despotismo da Opinião! Um estudo correto das suas páginas, tão maravilhosamente adornadas por mãos de anjo, expande o génio da sabedoria — tornando os homens ativos, corajosos, harmoniosos, belos. Este livro ensina o homem a ser honesto e sociável, a ser razoável e pacífico, a ser justo e não temer. As Leis imutáveis deste Livro são as nossas regras de vida; e a obediência perfeita a elas é a nossa virtude e a nossa religião.

Qual é a nossa posição atual, como habitantes práticos do globo?

Ocupamos um lugar de transição; os nossos pés assentam nas tábuas de uma ponte temporária que liga o passado ao futuro; estamos a meio caminho entre a era inferior e a era melhor; com muito de ambas, mas sem nenhuma plenamente. Enquanto o sol da sabedoria pura, recém-nascido sobre o horizonte do Dia Melhor, derrama os seus raios sobre as mentes mais elevadas da Terra, a escuridão da teologia popular — por elas reconhecida como uma opinião despótica sem conhecimento — aparece-lhes tanto mais horrível e repugnante.

Os vales da vida humana — os arquivos e corredores das doutrinas vigentes — parecem-lhes cada vez mais inóspitos; uma repulsa que se multiplica por sete à medida que ascendemos as alturas alpinas da Razão pura e impessoal. A luz do futuro torna a noite do passado mais escura; enquanto os nossos opositores,

abrigados confortavelmente nas mitologias dos vales, nada veem disso e não partilham dessas realizações. Com alegria, afastamo-nos das trevas — com alegria, olhamos adiante — subindo o monte até à Cidade do Deus vivo! O **Passado**? Esse adorava seres imaginários; o **Futuro**? Esse trabalhará pela **Humanidade**!

QUESTÕES RELATIVAS AO MARTÍRIO DE JESUS

A imponente procissão dos corpos solares ao longo da Via Láctea não é mais majestosa do que a marcha ininterrupta das eras humanas pelo caminho do Tempo. Estive a escutar o Passado. Ele é vocal com sons inumeráveis; com sons de alegre gratidão; e também com cantos de lamentação e sofrimento espiritual.

As marés da vida, movendo as suas correntes omnipotentes através dos assuntos humanos, transportaram os destroços de diferentes nações, diferentes sistemas de governo e diferentes religiões — cada um trazendo a marca de algum chefe, monarca ou mártir. Reverberando pela cúpula coberta de musgo dos tempos distantes, ouve-se o cântico triste de heróis a expirar — o último suspiro do mártir envolto em chamas — triunfando sobre a fúria, o ódio e todas as provações, com uma força quase divina, aparentemente vencido, mas inevitavelmente vitorioso. No meio das nuvens de fumo que se adensam, e através dos véus do fogo tempestuoso, o mártir vê rostos de anjos, cheios de júbilo!

Quais são as características de um verdadeiro mártir?

Um verdadeiro mártir é aquele que enfrenta corajosamente terrores e torturas impostos por muitos e poderosos inimigos, em vez de renunciar ou negar uma convicção profundamente acarinhada; é aquele que, com um entusiasmo moral que transcende o instinto de instinto de sobrevivência e todos os motivos egoístas, abraça destemidamente a morte na sua forma mais terrível, para testemunhar fielmente a soberania de um princípio divino.

Onde devemos procurar os verdadeiros mártires do mundo?

Abre a história da Ásia, a história da Europa, a história da América — e contempla o martírio dos grandes e dos bons. Sob o seio florido da terra jazem as cinzas ainda fumegantes de homens e mulheres sem nome — que resistiram pessoalmente ao crime e aos tiranos —

“Onde dormem eles? os destemidos e os justos,
Cujas santas ações lançaram, por onde passaram,
Uma luz gloriosa —

Uma luz que, derramando-se sobre as brumas do tempo,
Ilumina todas as eras e todas as terras
Com radiosa clareza.”

Não será natural venerar o local de nascimento de Jesus?

A reverência sensível do cristão pela Palestina, terra natal do seu Salvador, é tanto natural como bela. Os elementos e aspirações do patriotismo, da poesia, do sentimento, da oração, da perfeição — sim, todos os sentimentos ternos do amor filial, todos os preconceitos e imaginações sagradas em torno da religião, todas as lutas dolorosas do tempo e os mistérios solenes da eternidade — emergem ao toque mágico desta história estranha e repleta de acontecimentos. A estrela solitária de Belém, para o crente poético, tem o fulgor de mil sóis.

O fluir das águas sagradas, sobre as areias resplandecentes e ao longo das margens púrpuras da Terra Santa, parece-se com os sons dourados que alimentavam o ar silencioso do Éden. Suavemente descem os orvalhos do Hermon. O coração sobrecarregado da viúva encontra repouso sob a sombra acolhedora dos Cedros do Líbano. Os ventos do mar da Galileia deslizam com quietude sonhadora sobre as férteis planícies da Judeia. Às margens do rio do batismo vai o cristão em contemplação. Esse rio canta uma canção àquele cujo "traje era de pelos de camelo". E abençoa aquele que “veio da Galileia para ser batizado”. A sua música deixa a alma pousada sobre o coração.

“Ele lança um olhar ansioso para a bela e feliz terra de Canaã” — e, com anseio, olha com fé e esperança para o lugar “onde os maus deixam de molestar”. Não! Não me admira que a Palestina seja uma “Terra Santa” para aquele que crê plenamente que um dos seus humildes estábulos foi o palácio que ocultou dos olhos vulgares o nascimento de um Príncipe descido do céu — que uma das suas manjedouras rudes e sem almofadas acolheu o Salvador Eterno do Mundo — cujos pés pisaram aquele solo, cujas lágrimas solidárias o regaram, cujo hálito, carregado de palavras de consolo para os desamparados filhos dos homens, se misturou ao ar, e cuja mão escreveu na areia: “Quem não tiver pecado que atire a primeira pedra.”

O que nos conta a história sobre este assunto?

A história sagrada conta que, na hora pensativa do crepúsculo, um jovem procurou o deserto. Ventos recuados agitavam as profundezas sombrias, e uma música de tom melancólico ecoava. Ele viajara pelo Egipto; vivera lá até à morte de Herodes. Tinha visto cúpulas douradas de orgulho, templos sagrados de erro, e torres de guerra; conhecera e convivera com o mundo. Mas o espírito de Deus movia-se dentro dele. E os anjos, elevando as suas vozes sobre o deserto, ordenaram-lhe: “Avança.” Com verdadeiro pathos, as vozes da Mãe-Natureza falaram à sua alma cansada.

Subitamente, os céus abriram-se: e ele "viu um espírito vindo do Pai-Deus, descendo como uma pomba." Então uma voz disse: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo."

E o que se pode dizer dos judeus neste contexto?

Os judeus eram os mais débeis adoradores da Força, e não conheciam o Pai. Adoravam o Deus imaginário dos patriarcas e profetas; não a Fonte infalível dos espíritos de todos os homens. Estudavam um credo; não o volume da criação. Eram os melhores e os piores dos homens: virtuosos e viciosos, espirituosos, sérios e por vezes alegres; versados em muitas artes, generosos e corajosos por vezes; invariavelmente hipócritas e avarentos, igualmente infiéis e devotos, materialistas e espirituais.

"Os judeus precisam de ser ensinados sobre o caminho, a verdade e a vida", disse o jovem... e, após quarenta dias de preparação interior, saiu para ensinar.

Segundo a história bíblica, quem o ouviu com alegria?

Os pobres ouviram-no com alegria; sobretudo porque ele nascera entre os mais humildes e defendia a sua causa. Abriu a boca e ensinou a multidão; curou muitos dos que estavam doentes. E fê-lo sem recorrer à leitura da bíblia popular da época, nem a remédios das boticas ortodoxas então em voga.

O que resultou da rejeição das autoridades populares da época?

Os médicos, os advogados e os clérigos da altura contestaram as suas afirmações; duvidaram da sua capacidade de discernir espíritos e ridicularizaram abertamente os seus milagres psico-magnéticos. Alguns dos seus próprios discípulos caluniaram-no e abandonaram-no. E acabaram por mandá-lo prender, acusado de heresia contra a Igreja judaica e conspiração contra o governo romano. Julgaram-no sem justiça; e crucificaram-no sem misericórdia. Que grande martírio! Que testemunho fiel prestou ele ao Pai-Deus que o inspirava; mártir dos seus princípios espirituais!

Segundo descobertas recentes da ciência psíquica, como se explicaria o nascimento de Jesus?

A matéria é serva do espírito. Nada é mais evidente do que a aliança simpática entre estes dois princípios eternos. O espírito é o Princípio que move; a matéria é o Princípio que é movido. E está bem estabelecido que o espírito produtivo influencia e molda o corpo e a alma antes, assim como depois do nascimento. A história está repleta de exemplos e confirma como verdadeira a doutrina de que a criança por

nascer é psicologicamente influenciada pelo espírito materno. (Ver o 3.º volume da "Grande Harmonia".)

Podes dar exemplos dessa psicologia materna?

Sim; há muitos exemplos. Cinco meses antes do nascimento de Calígula, imperador romano, a sua mãe sonhou que um ser sobrenatural descia do céu e lhe entregava uma águia, que lentamente se transformava numa serpente venenosa, sendo depois apedrejada até à morte pela multidão. O anjo disse: "A águia é o poder; a serpente, a tirania; o último, o assassinato." Apenas pela força da sua imaginação, ela insistiu que a história do seu filho por nascer tinha sido simbolicamente revelada. Esta impressão terrível atuou como um encanto sobre o espírito que se aproximava; e eis que a vida e morte de Calígula foram o exato cumprimento do sonho da mãe.

E quanto à mãe de Nero?

Num sonho, a mãe de Nero viu uma pomba descer, trazendo no bico um escorpião, que largou sobre o seu peito, e que logo se picou a si próprio até à morte. Semanas antes do nascimento do filho, o sonho repetiu-se. Ela disse que aquilo simbolizava paz, primeiro; depois perseguição; por fim, suicídio. E a história de Nero correspondeu precisamente a essa sequência.

A mãe de Moisés teve uma experiência semelhante?

Sim; ainda na casa de Levi, uma jovem mulher teve um sonho impressionante em que via uma bela donzela inclinada sobre a margem de um rio, com o rosto meigo voltado para uma criança inocente. De repente, essa criança transformava-se num grande homem, cuja influência se fazia sentir em toda a Terra. Um anjo descia então de uma alta montanha e dizia: "Vê! Assim será com o teu filho." Pouco tempo depois deste sonho, a mulher casou-se com um parente distante. E por duas vezes antes do nascimento do seu primeiro filho, o mesmo sonho voltou a aparecer, com a mesma mensagem. Naturalmente, o efeito psicológico foi completo. O nome do seu filho foi "Moisés."

Podes dar um exemplo mais recente?

Sim; uma mulher de grande coragem física montou a cavalo, cavalgou ao lado do seu marido soldado, e assistiu ao treino das tropas para a guerra. A música e a cena inspiraram nela uma sede profunda de ver uma guerra e uma conquista. Isto aconteceu poucos meses antes do nascimento do seu filho, que viria a chamar-se — "Napoleão!"

Conta a história do efeito psicológico produzido sobre o espírito da mãe de Dante.

No período imediatamente anterior ao nascimento de Dante, a sua jovem mãe teve uma visão de grandeza impressionante e profundo significado. Viu um globo povoado, de proporções simétricas, emergir lentamente do mar e flutuar nos céus. Estava decorado com todos os elementos concebíveis de beleza natural e artificial. Sobre uma alta e grandiosa montanha, que se esbatia no horizonte distante e descia graciosamente para terras e lagos à esquerda, estava um homem de semblante brilhante, que ela sabia ser seu filho.

Apontando com a mão erguida, ele pediu-lhe que olhasse para a direita da montanha. Ela viu um precipício de descida abrupta, como a parede de um abismo sem medida. Pensou então que desmaiava de terror. Mas o seu filho mantinha-se sereno como uma estrela da manhã; e, olhando de novo, ela já não via mal nenhum. Após esta visão bela e arrebatadora, a mãe de Dante passou a ter apenas em vista a grandeza do seu filho por nascer — cuja genialidade como erudito e poeta, criador de um mundo de fantasias, é reconhecida em todas as terras civilizadas.

Existem mais exemplos dos efeitos maravilhosos da mente sobre a criança por nascer?

Para ilustrar ainda mais, poderia referir-me a centenas de casos semelhantes entre poetas, pintores, músicos, matemáticos e líderes religiosos. Contudo, um exemplo adicional bastará para demonstrar a misteriosa influência da mente sobre a matéria — e, mais especificamente, para provar o efeito predisponente que as convicções espirituais de uma mãe exercem sobre o seu futuro filho. A esposa de um mecânico muito pobre, mas respeitável, sonhou várias vezes, antes do nascimento do seu filho, que um anjo se lhe aparecia e dizia: “Salve! Tu és muito favorecida — o Senhor está contigo.”

O anjo olhava para ela com ternura; e ela, sem compreender o significado da mensagem, sentia-se perturbada. Mas o visitante espiritual logo apaziguou a sua inquietação, dizendo: “Não temas — darás à luz um filho, e chamarás o seu nome Jesus... será chamado filho do Altíssimo... reinará sobre a casa de David eternamente... e do seu reino não haverá fim.” Com o tempo, a imaginação sensível desta mulher agia em plena crença, esperando o cumprimento literal da sua visão. O resultado foi fielmente impressa no espírito do seu filho por nascer. E esta pessoa viveu e morreu no palco da história como se toda a sua alma — impelida por uma predisposição sobrenatural — lutasse para cumprir a sublime e imensa medida do sonho da sua mãe!

Que maravilha há num nome?

"Jesus" é a forma grega do nome hebraico "Josué"; e o termo "Salvador" é a tradução inglesa. A palavra "Cristo" foi-lhe anexada para o distinguir de outros com o mesmo primeiro nome. "Messias" é o hebraico da palavra grega "Cristo"; e o termo "Ungido" é a sua tradução para inglês.

Os judeus chamavam "Ungido do Senhor" a todo chefe político ou religioso — pois a sua doutrina era teocrática — assim, Saul, David e Salomão eram considerados agentes especiais de Deus; e Isaías chama a Ciro "o Ungido do Senhor", o que equivale à palavra Cristo ou Messias. "Cristo" é um termo que, literalmente, significa um Agente divinamente comissionado ou um Médico diplomado. Seria, portanto, perfeitamente correto dizer — "Josué, o médico", para o designar entre os habitantes da Palestina; ou, de forma ainda mais literal, "Doutor Josué, o Mártir do Calvário" — conferindo assim a este espiritual essénio uma posição justa e suficientemente destacada entre os grandes martírios do mundo.

Que certezas temos sobre a sua juventude?

À parte as penetrações da clarividência, e sem o testemunho dos espíritos em comunicação diária com os homens, nada se sabe da infância e juventude de Josué.

E o que diziam os primeiros filósofos?

Muito pouco; e nada de fiável. Celso, um filósofo epicurista do segundo século, testemunha que Jesus (ou Josué) passou vários anos da infância e juventude num dos locais mais densamente povoados do Egipto; que ali adquiriu considerável inteligência — e aprendeu a arte de curar por palavras misteriosas e manipulação; e que, ao regressar à Palestina, assumiu uma missão especial e dizia manter uma comunicação incompreensível com o Pai dos espíritos. Mas Orígenes, um dos primeiros pais da Igreja Cristã, considerou Celso um herege e respondeu-lhe nesse tom.

E quanto à sua reputação?

O deserto da Judeia ecoava as notas precursoras de João, o bom e honesto. Ele semeou a palavra na Palestina, mas esperava colher do outro lado do Jordão. Josué parecia não compreender que era dele que se falava — e assim, sendo de carácter religioso, foi, como qualquer espírito convertido, "ter com João para ser batizado." Mas João "impediu-o", dizendo — "Eu é que preciso ser batizado por ti." Aqui, sem dúvida, Josué sentiu a voz oculta do sonho da sua mãe; e, com uma graça bela, própria da sua alma sincera, batizou o profeta. E de imediato, os seus amigos

julgavam ter razões para esperar grandes palavras e feitos maiores. A sua fama “espalhou-se por toda a Síria”, pois curara muitos doentes.

Será que esta fama se tornou numa desgraça?

Gostamos de ver milagres realizados com o glorioso propósito de beneficiar a humanidade sofredora. E gostamos de contemplar Josué nesta obra altruísta — um motivo que guiou os seus primeiros atos. Com o tempo, porém, vemo-lo a agir, por assim dizer, em função da sua reputação. “Para que saibais,” diz ele (Mateus 9:6), “que o Filho do Homem tem poder na terra para perdoar pecados” — então curou o paralítico! Os seus milagres, em vez de servirem apenas ao bem dos sofredores, passaram a ser usados por ele e por outros como prova positiva da sua missão divina. (Ver João 10:37; 11:15; 15:2, etc.)

Jesus tinha um poder extraordinário; esse poder era limitado?

“Ordena que estas pedras se tornem pão,” disseram os céticos espirituais. Deu-lhes ele um sinal? O povo não acreditava em manifestações físicas. Reclamava provas. “Se és rei dos judeus, salva-te a ti mesmo.” Estava pregado na cruz, com fama de ser ao mesmo tempo um médium e um deus. Mas podia ele arrancar um cravo? Descer da cruz por meios sobrenaturais? Se podia, por que não o fez? Tudo o que o povo pedia era — “prova.”

Estranha história! uma mesa nunca se moveu, uma cadeira nunca tremeu, a água nunca se tornou vinho, quando os céticos pediram uma manifestação. Não! mas os prodígios aconteciam quando os Professores Faraday, os Presidentes Mahan, e os sábios da época — não estavam preparados para detetar os métodos de ilusão. Diziam que Josué era todo-poderoso. No entanto, o sucesso da sua força era condicional. “Não fez muitos milagres, por causa da incredulidade deles.” Admirável é que o homem pudesse assim limitar os caminhos de Deus. Contudo, segundo leis racionais, tudo se explica facilmente.

A verdade beneficia quando se confundem pessoas com princípios?

Nada é mais infeliz. A deificação universal de pessoas locais, e a consequente obscuridade lançada sobre Princípios universais, é um fenómeno bem conhecido no mundo religioso. Talvez devesse ser descrito e lamentado como um erro reptiliano, a roer perpetuamente o coração da religião natural do homem — como uma serpente invejosa a rastejar no jardim da alma, tentando constantemente os sentimentos mais nobres a substituir princípios por pessoas — induzindo o espírito a adorar credos vazios e cerimónias sem Deus, como se fossem o sumo bem de toda a salvação.

Devemos responsabilizar Jesus pelas falhas dos seus supostos seguidores?

Nenhum verdadeiro filósofo harmonial, nenhum espiritualista moderno racional, jamais culpará Jesus pelas inumeráveis absurdidades de muitos que o reclamam como “Mestre.” Os princípios sagrados daquela religião espiritual, que foi patenteada pelo concílio de bispos sob Constantino e rotulada de “Cristã” por autoridades posteriores e menores, seriam transcendentemente radiantes e magneticamente atrativos — se pudessem ser desenterrados com segurança do cemitério popular dos credos espectrais.

Há inúmeros clérigos bem-intencionados que caminham pelas ruas da sua profissão com passo compassado, vestidos de luto, com o rosto velado por nuvens, como se tivessem perdido inesperadamente um benfeitor mundial. Ai de nós! É mesmo verdade. Mataram o seu melhor amigo. É a partida da religião natural. O princípio-Cristo do Amor universal * foi sepultado sob a solene adoração exterior do Mártir do Calvário.

“Saudai o poder do nome de Jesus,
Prostrados, os anjos caiam;
Trazei o diadema real,
E coroei-o Senhor de todos.”

Houve um tempo em que o meu espírito se espantava com o exagero deste “aviso fúnebre”, com esta procissão espectral de padre e paróquia — mas eu era então uma criança, e via encanto, como muitos ainda veem, em coisas de pompa e aparência. Agora, meio simpatizo com estes enlutados, meio os chamo ao arrependimento.

O sistema e as formas da religião eu chamo de sobrenaturalismo. No primeiro dia de cada semana, conforme o almanaque mais reputado, os nossos clérigos evangélicos visitam o cemitério do sobrenaturalismo — o sistema e as cerimónias da religião! Esse “cemitério” tem uma história triste. As tempestades medonhas de dezoito séculos passaram sobre ele.

As lutas doutrinárias e as tempestades sectárias que rolaram ao longo destas eras sombrias e sangrentas com a força terrível de mil cataratas, varreram dia e noite as cavernas sepulcrais deste lugar funesto; e as vozes vampíricas dos terrores, torturas e misérias que amaldiçoaram e esmagaram a humanidade — todas se misturam com os urros horrendos dos Touro Românicos, com os latidos ocos do Dogma Protestante, com o miar doentio do Catecismo Menor de Westminster. Todos os domingos os clérigos visitam este cemitério e, com a ajuda de quem estiver disposto, choram sobre a sepultura coberta de musgo da religião natural do Homem.

* O leitor é remetido para explicações mais amplas, sobre Jesus e o princípio-Cristo, nas páginas seguintes.

Qual é a cerimónia associada a esse enterro?

A cerimónia fúnebre, que varia mais ou menos conforme a seita, consiste — primeiro, em cantar “Ouvi, dos túmulos” — segundo, numa invocação a um deus desconhecido — terceiro, na leitura e comentário da “passagem do Noroeste” de algum livro luxuosamente encadernado — quarto, na pregação de um sermão fúnebre, com o fantasma de uma ideia antiga como texto — quinto, outro cântico de tristeza e súplica — sexto, uma bênção final, com a promessa de se reunirem no domingo seguinte para ensaiar de novo o drama de enterrar “Cristo nos credos”, ou a religião absoluta nos seus adornos sociais da moda. A religião prática e pura já consistiu numa vida bem ordenada, guiada por uma boa vontade universal — mas agora resume-se em crer no credo, aderir à forma, ser popular e rejeitar a doutrina do desenvolvimento progressivo.

Qual é a consequência da deificação das pessoas?

Toda a desigualdade gera discórdia: todo o exagero é injustiça; e a deificação de pessoas é uma “mancha no sol” da retidão. Cada exagero a respeito de supostos deuses, cada superavaliação da sabedoria dos espíritos, resulta numa correspondente diminuição da humanidade.

Podes explicar essa ideia de forma mais extensa?

Se retirarmos do carácter do homem para enriquecer o carácter dos deuses (sejam espíritos ou anjos), quem paga o preço mais alto é o homem: pois é o homem — não os deuses — que precisa de elevação. Vestimos os nossos deuses e santos com as mais ricas vestes; enquanto em nós mesmos pendem farrapos sem conta! Se me pedissem uma explicação clara sobre porque vemos tão poucos homens e mulheres verdadeiramente nobres entre os cristãos — tão pouca integridade pessoal e inteligência sustentada — eu diria, sobretudo, que as pessoas permitiram ser conduzidas por mestres sem espiritualidade; colocaram, por assim dizer, as suas almas numa bandeja dourada e, de joelhos e com reverência cega, ofereceram-nas aos deuses da tradição e do momento.

De fato, o mundo cristão dedicou tanta riqueza intelectual a manter, em esplendor poético, a aristocracia celestial — a louvar e exaltar as virtudes e qualidades das divindades — que agora já não resta veneração suficiente pelos próprios seres humanos para começar sequer um modesto comércio espiritual em nome da religião prática e individual!

Como aplicar isto com justiça aos mártires?

Ao engrandecer as provações e sofrimentos de Josué — que trabalhou apenas trinta e seis meses pela humanidade — retiramos a nossa simpatia daqueles que mais precisam (e possivelmente mais merecem) mil vezes mais.

Além de Josué, não há outros mártires?

O corpo de Josué não poderia ter sofrido mais do que os que estavam ao seu lado; e a sua alma, erguida pela consciência de sacrifício por um princípio, terá certamente sofrido menos. Há tanta alegria em fazer o que é certo! Não deveríamos também lembrar Estêvão, Pedro, Paulo; os mártires de Itália, Espanha, Portugal; as vítimas da Revolução Francesa? E os mártires da ciência — Galileu, Tycho Brahe, Copérnico, Kepler — e o inventor, absorto na ideia do "Eureka", insensível à pobreza e à doença que o assaltavam como lobos à sua presa — não os deveríamos honrar com justiça?

Existem diferentes formas de martírio?

Sim, existem muitas outras — o artista, o músico, a costureira, o órfão, o deformado, o insano! Que mártires vivos são estes! Abramos a história individual, e veremos mártires da inveja, do ciúme, da incompreensão, do mau génio, de casamentos infelizes, de injustiças não escritas, de males ainda não revelados! Esse martírio espiritual não se compara com a crucificação física. Muitos há que transportam dentro de si um inimigo implacável da paz interior e da utilidade pública — um hábito odioso ou uma propensão venenosa — que os persegue dia e noite: um perpétuo martírio do qual não podem escapar. Crucificam-se a si mesmos, entregam o espírito muitas vezes por ano, e suam gotas de agonia quando estão sós. Estes são os auto-crucificados — a quem os bons anjos olham com olhos lacrimosos e simpatias salvíficas!

O martírio é geralmente resultado de quê?

O martírio é o resultado de um protesto individual contra o crime — de uma repreensão pessoal a séculos de erros e injustiças; é a crucificação violenta de alguém que acredita convictamente que "resistir aos tiranos é obedecer a Deus." Quando visto como um protesto solitário contra uma religião de formas e um governo de políticas, a crucificação do filho de José e Maria é um exemplo glorioso de supremacia espiritual. A opinião despótica finca na terra uma estaca de ferro, a ignorância acorrenta nela um reformador, o preconceito traz a lenha, o fanatismo acende a chama, o Estado sorri em aprovação, a Igreja faz uma oração, e a concha de um ser imortal é reduzida a cinzas! Pobres discípulos da ignorância! Mal sabem eles que a fogueira do mártir é "um carro de fogo" onde a sua alma parte para o reino dos

céus! O corpo do reformador pode dissolver-se nas chamas, mas o Pensamento — a ideia, o princípio pelo qual morreu — esse vive para além dele. A Natureza determinou que os filhos colherão os frutos dos erros semeados pelos pais; e, por força dessa necessidade consequente, aprenderão a cultivar e semear com verdade, e dela se alimentar.

Podes ilustrar esta lei de justiça da Natureza?

Sim; posso explicá-la através de uma parábola. Uma tradição mítica conta que a Terra era habitada apenas por doze cavaleiros valentes e ambiciosos, numa época em que não havia sol nem lua, e o mundo flutuava num éter de escuridão contínua. Um deles, mais belo e gentil do que os restantes, tornou-se vítima da inveja e ambição dos seus pares. Sob o pretexto de o destruir, desafiaram-se mutuamente para combates, estipulando que o derrotado morreria queimado. Acenderam uma grande fogueira, e os guerreiros envolveram-se em lutas ferozes — até que, por conluio, o mais belo e invejado foi forçado a ceder, e, como José, foi sacrificado pelos seus irmãos invejosos.

Foi lançado às chamas, que rapidamente consumiram o seu corpo, desaparecendo ele na fogueira. Mas, eis que, à medida que a sua vida se extinguia na Terra, surgiu no firmamento um Sol Dourado — irradiando calor e luz, iluminando a superfície da natureza, acordando os pássaros do canto e fazendo florescer flores em rochedos! Com um espanto indescritível, os cavaleiros invejosos reconheceram no rosto do glorioso sol o espírito do seu belo e inocente irmão. Ao verem a sua ressurreição triunfante, sentiram-se humilhados pela própria derrota. Ambicionando uma promoção semelhante, um deles lançou-se ao fogo, suportando as dores da queima; mas, à medida que a sua cabeça desaparecia nas chamas, os dez restantes viram surgir no céu uma pálida e doentia lua, cuja insignificância os dissuadiu de tentar alcançar a glória por aquele caminho.

Que verdade ilustra esta fábula?

Esta fábula representa uma verdade sublime; expressa o destino de duas categorias. Aquele que aspira à coroa de espinhos do mártir apenas para alcançar fama e popularidade na história, torna-se apenas um satélite pálido no firmamento da Justiça; enquanto que aquele que, esquecido de si mesmo, morre pela mão da violência para defender um grande Princípio, surge como um Orbe Dourado na abóbada estrelada que cobre o templo da Humanidade.

Existe um princípio de justiça distributiva nos assuntos do mundo?

Sim, existe uma Corrente Irresistível de justiça distributiva, com maré que não recua, palpitante de energia divina, que atravessa o Oceano da vida humana —

forçando a posteridade beneficiada a coroar de glória o Homem que sofreu martírio por causa dos erros dos seus antepassados. Os filhos abençoam o que os pais amaldiçoaram. E o mártir desperta, como uma Fénix, das suas cinzas, e voa sobre os campos onde antes foi perseguido, jamais molestado e agora saudado com cânticos de louvor.

"E assim o mundo gira, sem parar,
E as estações seguem seu curso —
E sempre a verdade vem ao de cima,
E sempre a justiça é feita!"

Quais são as tuas impressões sobre a infalibilidade e autoridade dos Antigo e Novo Testamentos?

Deve ficar claro que esta plataforma (a Harmonial), enquanto eu tiver algo a ver com ela, é livre — no mais amplo sentido da palavra — para qualquer pessoa de boa intenção, sendo ela mesma o juiz disso, contestar ou corrigir qualquer posição que aqui se assuma. Deve-se entender, portanto, que estou sempre num estado mental aberto a aprender. Dou as boas-vindas a todos os que diferem de mim no que respeita às Escrituras. Que todos procuremos juntos o caminho da retidão e da justiça.

Estarão todos os leitores preparados para encarar esta questão de forma desapaixonada?

Não; parece-me que muitos não têm a simplicidade de espírito necessária para chegar à verdade nua e crua. Muitos têm demasiado receio da opinião do mundo; não possuem suficiente domínio das suas próprias faculdades e individualidade; vivem com medo de expressar algum pensamento que venha a ser proclamado como demasiado radical ou absolutamente herético em relação às doutrinas reconhecidas do sistema cristão. E conheço bem esse tipo de pessoa.

Mas também conheço alguns — um grupo abençoado — que, estando maravilhosamente acima desse medo, atingiram considerável verdade através da investigação independente; não só questionando o que se chamam manifestações espirituais, mas também examinando livre e sinceramente os dogmas fundamentais que sustentam as Igrejas do século XIX. Verifica-se que aqueles que investigaram os fenómenos espirituais semi-populares, que interpretaram os princípios do Cristianismo para benefício da alma, e se elevaram acima dos padrões ortodoxos reconhecidos pelo mundo, são pessoas cujas marcas e obras serão vistas pelas gerações futuras não como autoridades, mas como placas indicadoras que apontam para revelações ainda maiores e mais elevadas.

O que dizem os ministros sobre as Escrituras?

Os senhores respeitáveis que ocupam os púlpitos dizem-nos que a Bíblia é a verdade inspirada; a palavra de Deus. Ora, seria totalmente justo perguntar: como é possível que os ministros façam tal afirmação com inteligência, a menos que tenham recebido e compreendido uma revelação superior?

Como pode um homem, com mente meramente natural, apenas formado em colégios e preparado artificialmente para o ministério, possuir suficiente iluminação para afirmar que a Bíblia é, com certeza, a verdadeira palavra de Deus?

É impossível. Aceitar como verdade aquilo que está fora da compreensão do intelecto é uma posição semelhante à adotada por todos os líderes e devotos do paganismo. Um homem, por exemplo, acredita em Juggernaut porque os seus antepassados acreditaram — não por compreender realmente essa crença.

Outro acredita que toda a verdade religiosa desceu dos céus através do Shaster da Índia. Porquê? Porque assim foi dito pelos mestres e adoradores daquela obra sagrada. E o mesmo se passa no nosso vasto país. Há muitos, mesmo entre os meus vizinhos, que acreditam que a Bíblia é “a palavra de Deus.” Mas acreditam com base na compreensão intelectual de algum princípio nela contido? — porque compreendem bem o seu alcance e essência? Não. Então, por que acreditam? Respondo: por influência do ensino dos pais e avós — dos que os rodeiam e ocupam lugares elevados, investidos de alguma breve autoridade — que, desde a mais tenra infância, foram ensinados a reverenciar como os verdadeiros intérpretes deste livro e da sua verdade.

Como podemos afirmar que algo é sobrenatural, se não temos uma revelação superior à qual possamos recorrer para compreender e decidir essa questão? Afirmar que a Bíblia é totalmente e verdadeiramente a comunicação de Deus, através de diferentes homens para a humanidade, sem qualquer revelação sobrenatural (que os ministros modernos não afirmam possuir), é, no mínimo, uma apropriação de autoridade baseada em opinião — algo que uma mente mais simples rejeitaria naturalmente com o uso da razão e do discernimento.

A mente humana reconhece facilmente, através dos fatos, a existência de um princípio?

Nada me é mais claro do que isto: quando em estado elevado, a mente humana reconhece naturalmente os princípios — e reconhece também que esses princípios tendem à manifestação exterior. Por exemplo, há um princípio de arquitetura na mente humana. E então? No decurso do desenvolvimento humano, constroem-se casas, navios, criam-se formas e belezas estruturais tanto em terra como no mar;

tudo isso emerge como manifestação externa de um princípio existente na alma do homem. Do mesmo modo, há um princípio de Amor na alma.

Este princípio é abstrato, vital, uma essência — mas manifesta-se diretamente no exterior. Ele gera as abençoadas relações entre irmãos e irmãs, entre pais e filhos, entre marido e mulher — relações que se estendem para trás e para diante, entrelaçando-se e sustentando o mundo. Então, buscam-se e encontram-se lares. Todas as experiências encantadoras do lar, bem como os encantos e distorções da sociedade, são manifestações externas desse princípio da alma chamado Amor.

E assim são todas as outras relações, acontecimentos e condições: resultam de algum princípio da constituição humana que flui para fora em expressão visível. Quando os homens sentem afeto por algo, recebem o impulso intelectual para o realizar. A emoção de construir uma casa ou um navio é, a seu tempo, seguida pelo poder executivo que concretiza essa emoção. Em suma, existe um atributo de sabedoria na mente — um poder para exprimir ordem, forma e proporção — através do qual o homem vê intuitivamente os princípios eternos.

Esse princípio da sabedoria manifesta-se abertamente?

Sim; e com ele surge outra manifestação — a adoração da manifestação — revelando o esquecimento total da alma quanto à sua origem. Muitas pessoas, tendo saído do Catolicismo, olham para a Igreja de Roma e espantam-se com o fato de mentes inteligentes ainda adorarem diante de ídolos e imagens. Mas digo-vos que um católico inteligente vê através da imagem da Virgem Maria o princípio que ela representa. Já outro, menos inteligente e mais materialista, julga que deve adorar o objeto em si. O mesmo acontece com muitos cristãos neste país, no que toca à questão da Bíblia.

O que queres dizer com essa afirmação?

Quero dizer que esquecem o princípio divino que há no homem e que procura exprimir-se em livros, ideias, sombras, símbolos — confundem o princípio com a manifestação, o espírito com a letra. Tomam a manifestação como o essencial, esquecem o princípio e, por fim, depositam toda a reverência e afeto no próprio livro. Um católico inteligente acredita que vê o princípio da iluminação divina a descer dos céus, uma bênção concedida, originalmente, à esposa de José; mas não adora a imagem de Maria como se fosse a finalidade de uma obrigação religiosa. Só o católico não instruído o faz.

Da mesma forma, o cristão educado não se deixa absorver pela reverência ao livro em si — ao papel perecível e à letra impressa que mata — mas vê para além disso, vê um princípio divino que não depende do livro para se exprimir, tal como a

imagem da Virgem Maria não é necessária à existência do estado de virgindade que representa.

Quando encontro um cristão inteligente e espiritual, seja católico ou protestante, encontro um homem, um irmão; pronto a apertar-me a mão e a conversar, sem medo, sobre a questão da Bíblia. Mas quando encontro alguém que adora o livro e esquece o princípio, então vejo alguém que me considera — a mim e aos que pensam como eu — irremediavelmente infiel. Ele lamenta o meu ceticismo; e eu lamento o dele.

A diferença entre nós é esta: ele adora o livro sem o espírito; eu reverencio o espírito, mesmo sem o livro. Devemos lembrar-nos de que todas as manifestações de princípios são necessariamente imperfeitas. Não podemos esperar obter, através de todos os séculos da antiguidade, uma transcrição perfeita do que Jesus, João e Paulo pensaram e realizaram. Ninguém pode crer ou esperar tal coisa, se tiver qualquer conhecimento fiável da ação humana ou da história.

Haverá muitas pessoas capazes de separar um princípio da sua manifestação?

Há muito poucas pessoas, parece-me, que possuam o poder, ou a abnegação e abstração necessárias, para ver através das formas até aos princípios. A maioria perde toda a noção de princípio assim que começa a venerar a manifestação. Os cristãos, por exemplo, ficam sensíveis quando se faz referência ao homem Jesus, como se a existência do homem fosse indispensável à existência do princípio-Cristo; como se Jesus, o bendito irmão, fosse idêntico ao princípio salvador!

Diremos que os princípios são eternos, e sendo eternos, são universais; mas todos sabem que Jesus foi um homem de Nazaré — não ubíquo, não presente em todos os mundos como um princípio — nem sequer em todas as terras deste mundo. Era um homem local; com características locais. Um princípio de verdade, pelo contrário, não se pode limitar a nenhum centro; a nenhuma terra ou nação; nem a nenhum mar, ainda que banhe a Galileia. É tão ilimitado como o infinito; sem variação nem sombra de mudança.

Um homem, por outro lado, tem as suas peculiaridades, as suas idiossincrasias, que acabam inevitavelmente por misturar-se com o princípio que a sua vida e atos supostamente representam. Nenhum ser esclarecido negará, penso eu, que Cristo foi o melhor representante do princípio do Amor.

Mas será um representante essencial à existência do princípio que representa?

Não; o princípio existia antes dele, e continua a existir desde então. Chamo-lhe “princípio-Cristo” apenas por familiaridade e clareza. Jesus era um homem local; o

“Cristo”? Isso significa um princípio. Jesus, como se recorda, é a forma grega do hebraico Josué; mas “Cristo”? Significa Salvador, ou médico; aquele princípio que eleva, banha, embeleza, permeia, espiritualiza a alma humana — trazendo-a à harmonia com os anjos, com os serafins, com o coração de Todas as Coisas. O princípio-Cristo, portanto, é universal. Brilhou em várias naturezas antes de Jesus, brilhou através dele enquanto viveu, e continua a brilhar em toda boa palavra e boa obra. Jesus foi preparado, por uma combinação de estrutura orgânica e características intuitivas, para manifestar e exprimir a natureza do Amor.

Podes transmitir as tuas impressões sobre Jesus através da linguagem?

Nada eleva a mente mais rapidamente do que a perceção das suas próprias possibilidades, mesmo quando antecipadas pela existência de outra mente. Contemplemos, pois, Jesus como homem. A sua organização geral era notável, pois combinava a perfeição da beleza física, das capacidades mentais e das virtudes refinadas.

Durante a juventude, foi amplamente amado, pela sua capacidade de discernimento, pela sede de conhecimento e pela inclinação para investigar as causas dos fenómenos mentais, das condições sociais e das manifestações visíveis da Natureza. Era também muito querido pelo seu natural e puro espírito de compaixão por todos os que sofriam, física ou mentalmente.

A sua benevolência, o seu amor sem distinções, o desejo constante de companhia com os considerados justos e bons; o respeito profundo pelos mais velhos; as visitas frequentes aos que necessitavam de alívio; as palavras de consolo que oferecia aos doentes ou infelizes — tudo isso contribuía para torná-lo um ser amado e admirado. Estas eram as qualidades que o distinguiam de todos os seus contemporâneos.*

* Ver *Nature's Divine Revelations*, p. 561.

E como vês Jesus no palco da história?

Vejo Jesus como um grande e bom reformador; sem qualquer ligação com aristocracias misteriosas ou sobrenaturais, mas nascido de pais humildes e criado no seio do lar doméstico; dotado de inteligência fora do comum; manifestando amor, benevolência e compaixão sem limites; curando os doentes, restaurando a visão aos cegos, dando mobilidade aos coxos, visitando os aflitos; pregando o amor, a moralidade, a paz na Terra e a boa vontade entre os homens; instruindo as multidões nos caminhos da paz e da doçura; amando a todos e odiando ninguém.

Vejo-o condenado, pregado na cruz, e morrendo como mártir da causa do amor, da sabedoria e da virtude! * Tal é um dos elementos do monumento que um mundo ignorante e desorientado ergueu para sua própria vergonha e insensatez!

As nossas igrejas modernas adoram a manifestação de um princípio, e não o princípio em si?

Há membros cultos, sei bem, que entendem que o espírito é o que dá vida, e que a letra mata; mas esses são raros. Com essas mentes, não tenho qualquer divergência nesta questão. Mas aqueles que se perdem na letra, no símbolo, esquecendo o princípio que dá vida e luz ao símbolo ou manifestação — esses criam uma diferença que se manterá ao longo de todo este mundo. Esses adoram a Virgem e esquecem o princípio que ela representa; adoram a Bíblia e esquecem o seu valor como história.

Há um princípio de sabedoria no homem, que, se cultivado à parte de livros e padrões impostos, seria fonte suficiente de salvação. Não é necessário ler a Bíblia, adorá-la, ou saber onde foi impressa, para se ser salvo. A salvação consiste, em parte, na auto-regeneração — em absorver na própria natureza e exprimir dela “o Princípio-Cristo”, o princípio do Amor — sem margens, sem fim, sem alturas nem profundidades, mas sempre presente e compreensível por um espírito humano verdadeiro.

* Ver *Nature's Divine Revelations* e o segundo volume de *Great Harmonia*.

Qual é a definição mais fiável do Cristianismo popular?

Importa lembrar que o Cristianismo, como entendido pela Igreja, é um sistema de simbolismos, de rituais, de submissão a autoridades superiores. Tem-se dito frequentemente: “O Cristianismo nunca foi vivido verdadeiramente” — que só precisamos de uma oportunidade, através de organização social e outros meios, para viver as grandes ideias ensinadas por Jesus. Mas as doutrinas ensinadas pela Igreja a seu respeito já foram vividas — e continuam a ser.

Os homens vivem, por assim dizer, alimentando-se das cascas fósseis do passado; ainda que muitos acreditem que a Igreja lhes dá água, alimento e abrigo. Os homens ocupam-se das formas e dos símbolos da religião, sujeitam-se às pretensas ordenações sagradas do passado, procuram harmonizar-se com as igrejas, e perdem com isso o princípio-Cristo que Jesus procurou exemplificar, ou seja: o espírito de amor — uma filantropia universal e inextinguível. Isso, repito, é o princípio-Cristo.* Mas Jesus era um homem de Nazaré.

Algo bom veio de Nazaré; sim, do homem que lá nasceu. Mas quem adorará o homem local? No seu registo, há manifestações de um princípio celeste. Quando contemplamos uma demonstração do princípio do Amor, então percebemos algo que participa do Divino — uma exibição do princípio do perdão inteligente — e devemos reverenciá-lo, seja no nosso próximo, seja no registo do homem de Nazaré.

Na medida em que os homens se deixam absorver pelo símbolo ou pela letra, tornam-se materialistas, esquecem ou deixam de reconhecer o lado espiritual do princípio. Relata-se que uma menina pobre das ruas de Nova Iorque, ao ser inesperadamente ajudada por uma senhora, perguntou: "Ela é esposa de Deus?" Para essa criança, aquilo era uma manifestação do "Cristo".

Pode alguém crer e ser salvo através do "Cristo", separando, no entanto, os seus pensamentos de Jesus?

* Ver a obra do autor intitulada *"The Approaching Crisis"*.

Sim; qualquer pessoa pode e deve fazê-lo. Jesus ensinou o princípio do amor. As suas palavras e obras irradiavam a luz e a beleza que a sua alma havia absorvido desse princípio. As pessoas veem e sentem este princípio, com todas as suas implicações celestes, quando estão nos seus estados mais elevados. Este é o princípio que salvará os homens do ódio, das imperfeições, das perversões e inversões em todo o mundo.

O caminho da salvação é, pois, agir com sabedoria segundo o "Princípio-Cristo" — e não ser simplesmente um seguidor de Jesus. A pergunta essencial não é o que ele fez, nem o que pensou. Ele teve de viver, agir e morrer por si mesmo. Pode ter tido afetos próprios da sua natureza, que tu nunca poderás conhecer ou sentir. No entanto, no meio de tudo, manifestou um perdão amoroso, uma doçura quase feminina, uma hospitalidade de alma que, quando demonstrada por qualquer ser humano, é a mais bela indicação da presença de Deus.

O que é que vês no Cristianismo que seja realmente objetável?

Qualquer leitor atento verá logo que o que critico, em primeiro lugar, é o materialismo das Igrejas; em segundo lugar, a adoração do Livro como uma autoridade superior à pura Razão humana. Sou totalmente crente no princípio que está na base do Cristianismo — mas não sou seguidor de nenhum homem tido por encarnação imediata ou intérprete exclusivo desse princípio.

Tenho reverência suficiente para adorar esse princípio de sabedoria e felicidade que procede diretamente, e em todos os tempos, do Deus Infinito. Quando vejo esse princípio aninhar-se em todos os corações humanos, à espera de uma oportunidade

para se exprimir, vejo então prova de que o princípio-Cristo é universal; que pode ser apropriado por toda a natureza, e expresso conforme as nossas circunstâncias sociais e disposições orgânicas permitam e sugiram. Por isso, não posso censurar o homem que não manifesta o Cristo — porque, se procurar, encontrarei nele e à sua volta suficientes razões que explicam adequadamente a ausência de tal manifestação.

De onde se originou a doutrina da denúncia, da culpa e do louvor?

A tendência para repreender é de origem pagã — nasce da ignorância. O princípio do perdão é cristão. Os homens admiram Jesus quando ele age segundo o princípio do Amor. Admiram-no ainda mais quando, pregado na cruz e interiormente expandido nesse princípio, orou: "Pai, perdoa os meus inimigos — estes judeus — porque não sabem o que fazem." Os homens reverenciam essa demonstração; e muitos adoram o homem.

Não me espanta que quase todos os artistas, com capacidade de transpor as suas ideias para a tela, procurem retratar esse espetáculo sublime. Mas, quando os homens leem que Jesus expulsou os cambistas do templo com um chicote, um arrepio percorre-lhes o corpo; e ele já não está dentro do círculo da sua reverência. Aí surge a sua peculiaridade individual; sem qualquer manifestação do princípio-Cristo. O princípio do Amor, ninguém, além dele, teve a capacidade orgânica ou a habilidade social para exprimir.

Quando assume a postura mosaica, para açoitar e repreender os homens e forçá-los à crença e ao dever, já não parece o filho inspirado de Deus. Agora parece apenas um entre outros homens, excitado pela oposição, como tantos outros. Vês, intelectualmente, que é o princípio-Cristo que tem poder para nos salvar — e não o homem Jesus de Nazaré. O homem pode orar a Jesus, e através dele; mas, se não praticar o princípio-Cristo, não pode ser salvo.

Esta palavra "salvo" é um termo comum na teologia, significando um resgate eterno; o que queres dizer com ela?

Quando digo "salvo", não me refiro a ser salvo de um lugar de sofrimento eterno, mas sim de discórdias imediatas, ansiedades e perturbações neste mundo; salvo de conflitos e angústias mentais por muitos períodos indefinidos no mundo por vir — salvo, não de uma perdição eterna, mas de desordens da alma e da sociedade. Reveste-te do princípio-Cristo, através da sabedoria — reveste-te do que Jesus se revestiu — e verás então "Deus manifestado na carne!"

Que relação é assumida, teologicamente, entre os antigos judeus e o plano da salvação?

A teologia assume que os judeus eram o povo escolhido e favorito de Deus; que Ele os selecionou, entre todas as nações da Terra, para manifestar o seu interesse e realizar o plano da salvação. Mas qualquer pessoa que tenha lido a sua história sabe que os judeus não eram — moral, intelectual, social ou fisicamente — melhores do que as tribos nómadas ou outras nações que os rodeavam.

Que testemunho podes apresentar para sustentar essa afirmação?

O testemunho de Isaías, relativamente a esse povo, é bastante claro. Ele afirma que eram — "Uma nação pecadora, um povo carregado de iniquidade, uma semente de malfeitores, filhos corruptos." Noutro trecho diz: "Os teus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões. Cada um ama o suborno e corre atrás de recompensas. Não defendem o órfão, nem chega a eles a causa da viúva." Tal é o testemunho de Isaías sobre o povo judeu: uma raça oprimida que a Igreja acredita ter sido especialmente levantada por Deus, para assim manifestar abertamente a sua preferência e preparar o caminho para um trágico sistema de salvação! Isaías ainda acrescenta: "Todos são hipócritas e malfeitores; e toda a boca fala loucura."

É difícil encontrar tamanha corrupção noutro povo. Isaías prossegue: "Erraram por causa do vinho e da bebida forte; estão fora do caminho. O sacerdote e o profeta erram por causa da bebida. Estão dominados pelo vinho. Erram na visão, tropeçam no julgamento; todas as suas mesas estão cheias de vómito e imundície, e não há lugar limpo." Assim, repito, testemunha Isaías acerca do povo que (segundo a Igreja) Deus teria escolhido especialmente — uma tribo peculiar, semi-religiosa, não melhor que muitas raças contemporâneas.

Os judeus eram mais suscetíveis à influência espiritual do que outras tribos orientais?

Seja qual for a opinião dos primeiros cristãos (que eram na maioria convertidos do judaísmo), não tenho hoje uma perceção clara disso; embora me chegue a impressão de que eles eram talvez mais suscetíveis à comunicação espiritual do que muitos povos vizinhos — à exceção dos poetas e videntes devotos da Ásia. Tinham todo o tipo de impressões — menos as da sabedoria pura. Qualquer impressão que surgisse abruptamente na alma era considerada "assim diz o Senhor"; e se o profeta cometesse um erro, dizia: "Não fui eu, foi o Senhor que enganou."

Nenhum profeta ou médium admitia estar errado. Dizia-se: "O Senhor falou a Moisés ou a Aarão." Um homem inteligente diria hoje que alguns espíritos erram. Falamos agora a partir de uma era de maior luz. Os judeus pareciam uma raça de

médiuns, adivinhos, videntes, etc. — especialmente algumas figuras como Moisés e os seus principais agentes. Quão forte e profunda foi a sua impressão para abandonar a escravidão do Egipto; para libertar o povo; para iniciar um novo sistema de governo e estabelecer, a partir do melhor do velho, uma nova religião.

Não foi essa iniciativa de Moisés uma execução de um plano providencial?

Não; não houve nada de sobrenatural nos seus atos. Moisés foi educado no centro do saber — na casa de Faraó; teve acesso a todo o conhecimento do Egipto; foi fruto de uma civilização que se desenvolveu sob a disciplina de um grande rei. Não é, pois, surpreendente que estivesse intelectualmente apto e moralmente qualificado para formular um sistema religioso — os "Dez Mandamentos" — e um governo teocrático cheio de barbarismo e tirania. Não nos surpreende que, sendo médium como muitos o são hoje, tenha ouvido uma voz vinda das nuvens — "Assim diz o Senhor: vai e faz isto e aquilo."

Isto corresponde perfeitamente à nossa experiência; apenas temos hoje mais do que ele — e com uma filosofia racional a explicar, dizemos que o Senhor não está a falar connosco, mas, de forma mais bela, que é um amigo, um espírito, um anjo. Moisés, no entanto, transmitia as suas impressões como autoridade absoluta, irrefutável. Mas o homem já aprendeu mais; houve progresso, mesmo na Religião. Hoje, não damos tais comunicações como definitivas, mas como algo a ser examinado — acreditando que há sempre algo de bom em cada mensagem — como apoio e transição para algo melhor.

Mas os judeus não eram mais aceitáveis a Jesus do que outros povos?

No Novo Testamento encontro uma continuação do mesmo infeliz testemunho sobre os judeus. O que Isaías disse é inteiramente confirmado por Jesus; com palavras bem conhecidas de todos os leitores da Bíblia. Encontram-se no Evangelho de Mateus: "Ai de vós, escribas, fariseus, hipócritas" — ou seja, editores, conservadores, meros formalistas — "porque fechais o reino dos céus aos homens. Nem entrais, nem deixais entrar os que querem entrar." E continua: "Ai de vós, escribas, fariseus, hipócritas" — editores, especuladores, profissionais — "porque devorais as casas das viúvas" — pensemos na Wall Street, em Nova Iorque — "e por aparência fazeis longas orações" — pensemos na Igreja da Trindade, mesmo em frente a Wall Street — "por isso recebereis maior condenação."

A palavra "condenação" aqui é apropriada e precisa; noutro contexto pareceria um palavrão, mas aqui soa como uma bala de canhão carregada de justa repreensão. Esta "bombardeamento" contra o carácter judeu é intensamente saudável! "Ai de vós, escribas, fariseus, hipócritas, porque percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito" — pensemos nas missões evangélicas na América do Sul e noutros locais

— “e, quando o conseguis, fazeis dele um filho do inferno dez vezes pior do que vós.” A palavra “inferno”, numa versão mais correta, poderia ser traduzida por “discórdia.”

Mais uma vez, Jesus diz: “Ai de vós, escribas, fariseus, hipócritas, porque pagais o dízimo da hortelã e do cominho, e negligenciais os preceitos mais importantes da lei — justiça, misericórdia e fé. Isto devíeis fazer, sem deixar de fazer aquilo.” “Guias cegos, que coais um mosquito e engolis um camelo!” Ou seja — Ai de vós, editores, especuladores, conservadores, políticos, hipócritas, capitalistas, que preparais os vossos ministros para serem eloquentes e artísticos — ensinando-os a compor belos discursos — mas por dentro, vós e eles estais cheios de estratégias, de escravaturas, de salários exorbitantes e de excessos.

(Esta leitura antecipa uma versão revista da Bíblia.) “Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo; ai de vós, escribas, fariseus e hipócritas, porque sois como sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos — fósseis de antigos mitos e teologias apodrecidas.”

A quem se dirigia Jesus com as palavras citadas por Mateus?

Esta é a descrição que Jesus de Nazaré transmite até aos dias de hoje, do povo contra o qual também Isaías testemunhou; e, no entanto, acredita-se em toda a Cristandade que os judeus foram o povo escolhido de Deus! Ele delineia-os e denuncia-os como escribas, fariseus e hipócritas, cheios de impureza, discórdia, egoísmo, ambiguidades e inversões de carácter. Não só se acredita, no seio da Cristandade, que os judeus eram o "povo escolhido de Deus", como essa crença é essencial para o sistema cristão, pois Jesus dedicou toda a sua obra a esse povo. Este apego sectário demonstra a idiossincrasia e as tendências pré-natais do homem. Ele não era universal, como um princípio; nem tampouco era cosmopolita.

Jesus dá a entender que a sua missão era local; não negou ser o rei dos judeus; a sua doutrina não era dirigida aos samaritanos nem aos gentios, mas sim aos judeus em particular. Pregou-lhes, realizou obras por eles, deu-lhes leis e um novo e abençoado mandamento; considerava-se parte de uma sucessão de fenómenos sobrenaturais iniciada com Adão e passada por Moisés; via-se legitimamente na linhagem descendente da casa de David, o herdeiro legítimo do trono da Judeia e, por fim, segundo o plano, foi destruído precisamente pelo povo que viera salvar e exaltar. Todo o leitor imparcial — todo o leitor que observe atentamente as opiniões por ele manifestadas — reconhecerá que não era um reformador universal e cosmopolita.

Suponhamos que aceitamos as tuas ideias sobre este assunto: qual é a maior carência da mente?

A mente precisa de compreender a ideia de um princípio universal. A expansão de uma pessoa local num princípio é impossível. Ninguém pode ser seguidor de Jesus e, ao mesmo tempo, ser um reformador à escala mundial. Jesus fez — como qualquer outro indivíduo — comparações e distinções. Viu, de um lado, um mundo gentio; do outro, um mundo de judeus. Atuou como Messias para esse povo. Foi, em parte, psicologicamente influenciado pela convicção correspondente daqueles que o rodeavam. A eles tinha de ensinar; a eles tinha de entregar a palavra da salvação. Acreditava na existência de ovelhas e bodes humanos; de pessoas de bom coração e corações maus. O seu não era um sistema universal de reforma perfeita; contudo, cada uma das suas palavras apontava eventualmente nesse sentido.

Qual é a doutrina central do cristianismo popular?

A doutrina ensinada ao mundo é a da sujeição à autoridade superior. Este é o cristianismo, tal como compreendido na atualidade. É a doutrina da submissão. Obedece aos teus governantes; sê amigo da lei popular e da ordem; servos, obedecei aos vossos senhores. Aqueles que dizem que o cristianismo não foi vivido, neste sentido, ainda não compreenderam a história do sistema que professam acreditar. Pode-se demonstrar que o cristianismo — enquanto sistema de sujeição à autoridade superior — foi experimentado e vivido na prática. O cristianismo está fixado na história humana. Por isso, não se pode dizer que este século vive verdadeiramente sob ele. A maioria dos que o recebem vive apenas das formas, dos símbolos e das cascas do que já entrou na história. Nenhuma mente iluminada vive dos símbolos, das letras e das autoridades do livro. Os homens têm almas próprias; podem receber iluminações do presente e do futuro.

Há muitas pessoas preparadas para aceitar as tuas impressões sobre o cristianismo?

Não há muitas pessoas preparadas para ouvir, em meio às suas imperfeições conscientes, que já viveram as doutrinas do cristianismo — mesmo quando entendidas como sujeição à autoridade externa. Mas essa doutrina foi vivida na Igreja Católica. A Igreja Católica foi o primeiro sistema bem documentado de sujeição servil do inferior ao superior. Exige a obediência do corpo da Igreja aos seus chefes ou potentados; e, por fim, a obediência desses potentados às ordens especiais de Josué. Paulo, o melhor expositor judeu do sistema cristão — muito superior a qualquer comentador popular — ensina que o marido deve estar sujeito à Igreja; que a mulher deve obedecer ao marido. Tal como a Igreja deve estar sujeita a Cristo, assim também a mulher deve estar sujeita ao seu marido. Concilia-te depressa com o teu adversário, para que não te lance na prisão.

A sujeição é o cristianismo no seu sentido primitivo; e, neste sentido, o cristianismo foi vivido. Cumpriu, nesse aspeto, tudo o que podia. A escola de George Fox levou a

cabo a doutrina da obediência do inferior ao superior; do corpo à alma; e da alma ao espírito mais interior. Os Quacres defenderam e praticaram a ideia da não-resistência. Prefeririam ser vencidos pelo mal a usar instrumentos carnais contra ele. O sistema Quacre, nesse sentido, é a melhor exposição do cristianismo. É uma ilustração de que a sujeição é uma doutrina cristã. Suportam toda a forma de injustiça, antes que resistir com as mesmas armas. Recusam fazer o mal para que daí venha o bem.

Quais são os factos gerais sobre a sujeição nos países cristãos?

Em todos os países cristãos existem multidões de pessoas sujeitas à autoridade. Há quem, aqui, pense que o livro é a palavra de Deus; uma autoridade final em matéria de fé e prática. Podes falar da doutrina da "boa vontade para com os homens" até ao fim dos tempos, mas não irás satisfazer a Igreja. A Igreja diz: "Diz-me que a Bíblia é a palavra de Deus, e chamar-te-ei cristão." Mas isso não estaria de acordo com a lei do progresso.

Alguém acredita que o Livro é essencial para a salvação?

Sim; há muitos exterioristas e autoritaristas que assim pensam, e no entanto sabem que não havia Bíblia para Mateus. Paulo teve de escrever as suas próprias cartas — a sua própria bíblia — a partir das suas inspirações. Escreveu aos Tessalonicenses, aos Gálatas, aos Romanos; e por que razão não hás de tu também escrever? — escrever com a tua vida, com as tuas ações, de amizade e afeto? Que cartas mais belas do que essas? Escreve a partir da bíblia da tua própria alma, onde vive para sempre o princípio do Cristo! Vem a esta plataforma espiritual e vê como a sujeição do inferior ao superior, do fraco ao forte — que é, em essência, uma doutrina cristã — será sustentada por influxos naturais e saudáveis, emanando do Amor ou do princípio de Cristo, salvando-te do ódio, da malícia e da vingança. "Adora esse princípio, não um homem. Defende não o livro, mas a doutrina do amor ao próximo e a Deus: esse é o resumo e a substância de toda a Religião."

Suponhamos que decidimos, a partir deste momento, opor-nos à autoridade e viver a verdadeira vida — que importância daremos aos escritores do Novo Testamento?

Pouco importa o que disseram, pensaram ou fizeram Mateus, Marcos, João ou Jesus. A questão é: defendes, na tua vida e alma, o princípio do Amor Universal? Toda a questão gira em torno disto — se adorarás princípios em vez de pessoas — se preferirás o espírito à letra — se escolherás a ideia em vez do símbolo. Quando lês o livro como deve ser, ele deixa de ser uma autoridade. Os bons princípios do livro devem ser encarados como ajudas, como apoios, como degraus para revelações mais elevadas e melhores.

Com que autoridade se pode afirmar que a Bíblia é a palavra de Deus?

Ninguém, como disse, é capaz de declarar que a Bíblia é a palavra de Deus, a menos que esteja suficientemente inspirado por uma revelação superior. Se alguém o afirma sem essa revelação, a sua palavra vale tanto como a de um adorador de Juggernaut. Afirma-o não por inteligência, mas por fé; herdada dos seus antepassados, endossada pela antiguidade. A nossa veneração pelo passado é proporcional à nossa ignorância sobre ele. Um maior respeito pelos princípios diminuirá a confiança nas encarnações pessoais.

Mas não há algo de natural na associação de uma pessoa com o princípio que ela representa?

Sim; quem ama o princípio do Cristo também amará as pessoas na medida em que o manifestem. Jesus foi, até certo ponto, o "Filho de Deus". Porquê? Porque fez a melhor exposição prática do Princípio. No entanto, se aprendermos que a doutrina da sujeição (que ele ensinou) pode ser melhorada por um princípio de sabedoria — que trará ordem e forma à sociedade — então diremos que, embora ele tenha levantado o templo baseado nos ensinamentos de Moisés, as gerações futuras devem colocar a torre e construir a cúpula. Esse templo espiritual começou no Egito; a construção continuou através de todos os profetas e videntes das eras intermédias; mas — quantas salas espaçosas e galerias de beleza imortal foram acrescentadas pelo Homem de Nazaré!

Queres ensinar que os espíritos estão a ajudar o homem a construir este templo?

Sim; o templo ainda está em processo de edificação. Cada homem aqui, e cada anjo no além, é um construtor. Quando os homens chegam às câmaras mais elevadas, então aproximam-se da região onde as comunicações se tornam fáceis e naturais. Os homens espirituais já não são crentes — por experiência direta, os espíritos comunicam com os filhos dos homens. Todos os que estiverem dispostos a harmonizar-se com estes princípios são construtores do templo da redenção progressiva.

Temos pouco a ver com o passado, a não ser enquanto este oferece ensinamento. O passado está eternamente fixado; ninguém o pode alterar. Nenhuma prece, nenhuma pregação, nenhum artifício espiritual pode apagar uma ação ou apagar a história de uma instituição. O grande ponto é viver, a partir deste momento, em função da edificação harmoniosa do Templo Espiritual. Os homens serão belos e felizes na medida em que regularem a sua existência pelos Doze Mandamentos.

QUESTÕES PRÓPRIAS DOS

MITOS DA TEOLOGIA MODERNA

Os meus pensamentos meditavam sobre o esplendor inexprimível e a ordem imutável do Universo. Pensava como dez mil vezes dez mil orbes brilhavam nas profundezas silenciosas da imensidão — cada um na sua bela esfera — cada um a cumprir o seu dever na grande fraternidade dos mundos — cada um repleto de essências eternas, inerentes e imutáveis, e dotado de propriedades e princípios que, ao mesmo tempo que asseguram a obediência, também obedecem.

E então contemplei o Coração dos corações, a Causa Divina, a Fonte de todas essas existências ponderosas, múltiplas e belas; como a Causa Eterna "age para um fim, mas age por várias Leis" — imutável; a mesma ontem, hoje e para sempre — um Ser que vive e age tão afastado do finito quanto eu vivo e ajo afastado do Infinito; constitucional e essencialmente sem variação, nem sombra de mudança — perfeito, sem qualquer fraqueza própria da natureza humana, e impossível de ser comparado ao homem em qualquer aspeto; imparcial, um eterno Sol resplandecente que brilha sobre justos e injustos, sem preferências; totalmente belo e atrativo; cujos pensamentos não são como os nossos pensamentos, e cujos caminhos não são como os nossos caminhos; o Totalmente Bom, o Totalmente Grande, o Eterno, o Infinito.

As doutrinas teológicas do mundo surgem-te, por vezes, durante essas meditações?

Sim; os meus pensamentos seguiam como os anteriores quando o meu olhar captou a seguinte passagem numa página do *New York Observer* (de 28 de julho de 1853), que contrastava dolorosamente com as minhas reflexões sublimes:

"A Paciência de Deus. — Não há assunto mais maravilhoso do que este, 'a paciência de Deus'. Pensa no decurso das eras durante as quais essa paciência perdurou — seis mil anos! Pensa nas multidões que foram objeto dela. Milhões e milhões, em climas e séculos sucessivos! Pensa nos pecados que, durante todo esse tempo, puseram à prova e cansaram essa paciência — o seu número, a sua gravidade, a sua agravante! A história do mundo é uma história consecutiva de iniquidade, uma provocação prolongada da tolerância do Todo-Poderoso!"

A humanidade abandonará algum dia mitologias como a apresentada neste parágrafo?

Certamente. Que conceção tão rebaixadora da alma em relação ao nosso Pai-Deus! O homem de bem e de mente elevada só pode reverenciar um Ser cujo carácter está firmemente ancorado em todas as perfeições da vida celeste, afetuoso e belo sempre;

sem mutabilidade — além da possibilidade de alteração ou extinção — uma Fonte de Amor e Sabedoria perpétua.

O *New York Observer* não cessa os seus esforços para espalhar velhas conceções entre o povo. "A paciência de Deus!" — soa como uma voz saída dos túmulos da mitologia oriental. Os deuses egípcios, numerosos e belos, tinham fraquezas humanas. Os deuses gregos, por vezes, explodiam em fúria e "perdiam a paciência" com as absurdidades das coisas mundanas.

Os caprichosos e nervosos deuses astecas, com olhos sempre abertos e movimentos velozes, faziam coisas maravilhosas em vulcões e sob montanhas em chamas. Os anjos persas da depravação tinham autorização para assustar as pessoas com "trovões e relâmpagos", conquistando assim a sua lealdade a Alá e Ormuzd. Mas ensinar, em pleno século XIX, fraquezas deste género como características do nosso sempre justo e sempre amoroso Pai-Deus é, simultaneamente, um insulto à razão e à intuição de qualquer ser humano vivo, e um obstáculo à descoberta e ao aperfeiçoamento teológico.

Movido, talvez, pelo desejo de transmitir mais "informação teológica", o *Observer* afirma, nesse mesmo parágrafo irreverente e blasfemo, que "de todos os exemplos do Poder do Todo-Poderoso, nenhum é mais maravilhoso ou surpreendente do que o poder de Deus sobre si mesmo".

Leitor inteligente: pensa nisto com isenção. Aqui, o *Observer* elogia o Deus Vivo como exemplo de autocontrolo; Ele não se encoleriza facilmente; sofre imensamente com as falhas do homem frágil; é quase levado à ira destrutiva pelos pecados dos seres humanos (pecados que só prejudicam o próprio pecador); e, no entanto, como um filósofo autocontrolado, o Todo-Poderoso domina o seu temperamento e permanece por mais tempo paciente com os antigos infratores!

Que mito miserável é este! A doutrina que lhe deu origem deve ser "totalmente depravada", corrupta até ao seu âmago. Talvez sirva para mentes incivilizadas e pouco desenvolvidas; mas de todas essas conceções degradantes e degradadas do grande "EU SOU", que o bom espírito do Pai-Deus nos liberte! Os mitos teológicos talvez sejam agradáveis ao povo do *Observer* — se julgarmos uma árvore pelos seus frutos ou uma publicação religiosa pelo tom dos seus artigos — mas, ainda assim, trabalhemos diligentemente pela destruição de todas essas árvores e de todos esses ensinamentos mitológicos, e façamos tudo o que pudermos para que o deserto da teologia moderna floresça como a Rosa.

Suponhamos que decidimos lançar um jornal totalmente diferente do *New York Observer* — como deveríamos anunciar as nossas intenções?

Se desejarem publicar um jornal Harmónico, com as suas colunas amplamente abertas à discussão franca das ideias colossais da Reforma universal, devem erguer a vossa bandeira ao vento livre, com esta divisa:

"LIBERDADE DE EXPRESSÃO E LIBERDADE DE IMPRENSA!"

O que ensina o *New York Observer* sobre a educação religiosa das crianças?

"Deve-se ensinar cedo às crianças", diz o *Observer*, "que a Bíblia é a grande autoridade; e que, quando ela se pronuncia sobre qualquer ponto, a questão está resolvida para sempre. Devem ser ensinadas a ir diretamente às Escrituras para saber o que é bom e o que é mau, o que é verdadeiro e o que é falso. Assim, com a bênção de Deus, adquirirão o hábito de subordinar constantemente as suas próprias noções e inclinações às declarações claras da Escritura. É um bom sinal ouvir uma criança usar frequentemente a expressão: 'A Bíblia diz isso'."

O esforço do *Observer* para fabricar ideias rudimentares e multiplicar sectarismos é incansável e ilimitado. As crianças são levadas a considerar a Bíblia como a grande autoridade. Se a mente jovem rejeita tal ideia antinatural, então deve ser "ensinada desde cedo" a aceitá-la, custe o que custar. A autoridade, como já vimos, é a linguagem do despotismo; tenta formar as convicções da mente. A autoridade construiu o cadafalso e a cruz: tudo o que mancha as páginas da história teve origem no fanatismo, no sectarismo e na superstição, cujo único pai foi a autoridade arbitrária — a opinião. E as crianças devem ser "ensinadas desde cedo que a Bíblia é a grande autoridade".

O que se deve fazer com um sistema religioso que promulga doutrinas tão despóticas?

O que fazer? As declarações da Ciência teriam de ser condenadas; a Razão silenciada; a Experiência, de joelhos, teria de confessar mentiras; a Verdade conformar-se; a Virtude, ser vilipendiada; a Justiça, negada; e toda a natureza humana teria de se curvar em obediência inquestionável aos ditames da autoridade arbitrária — sim, tudo isso teria de ser feito para se ser um seguidor coerente de tais monstruosidades teológicas.

A autoridade da mera Opinião deve ser imposta à mente plástica da juventude; pressionada, sem atender a qualquer resistência saudável, até ao mais íntimo do seu ser! O jovem cresce até à idade adulta com grilhões mentais. A sua mente está presa à autoridade; não consegue pensar. Não adora a Verdade, mas sim a autoridade; é, por isso, um fanático e um escravo! Segundo o *New York Observer*, o livro é a

autoridade final. A Bíblia pode ser (como é) uma combinação de coisas boas e más — pode apresentar a verdade de um lado e o erro do outro — mas, não importa! A sua autoridade jamais poderá ser questionada. Tão venenosa e antinatural quanto é a doutrina da autoridade, não é mais perniciosa do que esta: "quando a Bíblia fala sobre qualquer ponto, a questão está resolvida para sempre."

E o *Observador* gostaria que esta opinião fosse "ensinada cedo" à mente jovem como se fosse religião?

Sim; e, no entanto, toda pessoa esclarecida sabe que a Bíblia erra em dezenas de aspetos. Erra na geologia, erra na cronologia, erra na astronomia; erra em muitas profecias; e contém doutrinas, preceitos e práticas que não são adequados nem para a aprendizagem de uma criança nem para a conduta de um homem adulto. Numa parte, somos informados de que "Deus não faz aceção de pessoas", enquanto noutra (Êxodo 32:27) lemos esta horrível contradição: "Assim diz o Senhor Deus de Israel:

Cada um ponha a sua espada ao lado; percorrei o arraial de uma porta à outra, e mate cada um o seu irmão, e cada um o seu companheiro, e cada um o seu vizinho." Numa parte da Bíblia (Mateus 7:12), lemos a mais perfeita de todas as leis: "Tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-o vós também a eles" — mas noutra (Deuteronómio 14:21), encontramos um dos mais insalubres mandamentos: "Não comereis de coisa alguma que morra por si; dar-lha-ás ao estrangeiro que está nas tuas portas, para que a coma, ou vendê-la-ás ao estrangeiro."

O *Observer* considera "um bom sinal" ouvir uma criança dizer frequentemente — "A Bíblia diz assim." Quão repleto de absurdo é tal pensamento — que crianças, sem experiência e sem capacidade de formar uma ideia inteligente sobre qualquer grande questão, devam citar a Bíblia como a totalidade da verdade!

Queres então ensinar que os homens devem examinar livremente e julgar a Bíblia?

Certamente; quando a Bíblia se pronuncia sobre qualquer ponto, esse ponto deve ser examinado com a mesma liberdade com que critico agora o *New York Observer*. A Bíblia diz uma vasta quantidade de coisas que estão erradas e que são indignas de um livro que afirma ser a Palavra de Deus. Nas suas páginas encontram-se bons preceitos e maus; verdade e erro; sabedoria e ignorância. E a criança que "cedo" aprende a aceitar tudo o que a Bíblia diz como verdade absoluta terá uma difícil e dolorosa lição a desaprender nos anos seguintes.

A própria Bíblia ensina-nos a "provar todas as coisas e reter o que é bom." Um livro está, sem dúvida, incluído na categoria das "coisas." Assim, a própria Bíblia testemunha contra o *Observer* — e também, em parte, contra si mesma. Já há sectários em demasia para o bem do mundo; e dificilmente existirá um jornal

religioso mais eficaz em aumentar esse número do que o *Observer*. Espero, portanto, que alguma revolução moral o reforme eficazmente.

Estas críticas foram originalmente publicadas no *New York Reformer,* sob o pseudónimo do autor, "Silonius." Seguidamente, o jornal publicou uma resposta, assinada por "Senex" — que se apresenta abaixo como uma justa exposição do sentimento de hostilidade vivido por aqueles cujas convicções sinceras são declaradas insensatas e absurdas.

UMA PALAVRA A "SILONIUS" — POR "SENEX"

Ao Editor do Reformer:

"'A Bíblia diz assim'? Sim; 'a Bíblia diz assim'. Essa foi a lição dos nossos primeiros dias, quando escutávamos as advertências solenes de uma mãe querida, hoje santificada, na tranquila serenidade de um domingo à noite na Nova Inglaterra. 'A Bíblia diz assim' foi a nossa estrela-guia em muitas noites sombrias e desoladoras de tristeza. 'A Bíblia diz assim' ecoou-nos aos ouvidos, quando com espírito atento ouvimos os seus ensinamentos. 'Diz o tolo em seu coração: não há Deus.' 'A Tua palavra é lâmpada para os meus pés.' 'Sustenta-me e estarei seguro.' 'Deus não faz aceção de pessoas, pois todo aquele que pratica a justiça é aceito por Ele.' 'O caminho do transgressor é difícil.' 'Filhos, obedecei aos vossos pais no Senhor, pois isto é agradável a Seus olhos.'

Serão as doutrinas da escola moderna dos Progressistas mais favoráveis à moral, à virtude ou à honestidade do que este antigo ensinamento da Nova Inglaterra, 'a Bíblia diz assim'? Serão os homens e mulheres que se reúnem em assembleias públicas — os Reverendo Browns, as Abby Kellys, as Bloomers, os movimentos femininos de todas as formas, e os masculinos de todas as cores — mais industriosos, mais inteligentes ou mais úteis do que aqueles ensinados com o rigor de um lar tradicional da Nova Inglaterra, ao som do relógio e do 'a Bíblia diz assim'? São as doutrinas da 'lei superior' de hoje melhores do que a mais alta doutrina da Igreja da Nova Inglaterra — 'a Bíblia diz assim'? Em suma, será que alguém se torna pior cidadão, mulher menos útil, ou rapaz mais ocioso e vicioso por ter aprendido esta doutrina — 'a Bíblia diz assim'?

Será um grande dia para o nosso país quando homens como 'Silonius', com toda a hoste de zombadores da Bíblia, profanadores do sábado e destruidores da lei, encontrarem finalmente a 'Harmonia' que tanto procuram e esperam; e, reunidos numa grande falange, restrinjam os seus ensinamentos a si próprios e aos filhos que

gerarem, sem que qualquer influência do género venha contaminar os ensinamentos racionais fundados na Bíblia e no seu 'diz assim'."

Com estima,
Senex

Resposta ao Editor do *New York Reformer*

Caro senhor — Como Editor, uma posição ao mesmo tempo visível e extremamente responsável, certamente será, de tempos a tempos, abordado por comunicações que pendem tanto para o Conservadorismo popular como para os princípios da Progressão. Na medida em que tais comunicações servem os fins do esclarecimento e reforma humana, espero que tenha decidido admiti-las, sem medo nem favor. Com base nesse princípio de imparcialidade, acolheu as minhas observações sobre o *New York Observer*; e, em seguida, a breve crítica de "Senex" — a quem agora tenho algumas palavras gentis a dirigir.

"Senex" não me compreendeu: não me proponho a rejeitar ou denegrir os ensinamentos morais da Bíblia cristã; nem pronunciaria uma palavra que diminuísse a poesia e a beleza das ideias que foram, para o seu espírito, "uma estrela-guia em noites escuras e sem esperança"; mas o que combato — de acordo com a minha consciência viva — é a elevação do "diz assim" de qualquer homem ou Livro como padrão absoluto, superior à centelha vital da razão divina que arde no altar interior da mente. E contra isso falarei e escreverei, com todo o coração, mente e força.

"Senex" pergunta:

As doutrinas dos progressistas são mais favoráveis à moral, virtude e honestidade do que o antigo ensinamento da Nova Inglaterra — 'a Bíblia diz assim'?

Sim, caro Senex, mil vezes mais favoráveis! A teologia da Nova Inglaterra esforçou-se muito, com os seus ensinamentos e cerimónias solenes, por trazer paz à Terra e boa vontade entre os homens; mas não conseguiu. Trabalha todos os domingos, mantendo assim vivas as ideias velhas e as teorias ultrapassadas. Está bem desenhada para fazer fanáticos das mentes jovens, e conservadores das mais velhas. Moralidade, virtude e honestidade de tipo comum abundam na Nova Inglaterra; o livro de caixa e o diário ditam o código da moral comercial.

Mas os princípios universais de reforma e Fraternidade — que Jesus ensinou — estão quase enterrados; perdidos sob o peso excessivo de formas e rituais. Se Jesus tivesse limitado a sua intuição e os seus atributos mentais ao "diz assim" dos fariseus e saduceus — às doutrinas arbitrárias do Talmude ou dos evangelhos venerados de tribos antigas — achas que teria introduzido uma forma mais pura e

espiritual de religião? Os progressistas modernos veem nele um glorioso exemplo de independência a seguir. E quanto à moral, virtude e honestidade — oh, caro Senex, não temas — "o Senhor Deus omnipotente reina"; logo, todos estão e estarão eternamente seguros!

Acreditas na perfeita independência e individualidade da mente humana?

Sim; toda autoridade externa e objetiva prejudica o desenvolvimento harmonioso da nossa natureza interior. Milhares de pessoas, como tu, caro Senex, pediram emprestado, suplicaram e procuraram uma espécie de conforto negativo e transitório no "diz assim" de autores reverenciados. Mas será que esse consolo, "numa noite escura e sem esperança", acrescenta algo à tua humanidade? Dá-te coragem para agir de forma inteligente, para a harmonização do teu semelhante? Suponhamos que descobres um novo plano para melhorar a estrutura e os antagonismos comerciais da sociedade humana — ousarias deixar para trás o teu tradicional "diz assim" da Nova Inglaterra e seguir esse novo caminho?

"O homem é tido por tolo ou vilão,
Ou fanático que trama o mal,
Aquele que, para o bem do seu povo,
É mais sábio do que o seu tempo.
Para ele se destila o veneno;
Para ele se ergue o machado;
Para ele se constrói o cadafalso;
Para ele se acende a fogueira.
O desprezo e a ira dos homens
Persegui-lo-ão com mira fatal;
E a malícia, a inveja, o rancor,
Mancharão para sempre o seu nome.
Mas a verdade triunfará no fim —
Pois giramos em círculos contínuos,
E sempre o bem vem ao de cima,
E sempre a justiça é feita."

Senex pergunta: "Serão as doutrinas da 'lei superior' da atualidade melhores do que a mais elevada doutrina da Igreja da Nova Inglaterra?"

Sim: a lei superior da Natureza está acima da teologia de qualquer igreja, acima da autoridade de qualquer livro. Mas a lei superior da Natureza não é mais elevada do que alguns dos ensinamentos de Jesus.

Porque estão de acordo a Natureza e Jesus nesta lei?

Porque Jesus encontrou a sua autoridade dentro de si. Ensinou princípios e preceitos com base na autoridade das suas intuições espiritualmente iluminadas; nunca se apoiou num "diz assim" ou em qualquer autoridade externa. Apelou ao Pai-Deus e à Mãe-Natureza. E sinto-me compelido a ser igualmente fiel à luz dentro de mim; livre de padrões exteriores de julgamento.

Senex refere-se à "horda de escarnecedores da Bíblia, profanadores do sábado e destruidores da lei" como sendo dignos apenas de isolamento; e insinua com audácia que devem ser sumariamente rejeitados pelo mundo, como inimigos da retidão! Mas, seriamente — não será justo, pela verdade, lembrar que esses mesmos indivíduos, hoje anátemas, são os homens da Temperança, os Anti-Escravatura, os pacifistas, os opositores à superstição e ao fanatismo, desta era extraordinária? Eles lideram todas as grandes reformas.

Estão à frente de todos os princípios e ideias que desenvolvem a alma e revolucionam nações neste século. Estes homens e mulheres são sinceros. Acreditam no Pai-Deus eterno; e trabalham porque acreditam — porque sabem. Rejeitam a Igreja pela sua esterilidade e fanatismo. São estes os espíritos que lideram as mais corajosas e abnegadas empreitadas dos nossos tempos. Como declarou recentemente um mestre público — "o ceticismo destas mentes não é frívolo. Não é exclusivo dos radicais e fanáticos; muitos deles são pessoas de espírito calmo e equilibrado, e não pertencem a qualquer corrente extremista. Não é mundano nem egoísta. É sereno, persistente e sincero."

Estranho, não é, amigo Senex, que todas as grandes Reformas sociais, espirituais e teológicas dos nossos dias sejam iniciadas e levadas a cabo pelos chamados "infiéis"? Foi essa magnânima independência, essa rutura consciente com as formas estabelecidas e os "diz assim" das autoridades dominantes, que ofendeu originalmente os judeus piedosos, quando Jesus saiu a pregar formas mais frescas de espiritualidade e reforma. Foi esta mesma "infidelidade" que levou o nobre Nazareno a ser anatematizado — e depois, crucificado.

A maioria das pessoas, mesmo com boa inteligência, acredita numa série de contradições insuperáveis dentro de um credo ortodoxo, que rejeitariam como erro se fossem levadas a compará-las entre si. Temendo que essa comparação seja adiada por demasiado tempo, proponho-me a apresentar agora vinte e oito afirmações de um crente na Bíblia, mostrando, através de um paralelismo, que catorze desses pontos de fé (metade) são exatamente antípodas dos outros catorze — e, no entanto, um fiel da igreja imagina-os perfeitamente compatíveis e harmoniosos.

Qual é a primeira afirmação?

Creio que Deus é imutável; o mesmo ontem, hoje e para sempre; sem variação nem sombra de mudança.

E a sua contradição?

Creio que Deus se arrependeu de ter criado o homem; que isso lhe pesou no coração; e que amaldiçoou a terra por causa do homem.

Qual é a segunda?

Creio que o primeiro casal era puro, sem inclinação para o bem ou para o mal.

E a contradição?

Creio que Eva cometeu o primeiro pecado por livre vontade, ou soberania individual.

Qual é a terceira?

Creio que Deus está acima do tempo e do espaço; que é omnisciente e omnipotente; que viu o fim desde o princípio; e que pré-ordenou e preparou todos os acontecimentos da linha do tempo.

E a contradição?

Creio que o homem pode determinar neste mundo, pela vida que leva e o carácter que forma, se irá gozar da bem-aventurança eterna ou sofrer a miséria eterna.

Qual é a quarta?

Creio na origem divina, santidade e obrigatoriedade universal do mandamento — "Não matarás."

E a contradição?

Creio que Moisés e Josué receberam missões divinas para matar milhares de seres humanos para a glória de Deus e o avanço do seu reino justo.

Qual é a quinta?

Creio na autenticidade divina e aplicabilidade universal do mandamento — "Não cometerás adultério."

E a contradição?

Creio que Moisés e Josué receberam ordens do trono da graça para guerrear com os midianitas e, após matarem todos os homens, mulheres adultas e rapazes, que deram as jovens virgens aos homens do exército.

Qual é a sexta?

Creio que Deus está acima de todas as fraquezas humanas; que nunca é arbitrário nos seus governos, providências ou castigos.

E a contradição?

Creio que Deus é "um Deus zeloso" — que visita as iniquidades dos pais nos filhos até à terceira e quarta geração; e que terá misericórdia de quem quiser e endurecerá a quem quiser.

Qual é a sétima?

Creio que Deus se preocupa constantemente com a felicidade e bem-estar das suas criaturas; que é cheio de compaixão e grande misericórdia; que a sua ira dura apenas um momento.

E a contradição?

Creio que Deus enviou pragas e sofrimento aos israelitas; manteve-os a vaguear pelo deserto durante quarenta anos, porque esteve irado com eles durante todo esse tempo.

Qual é a oitava?

Creio que Deus não faz aceção de pessoas; que o seu sol brilha sobre justos e injustos.

E a contradição?

Creio que Deus fez uma seleção especial de certas pessoas — os profetas, escritores e apóstolos — para agirem como seus representantes entre os habitantes da Terra.

Qual é a nona?

Creio que o Antigo Testamento está, em grande parte, posto de lado e substituído pelo Novo Testamento (ou nova dispensação), que começou com a vida e pregação

de Jesus; que este revogou, em parte, as leis de Moisés e introduziu regras mais elevadas e divinas de fé e prática.

E a contradição?

Creio que a Bíblia é harmoniosa em todas as suas partes; lei com lei, profecia com cumprimento, preceito com prática, causa com efeito; que rejeitar uma parte é equivalente a rejeitar o todo.

Qual é a décima?

Creio que a lei do "olho por olho e dente por dente" nunca poderá ser harmonizada com "não retribuas o mal com o mal, mas vence o mal com o bem", pois pertencem a épocas diferentes da administração divina.

E a contradição?

Creio que o verdadeiro seguidor de Jesus não deve "resistir ao mal", deve amar os seus inimigos com amor fraternal; no entanto, creio que é sempre bíblico "resistir ao diabo" para que ele fuja.

Qual é a décima primeira?

Creio no mandamento que diz: "Abençoai os que vos amaldiçoam, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem, para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus" — pois ao agir assim, apenas imitamos o grande e bom Deus.

E a sua contradição?

Creio que aqueles que não amaram o Senhor, mas que o amaldiçoaram, o desprezaram ou ignoraram as suas leis, irão, no fim do dia do Juízo, "partir para o castigo eterno", sendo lançados nas trevas exteriores, onde haverá pranto e ranger de dentes — pois assim é como o bom Deus pune os ímpios e culpados.

Qual é a décima segunda?

Creio que para Deus tudo é possível; que Ele é omnipotente, e nada pode deter a sua mão.

E a contradição?

Creio que é impossível para Deus mentir, ou fazer qualquer coisa que contrarie as perfeições dos seus atributos.

Qual é a décima terceira?

Creio que Deus é espírito, sem limites como o infinito; “vivendo em toda a vida, estendendo-se por toda a extensão”; ilimitado e presente em todo o lado.

E a contradição?

Creio que existe um inferno onde o espírito da maldade reina sozinho em glória; onde, portanto, existe uma parte do infinito onde o espírito de um Deus omnipresente não vive, porque não pode entrar.

Qual é a décima quarta?

Creio que o Senhor Deus viu tudo o que tinha feito, e declarou que era bom.

E a contradição?

Creio que a serpente era o mais malvado e perverso de todos os animais do campo que o Senhor Deus havia criado.

Pretendes afirmar que estas contradições e inconsistências irreconciliáveis constituem o credo ortodoxo popular?

Sim; e poderiam ainda ser acrescentadas várias páginas com incongruências e monstruosidades semelhantes — ensinadas nos púlpitos da moda, ensinadas nas escolas dominicais mais concorridas, ensinadas como se fossem sabedoria coerente e salvadora da alma. Quando tais elementos de fé penetram a mente humana, resta pouco espaço para pensamentos nobres e princípios grandiosos.

O clérigo é tido como mais erudito, e o leigo mais bem-sucedido dentro da Sociedade Tractária Americana, aquele que manuseia os textos bíblicos com tanta perícia que nenhuma contradição venha à superfície para ser detetada pelo pensador comum e desprovido de técnica. Cheios de verborreia gramatical, estes autores de sermões e folhetos religiosos conseguem quase sempre ocultar as absurdidades intrínsecas que espreitam nos seus credos ortodoxos. Para o leitor comum de panfletos e periódicos religiosos, as opiniões de um “Doutor em Divindade” raramente são postas em causa. E pergunto, com todo o respeito:

Que absurdo os assim chamados sábios da Igreja ainda não sancionaram?

Sem mencionar os inúmeros casos em que se opuseram às várias ciências civilizadoras, basta como prova da sua inclinação para os absurdos o simples fato de, como corpo, endossarem as peculiaridades acima descritas do credo ortodoxo.

Quando é que a humanidade aprenderá a explicar e a praticar a Filosofia da Verdade?

Esse tempo já chegou para o indivíduo que, sem vanglória, permite que as suas faculdades intelectuais cumpram a sua função. Para ele, as leis do Universo são imutáveis; a harmonia reina triunfante por todo o lado. Convencido pelos testemunhos eternos da Criação de que existe uma Grande Causa Primeira — um princípio divino de Amor e Sabedoria — como poderá a mente humana ser tão tristemente cega e desorientada a ponto de adotar as teorias pagãs populares do céu e do inferno? Fazemos (ou temos feito por meio da confluência das circunstâncias externas) o nosso céu e o nosso inferno à medida que caminhamos pela vida; não chegam até nós como recompensas ou castigos arbitrários, mas como consequências inevitáveis do agir correto ou errado. Porque não agir então, daqui em diante, com base na Razão intuitiva como único guia?

Afirma-se na obra *Nature's Divine Revelations* (pág. 547) que a Bíblia foi compilada no Concílio de Niceia; há provas históricas dessa afirmação?

Neste momento, não há questão externa mais importante. E talvez em nenhum lugar se encontre uma resposta mais concisa, sequencial e conclusiva do que a seguinte, que apresento ao mundo com prazer desvelado e confiante gratidão:

As deliberações no Concílio de Niceia estão, como todos os acontecimentos da antiga história da Igreja, envoltas em obscuridade. De fato, parecia haver entre Eusébio e outros presentes no concílio um forte desejo de ocultar os pormenores do mundo, ou pelo menos de revestir todo o acontecimento com um manto de mistério. Assim, Pappus conta-nos que os bispos, tendo colocado "todos os livros submetidos à deliberação do Concílio, aleatoriamente sob a mesa da comunhão numa igreja, suplicaram ao Senhor que os escritos inspirados se erguessem até à mesa, enquanto os espúrios permanecessem debaixo dela — e assim aconteceu."

Este relato está bastante em linha com os métodos habituais dos Pais da Igreja, que são ainda hoje venerados pelo clero moderno, mas que, segundo as concessões do próprio Dr. Mosheim, eram homens astutos, conflituosos e grosseiramente desonestos. Ele declara, no volume 1, página 198: "Era um princípio quase universalmente aceite que era um ato de virtude enganar e mentir, desde que por tais meios se promovesse o interesse da Igreja."

Quanto ao século V, afirma: "A simplicidade e ignorância da maioria das pessoas nesses tempos ofereciam as condições mais propícias para a prática de fraudes; e a desfaçatez dos impostores ao inventar falsos milagres era cuidadosamente proporcional à credulidade do povo; enquanto os sagazes e sábios, que percebiam

esses embustes, eram silenciados pelo medo das ameaças à sua vida e aos seus bens, caso expusessem tais artifícios.”

(*Presume-se que esta resposta tenha sido escrita por Mary F. Davis, companheira do autor, como resposta valiosa à questão do Concílio de Niceia.*)

Numa tradução de Michaelis, o piedoso e erudito Professor de Göttingen, feita pelo Bispo Marsh, encontramos a seguinte afirmação surpreendente: “É um fato certo que várias passagens do texto comum nada mais são do que alterações feitas por Orígenes, cuja autoridade era tão grande na Igreja Cristã, que as emendas que propunha — embora, segundo ele próprio admitia, não fossem sustentadas por qualquer manuscrito — eram geralmente aceites.”

Orígenes foi, sem dúvida, de grande importância na definição e perpetuação das instituições clericais, pois era um homem de vasta erudição e extremamente diligente como escritor e compilador. Diz-se que foi o primeiro autor a organizar um catálogo distinto dos livros do Novo Testamento, catálogo esse que inclui os mesmos livros hoje aceites no chamado Cânone Sagrado, com exceção de Tiago e Judas, que ele citava noutros escritos.

Esta compilação, realizada cerca do ano 210 d.C., serviu sem dúvida de precedente para os concílios subsequentes; e há todas as razões para crer que o Novo Testamento deve à engenhosa interpolação e omissão deste antigo sábio tudo o que nele há de graciosidade, harmonia e congruência histórica. No entanto, Taylor informa-nos que o mesmo Orígenes mais tarde reincidiu no paganismo e negou publicamente Cristo.

O Bispo Fausto, escritor cristão eminente do século IV, afirma: “É certo que o Novo Testamento não foi escrito por Cristo nem pelos seus apóstolos, mas muito tempo depois deles, por indivíduos desconhecidos que, temendo não serem acreditados ao escrever sobre assuntos que mal conheciam, atribuíram os seus escritos aos apóstolos ou àqueles que se supunha terem sido seus companheiros, alegando que o que eles próprios escreveram foi escrito segundo esses indivíduos.”

Scaliger afirma que “os Pais da Igreja inseriram nas Escrituras tudo aquilo que achavam servir aos seus propósitos”; e Mosheim, o grande historiador eclesiástico moderno, diz, no volume 1, página 109, que “as opiniões, ou melhor, as conjeturas dos estudiosos, sobre o tempo em que os livros do Novo Testamento foram reunidos num só volume, bem como sobre os autores dessa compilação, são extremamente diferentes. Esta importante questão apresenta dificuldades enormes e quase intransponíveis para nós nos tempos atuais.”

Quanto aos livros do Antigo Testamento, parece ter havido igualmente muitas disputas nos primeiros séculos; e muitos Livros das Crónicas, Salmos, Profecias, etc., foram aceites e rejeitados alternadamente pelos diferentes concílios, entre acaloradas e violentas discussões.

Mas, embora tanta dúvida acompanhe as nossas investigações pelos labirintos nebulosos do eclesiasticismo, muitos elementos parecem apontar o Concílio de Niceia como aquele cujas decisões foram mais determinantes no que diz respeito ao "livro inspirado." O catálogo de Eusébio — o mais influente e erudito entre os bispos presentes — era exatamente o mesmo que o moderno; o mesmo se verifica com o de Atanásio, seu contemporâneo. Este concílio é referido por historiadores antigos e modernos da Igreja como "um dos acontecimentos mais célebres e interessantes da história eclesiástica," sendo universalmente lamentado que os seus atos não tenham sido registados com maior fidelidade.

É um fato bem estabelecido que nele estiveram presentes inúmeros partidários beligerantes, cuja amarga animosidade só foi apaziguada pelo édito de Constantino. Este déspota piedoso, depois de presidir àquele conclave rebelde e de controlar as suas decisões, declarou finalmente que "aquilo que fora aprovado por esses bispos não poderia ser senão a vontade de Deus, uma vez que o Espírito Santo, habitando em almas tão grandes e dignas, lhes havia revelado a vontade divina." (*Socrates Scholasticus, História Eclesiástica,* livro 1, capítulo 9)

Vemos, pois, quão frágil é o alicerce sobre o qual se apoia a fé ortodoxa na inspiração plena da Bíblia; e também que, embora haja muito nos registos antigos que corrobore a narrativa contida em *Nature's Divine Revelations*, não há, entre todos os escritos eclesiásticos, qualquer testemunho capaz de refutar tal afirmação.

O que é necessário para o mundo investigador poder formar uma estimativa razoável do Novo Testamento?

Para libertar a mente popular da ilusão da inspiração infalível dos quatro evangelhos, o mundo necessita de uma obra que, sem diminuir o seu real valor, reúna todas as passagens correspondentes dos quatro evangelhos e aponte, de forma honesta e imparcial, as suas concordâncias e discrepâncias essenciais. Uma tal produção contribuiria largamente, entre mentes liberais e pensantes, para a solução definitiva da origem dos evangelhos, bem como para a compreensão do espírito com que foram escritos.

A que conclusão chegou um certo investigador da verdade?

Após uma investigação séria sobre esses livros, chegou à conclusão de que todos são romances didáticos, concebidos por homens bem-intencionados para inculcar

princípios morais através de anedotas e símbolos; que foram escritos após a segunda destruição de Jerusalém, no ano 131 d.C., por homens que nunca tinham visto a pessoa de Jesus, e que o descreveram com base em tradições orais. O objetivo com que foram escritos é idêntico ao dos livros modernos de escola dominical: o progresso moral e a instrução religiosa dos jovens catecúmenos da Igreja. E isto numa época em que (como De Quincey demonstra no seu ensaio sobre os Essénios) a Igreja da Palestina funcionava temporariamente como uma associação secreta, guardando como doutrina reservada — o "mistério" do Messianismo de Jesus — a ser revelada apenas aos iniciados; enquanto a outra doutrina central — a vinda iminente do Reino — era ensinada abertamente ao povo.

(*O leitor é remetido para uma valiosa investigação, ainda inédita, de Darius Lyman Jr., de Ohio.*)

Com investigação adicional, concluiu também que o evangelho atribuído a São Marcos — embora não exatamente na forma em que hoje o temos — foi o evangelho original; que o evangelho segundo Lucas é uma cópia posterior — uma ampliação do de Marcos; e que o evangelho segundo Mateus é uma combinação de ambos, com adições originais (pelo chamado Mateus) de informações genealógicas e tradições orais. O evangelho de João, por outro lado, segundo múltiplas evidências, foi escrito para os catecúmenos da Igreja de Éfeso, por um presbítero ou ancião vivo dessa igreja, e não pelo apóstolo alegado. Esse presbítero efésio — simpatizante de muitas doutrinas ensinadas por Platão e mais tarde pelos Essénios — assumiu a identidade de apóstolo a fim de dar mais autoridade à sua exaltação da figura do Nazareno.

Justificou, assim, a invenção de fatos na história de Jesus, pois o seu propósito era glorificá-lo como mestre dos homens e Filho de Deus. (Esta visão é em parte corroborada pelas concessões históricas do Dr. Mosheim.) Fê-lo sem malícia ou remorso, pois não visava impressionar os jovens discípulos com o que Jesus fez, mas com o que ele era — uma magnificação da pessoa (prática comum entre devotos afetivos e poéticos) acima dos atributos comuns dos habitantes da Terra. Em suma, os evangelhos eram, segundo ele, os livros de escola dominical da Igreja primitiva; jogavam com os fatos da vida real de Jesus, tal como os contos religiosos modernos — escritos por cristãos sinceros — enchem-se de retratos e anedotas de vidas totalmente idealizadas.

Em *Nature's Divine Revelations*, afirma-se que dois mil e quarenta e oito bispos se reuniram no Concílio de Niceia, e que Constantino expulsou mil setecentos e trinta, deixando apenas trezentos e dezoito para compor o concílio. Existe alguma fonte histórica que sustente esta afirmação?

“Relativamente a esta afirmação do Sr. Davis,” diz G. Smith, “o Professor Mahan, na sua recente obra contra o Espiritismo, na página 22, declara: ‘Dois mil e quarenta e oito bispos nunca se reuniram como membros deste Concílio. Nem mil setecentos e trinta, nem qualquer outro número, foram excluídos à força por Constantino. Todos, à exceção dos trezentos e dezoito que efetivamente participaram como membros do Concílio, estavam lá apenas como observadores, tal era o interesse universal pela questão doutrinária em debate — e isso é um fato bem conhecido da história.’”

No entanto, apesar desta afirmação dogmática do Professor, o Sr. Davis não afirmou nada além do que é sustentado por fontes históricas.

Na obra *Magnalia Christi Americana*, do Dr. Cotton Mather, livro VII, página 442, encontra-se o seguinte testemunho:

“Mas, para que o meu leitor esteja preparado para o que ocorreu no Sínodo, ouso perguntar-lhe o que pensa da descrição que nos dá o autor Eutíquio, um dos primeiros séculos, recomendado por Seldon e Pocock como homem de fidelidade irrepreensível? Este autor, cuja história em árabe, suponho eu, nunca foi vista por Salmasius ou Blondel, é considerado, neste ponto, mais credível do que Eusébio e Sócrates. Ele relata que, em resposta às cartas de Constantino a convocar o Sínodo, acorreram nada menos do que dois mil e quarenta e oito bispos; mas que a grande maioria deles era tão grosseiramente ignorante e errada que, por recomendação de Alexandre, Bispo de Alexandria, o Imperador escolheu apenas trezentos e dezoito — todos ortodoxos e pacíficos, sem os ânimos contenciosos dos que se acusavam mutuamente. E que, pela escolha feliz e cuidadosa do Imperador, a religião ortodoxa foi estabelecida.”

Suponhamos que os Filósofos Harmoniais decidiam convocar uma Convenção de Credos, apelando ao clero de todas as denominações — acreditas que esses senhores, deixando de lado os interesses próprios e o odium theologicum que tal poderia lançar sobre as suas reputações, elegeriam as suas melhores mentes para representar os pontos cardeais de cada Igreja?

Esta pergunta não posso responder agora; e, de fato, não seria justo julgar antecipadamente as motivações desses irmãos multiformes. No entanto, é de sabedoria dizer respeitosamente: Senhores! Podereis opor-vos a este método público de discutir departamentos tão importantes da superestrutura cristã. Os vossos testemunhos arqueológicos, deduções históricas, interpretações clássicas dos evangelhos originais, presumis que não seriam devidamente apreciados por quem propusesse esta Convenção. E além disso, afirmareis que qualquer mente cética honesta não poderá deixar de se convencer da origem miraculosa e da autoridade dos Testamentos ao ler as provas de Dr. Nelson, Paley ou Watson. Mas, caros senhores,

esses escritores abordaram a questão apenas por vias metafísicas e inferenciais; e o século XIX transportou o debate para um plano completamente diferente: agora a batalha tem de ser travada com base científica e positiva. E certamente haverá muitos presentes nessa Convenção que não terão nem tempo nem disposição para ler as vossas obras publicadas ou pesar as evidências que os senhores, como representantes da profissão, supostamente dominam. Acham justo deixar escapar uma oportunidade de fazer o bem? Um estenógrafo poderia registar os vossos argumentos e defesas, e um volume poderia depois apresentar, de forma justa, os prós e contras perante o público. O orgulho do Protestantismo é o direito ao juízo privado em política e religião — não quereis ajudar a firmar ainda mais este glorioso princípio?

A questão que se colocaria numa Convenção deste género está profundamente enraizada em princípios científicos duplamente positivos, que todos os escritores contra o ceticismo falharam por completo em refutar. Basta ler com atenção a recente obra do Professor Hitchcock, sobre Geologia e Escritura, para se ficar convencido deste fato vital. Até Hugh Miller (que apresentou uma das melhores defesas da fé teológica, equiparável à de qualquer clérigo) afirmou:

“É sempre perigoso subestimar a força de um inimigo. As Igrejas evangelistas não podem, sem traição ao seu carácter ou descuido com os interesses do seu povo, ignorar ou minimizar uma forma de erro simultaneamente plausível e profundamente perigosa, que já está tão disseminada na sociedade, que mal se pode viajar de comboio ou de barco, ou encontrar um grupo de operários inteligentes, sem detetar sinais claros da sua influência.”

E, noutro lugar, este autor ortodoxo afirma com ousadia:

“O clero, como classe, permite-se ficar muito atrás de um laicado inteligente e culto — um século atrás das exigências do seu tempo. Que não fechem os olhos ao perigo que claramente se aproxima.”

Senhores, não fiz mais do que prestar uma pequena justiça ao apresentar esta matéria. É o século XIX — com as suas Novas Verdades e os seus Despertos Direitos do Homem — que vos convida a esta Convenção dos Credos.

PERGUNTAS SOBRE AS EVIDÊNCIAS DA IMORTALIDADE

Os elementos religiosos fundamentais, imanentes nas mais elevadas faculdades do homem, parecem, à primeira vista, incompatíveis com a investigação deliberada. São poucas as mentes capazes de raciocinar quando estão imersas no preconceito. Quando se chega à mais nobre e régia de todas as emoções — a religiosa — logo partem a deliberação, a coerência e a vigilância. Quantas são as pessoas das quais se espera frontalidade, razoabilidade, caridade, temperança em tudo? A Igreja Moderna exerce uma poderosa influência entorpecedora sobre a consciência humana. Proibiu-a de raciocinar, de pensar, de iluminar-se. Os homens podem ser inteligentes quanto aos interesses ordinários da vida — mas não quanto às questões religiosas. Não! Os homens não ousam tornar-se religiosamente esclarecidos. Inúmeras tentativas foram feitas — com mais ou menos sucesso — para acorrentar a consciência humana.

Qual é a consequência de tal escravatura mental?

A consequência é que, enquanto os homens avançam em ciência, comércio, indústria e em todas as relações da existência comum, permanecem parados num passado remoto no que diz respeito à religião e à espiritualidade. E assim, uma vasta parte do mundo mergulhou involuntariamente num ceticismo extremo em relação à religião.

Quantas fontes de conhecimento humano existem?

Existem quatro:

1. Intuição;
2. Reflexão;
3. Perceção;
4. Testemunho.

Duas são inatas e naturais; duas são exteriores e artificiais. As fontes verdadeiramente fiáveis são a Intuição e a Reflexão; as secundárias e menos fiáveis são a Perceção e o Testemunho. Talvez estas nunca tenham sido consultadas de forma harmoniosa.

As Igrejas incentivam os homens a recorrer às suas fontes internas de conhecimento?

Não; as Igrejas nunca permitiram que a humanidade confiasse na luz e iluminação interiores. Só recentemente surgiu um grupo que, confiando no âmago da verdade, ousou criticar as religiões do passado. Mas são rapidamente identificados. Todo o mundo religioso, sem ousar raciocinar sobre questões sagradas, apoia-se na Perceção e no Testemunho. A Intuição e a Reflexão — fontes de sabedoria — não são

consultadas pelos eclesiásticos temerosos. A Perceção e o Testemunho são, para eles, a base de tudo o que acreditam ou esperam alcançar. O elemento religioso sobrepõe-se a tudo o mais, uma vez que tenha enredado o intelecto. Nenhum outro fanatismo é mais temível. Sob o influxo de um entusiasmo religioso, o homem esquece-se do instinto de preservação, desconsidera família e amigos, e lança-se — como Pedro, o Eremita — numa cruzada de fanatismo, sem sequer ponderar por um instante a possibilidade de se enganar a si mesmo.

Não será um dia belo e celeste aquele em que os homens se iluminarem nos seus atributos religiosos, tal como hoje o são nas esferas social e intelectual?

Sim; será, sem dúvida, um dia belo e celestial! Quando os homens ousarem, universalmente, exercer a Razão acerca das grandes questões da Vida humana. Quando virem que é um privilégio e direito pensar livremente, tornar-se-ão então não apenas debatedores e contestatários, mas verdadeiros e sérios investigadores do destino perpétuo do ser humano.

Distingues o raciocínio do debate?

Sim; o raciocínio é muito diferente do debate. A lógica não é fonte de verdade pura. Não há caminho mais rápido e seguro para o erro do que o da "lógica pura." Os sofistas começam com premissas escolhidas e saltam para conclusões — é uma espécie de ilusionismo, um malabarismo mental. Se embarcares nisso, meu amigo, estarás no caminho direto para o autoengano, para a autodegradação. Não importa quão brilhantes sejam as tuas faculdades, ou quão aclamado sejas no mundo pelo teu sucesso argumentativo — acabarás a vida com um muito pequeno saldo de satisfação.

Quantas são as pessoas que, de forma insincera, trazem apenas as suas faculdades de perceção para lidar com as questões mais sublimes da existência humana! Quando o tema da Divindade surge, tentam compreendê-lo com a parte frontal do cérebro — e, falhando, começam a duvidar, acabando por rejeitar a existência divina. Isso não é razão; é lógica. Apenas aquele cuja alma está harmonizada é verdadeiramente razoável. O mero exercício lógico é uma prostituição das faculdades. As perceções intelectuais destinam-se a compreender os rudimentos das coisas, os fenómenos e as relações.

A razão é o florescimento pleno de todos os princípios intelectuais e amorosos da natureza humana. Raciocinar é o processo, o método pelo qual a alma se exercita. A razão é a flor plenamente desabrochada do espírito; e a sua fragrância é Amor e Conhecimento.

A humanidade tem feito muitos progressos na aquisição do conhecimento sobre a existência futura?

Não; os homens fizeram pouquíssimos progressos no conhecimento sobre a vida e a imortalidade. Observa a história do Egito, da Grécia, de Roma, dos Anglo-Saxões — até aos dias de hoje — e descobrirás apenas um lento aumento no número de evidências. O espiritualismo era conhecido pelas raças mais antigas, tanto no Oriente como no Ocidente. Muitas civilizações apoiaram-se exclusivamente em fontes externas de conhecimento sobre a imortalidade. Mas logo que o intelecto ganha ascendência, e a consciência se liberta das cadeias do preconceito, então a mente — que até aí acreditava por fora — começa a reavaliar essas evidências. No início torna-se um cético infeliz; mas depois rejubila, porque vê com clareza que esta vida é tudo, e que a sabedoria suprema está em dela tirar o melhor proveito possível.

Encontras pessoas que sinceramente duvidam da imortalidade?

Sim; existem pessoas totalmente desprovidas de qualquer evidência inteligente da existência imortal. Conheci mentes que herdaram uma repulsa pela ideia de uma continuação eterna da sua individualidade. Outras, após se libertarem da Igreja, leram autores puramente lógicos. Persuadidas da eventual aniquilação do ser, divulgaram essa doutrina ao mundo. E é a Igreja Cristã quem carrega essa responsabilidade.

Como é que a Igreja é responsável por esse ceticismo?

É responsável porque, durante séculos, negou à Razão o direito de investigar e decidir sobre a imortalidade. Milhares tornaram-se mentes voltadas exclusivamente para o exterior. Ao observarem que os animais morrem, e que o homem é apenas um animal mais sofisticado, rejeitam todas as histórias espirituais e anedotas fantasmagóricas. Tornam-se céticos convictos — e até felizes — cheios de lógica, mas pobres em razão; ao mesmo tempo, são conscienciosos e dispostos a sacrificar-se pela sua crença.

Mas não temos uma abundância de evidências externas positivas?

Não; se exercitares a tua inteligência na questão da imortalidade, e perguntares: “Quanta evidência intelectual positiva realmente temos?” — surpreender-te-ás com a escassez. O que parece positivo e conclusivo revela-se, no fim, apenas inferencial e incerto. Por exemplo: alega-se geralmente no mundo cristão que nada é mais certo do que o fato de Jesus ter trazido à luz a vida eterna; que a sua existência foi a primeira manifestação de um grande e belo princípio; que a sua ressurreição foi uma prova de que todos os regenerados também ressuscitarão um dia e viverão num

mundo eterno. A Igreja tem certeza quanto a isso. Diz, com Paulo, que Jesus foi visto após a sua ressurreição por mais de quinhentas pessoas; e que, com base na perceção e testemunho dessas, toda a Cristandade deve acreditar na vida e na imortalidade.

Então, que efeito exerce essa evidência sobre o pensador?

Vou explicar: o cético, talvez versado na lógica, aproxima-se da análise desta evidência. Descobre que doze das catorze testemunhas referidas por Paulo nem sequer testemunharam os fatos alegados; e que, embora o testemunho de quinhentas pessoas, num tribunal, pudesse equilibrar muito preconceito e ceticismo, tal testemunho simplesmente não existe. Nunca foi incluído na Bíblia. O que temos é apenas a afirmação de Paulo — não o testemunho direto de quinhentas pessoas.

Ao cético, parece-lhe que se trata aqui de uma ilustração extraordinária de uma doutrina extraordinária — a imortalidade — apoiada por uma evidência inferior à comum. Os crentes veem-se, assim, obrigados a recorrer a suposições e inferências. A Igreja busca o que chama "evidências naturais" para corroborar as afirmações da religião revelada. A religião histórica, por sua vez, apresenta alguns pontos como prova: um é o fato de quase todos os videntes, profetas e apóstolos terem testificado a doutrina da imortalidade; outro, que esta doutrina foi acreditada por todas as nações. E aqui, pergunta-se:

Terá Deus plantado na alma humana tal crença, se não existisse algo que lhe correspondesse?

Mas os céticos interrogam-se sobre a universalidade das superstições e erros. Infelizmente para as Igrejas, esses erros e superstições acompanham paralelamente a convicção na imortalidade; portanto, as chamadas evidências positivas da vida imortal, extraídas da religião histórica, desaparecem da sociedade intelectual.

Chegamos agora à questão sugerida pela religião natural: será que há, na natureza, uma lei que garante o suprimento adequado às necessidades humanas? A alma do homem deseja a imortalidade pessoal; logo, terá isso. Essa é a inferência natural. Mas surge, então, uma nova questão:

E se esse desejo não for natural, mas apenas um produto da educação?

A esta pergunta, a Igreja permanece muda. Não apresenta explicação — apenas responde: "És um infiel, um contestatário; incapaz de ser justo e cristão." Mas tudo o que tais homens pedem é: um testemunho substancial e suficiente de que esta doutrina sublime e desejável não é apenas superstição. O cético pergunta: "Como podemos saber quando os nossos desejos são naturais e quando são artificiais?

Quando são inatos e quando adquiridos?” Quem sabe se o desejo pela imortalidade não foi inculcado pelos cristãos judaicos, que o herdaram de seitas ainda mais remotas? Esta doutrina remonta aos persas, aos egípcios, e ainda mais atrás, como atestam as pirâmides. Mas muitas superstições também estão ali gravadas com igual ênfase.

Terá o Pai-Deus implantado a Esperança no homem, sem que existisse algo que correspondesse a essa faculdade?

Respondo: o homem não pode ser uma contradição completa. Mas o cético questionará: “Será a crença na imortalidade um resultado do órgão da esperança, ou é esse órgão o resultado da crença?” A frenologia mostrou que a faculdade da Esperança, tal como qualquer outra, pode ser cultivada: embora inata, está sob o domínio do seu portador. Numa escala baixa, esta faculdade não aspira à imortalidade; contenta-se com a esperança de um bom dia, de um amanhã melhor, de sucesso nos negócios, de felicidade na vida. Por vezes, inspira grandes heróis ou pequenos políticos:

“A esperança é eterna no peito humano,
O homem nunca é, mas está sempre para ser abençoado.”

A esperança é vista pela Igreja como a voz da Religião Natural, levando o homem a pensar-se como um ser do futuro; a crer que o seu sucesso ou fracasso será fruto do seu esforço presente. No entanto, o cético, ao verificar que a esperança, nas suas operações normais, sugere apenas felicidade e sucesso deste lado da sepultura, conclui que ela não prova, por si só, a imortalidade. Ele afirma ousadamente que não há nenhuma evidência positiva sobre a questão.

As Igrejas citam o testemunho de certos videntes e profetas antigos, mas rejeitam todos os que não constam do cânone sagrado. Porém, quando se faz uma análise cuidadosa desta linha de evidência, o cético considera-a inadequada e extremamente inconclusiva. Os céticos examinam o carácter dos antigos profetas e videntes errantes; e sempre que encontram uma mancha, expõem-na ao mundo. A Igreja, incapaz de responder de forma franca e clara, acaba por reforçar ainda mais o ceticismo.

Não deveríamos considerar os fatos da clarividência como boas evidências?

Foi apenas há alguns anos que a clarividência foi apresentada ao público americano. Há muito era conhecida em França, na Alemanha, e em certas regiões de Inglaterra. Neste país ouviu-se falar dela como faculdade; mas, no fim de contas, quantos realmente a experimentam? A maioria das pessoas conhece-a apenas através da perceção e do testemunho de terceiros. Aceitam o relato de quem se dedicou ao

estudo do fenómeno. E conclui-se que a clarividência — não sendo uma experiência universal — constitui, no melhor dos casos, uma evidência inferencial da imortalidade.

Mas não temos evidências positivas nas manifestações espirituais?

Sim; alguém poderia dizer que há uma espécie de concerto entre os médiuns e os seus amigos espirituais, no sentido de trazer à luz as mais claras e inequívocas provas de que a alma do homem não é extinguida pela morte. No entanto, as manifestações espirituais estão longe de ser universais — são locais, específicas e na maioria privadas. Os céticos afirmam: "Há demasiadas coisas pouco dignas, que não apelam à natureza superior do homem, e prejudicam provas que, de outra forma, seriam claras e indubitáveis."

Quem nunca viu a nossa "Tabela de Explicações" mantém-se à margem e faz o seu relatório; e esse relatório, invalidando a nossa evidência, chega a jornais influentes e torna-se convicção predominante na América. Embora as manifestações hoje sejam muito mais frequentes do que há seis anos, ainda assim a maioria não está convencida de que a imortalidade não seja apenas uma bela metáfora ou um sonho religioso. A Igreja, quando instada a responder a um homem sincero, ou fica muda, ou recorre aos velhos insultos. Se o espiritualismo se tornar popular, esses mesmos eclesiásticos recorrerão às forças materiais da natureza para explicá-lo.

Mas os homens e mulheres espirituais (da Nova Dispensação) receberam evidências positivas. Sem hesitação, podem afirmar que a imortalidade está comprovada; que as provas recebidas são suficientes para resolver a questão. Infelizmente, essas evidências não são universais; não estão acessíveis a todas as mesas; os espíritos não podem agir igualmente sobre todas as almas humanas — e isso abre amplo espaço para dúvidas de muitas toneladas.

Os espiritualistas ainda terão de fazer algumas descobertas, creio eu, que respondam a este tipo de cético. Os professores da Nova Dispensação são desafiados a apresentar demonstrações positivas, tão claras para as faculdades intelectuais como qualquer soma resolvida por regras matemáticas. (Respondi a este apelo num curso de palestras recentemente proferidas, que constituirão provavelmente o quinto volume da *Grande Harmonia*.)

O que viste e desenvolveste sobre a questão da imortalidade?

Pela intuição e pela reflexão, vi que a imortalidade do homem, para ter qualquer utilidade prática, tem de ser sentida na sua natureza religiosa, e não apenas compreendida pelas faculdades intelectuais. Vi que é possível a cada homem e

mulher, depois de passarem por cultura espiritual, sentir profundamente esta verdade sublime: que a alma humana aperfeiçoada jamais pode ser extinguida!

As evidências que valem alguma coisa não estão no exterior — não estão nas manifestações mediúnicas nem em histórias de espíritos. As verdadeiras evidências vêm das duas fontes principais: Intuição e Reflexão — das fontes interiores de sabedoria. Cada cabeça humana contém a sua própria evidência. A intuição traz esse tesouro com antecedência. Cada ser humano guarda um título no Banco da Vida Eterna. A existência individual é o endosso; a alma contém a prova positiva. Os tesouros do mundo futuro estão depositados em nós!

Se os homens céticos pudessem afastar-se, por um momento, das suas obrigações mundanas — se ousassem ser sinceros e fiéis às fontes internas de conhecimento — começariam a sentir evidências positivas da imortalidade. As manifestações espirituais tornar-se-ão, no futuro, cem vezes mais desejáveis; não como prova da imortalidade, mas como ilustrações. Quando o homem souber positivamente que contém em si mesmo o poder da continuidade eterna, buscará naturalmente alguma correspondência com o outro mundo. Não se surpreenderá ao recebê-la — nem ficará desapontado ou cético se não a obtiver.

Aquele que depende apenas de fontes externas de conhecimento, insensível às fontes interiores, será inevitavelmente arrastado quando desaparecerem as evidências sensoriais. Estes precisam da prova **aqui e agora**, e sob as melhores condições — senão, são tomados por um ceticismo irresistível.

Não sofre toda pessoa de mente voltada exclusivamente para o exterior com a ausência de conhecimento intuitivo?

Sim; os externalistas vivem com uma suspeita persistente de que todas estas chamadas evidências positivas da existência futura possam vir a ser explicadas por algum princípio comum. Paulo estava, na maioria das vezes, nesta condição. Qualquer um que leia Paulo percebe, no entanto, que ele era um homem genuinamente religioso. Tentou ser filosófico quanto à imortalidade, mas o seu entusiasmo pela vida de Jesus, e a sua indulgência com este ramo do sentimento religioso, levaram-no a afirmar que a ressurreição dos homens dependia da ressurreição daquele único indivíduo.

A individualidade do homem, segundo Paulo, não era determinada por qualquer qualificação orgânica — ele não argumentava que o homem contivesse naturalmente o tesouro da imortalidade — mas supunha que o homem era imortal **em consequência de um milagre**: ou seja, que Jesus havia realmente ressuscitado fisicamente depois de passar pelo misterioso processo da morte.

Essa manifestação extraordinária baseava-se no testemunho. Terá Paulo alguma vez demonstrado dúvidas quanto a essa evidência da imortalidade?

Paulo era, por vezes, muito sensível quanto à natureza dessa evidência. Costumava dizer: *"Se Cristo não ressuscitou, então de todos os homens somos os mais miseráveis."* Muitos já leram o capítulo quinze da Primeira Carta aos Coríntios, tão cheio de belas analogias — agrícolas, figuradas — e no entanto, tão vazio de confiança na imortalidade constitucional do homem. Paulo pergunta: *"Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns entre vós que não há ressurreição dos mortos?"* Aqui, ele baseia a ressurreição humana totalmente na milagrosa e tradicional ressurreição de Jesus.

E conclui:

"Se não há ressurreição dos mortos, então Cristo também não ressuscitou; e se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã também a vossa fé. E somos tidos por falsas testemunhas de Deus, pois testificámos que Deus ressuscitou Cristo — o que não teria acontecido se os mortos não ressuscitam. Porque, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, ainda estais nos vossos pecados. Então também os que dormiram em Cristo pereceram. Se é só para esta vida que esperamos em Cristo, somos de todos os homens os mais dignos de compaixão."

O que pretende Paulo ensinar com estas palavras?

Paulo quer ensinar que, se os homens considerarem a vida de Jesus valiosa apenas como exemplo, então todo o evangelho tem muito pouco valor. O ponto central, para ele, é a afirmação da imortalidade individual do ser humano. Apesar de não ser filósofo, Paulo procurou, tanto quanto a sua natureza apaixonada lhe permitia, raciocinar com base no fundamento miraculoso da sua bela religião.

Mais tarde, Paulo declara: *"Como pode algo ser vivificado sem antes morrer?"* A sua filosofia da imortalidade era esta: que os homens precisam **primeiro morrer**, para depois serem ressuscitados através do milagre. Que somos semeados em corrupção e ressuscitados incorruptíveis; semeados como corpo natural e ressuscitados corpo espiritual; que primeiro somos lançados à sepultura, e então, na época da colheita, os espíritos que morreram ressuscitarão todos juntos.

Contudo, Paulo depois já não pensava assim.

Lemos mais adiante:

“Nós, os que estivermos vivos, os que ficarmos até à vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Pois o próprio Senhor descerá do céu com um brado, com voz de arcanjo e com trombeta de Deus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que estivermos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.”

Queres afirmar que Paulo se contradisse na sua teoria da ressurreição?

Sim: e posso provar. A doutrina principal ensinada por Paulo era que **era primeiro necessário morrer e ser enterrado** para, então, ser colhido e ressuscitado, como Cristo. Ensinava que Jesus foi crucificado, sepultado como um morto, e ressuscitou em estado superior, para mostrar à humanidade o processo necessário pelo qual todos teriam de passar para alcançar a ressurreição. **Contudo, noutro momento, ele afirma que "nós, os vivos", seremos levados sem necessidade de morrer e ser enterrados** — contradizendo, assim, o processo que antes havia descrito como indispensável.

Paulo recorreu alguma vez às fontes internas de conhecimento, como tu as chamas?

Raramente. Paulo apoiava-se, principalmente, em milagres, perceção externa e testemunhos tradicionais. Preocupava-se intensamente em estabelecer que Cristo fora visto por testemunhas fiáveis após a morte. Isso era, para ele, o primeiro passo necessário para que qualquer pessoa acreditasse. Se Paulo sentisse verdadeiramente o princípio da imortalidade, não lhe daria tanto valor a essa comprovação ocular. Mas insiste: Jesus foi visto pelos dois no caminho de Emaús; depois pelos doze; depois por quinhentos de uma só vez; e finalmente, espiritualmente, pelo próprio Paulo.

Para ele, toda a evidência da vida após a morte estava encerrada num milagre incompreensível: a ressurreição física de Cristo. O cético, perante esse raciocínio, diz: *“Isto é uma demonstração extraordinária, com menos do que evidência ordinária a sustentá-la.”*

Como posso eu acreditar na imortalidade com base no testemunho de uma pessoa que nunca vi?

Esta pergunta representa exatamente a posição do cético. Quão necessário se torna, portanto, que os espiritualistas, embora entusiasmados com as manifestações, não se esqueçam de buscar as evidências internas da imortalidade. Princípios espirituais axiomáticos é que salvarão os céticos quando cessarem as manifestações.

Nenhuma mente racional — que compreenda a lei espiritual — acreditará que estes fenómenos continuarão indefinidamente sem mudança. As manifestações, na sua variedade, gradualmente desaparecerão do mundo. Eis que a semente está a ser lançada! Já é tempo de preparar a colheita de evidências. Que estas sejam reunidas, organizadas e guardadas no belo templo da espiritualidade.

Afirmas que as manifestações espirituais se tornarão menos frequentes?

Sim: essa é a minha impressão irresistível. Os homens precisam de usar essas manifestações com inteligência; caso contrário, irão parar à história como truques de jovens ambulantes. Olha para dentro, meu amigo, à procura daquele princípio que causa todos os efeitos no exterior. Quando encontrares uma convicção interna da tua imortalidade, que nenhuma sofística possa refutar, então terás encontrado um tesouro — cuja beleza é enriquecida pelas manifestações espirituais, mas não depende delas.

Conquista primeiro essa convicção interior; depois, junta-lhe as ilustrações. Daqui a poucos anos — quando apenas se conhecerem médiuns clarividentes, de cura, de impressão ou de escrita — os homens terão colhido uma abundante seara de evidências.

Então, os testemunhos de centenas de milhares poderão ser reunidos. Pessoas, antes consideradas céticas, irão ler com sinceridade. As Igrejas perderão gradualmente o seu poder. As mentes céticas encontrarão respostas fora das Igrejas. E então — as Igrejas virão ter contigo! Mas cuidado, meu amigo: não vás tu esquecer-te e voltar para elas.

Há perigo em tornar-se demasiado popular! Atenção, quando as Igrejas começarem a achar lucrativo convidar-te para um lugar nos seus compartimentos dourados. Se aceitares isso, estarás no caminho da aniquilação espiritual. Sim, quando as Igrejas considerarem o espiritualismo suficientemente respeitável para o aprovarem, então considera que estás a entrar no caminho largo de uma prosperidade traiçoeira; uma facilidade que acabará por se tornar conservadorismo — como aconteceu no passado — e que fundará instituições que se levantarão contra outra nova dispensação.

O mundo espiritual é tão sólido e natural como este?

Sim. Gostaria de te mostrar quão naturais e familiares são as coisas espirituais. O outro mundo é tão natural, astronomicamente falando, quanto o globo que habitamos. O mundo espiritual possui leis, dias, noites, estrelas, sóis, firmamentos. Nesse mundo estão guardados, não os fatos artificiais da sociedade terrestre, mas os fatos elementares da humanidade.

Começa com as pedras sob os teus pés; observa-as; vê como sobem através de todas as gradações de refinamento — até se tornarem parte física da vasta segunda esfera! As partículas mais subtis de todas as coisas — que não são absorvidas por este mundo — vão formar um globo espiritual!

Tal como uma zona, no interior da vasta Via Láctea, desdobra-se a segunda esfera.

Poderias indicar a existência deste mundo espiritual por alguma lei visível à inteligência humana?

Sim; a existência do mundo espiritual é tão demonstrável como qualquer proposição da ciência astronómica. Tudo o que é necessário é uma ascensão intelectual indutiva, passo a passo, através das evidências materiais que a ele conduzem. A mente pode ser guiada intelectualmente a reconhecer que existe um mundo espiritual — da mesma forma que aprende que a Terra gira, embora não tenha demonstração ocular desse fato. Existem certos fenómenos na natureza — como as marés, os dias e noites, os eclipses do sol e da lua — que exigem explicação...

O astrónomo explica todos esses fenómenos pelas leis da revolução planetária. E tu acreditas. Porquê? Porque vês que a explicação cobre adequadamente todos os fatos. Assim também, há fatos na experiência humana que não podem ser resolvidos senão por uma hipótese que admita a existência de globos espirituais. Os fenómenos da consciência humana, as experiências espirituais de todas as raças, só podem ser explicados, repito, por um conjunto de princípios que, se seguidos legitimamente, conduzem inferencial, analógica e positivamente à existência de mundos espiritualizados.

Estou convencido de que seis noites de investigação contínua tornariam a existência do mundo espiritual mais real e preciosa do que as terras douradas da Califórnia.

Acreditar nesta filosofia dá felicidade à mente?

Sim; os teus assuntos quotidianos, coroados por esta filosofia, decorreriam com a maior harmonia possível. Ela torna-se, cada vez mais, uma força de sustentação para a alma humana. Referindo-me à minha própria experiência, diria: foi uma fonte de prazer inexprimível, durante muitos anos, viver conscientemente em relação à comunicação espiritual. Mas não é algo que se adquira com facilidade. Dediquei-me a isso com estudo e diligência, como um artista se dedica à música, ou um mecânico ao domínio da sua arte. Para ter sucesso em qualquer coisa, é necessário entrega. Tal foi o meu esforço, e essa foi a minha entrega — e também o meu êxito.

Algumas das minhas experiências mais íntimas coloco, com reverência, sobre o altar — para que possas ver quão substanciais e cheias de consolo são as evidências positivas que recebi da existência do mundo espiritual.

Já lá vão mais de dois anos desde que Catherine De Wolf, minha antiga companheira, partiu para o Lar Espiritual. Na manhã do dia da sua partida, o seu pai, a sua mãe, a irmã e o sobrinho — pessoas que já habitavam a Segunda Esfera há vários anos — aproximaram-se da minha casa em Hartford. Estando eu já habituado à presença espiritual de indivíduos, e sobretudo à esfera de um ser espiritualizado, senti-os junto da casa. Desci até à porta, abri-a, e convidei-os a subir até ao meu estúdio.

Assim que entraram, fechei a porta e compus-me interiormente. Em poucos minutos, perdi toda a perceção exterior; não me apercebia do corpo nem do espaço físico — era, verdadeiramente, um espírito. Ainda permanecendo no corpo, mas como espírito, podia vê-los e ouvir as suas palavras.

O pai dela disse-me:

“Viemos buscar a nossa filha. Acreditamos que partirá esta noite; e temos um pedido especial: dado que ela tem estado doente há meses, fatigada no espírito e no corpo, pedimos que a deixes connosco, no mundo espiritual, por três meses — que **nem desejes vê-la** durante esse tempo.”

Perguntei porquê, e ele explicou:

“O teu desejo pode alcançá-la e despertá-la de um repouso necessário, impedindo-a de recuperar com a rapidez que desejamos.”
Assim, prometi que nem sequer desejaria vê-la durante três meses. Os seus familiares espirituais disseram que permaneceriam nas imediações até ela, em espírito, estar pronta a partir.

Nesse dia, surgiram alguns sintomas favoráveis, sugerindo que talvez sobrevivesse mais uns dias. Mas à noite tornou-se evidente que não poderia permanecer por mais tempo. Por volta das 19h20, deixou de respirar. Não estando em estado interior naquele momento, não presenciei a sua partida. De fato, dadas as circunstâncias, nem tive oportunidade para exercícios espirituais.

Três meses passaram sem que eu recebesse notícias diretas dela; exceto dois médiuns que afirmaram ter recebido mensagens telepáticas — mas não confiei em nada que não tivesse eu mesmo recebido.

No inverno, fui a Boston para um ciclo de palestras. Às seis da tarde da minha primeira palestra, senti a sua aproximação espiritual; sabia que ela estava algures num raio de 160 quilómetros da cidade. Dei a palestra e regressei de imediato à casa onde estava hospedado. Ao subir as escadas, senti a sua presença perto de mim. Abri-lhe a porta, caminhei pelo corredor, e entrei num estado superior.

Ela estava agora a meu lado, como qualquer pessoa em corpo físico. Parecia ter rejuvenescido cerca de dez anos; e era mais pequena do que no corpo físico. Parecia desfrutar da sua existência — embora não estivesse tão entusiasmada como era seu hábito em vida. Conversámos, face a face. Usando os seus novos órgãos de fala, contou-me partes da sua experiência recente. Disse que não sabia quando voltaria a visitar-me. Perguntei-lhe se tinha vindo sozinha do mundo espiritual, ao que respondeu:

“Tenho alguém perto da casa que me acompanha.”

A visita terminou aí.

Mais tarde, fui a Auburn para mais palestras. Tal como antes, senti a sua aproximação, recebi-a no meu quarto e tivemos nova conversa.

Na terceira visita, já de regresso a Hartford — cinco meses depois — ela parecia ter perdido vinte e cinco anos de idade! Estava radiante e comovida. Disse:

“Vi tantas coisas belas, e desfrutei tanto!”
Quis partilhar comigo uma experiência — um pôr-do-sol que testemunhara no Lar Espiritual. Pedi-lhe que me descrevesse tudo com calma, para que eu pudesse anotar por escrito. Enquanto ela permanecia de pé, com o braço pousado sobre o meu ombro, escrevi a seguinte comunicação:

UM PÔR-DO-SOL NO LAR ESPIRITUAL

Há momentos, meu amado, em que anseio por falar-te do meu novo lar.

Sobre o seio da memória afetuosa, navego de volta aos dias felizes em que juntos caminhámos pela Terra.

Outrora, temi por nós dois… agora, amo por nós ambos e não temo mais.

Anteontem, a nossa família viajou ao longo das margens do *Mornia*… um lago que flui para o poente.

Acompanhados pelos mais queridos que conhecemos, subimos ao grande Monte "Starnos", a sul do lago… com uma forma que lembra um corpo solar.

E senti saudade de ti, amado… e, no entanto, a minha alma estava plena de amor, irradiado por aqueles que me rodeavam.

Neste lar dos espíritos humanos, encontro algo no ar… mais suave, mais doce do que qualquer outro que jamais respirei. Há alegria nele para mim… embora muitos aqui pareçam não notar…

E os nossos pôres-do-sol aqui!

Oh! Como eu queria, meu querido irmão, que pudéssemos contemplar juntos um céu como o que glorificou este recanto coberto de rosas, anteontem!

Visitámos o cume de Starnos para presenciar esse espetáculo… Ocorre aqui, provavelmente, uma vez a cada oito semanas vossas… Refiro-me ao pôr-do-sol deste lado do Lar Espiritual.

Queria trazer-te uma descrição completa… Mas não tenho palavras, amado!

Verifiquei se, nessa mesma noite, tinhas escrito sobre a tua visita à Torre de High-Rock… e sim, foi nessa noite!

*(*A Torre de High-Rock é descrita na obra do autor, "A Era Presente e a Vida Interior")*

Se um artista pintasse a cena que o sol nos deu, dir-se-ia que exagerou… Mas não há pincel que capte tal esplendor…
A arte não possui linhas para essas cores… a linguagem não tem força para as revelar…
E se há palavras, sinto demasiado para as pensar.

Tínhamos caminhado em torno do lago… O vale estava envolto numa névoa perfumada por milhares de aromas…
E o mar de colinas ao redor de Starnos, meio escondido por correntes de arco-íris, derramadas do céu!

Finalmente, atingimos o cume desta gloriosa elevação…
Contemplámos, com alegria inexprimível, o firmamento que se tornava cada vez mais brilhante.

Conosco estavam muitos que nunca conheceste… alguns que te conhecem e amam… outros que viste no lar terreno.

Os meus irmãos estavam connosco… e Um, a quem agora chamo o meu “anjo guardião”…
E a Cornélia de William… a sua filha recentemente casada… e James, também, com um grupo dos seus novos amigos…
E os quatro abençoados que viste na Torre de High-Rock…

Procurei a tua mão… e encontrei a memória do teu espírito perto.

Respirei… e o ar que inspirei era de Vida Eterna.

E não havia ausência, não havia vazio…
Embora não segurasses a minha mão, nem me assistisses, a plenitude da minha felicidade era permanente… era celestial.

E aquele céu acima de nós... Era ainda mais belo a leste do que a oeste... Uma massa de ouro polido... Mas não era só ouro... aqui e ali, uma borda prateada desdobrava-se... revelando o céu azul.

Quem me dera que o tivesses visto, meu irmão... Não consigo descrever-te a cena. Agora, basta-me fechar os olhos... e, na memória, consigo vê-la de novo.

Havia uma nuvem gloriosa... todas as nuvens são gloriosas, meu irmão... que refletia uma luz ampla sobre o mar de colinas e o lago lá em baixo... E Mornia, por consequência, parecia um pequeno oceano de ouro líquido... A nuvem assumiu um tom rubi...

E então, a bela e fluente Mornia parecia um mar de sangue... A luz projetada na margem oposta era como uma gaze ensolarada lançada sobre o verde esmeralda da paisagem... E as habitações remotas da "Irmandade de Morlassia"... os bosques de meditação... pareciam uma grande cidade iluminada... E os campos em redor, recebendo aquela luz avermelhada, pareciam um Mundo em Chamas.

Contemplámos... e contemplámos... e o sol pôs-se... As luzes do lado oposto apagaram-se... E a bela Mornia escureceu... E a nuvem tornou-se primeiro de um cinzento prateado... depois escura... Era noite na Morada do Espírito!

Foi a primeira vez que os meus olhos... livres de toda a corrupção mortal... contemplaram o pôr-do-sol.

E sinto que jamais o poderei esquecer, tal como não posso esquecer o momento do meu novo nascimento aqui.

Sobre isso, amado irmão, falarei mais tarde.

O nosso grupo desceu então o Monte coberto de roseiras... seguindo o caminho por entre bosques de colinas verdes... serenados pelos pássaros da hora do crepúsculo... E, à medida que caminhávamos de um lugar para outro, pensava nas glórias que me ensinaste a ver com o entendimento...

Vendo o Pai como agora O vejo, devo adorá-Lo com Amor... Em espírito e em verdade devo adorá-Lo!

Amado irmão, quão magnífico é o Templo onde HABITAMOS E ADORAMOS!

COMO CAMINHAM OS ESPÍRITOS? SOBRE O AR INVISÍVEL?

A A. J. Davis — Caríssimo Senhor:

Não será exagero dizer que obtive mais prazer ao ler as suas obras do que de todos os outros autores religiosos, antigos e modernos. Isto porque penso que forneceu mais provas filosóficas da imortalidade da alma do que todos os outros escritores, "inspirados" ou profanos. Mas, meu caro senhor, se há algumas coisas que não admitem uma explicação fácil, não me considerará exigente por lhe pedir uma.

Na sua obra *Filosofia da Intercomunicação Espiritual*, pág. 100, apresenta um relato interessante de uma "congregação de espíritos amigáveis que, a uma distância de oitenta milhas, dirigiram uma poderosa coluna de eletricidade vital e magnetismo, corrente essa que, penetrando todas as substâncias intermédias, passou pelo telhado e paredes da sala onde estávamos sentados e ali, por um processo de infiltração, entrou nas partículas subtis da matéria que compunham a mesa, elevando-a várias vezes a uma altura de três ou quatro pés do chão."

Ora, senhor, isso pareceria possível, não fosse o fato de estarem acima da atmosfera terrestre e, portanto, incapazes de acompanhar os seus movimentos. Enquanto mantinham a sua posição relativa ao seu pequeno círculo em Bridgeport, teriam de viajar a mais de quinhentas milhas por hora de oeste para este, para corresponder à rotação da Terra; e a isso acresce a velocidade de sessenta e oito mil milhas por hora na mesma direção, necessária para acompanhar o movimento orbital da Terra. Assim, os espíritos teriam de mover-se a uma velocidade de sessenta e oito mil e quinhentas milhas por hora! Se não estou certo, estou perto disso.

Além disso, parece-me incrível que, na pág. 141, diga que "o cavalheiro fechou a porta demasiado depressa para permitir a passagem dos espíritos de Solon e Pisístrato."

Mais ainda, diz-nos, na pág. 151, que “uma camada de atmosfera, mais ou menos densa, é necessária para o organismo espiritual caminhar ou permanecer de pé.” Ora, se a atmosfera é tão rarefeita que permite aos pés de James Victor Wilson ficarem a dezoito polegadas do chão, mas não suficientemente densa para que os espíritos de Solon e Pisístrato passem pela porta — enquanto um espírito encarnado pode entrar — como poderia essa “grande congregação de espíritos” manter-se a oitenta milhas de distância do círculo de Bridgeport, e sem atmosfera terrestre onde se apoiar?

Alguém poderia pensar que o seu ponto de apoio seria bem frágil para correr a tal velocidade.

Senhor, estas perguntas não são feitas por espírito de crítica, mas na esperança de que possa dar-lhes uma explicação racional. São feitas por alguém que anseia por provas da sua imortalidade — provas que nunca conseguiu obter do púlpito, e que espera encontrar apenas nas manifestações sensoriais que se afirma ocorrerem diariamente no nosso país.

Sou, com todo o respeito,
Um Inquiridor Ansioso.
Wilmington, Massachusetts, 3 de Outubro de 1855.

RESPOSTA DE A. J. DAVIS AO INQUIRIDOR ANSISO

Ao Inquiridor Ansioso:
A sua carta contém questões de grande importância, sobretudo para todos os que procuram estabelecer a imortalidade da alma através de fatos científicos e princípios filosóficos. O poeta imaginativo, o sentimentalista culto, não encontra dificuldade onde o senhor encontra; no entanto, tais pessoas — ainda que convencidas da indestrutibilidade da alma e do seu crescimento eterno em amor e sabedoria — nunca conseguem dissipar as objeções filosóficas à possibilidade da continuação da existência humana em outros mundos.

A sua mente parece estar impressionada — talvez devesse dizer oprimida — por duas condições físicas que entram em conflito com as minhas revelações espirituais: primeiro, a “velocidade”; segundo, a “densidade”. Em resposta, sou advertido a ser breve, mas espero que a minha explicação, ainda que concisa, não seja obscura.

A eletricidade da imensidão é diferente daquilo a que chamamos eletricidade neste globo. Essencialmente é a mesma; no entanto, como tantas vezes afirmei, é diferente porque é mais fina e semi-espiritual. Este elemento, espiritualizado assim, é omnipresente. A sua atuação é a mesma em todo o lado — contínua, indivisível,

indestrutível. É uma realidade imponderável e positiva que, devido a certas funções que exerce em várias partes da criação material, por vezes chamo de “Magnetismo”.

As escolas ainda não possuem conhecimento confiável, livre de conjeturas, sobre este belo agente de influência ilimitada. Tal como o Espírito Divino que o vitaliza — ele não tem margens, nem caminhos, nem trilhos, é independente. Nunca se afasta de certos princípios de ação uniforme, tanto locais como gerais.

Peço-lhe, estimado Inquiridor, que guarde tudo isto como base fundamental — sobre a qual, creio, todas as suas perguntas podem encontrar uma resposta adequada.

Não consegue compreender como os espíritos, sobre o círculo de Bridgeport, poderiam “manter a sua posição relativa” a esse círculo, sem se moverem em harmonia com a rotação da Terra, a uma assustadora velocidade de sessenta e oito mil e quinhentas milhas por hora. Tentarei explicar:

A eletricidade, sendo um princípio omnipresente, é o meio através do qual os espíritos veem e atuam sobre os objetos físicos. Este elemento penetra e permeia todas as substâncias físicas; assim, um objeto do lado da Terra, dentro dela, ou do lado oposto, seria visto com a mesma clareza e poderia ser influenciado com a mesma facilidade, como se estivesse do lado mais próximo da congregação espiritual. Os espíritos congregados e atuantes, portanto, não necessitam de mudar de posição para ver e interagir com objetos terrenos. A seguir, pergunta:

Como podes explicar o problema da densidade?

A questão da "densidade" pode ser facilmente explicada. É apenas quando os espíritos se aproximam da superfície da Terra que esta particularidade se torna notória — ou seja, a necessidade de cerca de quarenta e cinco centímetros de ar inferior como base sobre a qual caminhar ou permanecer sustentado. Sólon e Pisístrato não entraram pela porta. Porquê? Porque, como expliquei originalmente, a pressa com que um cavalheiro a fechou tornou a entrada deles inconveniente, senão naturalmente impossível.

Queres dizer que os espíritos são diferentes dos seres terrenos no que diz respeito às leis da gravitação?

Não; não pretendo ensinar tal doutrina, mas, pelo contrário, que os espíritos são regulados por leis que também regem os homens. Que os espíritos possuem tanto poder como nós para vencer as condições atmosféricas e gravitacionais — para superar as leis de fricção e inércia comparativa (o que é realizado a cada passo que damos sobre a matéria) — deve ser quase evidente para todo estudante atento da Filosofia Harmónica. Esta filosofia contempla todas essas considerações, ensinando

a existência de um elemento universal sobre o qual a vontade pode atuar extensivamente com surpreendente precisão. Se consultares a "Visão em High Rock", caro Inquiridor, verás o imenso Congresso acima da Terra, sustentado por estratificações atmosféricas — muito menos densas do que aquelas junto à superfície do globo. Na altura, questionei a possibilidade, mas fui remetido, como talvez te recordes, para a existência de corpos muito mais pesados sustentados por camadas de ar ainda mais distantes.

Após mais investigação, fui forçado a concluir que "as leis da gravitação" ainda não são compreendidas. Por exemplo: aves que pesam entre um quilo e cinco quilos sobem através de estratos densos de ar e movem-se facilmente em meios mais rarefeitos — como patos-bravos, gansos e águias; e tudo isso é feito pela vontade, atuando sobre músculos voluntários — como prova, se uma ave fechar subitamente as asas em pleno voo, cairá por terra como uma pedra ou qualquer outro corpo involuntário.

Ora, sendo verdade que os espíritos não têm asas, também é certo que se conformam com certas leis da gravitação (ainda não compreendidas pela humanidade), e, assim, conseguem ascender a qualquer altura e viajar até aos globos habitados mais distantes. Isto é geralmente conseguido ao seguirem os "rios" de magnetismo e eletricidade que fluem, com grande velocidade, entre todos os planetas habitados e a margem contígua da Terra Espiritual. (Ver "A Era Presente e a Vida Interior.") Esperando que continues a investigação do espiritualismo científico, e assim avances para toda a felicidade e verdade importante, subscrevo-me,

Seu amigo,
A. J. Davis
Brooklyn, 13 de Outubro de 1855

Podes tornar a vida e a sociedade da Terra Espiritual mais compreensíveis para o entendimento comum?

A minha impressão é que, apesar do carácter íntimo das palavras transmitidas, não posso tornar os fatos sociais da Segunda Esfera compreensíveis para os habitantes da Terra, a não ser que introduza a seguinte narrativa, que, juntamente com muito mais, foi partilhada numa conversa entre mim e a minha antiga companheira, na noite de 15 e na manhã de 16 de Agosto de 1854. Três ou quatro dias antes da sua visita, senti, em momentos de desocupação, a sua aproximação. Naquela noite, tinha estado a passear por “Lord’s Hill”, na cidade de Hartford, Connecticut. Quando regressava, ela juntou-se a mim a cerca de vinte metros da residência de William Green Jr., cuja casa era então o meu lar.

Ela veio comigo para casa — acompanhada pela sua irmã, três irmãos e pelo seu "anjo da guarda", como ela chamava à sua companheira mais estimada. Todos vieram juntos para o meu quarto. E, enquanto o grupo se entretinha em conversa sobre os diagramas, etc., que pendiam da parede, nós (Catherine e eu) iniciámos uma conversa íntima que durou quase duas horas.

Esta foi a sétima visita que me fez desde a sua partida espiritual. Desde a primeira, que ocorreu em Boston, notei que ela me oferecia apenas um reconhecimento fraternal.

Para os seus estimados amigos e conhecidos, pode ser agradável saber algo da sua aparência pessoal. Agora parece ter cerca de quinze anos — é muito entusiasta e brilhante — e, no entanto, tem uma profundidade de expressão que revela força de carácter e acuidade intelectual. Costuma ficar ao meu lado, com o braço pousado sobre o meu ombro; ou então, movendo a mão com ternura e carinho sobre a minha testa.

O seu vestido difere bastante dos que usam as que estão com ela e outras espíritas femininas, exceto o do seu anjo da guarda feminino, que se assemelhava bastante ao seu; cuja aparência também é brilhante, e cuja expressão está cheia de doçura e energia. Azul, branco e um tom leve de carmesim compõem as cores da sua indumentária simples, que, como o mais fino tecido de gaze, cruzava o pescoço, igual na frente e nas costas, cingido na cintura por um cinto branco-prateado, caindo depois graciosamente sobre os quadris e terminando a cerca de cinco centímetros do joelho.

Os braços estavam proporcionalmente cobertos com o mesmo tecido. Este vestido era, como observei, de uma só peça. Acima de qualquer moda terrena, adapta-se perfeitamente ao gosto mais refinado, e realça a graça e a beleza da forma feminina. Embora esta bela indumentária ocultasse o corpo em particular, o contorno geral da sua forma simétrica era visível — assemelhando-se a uma sombra nevada — através de uma fina teia de luz.

Registei quase palavra por palavra o resultado da nossa conversa, com base na minha recordação imediata:

"Meu Guia! Meu Protetor! Meu tudo na vida terrena! Ontem não te falei… nem esta noite como tanto desejei… mas quase todos os meus pensamentos foram para ti.

Levaste-me à montanha onde contemplo as minhas alegrias… do alto abençoado onde o meu espírito observa o mundo onde outrora vagueei… e, na plenitude da minha felicidade presente, a língua do meu coração dirige-se aos tristes errantes de lá. A minha alma agradecida dirige-se a eles… posso falar de felicidade… sou feliz

agora… Oh, tão feliz!... Quem poderá alguma vez encontrar alegria como a que eu encontrei?... Pode alguma outra alma unir-se ao seu anjo da guarda?... Sim, isso pode acontecer!... O Reino de Deus está a chegar… E parece-me que a minha alma jubilosa é a mais feliz… sim, a mais feliz… pois quem pode sentir-se tão feliz quanto eu?... Quem pode ser tão abençoado?... Quem pode amar como eu?... E onde está outro tão digno de ser amado… outro anjo da guarda assim?"

Os espíritos mais puros não se vestem com roupas artificiais. As vestes espirituais não são fabricadas na Segunda Esfera, mas, como observei várias vezes, são "importadas", por assim dizer, de fábricas em planetas físicos vizinhos. O mesmo é verdade para certas aves que vivem na Terra Espiritual.

Perguntei-lhe então: "Katie, quando estavas comigo, disseste muitas vezes que não podias viver sem mim — como podes agora sentir-te tão feliz longe de mim?"

"Amado irmão!", respondeu ela, "Vou contar-te tudo… Muitos dias após a minha chegada ao Pavilhão do meu pai… situado num belo outeiro de onde se veem os Sete Lagos de Cylosimar… não via beleza, não sentia vida, não acreditava na imortalidade, sem a presença pessoal e constante do meu único guia terreno… 'Sem ele', dizia eu, 'não consigo ver o Pai… não consigo sentir o Céu… sem ele, não posso ser consolada.'… Mesmo no sorriso da minha querida mãe… no toque sagrado e amoroso do meu adorado pai… na música suave do amor da minha irmã… nas palavras alegres de Marcus… nada me trazia alívio… só te queria a ti…

Mas, inesperadamente, um dia fui acalmada pelo som de uma voz tão parecida com a tua, que estremeci… toda trémula, toda em lágrimas, mas feliz… por te encontrar tão cedo no Pavilhão do meu pai… Olhei em todas as direções… não vi ninguém por perto… De repente, vi… mesmo à porta, junto a Cornelia*… alguém tão semelhante a ti que me lancei na sua alma aberta… 'És tu irmão do meu Jackson?', perguntei… Com profunda doçura e um olhar de amor, respondeu… 'Em breve me conhecerás.'

Mas eu não podia esperar… não, nem um momento… a espera é tortura… E no entanto, como me acalmei facilmente a seu pedido.

Desapareceu da minha vista… Mas senti quão belo é o Amor… O meu espírito procurou-o como se fosses tu… Senti que ele podia falar-me de ti… mesmo que não fosse o teu reflexo, o teu verdadeiro irmão e contraface.

Mas sobre tudo isto, os meus próprios amigos nada revelaram… às minhas perguntas, respondiam apenas que no futuro o veria mais vezes."

Aqui interrompi com esta pergunta: “Katie, isso aconteceu antes da tua primeira visita a mim em Boston?”

** “Cornelia”, compreendi, era a esposa ascendida de William Green Jr.*

“Sim, querido irmão,” respondeu ela, “eu não te tinha visto… nem sabia como encontrar-te… Todos os dias perguntava por ti, com impaciência, ou pelo teu irmão* que eu tinha visto… E então caminhava um pouco… A beleza em redor, de que tanto me tinham falado, estava morta para mim… Só conseguia pensar em ti… Apenas através do amor da tua alma eu conseguia contemplar o LAR ESPIRITUAL… Sem a consciência da tua presença, não via encanto algum na existência… nem beleza, nem grandeza, em tudo o que se estendia diante do Pavilhão do meu pai… Oh, como ansiava por ti… Tão profundamente a minha alma te desejava… ou então por aquele que abracei com tanto carinho… pois sentia que só ele, entre todos os outros na casa do meu pai, poderia ver-te, amar-te, e compreender todo o meu amor por ti, enquanto estavas na Terra.

‘Querido irmão, “como posso estar longe de ti?”… exclamava eu… Como esperar a tua chegada?… talvez por tanto tempo… Como posso esperar?… Tu não estás aqui…

Mas vejo o teu quarto, e o doce leito ali!
Também a tua mesa, e a querida cadeira de escrita,
Os pássaros parecem cantar, e as flores parecem belas,
E aquilo que o torna céu, é que vejo verdade ali.

> * Quando ela falou assim, presumi que tivesse visto o único irmão biológico que tive, de nome “Sylvanus”.

‘“Não suportaria melhor esta separação,” perguntei ao meu pai… “se não tivesse estado pessoalmente com o Jackson?”… Comecei a duvidar da sabedoria disso… tal era a intensidade com que sentia a tua ausência… E ainda assim, não trocaria aquele momento contigo por nada… Fui tão feliz por isso… e isso ainda hoje me faz feliz… A memória desperta o pensamento, e o amor desperta sentimentos que me transportam ao nosso primeiro encontro… e também à sala da casa de campo, onde fui tão abençoada… Todos os dias, as mesmas doces recordações dominavam a atenção da minha alma… sim, mil vezes… E, no entanto, por vezes confundia-te com o teu irmão… Não sabia qual desejava mais contemplar… pois amava tudo o que se relacionava contigo ou que te lembrava.

À medida que ganhava força… à medida que a juventude me voltava… por vezes não conseguia conceber a tua ausência… e por vezes nem sequer que alguma vez nos tivéssemos conhecido… A minha existência contigo começava a esbater-se…

Lembrava-me apenas do nosso primeiro contato… quando nem ousava pensar em uma proximidade maior.

Mas sei que nos conhecemos… Em mim está gravado o registo imortal… todos aqui podem lê-lo… A minha alma expandiu-se… o invólucro mortal já não a confina… e, em tudo o que tenho do céu, vejo a tua obra na minha natureza… Sim, meu Guia… meu melhor amigo terreno… meu único protetor na Terra… Sim, as tuas lições não se perderam… O ser da tua irmã espiritual recebeu-as todas… todas… e elas viverão na sua existência eterna… Embelezarão a sua vida aqui, enquanto preparam o seu espírito para lares mais elevados e céus mais puros… Obrigada… obrigada… pela tua paciência gentil… Com quanta doçura me guiaste… A minha alma eternamente grata lembra-se de tudo… tudo… e o meu espírito deixa de ser rebelde quando, como agora, sente a pureza e a liberdade do Amor e Sabedoria do Pai!

Uma manhã, o meu querido pai veio ter comigo e disse: "Filha, levanta-te, vem connosco às colinas… pois é para lá que vai o teu Anjo da Guarda."

Preparámo-nos… saímos para as colinas… Os Sete Lagos de Cylosimar… dispostos a distâncias regulares, formando um arco em crescente, entre margens sobrepostas e sob céus longínquos e elevados… pareciam o engaste de diamantes brilhantes… Por toda a paisagem, viam-se grupos de árvores maravilhosas… tão belas, tão verdes… erguiam os seus ramos esmeralda pelo menos trezentos metros acima da superfície dos Lagos… E eu voei… para o irmão do meu Jackson.

"Não és tu o irmão do meu Jackson?", perguntei… "Sou seu irmão", respondeu ele… "e juntos, iremos visitá-lo!"

Aqui perguntei: "Katie, tudo isso aconteceu antes da tua primeira visita a mim?" (Ela tinha partido da Terra há quase quatro meses antes de eu receber qualquer mensagem sua.)

"Sim, meu querido irmão… tudo isso foi antes de eu saber onde estavas… antes de saber como poderia alguma vez voltar à Terra… Ele falou-me, com palavras belas, da tua missão… do que sabia dos teus ensinamentos… Por tudo isso amei-o com ternura… 'Amaste bem', disse-me ele… 'mas eu ensinar-te-ei a sabedoria'… 'E tu ensinar-me-ás o amor'… Este mundo é todo feito de amor…

O Pai deu-lhe o seu amor… um amor que não conhece arrependimento, nem cansaço, nem mudança… ilimitado… infinito… eterno… Ele pediu-me que visse nele o meu Anjo da Guarda… Mas já antes de me conceder essa bênção sagrada, o meu coração assim o tinha nomeado… Sim, ele é o meu Anjo da Guarda… e mais… eu amo-o… Não temo amar, com todo o meu coração, com toda a minha força, com

toda a minha mente, com toda a minha alma… Deus não é um “Deus ciumento”… como o erro nos ensinou… aprisionando o amor… A Verdade não impõe correntes à alma… e, amando livremente, eu adoro Deus… O meu amor provém de um tesouro inesgotável… o céu é o nosso tesouro… infinitas são as nossas riquezas… insondável é a fonte profunda do Amor, de onde flui toda a nossa abundância… Infinita é a generosidade d’Aquele que nos dá… Retribuiremos, amando-nos uns aos outros!”

(Aqui Katie comentou que se retiraria com o grupo, para regressar na manhã seguinte. Disse que iria visitar os membros queridos da sua família ainda na Terra, bem como alguns dos nossos conhecidos em comum, mas que ainda me diria mais antes de regressar ao Lar Espiritual. Assim, na quarta-feira de manhã, às quatro horas, despertou-me com uma influência que passou pelas paredes como um sopro. Sentindo isso, levantei-me, vesti-me, desci à porta da frente e encontrei lá todo o grupo, como antes. Todos recusaram entrar, exceto Katie — que me acompanhou até ao andar de cima — e, pousando a mão carinhosamente sobre o meu ombro, disse:)

“Dentro de poucos dias, meu querido irmão… partiremos todos para a Secção Norte do Lar Espiritual.”

Ao ouvir isto, perguntei: “Quão longe fica essa secção da residência do teu pai — do seu Pavilhão?”

“Milhões de biliões de quilómetros,” respondeu ela.

“Porquê,” perguntei, “vão tão longe?”

“Para conhecer novas sociedades e diferentes paisagens,” respondeu ela, “e além disso, o meu pai, o meu Guardião e muitos outros têm tarefas a cumprir lá… Vamos, porque aqui os amantes nunca são separados nem pelo espaço nem pelas circunstâncias.”

“Dizes-me o nome do meu irmão?” perguntei.

“O meu Anjo da Guarda não é teu irmão físico… o seu nome é Cyloneos.”*

“O nome é quase como o meu,” disse eu.

“Sim,” respondeu ela; “porque ambos pertencem, pelo carácter, à mesma Irmandade. O meu nome,” continuou ela, falando de si própria, “é Cylonia**; e o teu é ‘Silonius’ — como costumavas assiná-lo.”

“A alma de Cyloneos preenche-te,” perguntei, “como às vezes dizias que a minha te preenchia?”

“Sem ele, meu irmão, sinto que não poderia existir — mesmo no meio de todo este Céu! Ele é para mim outro Jackson. Amo-o — porque tanto te amei a ti — porque ele oferece o que a minha alma incessantemente deseja — Amo-o, porque… não o posso evitar!

Da sua sabedoria abundante, prometeu-me que a tua missão continuará sem mim. Ele revelou-me os benefícios da minha vida terrena… mostrou-ma por inteiro, com as suas luzes e sombras, tempestades e bonanças… fez-me ver claramente que vim até ele a partir de ti, como um dom. A minha alma sente a verdade de tudo o que ele diz, com a mais profunda gratidão…

Sei não só, como ele me disse, qual é a joia que o Pai colocou na Terra para mim, mas também onde e como devo usá-la.” Oh, sou tão feliz por saber do teu poder de continuar, firme e inalterado, a tua missão sem mim. Neste pensamento, também, encontro descanso e céu. A alma chama pela alma, e cada uma responde à outra. O meu amor ergue a sua voz, e levanta as mãos ao alto, em gratidão reverente pela posse indivisa do amor do meu Anjo — que, em todas as coisas da minha vida, é abundante — tornando cada vez mais visível a glória, a grandeza e a bondade do nosso Pai Celestial!”

*Ela pronunciava assim: Cy-ló-ne-os — significando “Raio da Manhã”.
**Diz que o seu nome espiritual, “Sy-ló-nia”, significa “Noiva da Manhã”.

Assim terminou o nosso sétimo encontro. Para além do que ficou registado, fiz-lhe uma infinidade de perguntas que não me sinto à vontade para publicar. Perguntei-lhe — “se me compreendia?” Ela observou os meus pensamentos e respondeu afirmativamente. Não sabia dizer exatamente quando ela e o numeroso grupo de amigos regressariam da Secção Norte.

Para concluir, deixem-me acrescentar que, antes da sua união com o sábio e belo “Cyloneos”, da Irmandade de Morlassia, eu tinha feito profundas incursões nos territórios mais interiores da ciência conjugal.*

> * O leitor é remetido para o quarto volume da Harmonia — “O Reformador” — onde se encontram as impressões do autor sobre essa questão.

Pelas minhas descobertas relativas às harmonias temperamentais — de que só certas combinações podem manter-se eternamente unidas — tinha concluído que, embora a relação entre nós fosse, temporariamente, sábia e fraternalmente benéfica, não podia estender-se para além do túmulo nem ser coroada com a perpetuidade Harmónica. Por isso, a sua narrativa, ainda que trouxesse consigo um toque inicial de tristeza, não me surpreendeu.

E agora, ao recordar o seu afastamento da Terra — sustentada e enlevada pelo forte abraço do seu verdadeiro Companheiro conjugal — a minha alma só pode pronunciar uma frase de afeto e bênção sincera: “Progride, e sê feliz!”

Que contraste espantoso! A minha visão fechou-se ao espiritual; o pano caiu; já não me encontro num estado superior. Exausto pela atividade mental e sentindo necessidade de ar e exercício, saio para as ruas da cidade. Encontro rostos familiares; sorrimos, e rapidamente seguimos caminhos diferentes. Os meus pés pisam o empedrado com ritmo acelerado. O portão do Cemitério Norte está aberto. Caminho calmamente pelas suas avenidas sombreadas. O chão está húmido da chuva recente; a relva brilha ao sol; as árvores ainda gotejam.

Este lugar silencioso é sugestivo; fala-me de Morte e de Vida. Encostado à nova vedação de ferro, sob ramos pendentes que lançam uma sombra leve sobre a sebe siberiana, observo. Sob esta sombra pálida, a terra está suavemente elevada. Aqui se veem algumas violetas, lírios brancos e um pouco de miosótis. Aqui está também um registo pálido deixado por um dos seus parentes mais queridos — uma pedra branca como a neve, sobre a qual se leem estas palavras de profundo significado: “Minha irmã.”

Qual é o fenómeno da morte para o homem materialista?

Para a mente voltada apenas para o mundo material, a certeza fatal da morte é envolta em escuridão; para tais pessoas, os elementos de mudança e transformação perpassam toda a natureza exterior. A mutabilidade e a instabilidade caracterizam todas as formas e substâncias reconhecíveis pelos sentidos corporais do homem. Um nascimento — uma existência fugaz — uma decadência inevitável — seguem-se em rápida sucessão. À observação exterior, tudo muda constantemente — da infância em flor à juventude corada — da maturidade em flor à velhice curvada, até ao desaparecimento — da vida à morte. Poucas horas atrás, o oriente resplandecia com o sol recém-nascido; agora, brilha no zénite; mais umas horas, e o astro desaparece, e a natureza veste-se com o luto sombrio da noite, e a escuridão envolve o mundo.

Tal poderá ser a morte para o ímpio e não santificado; mas não será um fato mais abençoado para o crente na Bíblia?

Não; tanto o materialista como o crente nas antigas mitologias estão igualmente aterrorizados pelo mistério da morte. Jeremy Taylor, o eloquente dignitário da Igreja, disse: “O homem é uma bolha. Nasce na vaidade e no pecado; entra no mundo como cogumelos da manhã, rapidamente brotando no ar e convivendo com os da mesma criação, e logo se transformam em pó e esquecimento; alguns sem qualquer outro impacto nos assuntos do mundo senão o de alegrar um pouco os pais e, depois, os encher de tristeza.” E ainda, o mesmo mestre e excelente escritor

eclesiástico afirma: “Vi uma rosa a brotar das fendas da sua bainha, e no início era tão bela como a manhã, cheia do orvalho do Céu como a lã do cordeiro; mas quando um sopro mais rude forçou a sua modéstia virginal e expôs a sua juventude ainda verde, começou a escurecer, a ceder à macieza e aos sintomas da idade doente; inclinou a cabeça, quebrou o caule, e à noite, perdendo folhas e beleza, caiu entre as ervas daninhas e os rostos gastos.

Assim muda a mais bela das belezas, e o mesmo nos acontecerá — a ti e a mim; e então, que criados teremos que nos sirvam na sepultura? Que amigos nos visitarão? Que almas caridosas limparão o vapor húmido e insalubre que se reflete nos nossos rostos a partir dos lados dos túmulos lacrimosos, que são os mais duradouros pranteadores dos nossos funerais?” Assim nos falaram os ministros que deveriam proclamar “boas novas”; assim nos conduziu a Igreja à casa dos mortos — até que a sua penumbra se imprimiu nas nossas mentes com negrume aterrador, e a terra se tornou num sepulcro sempre aberto sob os nossos pés — caminhamos na sombra, guiados pela teologia popular, cujas melhores consolações são frias, repelentes e pouco espirituais.

Mas não existem elementos redentores no sistema de consolo da Igreja?

Sim; há elementos de fé e esperança — algumas centelhas de verdade a iluminar as trevas — que podem preservar o crente na Bíblia do desespero total e suavizar a angústia dos que perderam alguém. Mas para o entendimento claro e filosófico, não há consolações nem elementos verdadeiramente saudáveis nos vários sistemas de fé religiosa que hoje dominam o mundo.

O que provoca uma mudança tão profunda nas conceções humanas sobre a vida e a morte — o presente e o futuro?

Este não é o lugar para uma resposta completa, mas vale a pena observar que a descoberta da existência de sentidos interiores na mente humana (chamados de clarividência) foi a causa inicial do progresso nesta nova esfera de pensamento. A investigação e meditação subsequentes espalharam uma alegria clara e entusiástica por todo o ser de muitos — conferindo aquela serenidade de espírito, desprovida de fanatismo, que tão belamente caracteriza o verdadeiro homem harmónico.

Podes explicar como os “sentidos interiores” agem, de forma superior aos órgãos corporais, ao revelarem o fato da imortalidade?

Sim; os sentidos interiores clarividentes podem contemplar mundos superiores e revelar mundos dentro do próprio mundo em que habitamos. Esses sentidos comunicam-se com as fontes internas do conhecimento humano; falam à Intuição e à Razão. Tal como os mundos microscópicos e telescópicos, com os seus esplendores

prismáticos e magnitudes assombrosas, estão ocultos aos sentidos físicos do homem, também a magnificência do universo espiritual, os céus ardentes e as belezas indescritíveis das esferas eternas permanecem escondidos da visão limitada.

Mas para os sentidos interiores, todos esses mundos são visíveis. Homens, coisas, planetas, anjos, a existência futura, e as leis vitais do Pai-Deus — tudo aparece nessa ordem consistente e precisão filosófica que distingue a verdade do caos sombrio da Teologia mítica. Para esses sentidos, as mudanças da Mãe-Natureza são indícios das operações incessantes de princípios imutáveis — passos do inferior para o superior — da matéria para o espírito. Um nascimento, uma existência breve, uma morte — tudo isto são manifestações das belas Leis da progressão e do desenvolvimento. Quando a bela folhagem com que o verão adorna as florestas, e as flores que enfeitam a terra, se transformam — tingidas pelo sopro dos ventos rudes do outono — e quando a rosa corada e a violeta modesta soltam as pétalas sobre o solo coberto de geada, o coração filosófico não se entristece.

Estas mudanças evidentes não espalham vapores de melancolia sobre a mente saudável. Significam apenas que chegou um breve período de repouso, preparatório para a ressurreição de elementos afins em formas mais elevadas e outras essências; para desabrochar, se possível, uma primavera ainda mais bela e um verão mais doce, quando o domínio da Mãe-Natureza voltará a enfeitar-se com folhagem elevada e grinaldas de esplendor.

O filósofo harmónico encontra as suas consolações na existência objetiva?

Não; e, no entanto, o verdadeiro filósofo vê, em cada processo e objeto exterior, uma forma de verdade interior, plena de consolo infalível. Por exemplo: o sol recolhe a sua luz resplandecente e desaparece atrás das colinas do ocidente, e uma cortina escura desce sobre a Terra; mas eis que essa escuridão revela inumeráveis estrelas. Esses astros reais — trajando vestes de luz essencial e comandando, como deuses poderosos, os muitos planetas que atravessam o domínio sem fim dos sistemas solares — são visíveis apenas quando o sol está oculto.

A sua luz apagou-se, mas não há trevas, nem morte, nem funeral. Ainda que as nuvens possam, por instantes, ocultar-nos esses corpos distantes, e uma melancolia se instale no nosso espírito, seguida de um torpor sonhador, ainda antes de despertarmos, o sol já terá renascido no oriente, tingindo as nuvens distantes com esplendor auroral, convertendo o orvalho em raios dourados, banhando montanhas e vales, jardins e campos da Mãe-Natureza, com uma luz mais fresca e mais bela!

Descreves a Terra Espiritual como um lugar de felicidade uniforme para todos; se assim é, que motivo pode ter um infeliz na Terra para não cometer suicídio?

A resposta é ampla e conclusiva. É sempre verdade que, quando um corpo morre na Terra, uma alma surge, mais ou menos bela, no reino angélico. Mas beleza e glória não podem ser conquistadas ali pela violação das leis naturais, por motivos errados, ou pelo ato voluntário de extinguir a vida neste mundo. Não; é apenas quando as Leis do Pai-Deus e da Mãe-Natureza são plenamente respeitadas e cumpridas — quando os desígnios dos princípios inimitáveis são pacientemente acolhidos e cultivados — que a glória, a felicidade e o progresso são alcançados através da dissolução física. Na viagem da infância à maturidade, o nosso barco é frequentemente apanhado por tempestades — nuvens escuras pairam sobre nós, chorando como se um desastre terrível se anunciasse na hora seguinte — e nós próprios entoamos o cântico fúnebre dos suspiros, resignando-nos à calamidade.

Mas a hora seguinte chega plena de sol e segurança; os elementos da Natureza apenas trocaram de lugar — as condições inferiores foram transmutadas em circunstâncias superiores — os sentimentos perturbados apenas provocaram um sono tranquilo e reparador; e o nosso despertar é em novo vigor e duradoura alegria. Tal é a experiência final daquele que, tendo feito tudo ao seu alcance para evitar o desastre e a discórdia, se entrega aos legítimos processos da Natureza, e se harmoniza com os propósitos eternos de Deus, como uma criança que adormece no seio da mãe. Assim é o leito de morte do verdadeiro estudante e amante da Mãe-Natureza, do verdadeiro servidor do Pai-Deus.

Qual é a grande lição que pretendes transmitir com tudo isto?

A grande lição que desejo gravar nas almas dos homens é que a formação harmónica do carácter — em conformidade com os princípios do Amor Universal e da Justiça Distributiva — é a única segurança contra a infelicidade temporária e os distúrbios futuros. Lembremo-nos de que só o verdadeiro valor, os verdadeiros princípios e os motivos puros podem elevar-nos à posição e glória do sol; enquanto a ambição injusta e as intenções impuras fazem de nós um satélite pálido e impotente, que apenas reflete a luz — sendo visível apenas quando o brilho maior e mais puro do sol está oculto por detrás das colinas do ocidente. O progresso faz-se por uma crença racional no progresso. A harmonia do carácter e a beleza da disposição desabrocham gradualmente do esforço persistente para alcançá-las. Que essa fé e esses esforços sejam a nossa coroa e o nosso adorno — pois são, simultaneamente, causa e efeito da harmonia fraternal e da felicidade pessoal.

Nem todos conseguem exercer os sentidos interiores; poucos podem vivenciar o que experienciaste; o que pode então ser dito para consolar essas mentes?

A Filosofia Harmónica não se baseia apenas em evidências exteriores — em perceção e testemunho; pelo contrário, encaminha os seus estudantes para os princípios fixos da Natureza universal. Esse método foi rigorosamente seguido por

mim, e as consolações no leito de morte para o meu espírito são vastas e suficientes. Podemos chorar, sim — mas apenas por alegria e gratidão. O ente querido que partiu não está no caixão — não está morto — não está sepultado na terra — o solo não ocultará para sempre da tua vista a mão que apertou a tua; nem o rosto que irradiou sorrisos e emoções para o teu espírito. Não, de todo — o invólucro de osso e músculo que o espírito usou durante anos foi devidamente encaminhado para o seu refúgio apropriado; enquanto o Eu eterno deslizou para uma terra mais bela — onde amigos e conhecidos o rodeiam, entoando hinos profundos de congratulação.

Um botão desabrochou, e uma rosa abriu-se; a noite passou, e o sol brilha agora nos céus. Uma luz apagou-se na Terra, mas resplandece com mais força sob outro céu. Elementos divinos procederam do centro do universo — através de incontáveis formas e combinações de matéria — até à organização de uma alma humana. Essa alma lutou contra o mundo físico e social — viveu a fase de lagarta da existência — libertou-se da forma rudimentar. Agora habita a terra da borboleta; o lar do espírito. O seu caminho é para a frente e para o alto — conduzindo o peregrino feliz cada vez mais perto do ÍMAN ETERNO — da MENTE INFINITA!

Todos os que conhecem os postulados da Filosofia Harmónica recordar-se-ão, entre outras coisas, que a parte anterior da cabeça humana é ateísta, cética e materialista; que a parte superior é deísta, crente, espiritual; e que a parte posterior é idólatra, amorosa, devocional. A zona cerebelar é chamada “Amor”; quando invertida, é terrível de contemplar. A zona frontal é “Intelecto”; quando inativa, é idiota. A zona superior é “Espiritual”; quando subvertida, conduz às crueldades inquisitoriais registadas com o sangue de milhares.

O que ensinam as faculdades superiores ao intelecto?

Quando exercida de forma normal, a parte espiritual da mente humana ensina não só que a alma tem um Deus, mas que ela própria é um deus; não apenas que existem espíritos para além do véu, mas que a própria existência do homem é uma entidade espiritual. Porém, sendo esta porção espiritual a mais elevada, a última e mais perfeita forma de desenvolvimento do carácter, é também a menos exercida nesta era do mundo. As pessoas são, por isso, devocionais através da natureza amorosa; e céticas, através das partes frontais da cabeça. Dentro e fora das igrejas há céticos e infiéis em relação a cada princípio fundamental que sustenta este vasto desenvolvimento. Comerciantes e ministros, quando honestos e transparentes, mostram-se igualmente céticos.

Sem dúvida, todos ouviram já falar da “importância da investigação”. Existem muitas razões — urgentes e impactantes para os homens de consciência, de intelecto, de aspiração moral e religiosa — para que o espiritualismo seja investigado.

Qual consideras ser a razão suficiente?

A razão mais decisiva para investigar o espiritualismo é esta: ele já conta com mais crentes do que o Cristianismo conseguiu após três séculos e meio de esforço primitivo! Está amplamente difundido; se for falso, é igualmente fatal. Se for verdadeiro, deve tornar-se universal, benéfico, útil. Quão necessário é, então, que os homens se aproximem desta questão com honestidade e verdade, pois a ela estão ligadas consequências imensas e duradouras.

Poucos espíritos públicos abordaram esta questão com sinceridade; perante isto — qual é, então, a exposição científica dos "toques" — tal como foi satiricamente apresentada, há cerca de dois anos, pelo ascendido Galeno?

Toques misteriosos têm origem num subdesarranjo e numa hiper-efervescência de pequenos corpos glandulares cónicos, situados de forma heterogénea no rotúndio dos acefalocistos inferiores; que, ao entrarem em contato inconsciente com a eterização dos cinco processos superiores das vértebras dorsais, resultam também em "inclinações", provocando combustão espontânea com certas evacuações anormais de múltiplos *echinorhyncus bicornis,* localizados em diversos orifícios abdominais. Os toques surgem das ebulições destes corpos em certas estruturas temperamentais; e as inclinações, dos canais cartilaginosos torácicos, sempre que os seus conteúdos são comprimidos por inclinações cerebrais.

Qual é o relatório científico de Galeno sobre a afeção (ou doença) que os preconceituosos atribuem aos médiuns?

Todos os médiuns que produzem toques sofrem dessa afeção extraordinária conhecida, na profissão, como *cefalomatose* — sendo, em linguagem comum, uma obtusidade elástica dos hemisférios superiores do *cerebellosus*. Sempre que tais pacientes (vulgarmente designados por "médiuns") posicionam as suas *manui* (mãos), ou funções e protuberâncias cerebelosas, em justaposição corpórea com uma mesa ou outro objeto, os "movimentos" ocorrem por necessidade compulsiva, a saber: devido à ejaculação de gases voláteis e invisíveis efervescentes (*flatulentus cerebelli*), gerados pela decomposição da *ascaris lumbricoides*; os quais, sendo descendentes diretos do *gymnotus eletricus*, percorrem de forma aleatória o duodeno e as vísceras abdominais em geral. As teorias vulgares e as hipóteses anti-profissionais de uma ação espasmódica espiritual do sistema muscular, ou de uma aura elétrica em deslocamento espontâneo e infiltração preternatural, são ilusórias, senhores, e rejeitamo-las sem hesitação, *in totum*, como excreções insalubres e evoluções galvânicas de glândulas cerebelosas doentes e desorientadas, conhecidas, pelos não instruídos, como órgãos ou faculdades frenológicas.

É bem sabido que os chamados homens de ciência fingem ter conhecimento sobre este assunto, sem o possuírem de fato; perante esta pretensiosa arrogância, qual é a definição irónica de Galeno sobre o tratamento dos médiuns?

A observação, apoiada por um vastíssimo historial de experiência clínica, permite ao homem de ciência declarar que este fenómeno de "toques espirituais e movimento de mesas" é uma doença irregular e anticientífica, que grassa entre as classes mais baixas e supersticiosas — afetando, por inoculação, certos organismos predispostos em círculos mais elevados da sociedade. Pacientes que experienciam excitações nervosas membranosas e anormais ao frequentar sessões de toques, podem ser considerados, pela classe médica alopática, como sofrendo de uma hipergeração na cartilagem pigbácea dos processos medulares. Esses pacientes devem ter acesso aos serviços hospitalares, pois uma operação cirúrgica poderá ser o tratamento indicado nos casos crónicos; e os nossos inúmeros estudantes devem observar tais casos a serem tratados cientificamente pela faculdade regular.

E o que diz o satírico Galeno em conclusão?

Além disso, para vos iluminar ainda mais sobre os sintomas patognomónicos desta doença extraordinária, declaro — como resultado da minha recente investigação de três quartos de hora — que os pacientes que imaginam ouvir "toques" e ver "mesas a mover-se" sofrem, na maioria dos casos, de uma *hiperacitsis* na cavidade timpânica e, muito provavelmente, também de uma *hiperstenia* crónica. Os sintomas são identificáveis por protrusão dos globos oculares, boca irregularmente distendida, respiração suspensa, com ocasionais exclamações, e uma exaltação mórbida do sentido do tato; o tratamento deve ser imediato e alopático — anti-inflamatório, anti-cólico, anti-espasmódico — com três das nossas melhores sanguessugas aplicadas periodicamente à bolsa do paciente.

(*Nota: Galeno fala aqui como um típico membro verboso da profissão médica.*)

É suficientemente conhecido que os homens, em geral, não confiam nas suas próprias faculdades espirituais; por isso, não nos dá a sua opinião sobre as evidências materiais de que o homem é um espírito?

Sim; e começarei com esta proposição: que o espírito do homem é um produto da sua organização — que a organização física do homem foi concebida, por todo o sistema da Natureza, para fabricar a forma e estrutura do princípio espiritual.

Como pode fundamentar essa proposição?

Uma das provas é esta: o homem contém, dentro do seu corpo, um pouco de tudo o que se encontra fora dele. Por exemplo: pode recorrer a um médico alopático, que o tratará com preparados minerais. Os minerais podem ser absorvidos pelo sistema físico porque encontram ali afinidade.

O supercarbonato, a tintura muriática, o peróxido de ferro, bem como todas as formas de prata e ouro, e outros metais desde o ouro até à substância mais elementar do mundo mineral — todos encontram reconhecimento na organização física do homem. Os químicos sabem que não pode haver atração verdadeira, nem apropriação, sem afinidade. O corpo humano não poderia absorver ferro ou ouro — nem qualquer dos 64 elementos primordiais que constituem a Natureza-Mãe — se nele não residisse um espírito de convite. O ferro interior convida o ferro exterior. Se lhe derem em demasia, o corpo tentará rejeitá-lo. Não é a substância em si, mas a quantidade. Esta é a razão pela qual os medicamentos alopáticos muitas vezes substituem as doenças que deveriam curar.

Esta prova parece igualmente óbvia na utilização de substâncias vegetais?

Sim; outra prova é esta: o homem pode ingerir um pouco de todos os tipos de vegetação, frutos e bagas que existem à superfície da Terra. A planta *Cicuta*, a *beladona* e o *estramónio* são administradas e absorvidas. Tal absorção não poderia ocorrer sem uma afinidade acolhedora. O ser humano consome músculo de boi, veado, cordeiro, aves, peixes e até tartaruga; porque há algo no corpo que corresponde, que convida os animais, os vegetais, os minerais. A questão principal para os dietistas é: como combinar os alimentos, em que quantidade e em que momento devem ser consumidos.

Qual é a doutrina que deseja agora enfatizar?

A doutrina que vos peço que considerem é a seguinte: o corpo humano é o fruto de toda a natureza orgânica; o corpo espiritual é formado pelo corpo exterior. Escrevo agora como se o leitor estivesse a iniciar-se no ensino primário da Escola da Filosofia Harmónica. O corpo é a concentração focal de todas as substâncias; o espírito é a combinação orgânica de todas as forças. A representação de cada partícula de matéria, portanto, é, em última instância, realizada pelo homem.

Pretende ensinar que o espírito é fabricado pelo corpo?

Não; o que pretendo ensinar é que o corpo do espírito (a alma) é um resultado produzido pela organização física; não que o espírito seja criado, mas que a sua estrutura é formada por meio do corpo externo. A mente, internamente, não é uma

criação nem uma finalização da matéria; mas a organização mental é um resultado do refinamento material. O organismo humano é composto por músculos, ossos, tecidos, membranas, órgãos viscerais: essas estruturas devem ter um propósito específico.

Que função cumprem essas estruturas na economia do ser?

A função de um osso físico é formar um osso espiritual; da mesma forma, o músculo físico gera um músculo espiritual — não a essência, mas a forma. A função do cérebro (cérebro anterior) é originar um cérebro espiritual frontal; tal como o cerebelo forma um cérebro espiritual posterior. Dentro da coluna visível está a coluna espiritual invisível; os pulmões materiais contêm órgãos espirituais de respiração. O ouvido físico é animado por um ouvido espiritual. Em suma, todo o corpo exterior é uma representação daquilo que é imperecível. Deus-Pai e a Mãe-Natureza desenvolvem primeiro os pulmões, olhos, ouvidos, cérebros, ossos, músculos e tecidos. Que prodígio sublime!

Em todas as cavernas subterrâneas, estas estruturas existem em princípio. As minhas investigações levam-me a afirmar que há uma anatomia espiritual dentro da anatomia física; uma fisiologia espiritual dentro da fisiologia física; que as estruturas físicas do homem operam, como as rodas e processos de um moinho, para fabricar a organização exterior do espírito. A Mãe-Natureza reclama o corpo físico; e Deus-Pai reclama aquilo que é espiritual. Deus-Pai e Mãe-Natureza, pela sua cópula celeste, formaram estes filhos!

Pode ilustrar essa ideia?

Vou tentar. Plante um caroço de pêssego na terra. A Mãe-Natureza, com o seu magnetismo subtil, aquece-o e faz com que inche. Em breve, ele rompe a crosta terrestre e emerge. No início, vê-se apenas um pequeno tufo. Gradualmente, cresce, pé após pé de madeira; depois surgem os ramos belos; esses ramos dão origem a outros, mais pequenos e mais refinados; e por fim, a árvore está completa.

Porque existe essa árvore?

Existe para que todo o seu ser possa produzir pêssegos. Esses pêssegos, por sua vez, servem para reproduzir a sua espécie. Assim também, toda a Natureza existe para que o homem possa surgir; e uma vez estabelecidos os tipos, o processo transforma-se em propagação; e os homens continuam a multiplicar-se e a encher a Terra.

Quer dizer que o espírito mais íntimo do homem é uma substância?

Sim! "Ah, Jackson, és um materialista!" Não; não sou. A mente, essencialmente distinta da matéria, é eterna; e também a Matéria, essencialmente distinta da mente, é eterna. Estes princípios, como macho e fêmea, vivem juntos numa união imutável. Um é aquilo a que chamo Deus-Pai; o outro é a Mãe-Natureza.

O que quer dizer com "o espírito é substância"?

Quero dizer que o espírito é a ausência da não-entidade; que a matéria, ao atingir o seu ponto mais elevado de rarefação, torna-se um magnetismo celestial; que a essência espiritual se apodera desse magnetismo material; que, nesse ponto, os dois casam-se; e inicia-se uma sucessão de elaborações até que toda a estrutura espiritual esteja completa. Primeiro, há músculo; segundo, nervo; terceiro, sangue; quarto, tecido; quinto, cérebro; sexto, eletricidade; sétimo, magnetismo. Quando se alcança o ponto mais alto — o magnetismo vital — atingimos o sétimo grau.

Vamos agora mais além. O movimento começa no magnetismo; a vida no movimento; a sensação na vida; a inteligência na sensação. Começai na base óssea e subi as escadas: Osso — Músculo — Nervo — Sangue — Tecido — Cérebro — Eletricidade — Magnetismo — Movimento — Vida — Sensação — Inteligência. Doze degraus na escada ascendente da existência!

Está a ensinar que o espírito é matéria?

Não; estou a ensinar que o espírito é substância. A conceção mais clara de "nada" que alguma vez foi dada à humanidade é a ideia teológica de "espírito"!

Pode demonstrar que o espírito do homem é uma substância?

Sim; posso utilizar o método do mundo científico e afirmar, como auto-evidente, que não pode haver movimento sem força; que nenhuma substância pode ser movida sem peso, o que implica substância. A experiência de cada pessoa é uma demonstração completa de que o espírito é substância; que o espírito pode mover peso. Olhe para a rua: veja pessoas, com corpos que pesam entre trinta e noventa quilos. Que quantidade imensa! No conjunto, quantas toneladas!

Esses corpos pesados, de peso sólido, não se moveriam se os espíritos os tivessem abandonado. Não há engano: é osso real, músculo real, matéria real. Pode haver movimento sem força? Pode mover-se substância sem peso? Pode o algo ser movido pelo nada? Pode o ente ser movido pela não-entidade? O simples fato de existir, de mover o seu corpo de um lugar para outro, é prova de que o espírito é substância. É necessário inteligência para agir sobre a sensação, sensação para agir sobre a vida,

vida para agir sobre o movimento, movimento para agir sobre o magnetismo, magnetismo para agir sobre o cérebro — e assim por diante, através de todo o sistema simpático — composto de membranas, sangue, nervos, músculos — até chegar ao osso e o controlar. Assim, descemos as escadas sempre que movemos a mão — descemos os doze degraus da escada da consciência normal.

Mesmo sem pensar, movemo-nos. Podemos produzir uma manifestação gigantesca de força muscular sem pensamento consciente. E porquê? Porque o princípio espiritual oculto é composto de todas as forças vitais. Pode, portanto, pensar e agir em muitos níveis ao mesmo tempo. Sempre que ocorre uma manifestação muscular voluntária, os pensamentos passam por vários centros telegráficos — sensação, vida, movimento, nervos, músculos, etc., como já explicado. Assim, despachos telegráficos são enviados pela força da vontade a todos os departamentos do sistema.

O espírito do homem demonstra a sua própria substancialidade por meio das suas manifestações naturais. Não recorro a nenhuma outra Bíblia senão ao próprio Livro da Vida do homem! Que cada pessoa inteligente, que duvide de que o espírito é substância, deixe de lado todas as conclusões prévias, recolha-se ao seu íntimo por breves dez minutos, considere esta proposição à luz da sua própria experiência diária e constante — e estou certo de que não necessitará de outro argumento, nem melhor.

Indicou que tinha duas proposições em mente; qual é a segunda?

A minha segunda proposição é esta: que, embora o espírito do homem seja substância e tenha peso — embora possua elasticidade e divisibilidade e diversas qualidades últimas e propriedades da matéria — ainda assim (o espírito) obedece a leis superiores à gravidade comum e superiores (não antagónicas) às forças físicas conhecidas. A gravidade refere-se ao peso; à raridade, à densidade; ao quadrado das distâncias. As forças físicas na natureza são de vários tipos. Algumas são mecânicas, como a alavanca, o parafuso, etc.; mas o espírito do homem obedece, naturalmente — como deveria obedecer politicamente — a um conjunto de leis mais elevadas.

Como pode sustentar essa proposição — com que provas?

A prova é *prima facie* — o ser humano é duplo: duplo em toda a sua constituição. Há sinais na estrutura exterior que indicam fontes correspondentes de causalidade no interior. O homem tem dois olhos, dois cérebros, duas mãos, dois pés, dois lados nos pulmões; o coração humano é duplo, e assim é cada parte do sistema. O que significa isso? Os comerciantes colocam letreiros no exterior das suas lojas para indicar o que se faz no interior.

Quer dizer que o corpo indica a alma?

Sim; as estruturas visíveis duplas provêm de princípios invisíveis duplos; e estes são masculino e feminino. Operam de forma recíproca; regulam toda a ação e toda a animação. Um contrai-se, o outro expande-se. Estes dois princípios fazem com que a sensação flua da cabeça até às extremidades, e com que uma onda de retorno vá das extremidades até ao centro do *sensorium*. Quando há harmonia, há reciprocidade. Como poderia haver tal atividade compensatória no sistema humano, sem que houvesse princípios correspondentes e grandiosos por trás de tudo? Um princípio, repito, é positivo; o outro é negativo — ou, se preferirmos, um é masculino, o outro feminino.

Estes princípios formam juntos uma unidade — unindo o sistema duplo numa só ação. Esta Lei positiva e negativa é a que governa a mente. O homem vai e vem em obediência a essa lei. Por exemplo: se sentir um poder no Corão mais positivo do que o que o influencia a ler esta obra, acabará por abandonar estas páginas e buscar aquelas que mais o atraem. O homem obedece sempre à mais forte atração. Essa atração pode surgir pela via intelectual, moral ou social; venha de onde vier, é manifestação deste princípio duplo. Porque não dizer, então, que a Vida é vasta; que é um livro plenamente inspirado?

Pode explicar melhor a sua proposição de que o espírito obedece a uma lei superior à gravidade comum?

Sim; o coração envia o sangue para o cérebro. Por que lei isto ocorre? Não será esta superior à gravidade? A água tem peso e, por isso, desce. Mas, no corpo humano, a água sobe! O coração envia constantemente uma massa de sangue para o cérebro. Onde está, então, a vossa lei física? Quando se analisa o espírito, convém não forçar as analogias. É fácil perder-se nos meandros intricados da psicologia. Os homens flutuam num mar de conjeturas sem fim. Sim, "a água corre para baixo". Mas aplicar essa analogia ao espírito — e dizer que, sendo substância, não pode superar a gravidade terrestre — é cometer um erro fundamental.

Se eu afirmasse que os espíritos de certos homens, após residirem durante tempo apropriado no mundo espiritual, pesam trinta e cinco quilos, responder-me-iam que tais espíritos estariam sujeitos à lei da gravidade — a mesma lei que faz cair uma pedra mais leve lançada ao ar. Mas eu respondo que o espírito, ao contrário dos corpos inanimados, opera segundo um princípio positivo e negativo; por virtude do qual o espírito sustém o corpo, e o corpo sustém o espírito.

Quer, então, repetir as suas duas proposições?

Com prazer: a primeira, que o espírito é uma substância; a segunda, que esta substância, embora não muito diferente da matéria, obedece a uma lei superior à da gravidade. Esta última é ilustrada pelo coração que envia sangue até às mais finas ramificações do sistema vascular e o chama de volta magneticamente às suas fontes primordiais. O sangue sobe a cada instante. Já ouviram dizer que o coração é como uma bomba. Mas a verdade é que este órgão, ao contrário da bomba, opera com base em positivos e negativos — por contrações e expansões alternadas.

O que permite ao coração físico cumprir essa função?

O coração visível desempenha essa função porque há dentro dele um coração espiritual correspondente. O coração espiritual realiza uma manifestação material. O coração espiritual, que é algo, move o coração físico, que também é algo — apenas mais externo.

Onde se situa o centro da alma?

O centro da alma está próximo do centro do cérebro. Existe ali um pequeno núcleo onde se concentra o poder vital de tudo quanto constitui o ser humano. Esse lugar, num cérebro morto, não é maior que um chumbo de caçadeira. Num cérebro vivo, tem o tamanho de uma pequena uva. Admitindo a ideia de que o espírito é substância e que, no entanto, obedece a uma lei mais elevada que a gravidade, estamos preparados para compreender muitos dos fatos da morte.

Pode descrever os fatos da morte, tal como vistos pela clarividência?

Sim; a morte é uma manifestação contínua. O corpo entra gradualmente num estado de insensibilidade. Observai-o; tocai-lhe. Está tal como era, exceto que mais frio. Apresenta uma humidade desagradável e um ar gélido; tem a aparência de aniquilação iminente. Vede-o com os olhos do corpo!

Há alguma evidência sensível de que um espírito substancial esteja a ascender daquele cérebro?

Não; a evidência sensorial é, de certo modo, contrária. Pesai o corpo morto. Pesará tanto quanto antes da morte — talvez até um pouco mais. Porquê? Porque a ausência de atividade aumenta a gravidade específica, dando maior vantagem à lei da gravidade comum. Contudo, afirmo: o organismo do espírito é substância; tem peso.

Quantas vezes já observou a partida do espírito?

Por via clarividente, observei esse momento cerca de trinta vezes. Quanto a esta função de morrer, tenho apenas um testemunho. A visão exterior aproxima-se da ideia de não-entidade. Os chamados "segundo-adventistas" acreditam na aniquilação do espírito, a não ser que seja salvo por milagre e pelo sofrimento de um Salvador ressuscitado. Se não morrerem em Cristo, não ousam esperar ressurreição. Outras igrejas modificaram as suas doutrinas. A substância de toda a doutrina cristã é que o sopro anima o corpo; uma vez expirado, o corpo já não é; e o espírito nada é, exceto por milagre. Esta teoria sobre a substancialidade do espírito é muito estranha — embora o seja apenas como o são todos os erros.

A morte do corpo e a libertação espiritual assemelham-se ao nascimento de uma criança?

Sim; o centro da cabeça, o assento da alma, absorve os princípios vitais provenientes dos pés, mãos, músculos, ossos, nervos e sangue. Gradualmente, esse centro expande-se. O cérebro e o crânio são porosos; e há uma emanação. Essa substância emanada ascende através da parede, atingindo uma zona na atmosfera, acima das nuvens e das tempestades. Quando ali chega, já se encontram preparados vários "parteiros" — homens e mulheres da Segunda Esfera — à espera do novo nascimento. Neste momento, o espírito não é maior do que a estrela da manhã; a olho nu, é apenas um ponto de luz radiante. E então começa a expandir-se; a adquirir feições mais humanas. A cabeça começa a tomar forma arredondada; ainda pequena, leve, vaporosa.

O pescoço e os ombros vão-se formando lentamente. Vai-se tornando mais real; agora vêem-se os ombros e os braços; e em breve toda a estrutura está completa! Surgem os pulmões e o coração — bons protótipos dos órgãos físicos. O coração mantém ainda a sua sensibilidade. O espírito é como uma criança a emergir para o ser. Sente a pressão de uma nova atmosfera; de um ambiente estranho. Vai desdobrando-se em leveza — muito semelhante a um recém-nascido. Por fim, está liberto e completo, acima da tempestade — talvez a quinhentas estádios de distância. Assim, o espírito-criança nasce fora do corpo: que foi sua mãe!

Estava presente o Dr. Webster, que assassinou o Dr. Parkman; pode contar o que testemunhou nesse caso?

Sim; tive oportunidade de observar o processo de morte por enforcamento. Na altura, vivia hospedado em Cambridge, Massachusetts. Enquanto decorria o julgamento final, pedi internamente para perceber o seu estado mental. Examinei-o, portanto, e esse conhecimento foi valioso para mim — mas o que desejo relatar agora é a experiência dos seus últimos momentos; o seu emergir para uma Esfera

diferente e melhor. Por volta das onze da manhã, num dos dias, saí da Brattle House em direção ao Monte Auburn. Estando lá, só, imerso na sugestiva solidão daquele belo lugar, entrei em estado interior. Pela clarividência, olhei à distância de cerca de cinco quilómetros; observei o pátio da prisão na rua Leverett, em Boston.

Observei cuidadosamente o espetáculo. E dou testemunho do que vi — para ilustrar a imortalidade da alma.

Quando foi dada a palavra fatal, o seu corpo caiu. Vi o efeito que isso teve sobre o seu espírito. Se todo o peso da cidade de Boston tivesse sido concentrado numa única bala de canhão, e essa bala tivesse caído sobre a cabeça do Dr. Webster, ele não teria sentido uma aniquilação mais instantânea da personalidade. Tão rápida quanto um impulso telegráfico entre Nova Iorque e Boston foi a suspensão da sua consciência. Este foi o primeiro enforcamento que observei; e espero que tenha sido o último. Tudo ficou imóvel. Movimento, vida, sensação, inteligência, magnetismo, eletricidade — tudo cessou, como o mais silencioso dos suspiros. Quando foi retirado e colocado no caixão, declararam-no morto; mas o seu espírito ainda não havia partido. Parecia-me que poderia ter sido restaurado.

Observou a partida do seu espírito?

Sim; durante sete horas e meia — o período mais longo que alguma vez observei — acompanhei o processo. Levou sete horas e meia a nascer na outra Esfera. Isso ocorreu sem qualquer consciência da sua existência. O centro da alma na cabeça — que se tornou como uma estrela — elevou-se cerca de quatro milhas acima das ruas, num ângulo de cerca de trinta graus. Tornou-se rapidamente positivo e começou a atrair os elementos que ainda restavam no corpo. Esse pequeno foco radiante no ar estava rodeado por cinco entidades espiritualizadas. Tornava-se cada vez mais positivo, e pulsava.

Começaram a surgir traços indistintos; depois o pescoço e os ombros; depois mãos infantis, etc., até a organização estar completa (como descrevi em volumes anteriores). Ele estava profundamente adormecido, num estado de congestão. A sua consciência situava-se entre a sensação e o pensamento; ou seja, não tinha nem pensamento, nem sensação; estava num estado intermédio entre alegria e tristeza, calor e frio, harmonia e desarmonia. Era uma aniquilação temporária. Cinco entidades espirituais cuidavam dele. Pelos seus bons ofícios, foi conduzido ao Lar Espiritual. Vi onde foi depositado por elas.

Quanto tempo permaneceu nesse estado semi-anulado?

Permaneceu nesse estado semi-inconsciente durante oito dias e meio. Todos os dias, às onze horas, caminhava até aos recantos do Monte Auburn, para testemunhar

aquele belo espetáculo para além da Via Láctea! No nono dia, vi na atmosfera espiritual uma estranha pulsação vibratória. Parecia ondular por todo o céu. Ao início, notei-a à distância. Aproximava-se, intensificava-se, pulsava em redor, até penetrar no cérebro espiritual de Webster. Ao despertar e abrir os seus novos órgãos, vi nele expressões de agitação, alarme, assombro — e também um certo contentamento. Fez um esforço de memória — "O quê? Isto é Boston? — Estou a sonhar? — Estive a dormir? — Fui enforcado. — Não! Isto não é Boston." Assim, foi despertado pela música, para o conhecimento da sua nova missão.

Quer dizer que o espírito humano cresce na Segunda Esfera, aumentando em substância e peso?

Sim; o espírito cresce no mundo espiritual — tal como as crianças crescem no natural — por inspiração, agregação e secreção.

Pode dar um exemplo ilustrativo?

Sim; plante uma jovem árvore de pêssego em cerca de duzentos e cinquenta quilos de terra, dentro de um vaso de madeira ou barro, com poucos orifícios para absorção de humidade. Antes de plantar, pese a terra com precisão — digamos, duzentos e cinquenta quilos e mais treze. Deixe agora a árvore crescer à sua maneira, ano após ano, até dar frutos. Quando estiver madura, a árvore pesará, talvez, setenta quilos. Agora pese a terra novamente — e ela terá perdido, talvez, uns cem gramas, não mais! Como pode justificar o peso da árvore, se a terra não perdeu quase nada? Esta pergunta responde à outra. O corpo espiritual, que ao libertar-se do corpo físico não pesa mais do que alguns gramas, continua a absorver dos elementos do ar invisível, até tornar-se comparativamente pesado — adquirindo não apenas um poder de gravitação, mas também o poder de a superar.

E quanto à unidade das causas?

A unidade e a fixidez da verdade pressupõem e determinam a unidade das causas. Ou seja: aquilo que fazia crescer a vegetação nas planícies da Judeia há quatro mil anos, produz o mesmo efeito hoje no estado de Nova Iorque. E a nossa próxima afirmação é igualmente clara e irresistível: qualquer lei que explique as manifestações do século XIX, explicará adequadamente as manifestações dos tempos antigos, dissipando assim todo o mistério e incompreensão que sempre rodearam o domínio do milagre e do sobrenatural.

O que diz o apóstolo Paulo acerca do Espiritualismo?

Paulo disse que, nos seus dias, havia diversidade de dons e de operações. Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para proveito comum. A um, é dada pelo

Espírito a palavra da sabedoria; a outro, a palavra do conhecimento; a outro, a fé; a outro, o dom de curar; a outro, o poder de operar milagres; a outro, a profecia; a outro, o discernimento de espíritos; a outro, a variedade de línguas; a outro, a interpretação das línguas — mas todas estas coisas são realizadas por um mesmo Espírito, que as distribui a cada um conforme a sua vontade.

Estas palavras do apóstolo assentam mais na teologia ou na filosofia?

As palavras de Paulo são sobretudo teológicas, mas encerram profunda filosofia. Em primeiro lugar, Paulo afirma que cada pessoa é um médium. Em vez de "dons", eu teria dito aptidões, qualificações; uma faculdade, uma capacidade, não dada à mente de fora para dentro, mas um elemento latente na mente, que convida e produz manifestação. Ao analisar, creio que o leitor substituiria a palavra "dom" por "aptidão", implicando uma capacidade inata e orgânica. Se Paulo falasse filosoficamente, em vez de teologicamente, teria dito: "Há uma diversidade de qualificações, irmãos, sobre as quais não quero que sejais ignorantes."

O que quis dizer o Apóstolo quando afirmou que essas diversas manifestações provêm todas do mesmo espírito?

A palavra "espírito" significa *animus* — aquilo que une, energiza e dá vitalidade. Existem diferentes qualificações, mas todas operam segundo o mesmo princípio. A verdade, repito, é una: e efeitos semelhantes nunca derivam de causas diferentes. Qualquer princípio que explique as manifestações do século XIX deve, por necessidade, também explicar todas as manifestações semelhantes ocorridas em tempos antigos.

Quantos tipos de médiuns existiam no tempo de Paulo?

Paulo descreve nove tipos distintos de manifestações, a saber: palavra de sabedoria, palavra de conhecimento, fé, cura, operação de milagres (ou seja, efeitos incompreensíveis para a época), profecia, discernimento de espíritos, variedade de línguas e interpretação de línguas. Existiam, portanto, nove tipos diferentes de mediunidade. Estas distinções não indicam "dons" no sentido passivo, mas antes qualificações mentais diversas.

O princípio que originou nove formas de mediunidade nos dias de Paulo é o mesmo que produziu vinte e quatro nos tempos do Presidente Pierce e da Rainha Vitória. Pouco importa se os homens acreditam ou não na teologia de Paulo. A História é coerente no seu testemunho: esse princípio que atua na Natureza e na alma humana, e que revelou nove médiuns na época de Paulo, é suficientemente progressivo e potente para desenvolver vinte e quatro classes distintas ao longo de mil e oitocentos anos.

(*Ver a classificação em "A Idade Presente e a Vida Interior".*)

O que diz a Bíblia de Douai sobre a mediunidade atribuída a São João?

Afirma que João, filho de Zebedeu e Salomé, irmão de Tiago Maior, era conhecido como o Discípulo Amado; que escreveu o seu Evangelho não por observação ou experiência, mas sessenta e três anos após os acontecimentos que narrou. Com base nisso, somos levados a concluir que João — o amado, o fervoroso, o entusiasta — foi forçado a recorrer à memória, à tradição ou à inspiração. Qual escolheremos? Confiamos na memória por sessenta e três anos?

Confiamos na tradição por sessenta e três anos? A experiência humana é, em geral, uniforme. E essa experiência prova que a memória é falível em sessenta e três horas; e a tradição raramente fiável por sessenta e três dias. Resta apenas uma hipótese: assumir que o Apóstolo recebeu uma forma de revelação ou inspiração. Se o Evangelho de João é autêntico, há que explicar de que modo ele obteve informações corretas. Se as recebeu por inspiração, qual foi a lei que regulou essa inspiração? A Bíblia de Douai diz que João acrescentou muitas coisas que os outros evangelistas omitiram. Se assim foi, surge então a questão:

Qual foi o princípio pelo qual São João adquiriu tal conhecimento?

São Jerónimo afirma, no prefácio ao Evangelho de João, que quando os irmãos lhe pediram insistentemente que escrevesse, ele respondeu que o faria. Recordemos: isto foi sessenta e três anos após os eventos e conversas a relatar! Mas quais foram as condições? Estas: "Depois de ordenarem um jejum comum, elevaram as suas orações ao Todo-Poderoso." Aqui estão, pois, duas condições primárias: abstenção de alimento e elevação reverente da alma. Cumpridas estas condições — diz São Jerónimo — João, repleto da mais clara e plena revelação vinda do céu, irrompeu com aquela introdução: "No princípio era o Verbo...", etc.

Suponhamos agora que um médium do século XIX, igualmente preparado física e mentalmente para a manifestação, escrevesse: "No princípio era o Verbo..." — dir-se-ia talvez que tal coisa é incrível.

A ideia que desejo transmitir é esta: a unidade da verdade; a unicidade da explicação. Como filósofos progressistas, não nos importa que rotulem a nossa experiência de "psicologia", "magnetismo" ou "alucinação". Podemos apresentar ao mundo cristão a mesma explicação para aquilo que consideram sagrado. A nossa experiência merece ser examinada com honestidade. Porque o que explicar a nossa experiência explicará também os antecedentes semelhantes — e forçará a Bíblia à sua verdadeira posição: como relíquia ou registo histórico da literatura mediúnica.

Os efeitos modernos do espiritualismo são superiores aos da antiguidade?

Sim; a superioridade das nossas manifestações sobre as do passado pode ser traçada e demonstrada com facilidade. Considerando as revelações mediúnicas modernas no seu todo, encontramos uma variedade de resultados superiores. Muitos médiuns atuais são francamente melhores do que muitos do passado.

Relato um caso: Quando Jesus ressuscitou, no primeiro dia da semana, a quem apareceu primeiro? A uma das personalidades mais ilustres e irrepreensíveis?

Não! A alguém de reputação imaculada? Também não! Já ouvistes dizer que as manifestações modernas não podem ser divinas porque não se realizam através de "senhoras e cavalheiros" de reputação inquestionável e elevada posição social? Isto tem sido afirmado nas Igrejas. Os eclesiásticos dizem que os médiuns escolhidos são pessoas nas quais pouco ou nenhum crédito se pode depositar. "Joana", "Brígida", "Susana", "Tomás", "Ricardo", "Henrique" — pessoas comuns, sobre as quais pouco ou nada se sabe. E, no entanto, refiro agora um caso em que, quando Jesus ressuscitou espiritualmente, apareceu primeiro — não a um dos personagens mais ilustres ou doutos — mas apenas a Maria Madalena, de quem havia expulsado sete discórdias. Pensem nisso!

A Igreja crê que uma manifestação do próprio Deus do Universo se deu, em primeiro lugar, a Maria Madalena, de quem foram expulsos sete (D) demónios. E quando esta médium contou o que tinha visto, "não acreditaram nela"; talvez porque a sua reputação como testemunha da verdade não fosse suficientemente sólida. Mais tarde, Jesus apareceu, sob outra forma, a dois no caminho de Emaús; e os apóstolos também não acreditaram neles.

Posteriormente, apareceu aos onze enquanto comiam, e repreendeu-os por não terem acreditado no testemunho de Maria e dos dois de Emaús. Um acontecimento extraordinário, se considerado isoladamente; mas à luz da nossa vasta e superior experiência, parece-nos tão familiar como expressões do quotidiano. Se o carácter dos nossos médiuns compromete as suas manifestações, o mesmo se poderá dizer dos do passado.

Qual a relação entre o espiritualismo moderno e a Bíblia antiga?

A Bíblia permanecerá ou cairá consoante o veredicto que for, a seu tempo, pronunciado por investigadores imparciais.

O passado mitológico deve ser testado pela experiência e pela inteligência do presente. Eu afirmo a origem espiritual, não adulterada, de quarenta por cento de toda a nossa experiência. A Bíblia é valiosa como um registo da espiritualidade —

ou como um repositório de estados alucinatórios — conforme as nossas experiências atuais vierem a demonstrar. Para o Filósofo Harmónico, pouco importa que a Bíblia ensine espiritualismo. Mas para o mundo pode ser relevante que o nosso departamento psicológico revele ser, afinal, espiritual — o que permitirá manter a Bíblia como uma relíquia histórica verdadeira. Para as Igrejas, e não para nós, é importante a explicação das nossas experiências.

Devem os espiritualistas tentar convencer o povo de que o espiritualismo é bíblico?

Não; é de pouca vantagem para os espiritualistas "cristianizar" a sua experiência.

É importante, sim, para os eclesiásticos saber que Daniel, aquele que teve a visão (ver capítulo X), não comeu pão saboroso durante três semanas inteiras; não bebeu chá nem café; não fumou charutos; não mascou tabaco; não comeu porco nem bifes de vaca; mas consagrou-se, de corpo e alma, durante vinte e um dias, a fim de receber uma manifestação!

Quantas pessoas, cheias de vigor e saúde, estariam dispostas a passar três dias sem alimento para obter uma manifestação? Repletos de carne de porco e batatas, cheios de corrupção e excessos, erguem-se — do púlpito ou da imprensa — e escarnecem da experiência daquele que está disposto a abdicar de todos os luxos por um vislumbre espiritual. Se experimentassem os métodos de João ou de Daniel, logo descobririam que o espiritualismo é uma verdade a ser confirmada pela investigação científica.

Não! Não há qualquer vantagem positiva em tentar "cristianizar" o espiritualismo. O Universalista, que outrora foi o mais liberal, agora anseia por evitar o rótulo de "incrédulo". Temos *Universalistas Cristãos*, *Unitários Cristãos*, *Wakemanitas Cristãos*, *Shakers Cristãos*, *Espiritualistas Cristãos*. O espiritualista precisa do passado para se validar? Longe disso. As piores desvantagens surgiriam da adoção do espiritualismo pelas igrejas. Quando as igrejas descobrirem que a sua política mais segura é acolher-vos para pregar o **espiritualismo delas** a vós, e vós aceitardes, em breve estareis revestidos por uma crosta sectária das instituições comprometidas com o tempo e o poder.

Dentro de cinquenta anos, o nosso espiritualismo estaria confinado a um invólucro denominacional. *Proíbe-o, ó Génio do Progresso!* Espiritualistas! Sede firmes! Não retrocedam! Elevai-vos até ao Templo resplandecente de Deus-Pai e Mãe-Natureza; permanecei ali com firmeza; e acolhei dentro de vós mesmos o testemunho espiritual.

“E aqueles que nos falam destas coisas gloriosas —
Visitantes abençoados de esferas mais felizes,
Cuja presença se sente, qual leve sopro de asas,
É agora mais comum nestes últimos dias —
Como agradecer a essas hostes angélicas
Por toda a paciência amorosa que nos demonstram?
Como abençoar estes viajantes das margens celestes
Que aqui descem, para amar e trabalhar entre nós?

Pois eles abrem os olhos há muito fechados
Pela sombra do que os Pregadores dizem ser Verdade,
E proclamam aos filhos dos homens
Que Deus é Amor — e que não existe a Morte!
Podemos nós unir-nos ao seu canto coral,
Que se eleva em hino pelos campos do Espaço,
Até às esferas onde, radiantes e fortes,
Resplandece a glória do Rosto do Pai?

Ó Deus! Nós Te agradecemos, pois chegou o tempo
De dissipar a sombra deste vasto eclipse.
Ela afasta-se — e eis que, dos há muito silenciados,
Erguem-se hosanas, e louvor em seus lábios!
A alvorada púrpura desponta — grandiosa e doce,
Traz um dia que a Terra jamais esquecerá.
Seus estandartes aéreos abrem caminho diante dos pés
Do sol jubiloso que jamais se há de pôr!”

(*Estes belíssimos versos são de um poema de Franklin L. Burr, de Hartford, Connecticut.*)

As pessoas queixam-se de espíritos enganadores; pode explicar por que razão os espíritos enganam?

Para além das explicações amplas já apresentadas em volumes anteriores, respondo com um incidente sugestivo:

Enquanto residia na cidade de Hartford, fui visitado por uma senhora — membro de uma igreja — que, inesperadamente, se tornou médium de impressões. Essas impressões eram, para ela, claras, definidas e completamente satisfatórias. Escrevia palavra após palavra com grande segurança, sempre louvando a Deus. Era devota; acreditava que a Bíblia era uma emanação divina.

Assim sendo — com base na doutrina de que “semelhante atrai semelhante” — os espíritos do outro mundo deveriam procurar o seu correspondente aqui. Ou seja, ela deveria atrair espíritos crentes na Bíblia — ou com sentimentos semelhantes aos seus. Seria isso o que acontecia? Vejamos.

Havia uma luz radiosa em todo o seu rosto; era um entusiasmo profundo, fixo, e quase assustador. Já vi essa expressão muitas vezes. É um sinal certo da ausência de verdadeira investigação.

Assim que entrou na sala, disse:

“Sr. Davis, ouvi dizer que tem impressões do mundo espiritual. Já ouviu de alguém que tenha recebido uma comunicação direta de Deus?”

“Certamente”, respondi. E então, recordei toda a história bíblica — o desenvolvimento histórico da religião — sempre uma boa reflexão.

“E o senhor, já recebeu algo diretamente de Deus?”

“Claro que sim,” disse-lhe, “comunico com Ele sempre que respiro. Aliás, nunca acreditei — desde que tenho consciência racional — que possa existir sem uma emanação divina. Por isso, vivo, movo-me e existo n'Ele.”

“Não, não”, exclamou ela, “refiro-me a palavras recebidas diretamente de Deus.”

“Nunca”, respondi.

“Pois eu recebi uma comunicação. E está assinada: ‘Deus’.”

Ela retirou a comunicação e leu-a. Era bastante sensata — e, aos seus olhos, muito importante. O seu conteúdo era o seguinte: que a Bíblia fora escrita por escribas escolhidos, transmitindo verdades mais profundas do que os próprios autores supunham, para responder às necessidades mentais do século em que foi escrita — e também das gerações seguintes até ao século XIX. Mas que a humanidade, por uma operação natural (não especificada), tinha ultrapassado a letra — e grande parte do espírito — da Bíblia. Ainda assim, o Senhor desejava preservar o livro da aniquilação.

Dizia que a ciência o tinha ultrapassado; e que a filosofia via para além dele. E que Ele a tinha enviado a mim — escolhendo-me de entre todos os habitantes da Terra — para reescrever a Bíblia e adaptá-la às necessidades do século XIX e dos dois mil anos seguintes.

Foram dadas várias razões pelas quais eu era especialmente qualificado para essa tarefa.

Pois bem: refleti por uns momentos. A comunicação estava assinada “Deus”, e ela acreditava piamente. Decidi correr o risco de abalar todos os seus preconceitos religiosos de uma vez — pois, como um cirurgião, às vezes vejo que a amputação é preferível a qualquer paliativo, para salvar o corpo inteiro da corrupção. Pensei que talvez amputasse até a nossa amizade — pois para mim um princípio vale mais do que qualquer relação.

Disse-lhe, portanto, que da próxima vez que entrasse em comunicação com *deus*, lhe dissesse que, segundo a minha consciência, eu acreditava que já existiam Bíblias a mais no mundo; que fazer mais seria insultar o que já estava ferido; e, finalmente, que eu estava demasiado ocupado com outros assuntos para assumir tal missão.

Ela, claro, ficou chocada. O seu entusiasmo transformou-se numa espécie de repulsa perante o que considerou uma blasfémia — vinda do homem que esperava ver aceitar, com júbilo, tão distinta missão. Respondeu-me, com certo ar resignado, que cumpriria o meu pedido.

Dez dias depois, ela voltou. Tinha entregue a minha mensagem a *deus*.

“Então, o que é que ele disse?”, perguntei.

“Bem… disse que não era o Deus do Universo, e que nunca afirmou sê-lo.”

A partir daí, ela iniciou uma correspondência espiritual com este *“deus” apócrifo*. Perguntei-lhe:

“Porque assinas o teu nome como ‘Deus’?”

“Porque,” respondeu ele, “sou todo o deus que esta minha tutelada consegue compreender.”

“Usas este método para a enganar?”

“Não,” exclamou.

“Então por que lhe enviaste aquela mensagem?”

“Porque,” respondeu ele, “não vi outra forma de a levar até ti — de provocar esta conversa entre vós — e os resultados que daí poderiam surgir.”

“Estás a dizer que és um Espírito muito elevado e ilustre, e um Deus sobre muitos?”

“De modo algum; sou apenas um deus no sentido de responder às necessidades da minha tutelada, ajudando-a a entrar numa nova dispensação. Sou o anjo da guarda dela — não acredito nas suas doutrinas — quero afastá-la delas — não a tenho enganado — dei-lhe aquela mensagem para garantir esta conversa convosco — para reorientar a sua mente.”

“E vais continuar a acompanhá-la?”

“Sim; tenho a sua confiança, e continuarei a acompanhar o seu desenvolvimento.”

Voltei a vê-la cerca de três meses depois. Estava mais desenvolvida do que todas as igrejas; mais feliz; mais distante dos dogmas, mas não menos devocional. A sua mente estava completamente livre da ideia de que tinha uma missão especial, por ser instrumento nas mãos de um “deus guardião”.

Como se compara o espiritualismo ao cristianismo, no seu efeito benéfico sobre a humanidade?

Para responder com justiça, é preciso estabelecer um ponto: o cristianismo está no mundo há quase dois mil anos; o contato espiritual moderno tem pouco mais de oito.

Ora, o cristianismo nunca sugeriu um único fato científico — nunca desenvolveu um só plano abrangente para o alívio prático da humanidade sofredora. Pelo contrário: a religião institucional tem usado todo o seu poder para se opor a quase todo novo desenvolvimento; tem difamado e condenado como “incrédulo” todo aquele que, fora dos sectarismos, trabalhou para corrigir abusos, tanto nos altos como nos baixos estratos da sociedade.

Tem combatido todos os grandes filantropos que lutaram contra a escravatura, contra a pena de morte, contra os vícios desorientados, e a favor de uma religião prática, centrada na regeneração moral e intelectual da humanidade — em vez de pregações e orações de salão. Os pioneiros da causa abolicionista enfrentaram a mesma oposição por parte dos religiosos que os primeiros mestres de Astronomia, Geologia ou Frenologia.

O espiritualismo, por outro lado, já revelou ao mundo uma série de verdades práticas e profundamente importantes.

Nos campos da ciência e da filosofia — especialmente da filosofia da mente, que lidera entre as mentes cultas e inteligentes — trouxe novos fatos e demonstrou princípios universais.

As ciências do magnetismo, eletricidade, química, psicologia, clarividência, psicometria, entre outras, receberam contributos valiosos e revelações sugestivas de alguns ramos do espiritualismo.

O mundo recusa esse novo conhecimento?

Sim; esse conhecimento é arrogantemente rejeitado pelos devotos do sectarismo — e desprezado pelos defensores das igrejas luxuosas e de um sacerdócio remunerado.

Mas o que se deve considerar "benefício prático para a humanidade"?

Tudo o que aumenta o conhecimento humano e amplia os gozos da alma humana é benéfico para o mundo.

O espiritualismo produz esse efeito na humanidade?

Sim; para além dos seus benefícios científicos, o espiritualismo revelou várias verdades religiosas importantes, entre as quais se destacam:

1. **Prova que o homem é um espírito organizado e substancial;**
2. **Prova que esse espírito é imortal;**
3. **Prova que essa imortalidade consiste numa série infinita de progressões sociais, morais e intelectuais;**
4. **Prova que todos os espíritos evoluem de graus inferiores para estados superiores de existência;**
5. **Prova que este mundo não é um "vale de lágrimas" de provação divina — nem um teatro ilusório — mas o início da jornada eterna e bem-aventurada do homem;**
6. **Prova que a doutrina popular da "depravação total" é falsa; que a humanidade, tal como a Natureza, é progressiva — ascendendo desde todo o tipo e grau de imperfeição;**
7. **Prova que a doutrina dos "castigos eternos no inferno" é falsa; que, em vez disso, cada indivíduo é obrigado — por uma lei intrínseca ao seu próprio ser — a conquistar, nesta vida ou na próxima, a sua própria libertação do erro e da maldade.**
   Não há redenção por substituição; porque a dor é a consequência legítima e inevitável da transgressão.

Estes são alguns dos **benefícios práticos centrais do espiritualismo**.
Quão imensuravelmente superior é tudo isto à teologia moderna!
A teologia não pode provar a imortalidade da alma — nem demonstrar nada de satisfatório às mentes inteligentes, exceto o seguinte: que nasceu no Oriente, nas

cavernas mais sombrias da tradição e da superstição, e que, na sua forma atual, revelou-se incapaz de abençoar ou harmonizar a humanidade.

Como é definido o espiritualismo por alguns dos seus defensores?

Alguns dizem que o espiritualismo é "o princípio, a essência, a ciência da vida." Afirmam que "ele desce por todas as gradações da natureza animal, vegetal e mineral até às formas mais elementares — e ascende por todos os graus do desenvolvimento humano até ao Ser Divino."

Essa definição está correta?

Não; dado que o termo *espiritualismo* é utilizado para designar um certo estado de desenvolvimento religioso, não pode ter um âmbito tão vasto e abrangente.
Se fosse assim, todo e qualquer assunto teria de se classificar como espiritualismo, e todo o ser humano, qualquer que fosse a sua crença, profissão ou condição, seria um espiritualista.
Há três grandes *artigos de fé* — e apenas três — geralmente aceites por todos os que se consideram espiritualistas (sem que isso constitua um credo formal).

Qual é o primeiro desses três artigos de fé?

Que o homem, no seu interior, é um espírito organizado.

E o segundo?

Que após o evento a que chamamos morte física, o seu espírito, preservando a sua individualidade e todas as suas faculdades, prossegue para um estado mais elevado e melhor de existência.

E o terceiro?

Que, depois de se "ambientar" a esse novo mundo — de se familiarizar com os seus costumes e com a grande descoberta recente de que é possível comunicar com os entes que deixou — esse espírito pode regressar e demonstrar a sua existência, proporcionando não apenas harmonia social, mas também banquetes morais e intelectuais nas "mesas espirituais".

A adoção desta fé prepara a mente para uma reforma geral?

Sim; o espiritualismo é o quarto — o mais grandioso e importante — movimento do século XIX.

Está a romper os credos e instituições do país, e a enviar os seus antigos devotos para os campos da investigação, à procura de princípios de interpretação que lhes permitam compreender os fatos extraordinários que pressionam cada vez mais a atenção da humanidade. Contudo, nota-se uma falta de unidade de esforço — algo que anseio ver entre todos os que adotam os seus três princípios fundamentais de fé.

Como poderá isto ser remediado?

Dado o recente surgimento de muitas ideias progressistas e variadas, que exigem troca de pensamentos e discussão livre, considero sábio adotar métodos novos e melhorados para a aquisição e partilha do conhecimento.

E, porque acredito que a verdadeira inspiração é universal e perpétua — não limitada a nenhuma época ou personagem em particular — e que é recebida pelas mentes representativas de ambos os sexos nas áreas da Ciência, Literatura, Arte, Filosofia, Espiritualismo, História e Reforma — e também porque acredito que a Tribuna Pública deve (e irá, a seu tempo) substituir o púlpito privado como canal de instrução para as massas — proponho, portanto, a criação de **plataformas livres**, nas quais possam ser dadas palestras por aqueles inspirados a falar sobre tudo o que concerne ao interesse humano.

Dessa forma, poderemos fraternizar com o talento progressista e espiritualizado de todos os países, evitando o mar morto do sectarismo e tornando-nos instrumentos na descoberta e disseminação de todos os fatos — físicos e espirituais — bem como na proclamação de verdades universais — tanto terrestres como celestiais.

PERGUNTAS SOBRE OS EFEITOS DO UTILITARISMO

Cada dispensação, como um globo, está sujeita a mil diferentes interpretações.
Mas para os nossos fins imediatos, é útil adotar a classificação confirmada pela experiência.

- A **primeira dispensação** foi a do **impulso**, associada ao princípio da perceção.
  O cérebro posterior era o mais desenvolvido, sobretudo acima dos olhos e entre as orelhas.
  Esta era do impulso e da perceção culminou no período mosaico.
- A **segunda era** foi a da inteligência e da reflexão.
  As partes superiores do cérebro frontal começaram a desenvolver-se.
  As faculdades intelectuais voltaram-se para a Terra e reconheceram que o homem deve atuar sobre ela e dominá-la através de meios e instrumentos.
  Esta fase também trouxe a capacidade de absorver ideias, sentir os grandes princípios que regem a Natureza e a alma — quase como por instinto.

Esta era culminou quando o cristianismo foi plenamente exposto.
O seu fundador vislumbrava já a chegada da era da reflexão.

- Depois disso, começou a surgir, em diferentes partes do mundo, uma nova era, que chamo de "era da sabedoria", englobando manifestações rudimentares de impulso, intuição, reflexão e perceção.
  Com essa era de sabedoria, veio o princípio do **utilitarismo**, ou seja, a tendência de realizar e concretizar as ideias concebidas.
  Chegamos, por fim, a um estágio da evolução da humanidade que chamo de **"prático"**, e que é o início da verdadeira sabedoria.

A história corrobora essa classificação?

Sim. A história da humanidade reflete, em primeiro lugar, uma infância — a era do Sentimento; depois, a maturidade — a era do Pensamento; e, por fim, uma maturidade florescida — a era da Ação.

Há sempre indivíduos em cada uma dessas fases. Algumas mentes vivem na era do impulso e da perceção — percebem muito mais do que conseguem conceber. Outras vivem na era da intuição — absorvem ideias mais rápido do que as conseguem manifestar. E há ainda aquelas que representam a sabedoria científica — têm a disposição de aplicar, de imediato, todas as ideias que concebem.

O que entende por "era da sabedoria"?

A primeira manifestação do princípio da sabedoria é **o Uso**;
a segunda, a Justiça;
a terceira, o Poder;
a quarta, a Beleza;
a quinta, a Aspiração;
e a sexta, a Harmonia.

A humanidade deu o primeiro passo à entrada do grande templo da Sabedoria.
O Uso é a doutrina do século XIX. E rapidamente atingirá grande perfeição nas realizações anglo-saxónicas. O utilitarismo está em ascensão; é o princípio supremo — o evangelho de tudo, para o mundo atual.

Hoje, os homens já não perguntam: "Qual a relação entre o profeta e o vidente?" — mas sim: "Qual a relação entre o Lucro e a Perda?"

A questão antes era: "Que farei para me salvar?" — agora é: "O que farei para tirar proveito?"

O nascimento do deus do século XIX pode ser traçado até à fornalha de Aarão.
O "bezerro de ouro", fabricado por aquele artesão hábil, é o nosso deus atual.
Contudo, isto não é depravação — e não deve causar desânimo.

Qual é o efeito deste princípio utilitário?

Como dissemos, a primeira manifestação da sabedoria é o **Uso**. Por este princípio, começa a reconhecer-se que a melhoria física — e a reforma organizacional — estão na base de todo o progresso espiritual.

O homem deve estar fisicamente bem situado, desenvolvido, preparado, antes de poder receber uma verdadeira infusão do elevado, do belo, e do bom. O "Uso" fixa os seus olhos no exterior, no fundamental, no elementar.

O espiritualismo surgiu também como uma espécie de inspiração lateral, para auxiliar as construções mecânicas; melhorar as condições físicas do homem; e dar-lhe tempo livre para crescer espiritualmente. O evangelho do Uso é a doutrina de pesar, medir, calibrar.

Este desenvolvimento acabará por alcançar cada ser humano — para lhe dizer se é discípulo do passado, do presente ou do futuro; para lhe dizer que foi pesado na balança, que as suas ideias foram avaliadas, e que o seu lugar no universo já foi descrito.

Sugestões científicas serão feitas quanto à forma como o homem deve lidar com as suas ideias e ocupações. O utilitarismo verá o que é útil, o que é belo, o que é benéfico. O princípio do Uso penetrará no âmago da igreja, do Estado, da família — em todas as relações que constituem o "Lar".
Nenhum departamento poderá fechar-se ao avanço inevitável deste princípio investigativo.

Qual é a característica mais proeminente deste século?

Se pensarmos na Cristandade, direi: a Utilidade. Nunca houve um século tão utilitário. O Uso é o soberano dos homens e das nações. Hoje, não há segurança em nada que não seja, de forma imediata ou visivelmente, prático. As pessoas não têm tempo a perder — o comboio está prestes a partir. Todos procuram fazer o máximo, em pouco tempo e em menos espaço. Uso e economia caminham lado a lado. As belas artes estão bastante negligenciadas.

Agora serras gemem por cada recanto,
E fusos zumbem junto ao ribeiro santo;
Por florestas virgens uiva o comboio,

E as flores da pradaria jazem sob o açoio;
Onde o oceano rolava, vasto e sem guia,
Ergue-se a prosa — que os mares cartografia;
E o raio veloz — outrora fogo sagrado —
Serve agora em fios, preso e domado.

Patentes cruzam os céus, vencem o mar,
E seguem-nos da infância até ao sepultar.
Máquinas embalam o choro infantil,
Máquinas velam o nosso fim subtil;
Telegrafamos o sonho em flor do amor,
Vivemos por máquina — e morremos a vapor.

Mas a poesia é considerada, no geral, demasiado impraticável. O fogo de Prometeu é inútil, um luxo a ser posto de lado, a menos que possa aquecer habitações e alimentar o estômago ígneo de um paquete oceânico. Alguns crentes pela metade acham que até o pavimento dourado do céu devia ser minerado e transformado em águias com asas, para manter vivo o espírito e o equilíbrio do comércio. Várias ideias orientais — como o lago de fogo e enxofre — são hoje rejeitadas por serem demasiado caras, além de impraticáveis.

Em resumo: o anglo-saxão não quer nada que “não dê lucro”. Estuda preços, não quadros; gosta de política, não de poesia; quer fatos, não fantasias. Até as suas amizades — e o casamento — são avaliados em termos de lucro e perda. O seu padrão é uma mistura de dinheiro, história, moda e egoísmo. Preocupa-se em manter boas relações de gratidão e amizade — desde que sejam de natureza comercial. Qualquer gratidão ou amizade fora dessas relações é inútil. “Não compensa” — é demasiado poético e sentimental.

Isso não é uma forma lamentável de egoísmo utilitário?

Sim; é profundamente lamentável que a tendência mercantilista do anglo-saxão iniba o crescimento da sua natureza superior, tratando as emoções do espírito como mercadoria, usada apenas quando os negócios exigem a sua ativação combinada. O lema da época é “Avança”. “Não compensa” ficar para trás ou ser superado pelo vizinho. Se fabricas um produto útil, não deixes que ninguém te supere — nem sequer te iguale — porque os teus clientes abandonar-te-ão em busca de quem ofereça algo melhor.

Qual é a consequência imediata?

A consequência é uma competição egoísta e isolada sem precedentes. Há uma corrida individual pelo Sucesso! Todos os cristãos estão empenhados, cada um por

si, em obter o artigo mais útil, mais económico e mais vendável. Quem tem “os meios” a seu favor, rodeia-se de vantagens. Há até o desejo de inventar um “movimento perpétuo” que se auto-alimente, auto-regule, e tenha um coração tão generoso que se forneça de toda a energia necessária e ainda faça trabalho extra ao gosto do utilizador. Mas, como o universo é, até à data, o único movimento perpétuo possível, creio que quase todos os sonhos e esforços nesse sentido serão infrutíferos. Ainda assim, todo esforço de invenção é útil, pois:

“É verdade — que nunca buscarás
Conhecimento, sem algo encontrar;
Procurar um Fim é sempre eficaz,
Pois ele se torna menos de ocultar.”

Então não há nenhum bem possível no utilitarismo?

Há, sim. Apesar de o impulso utilitário da época levar, infelizmente, à degradação temporária de muitos dos melhores impulsos da nossa natureza comum, disso surgirá, sem dúvida, uma série de circunstâncias extremamente benéficas para as classes baixa e média da sociedade.

Pode explicar como surgirá esse “bem”?

Tentarei. O lema dos homens empreendedores é “Multum in parvo” — muito em pouco. A lei é: usar com economia. Com esse impulso e essa lei, não é difícil antever várias bênçãos duradouras. Por exemplo: os homens enérgicos deste século, assumindo grandes e numerosas responsabilidades comerciais que exigem vigilância constante e rapidez extraordinária, terão de recorrer a sistemas mais económicos de escrita e ortografia do inglês.

Aprender o sistema ortográfico atual custa demasiado tempo; escrever longas cartas explicativas, segundo as normas atuais, exige demasiado esforço. Resultado: “não compensa”. Isto, por si só, é uma grande descoberta. O passo seguinte será uma reforma ortográfica, caligráfica e fonográfica, tornando muito mais fácil comunicar ideias, em menos tempo e com maior clareza do que o sistema popular permite.

“O meu amigo em Cincinnati enviou-me uma epístola misteriosa,” escreveu o Rev. D. D. Wheedon, de Long Island, “que pode muito bem inspirar um grande discurso. É uma carta tão pequena que a folha dobrada não é maior que o envelope que a contém. A sua caligrafia, estranha e serpenteante, parece um feitiço árabe, e o seu tamanho minúsculo faria crer que vem do rei dos anões.

No entanto, apesar da brevidade aparente e da rapidez telegráfica com que foi escrita, contém tanto conteúdo quanto uma folha de papel bem preenchida. Li-a com

facilidade, como se fosse texto impresso, e senti um certo orgulho pelo fato de esta proeza de compressão na escrita ser equivalente ao que a ceifeira de M'Cormick faz nas colheitas, ou o comboio a vapor nas viagens. Aqueles símbolos cabalísticos nessa folha minúscula são Fonografia — e tu e a Fonografia devíeis conhecer-se melhor."

"Nossos rebanhos vivos de pensamento," escreveu Henry Sutton, "não precisam mais arrastar-se lenta e penosamente pela pena e pelo papel, travando-se uns aos outros ao passar pelo portão apertado da escrita antiga; nossos exércitos de sentimentos não precisam mais rastejar como caracóis até à página; regimento após regimento pode agora marchar vigorosamente, preenchendo parágrafo após parágrafo; e escrever, antes um esforço, torna-se agora um respirar fácil.

Os nossos pensamentos bondosos e amorosos, quentes e transparentes como metal fundido no coração, já não precisam de se solidificar e tornar opacos ao escorrer penosamente da pena. A alma inteira pode agora derramar-se como uma doce chuva de palavras. A fonotipia e a fonografia terão usos no mundo que poucos ainda imaginaram. E por mais que abaneis a cabeça, essas ciências ainda derrubarão a ortografia antiga e triunfarão sobre os absurdos da era morta."

O que deve ser feito para anular a distância entre o Produtor e o Consumidor?

No meio de todos os desenvolvimentos utilitários, creio que persiste um vestígio do feudalismo que exige a aplicação do génio da Utilidade e da Economia. O tempo e o espaço, no comércio, foram praticamente anulados pelo vapor e pela eletricidade. O caminho para a prosperidade — ou para a ruína — foi encurtado por inúmeras facilidades de negócios. Ninguém precisa gastar mais de cinco minutos a calcular os quilómetros entre duas cidades, países ou continentes. O "Guia do Viajante" diz-lhe tudo por um xelim — até ao custo total da viagem, com horas e minutos incluídos. Se não tiver tempo para ir, pode mandar uma carta — ou, mais rápido ainda, enviar o raio que pede desculpas e trata do assunto.

A inteligência já não está confinada a locais específicos. Fios telegráficos percorrem as estradas principais e desenham as notícias do mundo na sua mesa de pequeno-almoço. O apito da locomotiva ouve-se de todas as colinas. O jornal da manhã, alimentado pela inteligência nacional, informa toda a família sobre tudo o que aconteceu nas últimas vinte e quatro horas — seja incidental, literário ou comercial. O caminho para o conhecimento já não é régio, mas é difícil permanecer ignorante. "Não compensa." Tudo é feito com a rapidez de uma locomotiva — até saltar abismos de pontes móveis, estilhaçando carruagens e passageiros em fragmentos. A velocidade, a excitação, o fervor e a astúcia do comércio e das finanças não são igualados senão pelas portas de bronze que se fecham sobre os calabouços da perdição.

Entretanto, interroguemo-nos...

Que progresso tem a sociedade feito rumo à abolição dos antagonismos entre os interesses dos produtores e dos consumidores?

Tenho espaço apenas para respostas breves. O mundo faria bem em ler a recente obra de Charles Knight, *Visão das Forças Produtivas da Sociedade Moderna e os Resultados do Trabalho, Capital e Habilidade*. Os trabalhadores, homens e mulheres, são o segmento mais afligido da nossa espécie. Trabalham, em geral, sob as circunstâncias mais desmoralizantes. Vivem e existem em desvantagem constante. A não ser que a sorte lhes sorria de forma especialmente caprichosa, os trabalhadores, na desordem social atual, tendem a permanecer presos nos lamaçais da pobreza — em grande parte por causa do antagonismo entre o trabalho e o capital.

Aquele que, com integridade e esforço, consegue libertar a sua família da ignorância, da miséria e do crime, merece a gratidão de todos os seus semelhantes; pois, no atual sistema de interesses opostos, é de uma dificuldade quase indizível que um homem trabalhador consiga ganhar o suficiente para cobrir as despesas correntes da sua família sem cair em dívidas ou desonestidade. Se o consegue nas cidades, é à custa de renunciar a quase todos os confortos e prazeres culturais.

Quais são as desvantagens do homem pobre?

São muitas. Se for mecânico, por exemplo, é provável que haja meses no ano em que os seus serviços não sejam necessários. No entanto, a renda da casa e as despesas familiares continuam como se o seu trabalho estivesse em plena procura. O homem rico pode pagar a pronto pelos seus bens e alimentos, comprando a preços de grosso e obtendo vantagem. Já o homem pobre tem de comprar em pequenas quantidades, a crédito, pagando altos juros — vivendo assim em perda constante.

Quando vai ao mercado, paga ao talhante e ao feirante 50% mais do que o custo original dos produtos. Quando vai à mercearia, paga os lucros acumulados e combinados sobre o chá, o açúcar, o sabão, o melaço, etc.: primeiro do produtor, depois do grossista, e por fim do retalhista. Eis uma cadeia de lucros que o consumidor tem de pagar — e que exige trabalho árduo e vida frugal. Quando precisa de tecido, algodão ou roupas para a família, paga ainda mais, para sustentar o fabricante, os intermediários e o comerciante final. Isto está completamente errado. Não compensa. As classes laboriosas — que produzem toda a riqueza existente no país — são as únicas vítimas constantes deste sistema.

Qual é uma das injustiças mais gritantes deste sistema?

Enquanto o fabricante, o grossista e o retalhista vivem em casas de cinquenta mil dólares, com todos os confortos e privilégios, o homem e a mulher que trabalham arduamente, com vários filhos para alimentar, vestir e educar, vivem em quartos desconfortáveis (pelos quais pagam rendas elevadas) e trabalham continuamente, muitas vezes sem qualquer esperança de melhoria nas suas condições.

Então o que se pode fazer para anular a distância entre o Trabalho e o Capital — entre o Produtor e o Consumidor?

Poderia dar-lhe a minha resposta, mas seria melhor encontrá-la por reflexão. Em todos os ramos da indústria, entre o Produtor e o Consumidor, existe agora uma multidão de intermediários. Esses não produzem nada. Não acrescentam valor ao mundo. Funcionam como especuladores. No entanto, têm de ser alimentados, vestidos e enriquecidos — e são os trabalhadores que o fazem.

Os produtores sustentam os não-produtores. Mas como? Por impostos diretos? Não. Sustentam-nos de outra forma: pagando preços mais altos por tudo o que consomem e rendas elevadas a senhorios, que por sua vez pagam os impostos. Esta economia especulativa popular, este modo elegante de viver à custa dos servos da pobreza, está a tornar-se insuportável. A vassalagem que o Capital exige do Trabalho começa a ser intolerável e repulsiva.

As comunidades laboriosas procuram um remédio. Algum plano eficiente terá de ser instituído, e em breve, para libertar o homem pobre das múltiplas opressões que o esmagam — para lhe dar uma oportunidade justa de viver com dignidade — para o emancipar dos interesses montanhosos e dos antagonismos que o mantêm escravo da Pobreza — ou então enfrentaremos rebeliões, tumultos e revoluções nos nossos sistemas sociais e judiciais que nem a riqueza nem a eloquência conseguirão evitar ou conter.

A escravatura americana é sancionada pelo clero americano?

Sim; há um fio de algodão que se estende do Maine à Louisiana, mais respeitado do que o princípio da Justiça, e que une os Estados Unidos e as suas Igrejas. Entre as Igrejas há, felizmente, algumas exceções honrosas. No comércio, discutir a questão da escravatura "não compensa"; por isso, muitas igrejas sustentam a instituição com um "Assim diz o Senhor". Centenas de leigos retiraram-se, com nobreza, das igrejas por esta razão. Agora, ao perceberem que tais dissidências "não compensam" — que servem de mau exemplo para os descrentes que nunca aderiram — os clérigos começam, muito calmamente, a pregar sobre a "extinção futura" da escravatura, afirmando que o "espírito do Cristianismo não justifica a sua perpetuação".

E assim, como em tudo, a mente humana — o povo — amadurece, denuncia os erros desde a tribuna e a imprensa, faz novas descobertas, trabalha para disseminar conforto e civilização, e, por meio de persistência e energia invencível, acaba por converter um clero ignorante às medidas de reforma prática.

Está a afirmar que o clero é utilitarista na sua oposição?

Sim. A impressão, por exemplo — principal agente e anjo da civilização — foi, em tempos, ferozmente combatida. Porquê? Porque iluminaria o povo sobre os assuntos eclesiásticos, ameaçando o monopólio da autoridade religiosa. As pessoas, até então consideradas sem direitos, começariam a discutir os dogmas supostamente infalíveis. A arte da impressão foi, assim, acusada de ser uma invenção do diabo. No entanto, hoje, esses benefícios são aproveitados por santos e pecadores — apesar de todo o fanatismo e superstição ancestral.

O clero atual ri-se da ideia de que a impressão ou as ciências possam ter vindo do diabo. Mas ainda não estão curados da antiga doença. No nosso tempo, continuam a gritar "infidelidade e demonismo" a cada nova revelação. Qualquer coisa nova vem "do diabo". Porquê? Porque "não compensa"; e, como comerciantes, rejeitam-na. Mas, graças a Deus, há sempre proscritos e amaldiçoados que acolhem o "estranho" — a novidade — e, quando esta prova ser um anjo, torna-se popular e lucrativa; então a Igreja abre-lhe as portas, oferece-lhe um assento almofadado no templo, e proclama: "É nosso — uma bênção do Cristianismo." Quando, na verdade, essa bênção veio do progresso humano, forjando caminho entre todas as formas de ignorância e arrogância clerical.

O utilitarismo preocupa-se com prisões e criminosos?

Sim. O povo — especialmente aqueles que pensam sobre o assunto — começa a perceber que prisões e penas capitais são métodos profundamente defeituosos para proteger a moral e os interesses da sociedade. Vivemos numa era de negócios. Tudo é avaliado pela bitola do lucro e da perda. Há coisas que "compensam" e outras que não.

Começa a entender-se que o dinheiro atualmente gasto para prender, condenar, encarcerar e punir um criminoso seria suficiente — se aplicado com sabedoria e na altura certa — para educar vinte crianças pobres e colocá-las acima da esfera de tentação criminal. Custará muito menos salvar cinquenta pessoas do crime do que custa punir dez sem qualquer melhoria. Mas deixem-me perguntar...

A Igreja propõe alguma reforma nesse sentido?

De forma alguma. Irá opor-se a qualquer medida até ao momento em que a oposição "deixe de compensar". Quando o povo anunciar a sua firme decisão de levar adiante essa reforma — então, como sempre, os defensores da teologia saltarão para o palco e exclamarão: "Oh, sempre pensámos assim!"

Pode indicar algumas melhorias materiais resultantes do utilitarismo?

Sim. A primeira grande melhoria material, que observei com atenção, estará relacionada com a atmosfera. Vários médiuns já anteciparam esse fato. Através dos desenvolvimentos, embora algo vagos, de John M. Spear, de Boston, o mundo ouviu falar em "eletricizadores" e "magnetizadores" — nomes de uma classe de espíritos sensíveis e semipráticos, ansiosos por promover melhorias físicas como degraus para o progresso espiritual da humanidade.

As melhorias atmosféricas virão a integrar o domínio das invenções humanas. Uma relação harmoniosa entre o planeta e o sol não bastará para tal. As reformas climáticas serão fruto de investigação humana e de uma indústria sistemática. Os estudos de Humboldt e do tenente Maury, por exemplo, têm ajudado muitos capitães de navio a navegar com segurança invulgar. Determinadas correntes de vento podem, inclusive, ser antecipadas.

Essas investigações demonstram que a atmosfera é regida por leis fixas que, quando compreendidas, se tornam úteis à humanidade. Meriam, em Brooklyn Heights, está a calcular os ciclos de frio e calor, demonstrando que as mudanças atmosféricas podem ser previstas como se prevê um eclipse — e mapeadas, tal como os calendários do ano. Os diferentes fenómenos do ar serão classificados segundo leis fixas. Com o auxílio de maquinaria, o homem poderá controlar correntes aéreas e produzir estados climáticos que aumentem a fertilidade do solo. Com arranjos de eletricidade e magnetismo, será possível evitar calores extremos, geadas, secas e tempestades destrutivas.

O poder do homem só é limitado pelo infinito e pela omnipotência. Se o homem conseguir compreender as leis que regem a atmosfera, esse conhecimento antecipa a capacidade de dominar os seus fenómenos.

As leis que regem a propagação e existência dos seres humanos — outrora envoltas em mistério — já estão ao alcance do conhecimento humano. Ao compreendê-las, os filhos dos homens poderão evoluir já antes do nascimento, e, um dia, sentir-se "apenas um pouco abaixo dos anjos".

O princípio da Utilidade trará melhorias na agricultura?

Sim. O progresso agrícola espalhar-se-á pelo mundo. Mas muitos agricultores, tal como os homens das igrejas, ainda usam os chapéus de pensar dos seus antepassados. Contudo, à medida que esses espíritos ganham mais conhecimento espiritual, virão melhorias significativas. Os lavradores serão capazes de duplicar, triplicar e até quadruplicar as colheitas dos seus campos; e, com maquinaria, armazenar o dobro ou o triplo da produção atual, com muito menos esforço físico ou mental.

Na medida em que a população crescer e aumentar a procura por alimentos, também se multiplicará a maquinaria que substitui o trabalho manual, libertando o pensamento para que evolua espiritualmente. O anglo-saxão acabará por usar a mente para poupar as mãos — e combinará ambos para aliviar o coração. A expansão dos benefícios oriundos da reforma agrícola acompanhará o crescimento populacional.

Mantendo-se o ritmo atual, e sem contar com guerras ou epidemias, haverá quase cem milhões de pessoas nos Estados Unidos dentro de cinquenta anos — e possivelmente onze milhões de escravos. Assim, no ano 1900, a terra e o mar serão mais exigidos que nunca. Mas creio que as melhorias agrícolas serão abundantes e absolutas: e que todas as pessoas terão em abundância. Apesar de haver então três vezes mais indivíduos do que agora, cada um terá mais tempo livre para evoluir e para manter contato com o espiritual.

Que impacto terá esse trabalho agrícola sobre o comércio?

A maquinaria aumentará tanto o valor das propriedades rurais, e o uso combinado do magnetismo e da eletricidade tornará as colheitas tão belas e abundantes, que a agricultura será considerada mais popular e lucrativa do que o comércio. Jovens com meios associar-se-ão para formar grandes monopólios agrícolas e industriais.

E não fosse pela legislação sobre a divisão de propriedade, poderíamos ver, temporariamente, o regresso do velho sistema feudal nos Estados Unidos. Os pequenos agricultores, incapazes de competir, seriam absorvidos pelos grandes; as associações agrícolas multiplicar-se-iam e tornar-se-iam comuns — mas os resultados seriam benéficos para os trabalhadores qualificados e as profissões técnicas.

Estas melhorias atrairão os habitantes das cidades para o interior. As pessoas que agora fogem do campo para os centros urbanos serão então puxadas de volta para zonas agrícolas. As cidades, tal como hoje as conhecemos, serão transformadas.

Haverá mais Fraternidade — melhores oportunidades de convivência — semelhantes às que existem, segundo dizem, em Marte, Júpiter e Saturno.

Haverá ainda mais melhorias utilitárias nas fábricas?

Sim. Em 1808, foi produzido nos Estados Unidos o primeiro pedaço de tecido de lã, por Arthur Scofield, de Berkshire, Massachusetts. O primeiro exemplar foi, creio eu, oferecido a James Madison — o primeiro presidente americano a usar tecido produzido no país.

Desde então, a expansão das fábricas têxteis tem sido extraordinária. Basta observar o progresso para se perceber que não há razão para crer que os avanços noutras áreas sejam menos ativos, seguros e progressivos.

Desde que Samuel Slater introduziu o sistema de cardagem nos Estados Unidos, tem havido uma verdadeira corrida de invenções e progresso constante. Homens deitam-se à noite, a meio caminho entre o sono e a vigília, a imaginar novas rodas de fábrica, a modificar a *spinning jenny*, tudo para que a cabeça humana possa poupar as mãos — e realizar, num dia, o trabalho que antes exigia dezenas de homens e mulheres.

Vê-se claramente que o aumento desta maquinaria de poupança de trabalho **não** trará prejuízo à raça humana. É o resultado natural do utilitarismo. As máquinas fornecerão vestuário, trabalharão, colocarão à disposição tudo o que for necessário — até prepararão comida — e, por vezes, talvez comam por nós.

Haverá melhorias nos materiais para vestuário?

Sim. O linho e o algodão já são largamente utilizados. Mas há outras plantas, nas florestas da América do Norte, que — uma vez cultivadas com máquinas criadas para o efeito — tornarão o trabalho escravo muito menos lucrativo.

Essas plantas, encontradas na Pensilvânia e no Maine, serão exploradas, e os homens começarão a usar novos materiais para roupas. Árvores gigantescas serão transformadas em tecidos belos! A descoberta científica está em expansão; invocará toda a Natureza. Tudo a que ela perguntar, terá resposta. Perguntará às ervas, às relvas e às árvores: “Não nos podeis dar vestes?” — e obterá resposta.

A sociedade humana também encontrará resposta em vestuário tão eficaz quanto o que hoje se extrai da lã de ovelha ou do algodão do sul. A Ciência é a doutrina da Utilidade — da Perceção, da Cálculo, da Construtividade e da Idealidade. Haverá tanta facilidade em obter uma roupa bonita, que uma família pobre poderá, com dez dias de trabalho, garantir vestuário suficiente para todo o ano.

Trará o utilitarismo uma reforma no mundo da locomoção?

Sim. Haverá grandes melhorias nas forças motrizes; assim como o surgimento de um novo método para viajar por terra firme e pelo ar. Existem pessoas mentalmente capazes de receber inspiração do mundo espiritual sobre este tema. Essa inspiração trará uma nova força motriz, através da qual mentes talentosas poderão aumentar a velocidade das viagens e a sua segurança.

Os comboios serão construídos de modo que, mesmo em caso de colisão, não haja perigo para passageiros nem bagagens. Teremos novos e mais cómodos modelos de carruagens ferroviárias, assim que a maioria dos viajantes-trabalhadores puder pagar por tais comodidades. O que for mais útil tornar-se-á também o mais agradável. Cada pessoa deseja, hoje em dia, obter o máximo no menor espaço possível — ainda que tal concentração se torne incómoda.

Mas mais frugalidade trará mais riqueza; e esta mais luxo; e este, por sua vez, conduzirá ao alargamento das vias férreas. Em vez das carruagens estreitas e apertadas de agora, teremos Salões espaçosos — verdadeiras casas portáteis — movendo-se a tal velocidade que talvez surjam anúncios como: "De costa a costa, até à Califórnia, em quatro dias!"

Essas carruagens-hotel terão belas proporções arquitetónicas, dois andares, camarotes privados e salas para conversas, jogos, festas, bailes e concertos. Serão tão largas como as casas modernas, dotadas de todos os confortos desejáveis. Mas, para tal, será preciso primeiro endireitar os trilhos e introduzir uma nova força motriz. À vista destes Salões modernos, será difícil convencer as vacas do ano 1900 a viajarem nos comboios que hoje os homens consideram tão convenientes e práticos.

Fará o utilitarismo descobertas noutros sentidos da locomoção?

Sim. Para usar a linguagem dos almanaques, "fica atento por estes dias" ao aparecimento de carruagens e salões móveis em estradas rurais — **sem cavalos, sem vapor, sem força visível** — deslocando-se com mais velocidade e segurança do que agora. Essas viaturas serão propulsionadas por uma bela, simples e curiosa combinação de gases aquosos e atmosféricos — facilmente condensados, inflamados e geridos por uma máquina semelhante às atuais locomotivas, mas inteiramente escondida entre as rodas dianteiras.

Esses veículos resolverão muitos problemas enfrentados por quem vive em regiões de baixa densidade populacional. O primeiro requisito para esses locomóveis será a existência de boas estradas — onde se poderá viajar rapidamente, com motor, mas sem cavalos.

Essas viaturas, para mim, parecem de construção descomplicada. Um dia, também ventilaremos, iluminaremos e "espiritualizaremos" as nossas casas por meio de uma combinação simples de água e gases atmosféricos — da qual surgirá, também, essa nova força motriz já pressentida.

Que progressos fará o homem na navegação atmosférica?

Só falta um elemento para que a navegação aérea se concretize: a aplicação desta nova e superior força motriz, já em processo de descoberta. Estou profundamente convicto de que o mecanismo necessário para ultrapassar as correntes adversas do ar — de modo a navegarmos com a leveza, segurança e prazer de um pássaro — depende apenas dessa nova força. Ela virá.

E não moverá apenas comboios e carruagens nas estradas, mas também veículos aéreos, que cruzarão os céus de país para país. A sua influência será bela — trará consigo uma fraternidade universal. As nações esperam apenas isto: **serem aproximadas, tornarem-se íntimas**. Pessoas que antes se evitavam, ao encontrarem-se cara a cara, sentirão renascer uma nova amizade — ou reacender-se uma amizade antiga e pura — carregada de bênçãos e promessas de irmandade.

Apliquemos este pequeno princípio moral à influência que a navegação aérea terá no mundo, e logo se vê a vastidão dos benefícios nacionais que daí surgirão. Muitos espíritos inventivos, agindo através das faculdades recetivas de John M. Spear, deram a entender que uma nova força motriz era possível. Qualquer pessoa inteligente e imparcial, que estude as palestras que antecederam a experiência na torre de High Rock, ficará surpreendida com a profundidade das ideias e algo desapontada com a aplicação técnica.

A mistura do divino com o humano era ali evidente. Os princípios espirituais raramente descem ao plano humano sem serem mal interpretados. Um conhecimento científico profundo, recebido espiritualmente, foi dissipado por instrumentos humanos limitados. A teoria era única, embora baseada na estrutura humana: a absorção de eletricidade da atmosfera e a sua incorporação num ídolo metálico com polaridade organizada.

Havia ali espíritos inventores, a trabalhar intensamente na criação de uma nova força motriz. E, embora o primeiro ensaio tenha sido desastrosamente mal aplicado, os princípios revelados pressagiavam uma grande era de descobertas utilitárias.

Que impacto terão as associações agrícolas sobre produtores e consumidores?

Essas associações alterarão profundamente a organização mercantil atual, reduzindo a quase nada a distância entre produtor e consumidor. Repito: há distância a mais

entre eles, demasiados intermediários e uma gestão excessivamente burocrática e cara.

Surgirão **combinações agrícolas e industriais** com grandes armazéns comuns para determinadas zonas. O princípio fraternal entrará em ação, e a **harmonia será a expressão visível do utilitarismo**.

Teremos associações fraternas em vilas e cidades. Estas eliminarão muitos dos gastos supérfluos que hoje pesam sobre as famílias pobres, libertando-as para o desenvolvimento das suas faculdades espirituais e para o usufruto de alegrias interiores.

Fará o utilitarismo algo para harmonizar o trabalho manual com a maquinaria?

Sim. Esse é outro ponto crítico na Estrutura da Sociedade que exige atenção e reforma: o conflito entre os pobres e as invenções que poupam trabalho. Não compensa ao trabalhador ver um conjunto de barras de ferro e eixos de aço, movidos por vapor, fazerem mais e melhor em um dia do que ele consegue em vinte!

Todos os fabricantes acabarão por recorrer à maquinaria. E isso é justo — congratulo-me com cada nova invenção. Mas é necessário mudar o sistema, para que cada nova máquina não acabe exclusivamente nas mãos de industriais, enquanto os trabalhadores são forçados a procurar outros meios de subsistência, em competição direta com as máquinas.

Na sociedade como está hoje estruturada, não há harmonia entre as classes pobres e a maquinaria que poupa trabalho. Este conflito inevitavelmente levará a grandes mudanças no futuro.

Enquanto houver antagonismo entre seres humanos e máquinas para produção de bens — enquanto persistir o conflito entre Trabalho e Capital — o discurso de "paz na Terra e boa vontade entre os homens" será em grande parte inútil. Amar o próximo, com os arranjos atuais, não compensa. Ser cristão prático é ser impopular. Um homem honesto tem de abandonar certos sectores do mundo dos negócios — ou o mundo dos negócios abandoná-lo-á a ele. No meio do egoísmo vigente, é absurdo esperar manifestações autênticas de religião. Amar o próximo como a si mesmo tornou-se pouco mais que uma bela metáfora — tão reverenciada que pagamos a alguém para a pregar — mas “não compensa” tentar vivê-la.

Recentemente, em Hartford, um homem foi julgado sob acusação de loucura. Quando lhe pediram que falasse, começou dizendo: “Sou seguidor de Jesus Cristo.”

Continuou, no entanto, de forma perfeitamente racional — e comentou-se depois que tudo o que dissera parecia sensato, exceto a introdução.

Podemos esperar bons frutos de uma Ciência Social bem definida?

Sim; a Ciência Social exercerá entre o produtor e o consumidor o mesmo efeito que a Ciência Elétrica já teve entre cidades e continentes — ou seja, a destruição da distância, do afastamento e do isolamento. A telegrafia é hoje tão completa nas suas operações que as notícias de ontem, de uma nação inteira, podem ser anunciadas ao lado da tua lareira. Assim também os benefícios dos campos e das regiões distantes chegarão até ti quase sem esforço ou custo.

No futuro, o nosso maior receio poderá vir do excesso de luxo. Daqui a alguns anos, olhando para este momento, verás que os homens mais populares serão os que têm a bolsa mais longa! Mas chegará o dia em que a riqueza material deixará de ser moda — e será mais admirado aquele que for fraterno e harmonioso. A tendência do elemento utilitário é ensinar às faculdades percetivas do homem o uso de instrumentos e ferramentas — pelos quais todos os departamentos materiais da Natureza e da Sociedade serão vencidos e organizados em harmonia com o avanço espiritual humano.

A mente trabalha para poupar as mãos, e ambas trabalham para salvar o coração. O resultado será uma harmonia entre mãos, mente e coração com o Mundo Espiritual. Os homens devem confiar nesta doutrina da invenção, neste progresso do mundo material, como necessidade inicial e fundamental. Olha ao teu redor, por todo os Estados Unidos, e vê raios de luz inspiradora a descer sobre mentes situadas nos lugares mais obscuros!

O mundo ainda não consegue ver os resultados. Inconscientemente, há pessoas a absorver luz do Mundo Espiritual. Algumas podem inventar máquinas para ceifar, semear, colher e debulhar cereais; outras encontrarão melhorias para o comércio; ou verão novas formas de iluminar, aquecer, ventilar e espiritualizar as habitações humanas!

Nunca houve um período em que as faculdades que circundam o cérebro frontal e superior estivessem tão ativas utilitariamente e tão inspiradas espiritualmente. O resultado final será mais tempo livre por toda a América, e o desenvolvimento daquelas faculdades intuitivas do homem que hoje ainda são vistas apenas como possibilidades.

Vê melhorias nas habitações humanas?

Sim. As ideias da Idade Média e as do século XIX serão unidas na arquitetura do futuro. As casas serão construídas com vista ao desenvolvimento simétrico dos seus habitantes. Não é utópico esperar isso. Os homens perceberão que a cabana, o palácio, o castelo, e vários estilos intermédios, acabarão por fundir-se nas Estruturas Humanitárias. Estes edifícios magníficos custarão menos do que muitas habitações atuais, e serão incomparavelmente mais belos — promovendo tanto o carácter físico como as faculdades espirituais dos seus ocupantes.

O carácter pessoal é influenciado, mesmo que temporariamente, pela forma da casa onde se habita. Coloca um homem de espírito forte numa sala perfeitamente circular, onde os olhos não possam fixar-se em nenhum ângulo, e duas semanas bastarão para induzir a loucura. O primeiro efeito será um desorientamento angustiante, que rapidamente se transformará em aberração mental. Reflete, pois, sobre a influência psicológica das estruturas externas.

Espera que outras melhorias utilitárias precedam estas reformas habitacionais?

Sim. Depois de conseguirmos controlar o ar e cultivar o solo, será mais fácil construir dois desses edifícios combinados para sessenta famílias do que três casas convencionais de vila ou cidade. A beleza orgulhosa de tais estabelecimentos residirá no fato de serem aquecidos e iluminados por uma mistura de gases aquosos e atmosféricos — a mesma combinação utilitária que servirá de força motriz para carruagens, comboios e veículos aéreos. Que bela concentração de recursos!

Os homens unir-se-ão em fraternidade e construirão templos de harmonia, sobre os quais os seus filhos crescerão em força física e contemplação espiritual. Não, não é um sonho! E também não descrevo o milénio!

Nada disto é mais espantoso do que os progressos feitos nas fábricas de algodão e lã desde 1808. As habitações do futuro representarão analogias arquitetónicas correspondentes ao corpo e à alma humanos — uma espécie de *edificalismo correspondencial,* por assim dizer: caves como órgãos digestivos, salões sociais como centros afetivos, gabinetes educativos como zonas percetivas, pavilhões de meditação como funções espirituais — cada parte de um edifício correspondendo a uma função física ou mental do ser humano.

Os materiais de construção do futuro serão diferentes dos atuais?

Sim. Já não iremos às florestas procurar os melhores materiais. As habitações humanitárias serão construídas com materiais líticos artificiais, facilmente fabricados. E os homens descobrirão novas utilizações para a gutta-percha, em

combinação com ferro e mármore artificial. Tais materiais permitirão casas portáteis.

Por exemplo: dois noivos casam-se esta noite, num casamento pleno de harmonia conjugal. Amanhã, vão juntos a um local onde podem escolher e encomendar a sua casa portátil. Consultam os catálogos de arquitetura, escolhem o estilo, fazem o pedido — e tudo estará pronto, com mobília incluída, dentro de duas semanas!

Lembra-te: o primeiro princípio da sabedoria é o Uso. E o uso leva à condensação e à harmonia, até que as fortunas e infortúnios da arquitetura egoísta de hoje se tornem coisas do passado. Ter uma casa será fácil. Mas um dia a humanidade compreenderá que uma habitação feita de materiais artificiais abriga apenas uma parte mínima do que constitui realmente um "lar". Porque o verdadeiro lar baseia-se — e depende — da existência e continuidade de um casamento harmónico e abençoado. Ter "alguém a quem amar, e alguém que nos ame" é um refúgio bem melhor do que uma casa feita de ferro, gutta-percha ou qualquer outro material.

Podemos esperar um método mais utilitário de adquirir conhecimento?

Sim. Não permaneceremos eternamente presos a este método penoso de aprender a escrever e soletrar a língua inglesa, nem a este sistema externo e artificial de transmitir as sombras das ideias. Muitos corpos e espíritos são **arruinados** pelos métodos forçados e antinaturais de ensino que ainda hoje chamamos de educação.

Se a Constituição dos Estados Unidos não fosse mais robusta do que a constituição física de muitas crianças ianques, teria sido destruída nas primeiras duas semanas de escolarização sob este plano eclesiástico e político.

As melhorias na educação serão tão grandes que, entre os nove e os doze anos — sendo o nono o momento ideal para começar — uma criança aprenderá mais do que hoje aprende entre os nove e os vinte.

Sim, haverá uma reforma maravilhosa em todo este sistema bárbaro de pensar e adquirir pensamento. Temos uma Filosofia Harmónica a ensinar: que as ideias não devem ser *impostas*, mas despertadas; que o carácter divino deve ser esculpido progressivamente a partir daquilo que já existe, de forma inata, na criança em desenvolvimento. A sabedoria não deve ser introduzida de fora, mas desenvolvida de dentro.

Os sistemas educacionais do futuro humanitário terão este objetivo. A reforma começará pelo alfabeto, depois na ortografia, depois na caligrafia, depois na linguagem — e, finalmente, em partes da própria teologia.

A Fonografia já descobriu quantos sons elementares existem — e atribuiu uma letra para cada som. Este plano utilitário conduzirá à ortografia mais fácil, mais espontânea, e mais natural — e, por fim, ao sistema de caligrafia mais orgânico. Tudo será mais fácil, melhor e mais harmonioso — abolindo por completo o sistema atual, dissonante e coercivo, de "ensino obrigatório" que ainda marca a infância e juventude de tantos.

Podes enumerar algumas das vantagens utilitárias do sistema fonético?

Sim. Existem, conforme descrito num sumário por Andrew J. Graham*, onze vantagens específicas:

1. A ortografia fonética tornará a leitura mais fácil. A arte de ler, com uma ortografia fonética, pode ser adquirida em cerca de quarenta horas.
2. Tornará também a ortografia mais simples.
3. Permite ao estudante, logo que aprenda bem o alfabeto fonético, soletrar qualquer palavra com a mesma precisão com que a pronuncia.
4. Da mesma forma, poderá reproduzir com exatidão a pronúncia pretendida pelo autor de qualquer texto impresso.
5. Consequentemente, ajudará a remover a ignorância, ao abrir um meio fácil para adquirir conhecimento. Milhões de pessoas hoje analfabetas poderão beneficiar do acesso à leitura e à escrita.

Andrew J. Graham fundou recentemente uma Academia Fonética no escritório da revista The Working Farmer, na Fulton Street, em Nova Iorque. É um reformador cosmopolita e sincero, que trabalha ativamente pela elevação desta ciência importante. Procurou, tanto quanto possível, simplificar e universalizar a ortografia fonética. A sua devoção, capacidade de trabalho e habilidade enquanto repórter de discursos rápidos não passarão despercebidas.

6. Facilitará imensamente o processo de converter línguas orais em línguas escritas.
7. Será de grande utilidade para os estudantes de línguas, ao mostrar o estado exato de uma língua num dado momento da história.
8. Contribuirá eficazmente para a difusão global do idioma inglês entre estrangeiros, podendo consolidar o inglês como um meio universal de comunicação entre nações.
9. Permitirá uma poupança considerável de tempo, dinheiro e esforço, atualmente desperdiçados no simples processo de aprender a ler e escrever. Os anos escolares serão, na prática, prolongados; o campo de estudos será alargado; os professores verão o seu trabalho facilitado, e a profissão será enobrecida.
10. Resultará numa uniformidade perfeita de pronúncia.

11. Poupando milhões de dólares por ano na produção e aquisição de livros e materiais escolares.

“O autor desta proposta está preparado para provar, com dados concretos, que se uma criança for ensinada desde o início com base nos princípios fonéticos — e, por lições graduais, conduzida à ortografia atual — aprenderá a ler com metade do tempo, metade do esforço e metade do risco de desenvolver aversão à aprendizagem, como frequentemente acontece com o sistema atual.” — Dr. Latham

Vês algum plano para acelerar a arte da escrita?

Sim. Sinto-me quase impelido a inventar um psicógrafo automático — isto é, um escritor de alma artificial. A sua construção poderá assemelhar-se à de um piano: uma fileira de teclas representará os sons elementares; outra, inferior, combinará sons; e uma terceira camada servirá para recombinações rápidas. Assim, em vez de se tocar uma melodia, poder-se-á “tocar” um sermão ou um poema!

Cada nota, ao emitir um som, poderá captar o tipo e colocá-lo no devido lugar. Dessa forma, em vez de passar pelo trabalho mecânico, mesmo no belo e breve método fonético, as ideias serão impressas diretamente no papel, prontas para publicação.

Pouco tempo e esforço físico seriam então necessários para um homem transmitir tudo o que sabe — e talvez até mais! Homens com hábitos utilitários ganharão rapidamente confiança no Psicógrafo. Não será mais surpreendente do que a daguerreotipia, a fotografia ou a ambrotipia. Todas estas invenções estão no domínio das descobertas utilitárias que hão de despertar o Psicógrafo.

Todas estas invenções ajudarão no desenvolvimento espiritual da humanidade?

Sim. Estas inovações e descobertas refrescarão a alma, conceder-lhe-ão tempo livre e prepará-la-ão para uma viagem natural aos climas pós-mortais. Um período glorioso aguarda a humanidade. Será uma espécie de céu material, como preparação para o *Harmonium Espiritual*. Nos princípios já revelados — no avanço do conhecimento agrícola, na nova força motriz, no uso de ferramentas, e nas conquistas do século XIX — podemos vislumbrar o prenúncio de desenvolvimentos mais elevados e sublimes.

Só pelo ato de antecipar, já colhemos os frutos de uma raça mais evoluída e feliz. O *Harmonium Espiritual* é já vivido nos planetas mais antigos, como Júpiter e Saturno. Os seus habitantes, há séculos, passaram por aquilo que nós apenas agora começamos a experienciar.

Pelo raciocínio analógico, podes crer que tudo o que foi anunciado no passado — sobre a felicidade física e espiritual do homem — será concretizado. Acredita com base no teu conhecimento intuitivo e nos teus desejos mais profundos. Apaixona-te pela nova dispensação, pela Sabedoria. Confia inteligentemente no progresso do mundo material. Sente que cada ciência nova, surgida pela indústria do intelecto humano, é mais uma manifestação de princípios eternos.

Eixos de luz espiritual estão a ser lançados sobre as faculdades humanas. O mundo material está desperto, o utilitarismo está em ascensão, e o mundo espiritual responde com manifestações correspondentes.

O utilitarismo terá um efeito benéfico sobre o governo americano?

Essa é uma pergunta difícil. A política americana gera inevitavelmente partidos hostis. Estes partidos não procuram disseminar os princípios divinos que sustentam a humanidade. Retiram os seus fundamentos da experiência da Europa — da Grécia e de Roma — apenas para criar precedentes que sirvam o momento, o dia e a ocasião.

A ação política não emana das almas de homens conscientes e mulheres de princípios. Antes havia "escribas e fariseus"; hoje temos "Whigs e Democratas". Antes havia "publicanos e pecadores"; agora temos "publicanos e Know-Nothings".

Eis aí a prova de revolução — talvez também de progresso. A política trouxe ao mundo um quarteto de partidos, e cada um está fundado nas "melhores estratégias" — não em princípios que consultem os interesses universais da humanidade.

A verdadeira religião, ou a Justiça, raramente é considerada. É doutrina primordial da América separar a religião da política vigente. Por isso mesmo, os elementos de um despotismo disfarçado e de um ateísmo subtil espreitam dentro da nossa democracia.

Esse despotismo temporário é um erro?

Quem poderá dizer que é justo? Talvez seja inevitável. Talvez seja parte do desenvolvimento progressivo da humanidade que o despotismo se manifeste lado a lado com a democracia. Poderemos algum dia separá-los?

Parece haver um princípio natural segundo o qual a liberdade absoluta e a escravidão absoluta coexistem na mesma latitude. O despotismo é o princípio governativo inicial de todas as nações; mas, com o progresso social e espiritual, o povo desperta — e luta pelos direitos iguais e pela Liberdade.

Assim, o despotismo torna-se progressivamente negativo; ao passo que a liberdade individual e a democracia nacional se tornam positivas.

Todavia, os dois princípios afirmam-se na mesma geografia política. Por isso, enquanto temos a mais alta liberdade nos Estados Unidos, também temos, simultaneamente, a forma mais baixa de escravidão. Os maiores sucessos correm lado a lado com os maiores infortúnios. Os dias mais esplêndidos coexistem com as noites mais escuras.

Não há maneira súbita de escapar a esta ação dupla da Natureza.

Queres então ensinar que o princípio conservador é tão utilitário quanto o princípio progressista?

Sim. Um dia, os engenheiros ferroviários descobriram que a lei incómoda do atrito era, afinal, o melhor aliado da segurança e do movimento. É o atrito que torna o movimento possível. Do mesmo modo, se não fosse pelo princípio do conservadorismo, não teríamos onde nos apoiar, o que ultrapassar, nem contra o que triunfar! Não devemos, portanto, ser reformadores apenas oposicionistas. Conquistaremos muita liberdade precisamente graças à oposição levantada pelos princípios despóticos da escravatura.

Disseste que a religião está separada da política, neste país: o que queres dizer com isso?

Quero dizer que o princípio natural da Justiça universal não se encontra nos nossos departamentos governamentais. Uma moralidade pura na política seria como uma estrela a ascender no firmamento das Nações.

A Igreja Católica Romana tem uma posição firme ao criticar as instituições políticas americanas. Os partidos políticos não consultam a constituição do ser humano, mas apenas a Constituição dos Estados Unidos. A política partidária, portanto, contém em si um princípio de ateísmo. O povo americano, nos seus arranjos políticos, não contempla suficientemente a Justiça distributiva.

A Igreja Católica surge como crítica cética, apoiada por homens talentosos, fiéis aos seus princípios, que se sentem moralmente chamados a opor-se a todas as Constituições que não se fundamentem numa origem sobrenatural, seja para a política ou para a religião. Enquanto proclamamos a Liberdade, mantemos e sustentamos a Escravatura.

Se a nossa política não for fundada numa religião verdadeira — num sistema que seja endossado pela Constituição da Natureza — então nada haverá que possa contrariar as críticas que vêm da Igreja de Roma. Eles dizem: "O vosso governo é sem Deus; não consulta o espiritual." E de fato, não somos suficientemente

utilitários para consultar o Mais Alto no Homem, nem o Mais Alto no Universo Espiritual.

Quais consideras os principais inimigos da continuidade dos Estados Unidos?

Os perigos da América são duplos: por um lado, o espírito da Escravatura; por outro, o espírito da Guerra. Ambos são, lamentavelmente, defendidos pelo povo americano. São as rochas primordiais onde o nosso navio corre o maior risco de naufrágio. Neste momento, navegamos entre esses dois abismos: a guerra e a retaliação de um lado; a escravidão e o despotismo do outro.

Contudo, existem mentes sãs e generosas nos Estados Unidos que não se identificam com nenhum dos dois extremos. Poucos atingiram o cume espiritual necessário para compreender que a Paz universal é a única doutrina de segurança de um lado, e a Liberdade incondicional a única doutrina de segurança do outro.

Poucos o compreendem, e menos ainda têm a coragem de o afirmar publicamente. Mas cremos que a influência do Mundo Espiritual será sentida pelo povo americano e, por virtude de uma inspiração crescente, julgarão as leis e instituições à luz da própria Natureza humana.

Não está em causa apenas a perpetuação da nação americana, mas sim de todas as nações, segundo a luz de Deus-Pai e da Mãe-Natureza. Uma melhor compreensão de Deus-Pai trará consigo um sistema de governo mais elevado — não para nos promovermos como nação egoísta e dominante, mas para servirmos de exemplo de força e justiça para todos os povos.

Não nascemos para triunfar nas guerras, nem para conquistar glória nos campos de sangue, nem para expulsar as nações adversárias como fizemos aos povos nativos. Se queremos perdurar como nação, devemos seguir outro espírito. Os nossos governantes devem abrir-se interiormente, para se tornarem recetivos a inspirações mais elevadas. Há algo mais, neste universo, a que devemos apelar — para além dos afetos utilitários dos comerciantes e negociantes.

Mas mesmo aí, o elemento utilitário está já a operar subtilmente para o bem, e podemos esperar que, em breve, a política dos Estados Unidos manifeste algum princípio de religião universal. A guerra oculta e a escravatura declarada são os dois grandes perigos à nossa continuidade. Nada os poderá afastar senão um utilitarismo pleno de Amor e Sabedoria por toda a humanidade.

E como vês os Estados Unidos do ponto de vista eclesiástico?

Na Igreja, vejo o mesmo que no Estado: o Estado é sem Deus; e a Igreja, sem Cristo. Pregamos Jesus, mas praticamos Moisés. Proclamamos que a dispensação de Jesus deve prevalecer para que haja paz na Terra e boa-vontade entre os homens. Mas quase todas as leis e instituições carregam o espírito de Moisés: impressas com o selo da força, não do amor; com coerção, não com justiça universal.

A religião nas Igrejas é como a política no Estado. E volto a repetir: uma é sem Deus, a outra é sem Cristo. A Igreja prega o amor, mas pratica a força. O Governo prega Deus, mas pratica algo que sugere claramente o seu oposto.

Duas forças incompatíveis agitam o povo americano: a Tirania absoluta e a Liberdade absoluta. O Catolicismo Romano representa o Despotismo absoluto, e a Filosofia Harmónica representa a Liberdade absoluta.

A primeira defende que as instituições têm origem divina; a segunda, que as instituições surgem do progresso humano. A Filosofia Harmónica ensina que a Liberdade é herança comum de todos os homens; a Igreja afirma que a Liberdade é perigosa, exceto quando concedida como privilégio temporário.

A Igreja de Roma vê na Liberdade incondicional o seu maior inimigo.

Essas forças opostas continuarão a agitar-se até à dissolução?

Sim. E então virá um período de discussão utilitária e de choque violento. O espírito da força brotará intensamente da Igreja, e o espírito da resistência erguer-se-á do povo. Entre estes dois antagonismos, o povo americano mergulhará em conflitos civis. As Igrejas estabelecidas sofrerão convulsões intensas.

A grande maioria dos protestantes manter-se-á firme à Liberdade. Mas uma minoria, temendo os perigos do radicalismo e sentindo-se mais segura sob a autoridade eclesiástica, regressará ao seio da Igreja-Mãe. Os conservadores, por temerem mais do que compreendem, rejeitarão o progresso voltando atrás, aos braços da Igreja Católica.

Um grande conflito surgirá na América a partir de uma questão teológica essencial: “Será que Deus governa a alma humana através da Igreja, ou será que a Igreja deve ser guiada pela alma humana?”

Esta será, ao que tudo indica, a grande Questão do Julgamento. Tirania ou Liberdade? Permaneceremos submissos a um sistema eclesiástico, ou transformaremos as igrejas em Liceus, ao serviço do desenvolvimento utilitário do povo?

O utilitarismo colocará estas perguntas — e o povo será obrigado a decidir.

A decisão de um dos lados desencadeará uma resistência colossal. E os Estados Unidos, a braços com conflitos políticos e religiosos em simultâneo, viverão um período de comoção intensa.

Que plano sugeres para evitar esses conflitos nacionais?

A nação deve atravessar todo este deserto de conflitos, até chegar à Terra Prometida. Neste momento, são apenas nove e meia da manhã para o governo americano, e oito e meia para a progressão da Igreja. E esta pergunta será colocada a todas as almas:

"És a favor do Catolicismo Romano ou da Filosofia Harmónica?"

Ou, dito de outro modo: "És a favor do controlo universal e incondicional das almas humanas pelas instituições — ou do controlo incondicional e irrestrito das instituições pelas almas humanas?" Esta questão trará um grande dia de provação para o povo americano. Os conservadores mais temerosos recordarão as efémeras repúblicas da Grécia, as pequenas democracias italianas que, como flores raras, brilharam por um dia e logo desapareceram. O utilitarismo oferece encorajamento ao povo americano — de que, como nação, poderá usufruir de riqueza duradoura e de luxos bem distribuídos. Mas tais encorajamentos, para certas naturezas, parecem sonhos utópicos. Lembram-se das antigas repúblicas italianas — democracias passageiras de outros tempos.

E qual a tua opinião sobre a consciência da Igreja Americana?

A consciência da Igreja Americana não ultrapassa a do Antigo Testamento. Pregam Jesus, mas endossam as enormidades de Moisés. Falam de Amor como o bem supremo, mas praticam a Força como bem necessário. A Igreja acredita que a Liberdade é adequada a todas as nações brancas, mas que a Escravidão é o melhor estado para o progresso dos africanos.

As igrejas, portanto, sofrem de uma enfermidade vital — roçando já a consumpção — que afeta todos os departamentos da sua constituição: interfere com a respiração espiritual, com a digestão moral e com a locomotiva da alma do povo americano.

Não há um único Estado, em todo o sistema do governo americano, que não esteja mais ou menos implicado nesta doença terrível: a ausência de Deus no Estado e a ausência de Cristo na Igreja. E no entanto, ninguém duvida da existência de homens e mulheres conscienciosos nas Igrejas. Mas a consciência da Igreja não se eleva acima da consciência política sem Deus.

Entre ambas, encontramos aquilo que deveria preocupar qualquer reformador: uma doença sistémica, que permite a constante expansão da Guerra e da Escravatura. Assim, muitos creem que a Escravidão parcial é, afinal, o caminho natural do mundo.

Merecemos um sistema religioso que não gere ideias falsas sobre o Homem, Deus-Pai e a Mãe-Natureza. É verdade que dentro da Igreja americana existem Unitários, Universalistas e Quacres, que pregam verdades mais elevadas — ainda que de forma negativa. Mas a sua influência é limitada, enfraquecida, cerceada pela autoridade institucional.

Os Unitários temem parecer demasiado hereges; por isso, vão-se aprofundando nas águas mornas do eclesiasticismo popular. Os cristãos liberais receiam ultrapassar a "sabedoria dos tempos antigos" — como se ser mais sábio que os textos antigos fosse pecado. Alguns senhores unitários, com luvas brancas e pinças de açúcar, tocam na Escravidão com imensa graça, e aludem ao Alcoolismo com bela retórica. A Igreja Americana não se dirige com inteligência às faculdades superiores do ser humano.

E em que falha mais profundamente a Igreja Americana?

Na sua doutrina sobre o Homem e sobre a Existência Divina. Os Universalistas têm feito muito para introduzir uma eclesiologia natural, favorável ao Homem, e para transmitir uma ideia mais elevada da Divindade. O maior problema da Igreja está nas suas opiniões bárbaras. A sua conceção de Deus é quase satânica, e a sua ideia do Homem, profundamente degradante.

Sob a influência da Igreja Americana, o homem vê-se como intrinsecamente inútil. O "Deus" da Igreja Americana não é tão bom como o diabo concebido por Zoroastro! Prega-se com eloquência tudo o que é belo, poético e sublime; mas pratica-se, ao mesmo tempo, o que é violento, odioso e contrário à Justiça Distributiva.

A doutrina "Que ninguém chame Deus de Pai se não chamar o Homem de Irmão" ecoa em todos os tempos e lugares. Coloco o ouvido à fechadura da História humana, e ainda escuto o bater do coração de Confúcio através dos séculos. Esse princípio foi pela primeira vez proferido por quem atingiu o cume da humanidade.

Mas escuta a Igreja Americana — e não ouvirás tal princípio universal defendido. A linguagem é poética, a oratória exuberante, cheia de imagens e símbolos magníficos — mas os escravizados por essa "instituição peculiar" não são considerados irmãos à luz da Igreja. Mesmo as igrejas liberais não estão livres deste preconceito. Isso

demonstra, claramente, que a "cristandade" americana não está disposta a endossar o princípio da fraternidade universal.

E o utilitarismo — poderá originar uma nova teologia?

Sim. Uma era prática trará uma nova conceção da Divindade e uma nova visão do Homem. As leis inscritas na natureza íntima do Homem são mais utilitárias do que os Dez Mandamentos. São as leis do próprio Deus. Ter reverência pelas leis da Natureza Humana é mais utilitário do que obedecer aos decretos de qualquer instituição. Estamos, de fato, à entrada de uma era em que um novo Deus será apresentado à Humanidade.

E que exigirá o utilitarismo para inaugurar esse novo Deus?

Exigirá Professores que protestem contra más leis e defendam as boas. A Religião terá de presidir aos movimentos políticos. Haverá uma nova união entre o novo Estado e a nova Igreja. A política harmónica terá uma influência divina, moldando e elevando a humanidade.

O maior contributo que se espera do elemento religioso do utilitarismo é: um novo Deus para guiar o mundo, e uma nova ideia do Homem que o eleve e encoraje. Esta religião harmónica não contemplará credos nem organizações, mas tudo aquilo que sirva como degrau rumo à Justiça distributiva.

E poderá algo evitar que nos precipitemos nos dois grandes erros do nosso tempo: Guerra e Escravatura?

Talvez sim, se alargarmos e aprofundarmos o ideal utilitário da política americana, despertando e engrandecendo a Consciência americana. O púlpito deverá ceder lugar à tribuna pública, e ensinar deve substituir o simples pregar.

E o utilitarismo — influenciará os espiritualistas modernos?

Sim; mas estes enfrentam um duplo perigo: um de ordem externa e outro de ordem orgânica. O espiritualismo carrega já a tendência utilitária para a exteriorização e para a organização — tendências que, se não cuidadas, interferirão com o verdadeiro progresso.

O espiritualismo viverá entre um sistema político sem Deus de um lado e um sistema religioso sem Cristo do outro. Mas o utilitarismo há de reconhecer o valor do espiritualismo na sua missão evolutiva. O uso aponta para a reforma da Igreja e do Estado. O espiritualismo utilitário trabalha por uma nova ideia de Deus e por uma compreensão mais elevada do Homem.

E acolhe o utilitarismo esta Dispensação Espiritual?

Sim. Percebe-se, cada vez mais, que não compensa fechar os olhos à luz que se aproxima. Esta nova dispensação, como uma estrela no horizonte limpo, já ilumina o caminho da humanidade. Essa estrela há de expandir-se e brilhar, até pairar, divina e bela, no zénite — repleta de rostos de anjos, companheiros de jornada, a derramar nova luz sobre os homens a cada passo da vida.

Os céus antigos, a velha Terra, a teologia de outrora e o seu deus serão destruídos pela luz das Verdades Harmónicas. "Pois eis que vem o dia que arderá como fornalha — e os soberbos e os que praticam o mal serão como restolho", diz um médium oriental.

Por isso, tanto os teólogos como os políticos descobrirão, por fim, que não compensa ignorar a Lei superior da Verdade e da Justiça. A todos os que caminham com fidelidade, a todos os que acolhem com hospitalidade esta Dispensação Harmónica, o Sol da Justiça surgirá com cura nas suas asas, e inúmeros espíritos se unirão, com alegria, como companheiros de labor.

Sinto-me profundamente grato pelas inclinações utilitárias do nosso tempo.

Eles ajudarão a destruir todas as ficções. A doutrina do "lucro e prejuízo" acabará por sujeitar cada coisa — na igreja e no Estado, no homem e na sociedade — ao teste da Utilidade e da Economia. E milhares de absurdos serão abandonados: porque não compensam.

Será a doutrina da utilidade aplicada ao direito e ao governo modernos?

Sim; embora tenhamos o melhor país do mundo, com o melhor governo, estamos ainda muito longe daquela condição harmoniosa de interesses recíprocos em que a Lei e a Liberdade serão sinónimos. Como nação, precisamos de menos governo e mais crescimento. As nossas leis deveriam ser mais abrangentes e harmoniosas. A humanidade continuará a criar leis, penso eu, enquanto permanecer abaixo do plano da Sabedoria. De fato, as leis são naturais e necessárias nas fases de transição. Mas, no nosso estado de progresso, não compensa fazer cumprir leis que não sirvam simultaneamente o bem-estar do indivíduo e da coletividade.

As nossas leis, como mostrarei mais adiante, são atualmente contrárias aos direitos individuais. A raça africana não tem direitos ao abrigo das nossas leis. As nossas leis concedem poucas liberdades, e ainda menos direitos, às mulheres. Favorecem o capitalista. Os direitos legais só são protegidos para quem tem dinheiro para os pagar. Procuram o encarceramento, e não a melhoria, do infrator desafortunado. Este é visto como um inimigo voluntário da sociedade, e não como um membro

desorientado de uma Fraternidade comum. Por isso, as nossas leis buscam o seu castigo, e não o seu desenvolvimento. Vistas sob uma perspetiva utilitária, há muito nessas leis que simplesmente não compensa.

Temos ideias de Liberdade que não compensam?

Sim; há muitas pessoas que imaginam que a Liberdade individual significa, ou deveria significar, licença irrestrita ou irresponsabilidade. Quando, na verdade, a Liberdade é um Princípio sagrado — um poder de salvação — uma flor que desabrocha com uma beleza imortal. No início, como tudo o resto, nasce do solo. Brota no meio de espinhos e cardos. Mas, movida pelas forças do progresso, transcende todos os obstáculos terrenos e ergue-se grandiosamente: espalhando os seus ramos em todas as direções, como o carvalho régio no cimo da montanha.

É a Liberdade uma lei radical da mente humana?

Sim; a Liberdade, enquanto lei fundamental da mente, tem lutado e avançado nas marés dos tempos: como um navio entre ondas e tempestades. Entre as consolidações das monarquias — entre os rochedos e bancos de areia lançados no mar da experiência humana por Caracala e Tibério, Nero, Cômodo, Calígula e os trabalhadores noturnos da modernidade — entre tudo isto, a Liberdade marchou sempre em frente: com a força da Justiça e a audácia da Verdade. Embora tenha sido por vezes criminosamente atacada e quase naufragada nas costas ensanguentadas da tirania, a Liberdade conquistou, com segurança e glorioso triunfo, novos e melhores continentes, carregados com as mais divinas bênçãos.

Alguma vez os homens perderam a fé na ideia da Liberdade tornar-se universal?

Não; as democracias gregas, as Leis do sufrágio romanas, as Repúblicas italianas da Idade Média, os esforços de diferentes povos, evoluídos pela Liberdade desde o próprio ventre das trevas e do despotismo, mantiveram viva a nobre intenção de preservar a fé do homem na potencialidade e divindade do Princípio. Bem acima do estrondoso tumulto da era semi-bárbara, ergueram-se os apóstolos naturais da humanidade — Dante, Petrarca, Tasso, Rafael, Miguel Ângelo, Galileu e outros — lançando uma beleza luminosa sobre a tragédia dos tempos: pressagiando uma era de refinamento, ciência, civilização e Liberdade Universal! E todos os amigos da humanidade continuam a avançar rumo a essa Era. O continente da verdadeira Liberdade orgânica ainda está no futuro: por descobrir e povoar.

Quando foi proclamada pela primeira vez a doutrina da Fraternidade Humana?

O navio da Fraternidade Humana, com todas as nações a bordo, foi lançado há incontáveis séculos. No início, era apenas uma embarcação tosca, mal construída e equipada, governada por reis e tiranos, com sinais recorrentes de motim e revolta; a tripulação contra os mestres; muitas vezes deixado a lutar com as tempestades da ignorância, paixão, avareza e superstição, escapando por pouco à destruição total. Finalmente, porém, numa hora propícia, esse navio eterno, a meter água por todos os lados, será levado aos estaleiros da Razão — examinado e convertido, com novos materiais, num magnífico paquete oceânico, carregado com os melhores interesses de toda a humanidade, e pilotado não mais por sacerdotes e reis, mas pelo Pai-Deus e pela Mãe-Natureza.

Assim conduzidos, deslizaremos alegremente, com as mais elevadas esperanças e plena confiança de todos a bordo: acreditando que, em conformidade com as Leis imutáveis, o nosso navio acabará por alcançar o rochedo de Plymouth de uns Estados Unidos Harmónicos — o porto de um novo mundo — onde o Amor, a Luz, a Lei e a Liberdade serão integrais — fluindo através dos assuntos humanos como a voz de muitas águas. Ó Liberdade! Tu falas, dos centros-fontes do Universo, ao coração do Homem universal. Liberdade! Tu fazes vibrar o seio do mundo! Liberdade! Nas almas verdadeiras acendes um fogo de Amor sem limites. Liberdade! As eras testemunharam sublimemente a tua majestade divina. Liberdade! Há uma melodia imortal no teu Pensamento. Liberdade! Ouves o eco da tua voz através das Esferas superiores?

Certo dia resplandecente, o meu Pregador imortal leu do seu altar radiante o seguinte aviso: “Esta feliz congregação é urgentemente convidada a participar numa Convenção Utilitária que iniciará as suas sessões neste Santuário consagrado amanhã de manhã.” Assim, à hora marcada, os membros fraternos reuniram-se respeitosamente; quando, inesperadamente para ele, o meu bendito Pregador foi aclamado como Presidente da convenção, que prosseguiu pacificamente com os seus trabalhos. Considera-se desnecessário qualquer relato das questões levantadas ou registo dos discursos proferidos. Contudo, o honrado Presidente apresentou um conjunto de catorze notáveis Resoluções — plenas da essência da reforma Utilitária — que submeto à consideração do leitor.

Qual foi a primeira Resolução?

Primeira: Resolve-se que é prerrogativa constitucional da Mente Humana examinar livre, destemida e imparcialmente tudo quanto se encontra dentro e fora da Bíblia; que os Testamentos Velho e Novo são nossos amigos e mestres, mas não nossos guias nem senhores; que qualquer teoria, hipótese, filosofia, seita, credo ou

instituição que tema a investigação, manifesta abertamente a sua fraqueza e implica o seu próprio erro.

Qual foi a segunda Resolução?

Segunda: Resolve-se que toda a verdadeira Liberdade e Felicidade assentam no duplo princípio da soberania individual e da reciprocidade coletiva; portanto, que todos os sistemas religiosos e formas de governo que se oponham ao usufruto prático de tal soberania pessoal como base, são essencialmente bárbaros e vitalmente contrários às reais necessidades do homem e da mulher do século XIX.

Qual foi a terceira Resolução?

Terceira: Resolve-se que a Religião é Justiça; que o Céu é Harmonia; que o Amor é a Vida do Universo; que a Sabedoria é a Ordem do Universo; que a Liberdade distributiva é o resultado natural da aplicação das Leis da Natureza.

Qual foi a quarta Resolução?

Quarta: Resolve-se que toda e qualquer forma de sectarismo teológico é anti-progressista, retardando praticamente o desenvolvimento do Amor fraternal entre os homens, e contrariando igualmente a expansão do princípio eterno da Justiça Distributiva; e que, por conseguinte, todas as distinções sectárias e apegos locais a credos devem, doravante, ser abandonados, por serem piores do que inúteis, por todo aquele que ensine o Desenvolvimento individual, por todo amante da Harmonia social e por todo amigo da Liberdade política e religiosa.

Quinta: Resolve-se que, sendo um princípio essencial ou fundamental da constituição do nosso governo que “todos os homens (no sentido genérico) são criados iguais, com certos Direitos inalienáveis” e que, para garantir tais direitos, “os governos são instituídos entre os homens, derivando os seus justos poderes do consentimento dos governados”; e sendo que o nosso governo nega na prática não só o direito à Liberdade do escravo, mas também o direito ao Voto das mulheres; resolve-se, portanto, que o nosso governo, embora o melhor conhecido na Terra, é, na prática, despótico, e contrário aos princípios da Justiça igualitária e da Liberdade universal.

Sexta: Resolve-se que a América representa, no presente, apenas o Republicanismo transitório e uma Liberdade sentimental; que o antagonismo político e as monopolizações locais são naturais a esta forma de civilização; que a Filosofia Harmónica aponta o caminho para uma Liberdade orgânica e constitucional; e, por isso, que todo Filósofo Harmónico deve utilizar a sua influência política para eleger

apenas aqueles que legislem segundo a Natureza e a Razão, e que trabalhem pela Justiça igualitária e pela Liberdade universal.

Sétima: Resolve-se que, em conformidade com repetidas demonstrações oculares e com o testemunho coincidente de milhares de mentes dignas e inteligentes nos Estados Unidos e na Europa, acreditamos, primeiro, na proximidade espiritual do mundo espiritual (a Segunda Esfera) em relação ao mundo natural (a Primeira Esfera); segundo, na possibilidade de uma comunicação intelectual e impressionável entre os habitantes desses dois mundos; terceiro, que as variedades e gradações do carácter humano se estendem e continuam indefinidamente para além do evento químico da morte física; quarto, na providência especial, tutela geral e ministérios locais daqueles que partiram antes de nós; quinto, e de acordo com a evidência acumulada, acreditamos que essas entidades ascendidas estão empenhadas, em esforços associados e combinados, em ajudar a humanidade na concretização prática do "Reino dos Céus na Terra" — sob a forma de uma Ordem social superior em que cada Indivíduo, homem ou mulher, sem distinções de cor ou diferenças intelectuais ou morais, desfrutará de um direito igual à Liberdade — conduzindo todos a serem bons, sábios e felizes.

Oitava: Resolve-se que o Espiritualismo moderno não é antagónico, mas está essencialmente em harmonia com o Espiritualismo dos séculos anteriores.

Nona: Resolve-se que a Filosofia Harmónica é a melhor e mais racional exposição até hoje conhecida das Leis imutáveis do Pai-Deus e da Mãe-Natureza; uma filosofia capaz de resgatar o Espiritualismo moderno de cair, como quase todo o Espiritualismo antigo caiu, na ignorância supersticiosa e no fanatismo local, na servidão a autoridades externas e em organizações sectárias prejudiciais ao avanço da humanidade.

Décima: Resolve-se que a Dispensação Mosaica (o passado) foi uma era da Força, ou da Coerção; que a Dispensação Cristã (o presente) é uma era do Amor, ou do Impulso; que a Dispensação Harmónica (o futuro) será uma era da Sabedoria, ou da Harmonia. Em conformidade com a experiência intuitiva de todas as mentes iluminadas, e com o testemunho das nações, visível nas suas máximas e escrituras sagradas, acreditamos que o exercício da Sabedoria (que abrange a totalidade da consciência intuitiva e intelectual do homem) é necessário para harmonizar os elementos da Força e do Amor — o Leão e o Cordeiro — e fazer com que tais elementos da humanidade atuem de forma prática sobre os interesses físicos, políticos e espirituais da raça humana — em suma, para harmonizar o Homem consigo mesmo, com o seu Próximo, com o Pai-Deus e com a Mãe-Natureza.

Décima primeira: Resolve-se que a mente humana, sendo por um lado senhora de certas circunstâncias, é por outro lado sujeita a outras que lhe são superiores; que o

homem não é absolutamente, mas sim comparativamente, "um agente livre"; que o carácter do homem é moldado favorável ou desfavoravelmente em conformidade exata com o carácter das influências que o rodeiam e atuam sobre ele antes e depois do nascimento; e que, portanto, a redenção individual do erro social, ou o progresso além das imperfeições relativas, só é possível através da construção de uma Sociedade superior, que, pelas suas concordâncias de interesse, destrua todos os motivos para a perpetuação dos antagonismos comerciais, elimine o conflito entre produtor e consumidor, anule as incompatibilidades entre interesse e dever, e assegure, com justiça igualitária, a conceção, gestação, nascimento, formação, educação e desenvolvimento espiritual de cada filho e filha da Irmandade da Humanidade.

Décima segunda: Resolve-se que o "mal", assim chamado, não é uma transgressão de qualquer Lei, seja ela física ou moral; mas que o mal (e o pecado) surgem de condições internas e circunstâncias externas sobre as quais os indivíduos não têm controlo absoluto; por isso, a Filosofia Harmónica ensina a Caridade universal tanto para os agentes como para as vítimas do crime; e aponta para a melhoria progressiva e harmonização dessas condições e circunstâncias que moldam e influenciam o carácter humano antes e depois do nascimento.

Décima terceira: Resolve-se que as relações comerciais e mercantis instituídas entre os homens, e perpetuadas pela presente desordem social, são marcadamente egoístas, conduzindo direta e inevitavelmente à Indigência, ao Roubo, aos Monopólios opressivos, à Guerra, à Escravidão, à Doença, a Doutrinas ilusórias, a Profissionais parasitas, e ao surgimento de diversas Classes improdutivas, cujos efeitos não podem ser removidos nem evitados por qualquer mudança que não seja uma Dispensação Harmónica — que, com o seu poder tremendo, derrube todas as superstições, liberte igualmente os afetos e a razão da escravidão do erro e do medo — harmonize a lei da Soberania Individual com a lei paralela da Reciprocidade Social — garantindo à Mulher uma carreira tão livre quanto a do Homem, e conduzindo a bairros bons, sábios e felizes, que honrem a natureza humana vivendo, como os habitantes de planetas superiores, em estrita e natural harmonia com as Leis Divinas da Existência — cumprindo o espírito da oração proferida pelo nosso Irmão mais Velho, o meigo Nazareno.

Décima quarta: Resolve-se que nos regozijamos sinceramente com os esforços que homens benevolentes de todas as nações civilizadas estão a fazer para melhorar a condição dos seus semelhantes — os pobres, os ignorantes, os escravizados e os criminosos; e que, enquanto encorajamos os Reformadores, Professores, Missionários, Estadistas e Ministros de todas as matizes e graus, simultaneamente, e de forma muito fraterna, fervorosa e consciente, insistimos na necessidade de que estes adquiram melhor conhecimento da Filosofia Harmónica; para que possam ser

mais acertados nas suas avaliações do Homem, nos seus relatos sobre a Divindade e nas suas contemplações da Natureza — tornando-se assim mais eficazes na conceção de instrumentos que promovam o desenvolvimento daqueles objetivos humanos e universais que todos os verdadeiros reformadores e espíritos benevolentes desejam alcançar com os seus esforços conjuntos.

QUESTÕES SOBRE A ORIGEM E A PERPETUIDADE DO CARÁCTER

Acabou de surgir diante de mim um certo conjunto de perguntas e respostas que me parecem possuir uma influência divina e redentora sobre o carácter humano. Ao apresentá-las, sou movido por aquela convicção que o poeta expressou assim:

"Aquele que guarda uma verdade,
Retém o que não lhe pertence —
Age por egoísmo,
E comete uma injustiça contra o seu semelhante."

O termo "carácter" é habitualmente utilizado para distinguir a reputação. Usa-se para significar aquilo pelo qual um indivíduo é popular ou impopular, famoso ou infame. Quando alguém é conhecido como "espirituoso", um "lógico" poderoso, um "jogador" notório, um "ator" magistral, ou um "escritor" imaginativo, o termo é geralmente acompanhado de um adjetivo que define essas características. Assim, diz-se que certos traços, peculiaridades ou disposições compõem o carácter.

Usas este termo com o significado que lhe é geralmente atribuído?

Não; defino "carácter", pelo contrário, como o "meio" através do qual a alma se expressa abertamente — a forma pela qual toda a mente se declara e se manifesta. Afirmo com clareza que os homens não compreendem a verdadeira natureza da alma de um homem pelo seu carácter.

O que queres dizer com essa afirmação?

Quero dizer que o "carácter" adere ao homem, mas não faz parte do seu íntimo. O carácter é como um espelho, através do qual a alma se observa; é a alavanca sobre a qual atua; uma porta por onde entra e sai do templo. O carácter é o caminho, o modo, a maneira, a expressão, o fulcro e, ao mesmo tempo, a alavanca através da qual a alma se anuncia e se declara ao Mundo Exterior.

Queres então dizer que o carácter não é a verdadeira expressão da alma?

Sim; o carácter não é a alma, nem é uma expressão autêntica da natureza interior do homem. Nunca se está mais enganado do que quando se acredita conhecer o espírito de alguém através das suas manifestações características. A natureza interior é forçada a exprimir-se por meio de uma "forma"; mas essa forma pode ser o produto de uma herança parental infeliz ou de uma educação desajustada. Reflete bem e verás que o "carácter" adere, mas não pertence intrinsecamente; diz respeito ao indivíduo, mas não constitui a Realidade interior mais profunda.

São os seres humanos essencialmente iguais?

Sim; um único princípio anima todas as raças humanas. A humanidade é essencialmente a mesma na Nova Zembla e na Patagónia; nas selvas longínquas como na cidade de Nova Iorque. Apenas dois princípios são suscetíveis de permutações infinitas: eles explicam a infinita variedade de caracteres que povoam os reinos místicos da Existência. Este princípio é, por essência, monoteísta; é tudo Deus, e opera de forma panorâmica e imutável. Através da introspeção reconheci este Princípio, e denominei-o A Grande Harmonia — um princípio divino que anima inteligentemente o sistema ilimitado da Natureza. Quando ascendo das regiões anteriores do "Conhecimento" às faculdades superiores da "Sabedoria", designo este princípio animador como o "Espírito do Pai-Deus".

Queres dizer que Deus é distinto da Natureza?

Não; a Mãe-Natureza não é essencialmente diferente do Pai-Deus. A Natureza é a parte negativa do Princípio Positivo — tal como o corpo do homem é a parte negativa da sua Mente. Não há uma coisa que seja o corpo, e outra coisa que seja o espírito; nem há uma coisa que seja Natureza, e outra que seja Deus. Não; há apenas Um só Harmónio, ilimitado: nos seus aspetos positivos, "Pai-Deus"; nos seus domínios negativos, "Mãe-Natureza". Entre o Pai-Deus e a Mãe-Natureza, como afirmei, surge a existência do homem. Assim, o homem é legítima e verdadeiramente filho tanto da Natureza como de Deus. A Natureza é a esposa do Princípio Divino, e o Princípio Divino é o esposo da Natureza.

Onde começa a origem do carácter humano?

Existem três origens e graus do carácter humano: primeiro, aquele que é herdado do Pai-Deus e da Mãe-Natureza; segundo, o que herdamos dos nossos pais imediatos; terceiro, o que nos é moldado pelos nossos hábitos pessoais ou pelas pessoas com quem mantemos simpatia e convivência social. Há, portanto, um carácter fundamental, que é intrinsecamente divino e eternamente belo. É incorruptível, pois não pode ser corrompido. É semelhante a Deus, por ser um destacamento

individualizado do Princípio monoteísta. É puro e imaculado, o mesmo na essência como na forma.

Queres dizer que o espírito do homem está revestido por três caracteres?

Sim; existe um carácter primário, um carácter secundário e um carácter terciário; e cada um se constrói sobre o anterior. O mais radical ou interior — o divino, o imperecível — raramente se manifesta nesta vida rudimentar. O segundo carácter progenitor — aquele que o homem herda do homem — é quase sempre visível. Uma criança herda um corpo, e uma cabeça sobre esse corpo; e o homem futuro terá de viver nessa habitação que lhe foi legada. Herdou algo do seu pai e da sua mãe; e o seu "carácter" manifestar-se-á de forma concordante. A forma e a qualidade do seu carácter comum assemelhar-se-ão à forma e qualidade da sua herança imediata.

Estes três níveis de carácter estão igualmente fora do controlo do homem?

Dois destes caracteres estão para além do controlo absoluto do homem: primeiro, aquele que herdou de Deus e da Natureza; segundo, aquele que lhe foi transmitido pelos seus progenitores humanos. Contudo, existe um terceiro carácter que está dentro do círculo da responsabilidade individual. Afirmo que o corpo do homem é herdado como se fosse uma casa; e ele terá de viver nela, goste ou não da sua forma. As faculdades são o mobiliário — também herdado com a habitação.

É impossível mudar radicalmente uma só faculdade. Na verdade, neste mundo é difícil até fazer alterações superficiais. Cada cadeira e cada sofá, cada peça de mobiliário, legada ao homem pelos seus progenitores terrenos, foi colocada na sua casa rudimentar, e ele mal consegue movê-los. Terá de se sentar baixo ou permanecer de pé, respirar, sentir e pensar de acordo com a estrutura da sua habitação e a disposição do seu mobiliário.

Começa a sua atividade vital com as faculdades superiores: estas são os seus quartos e bibliotecas. Também com as faculdades inferiores: estas são as suas salas de estar. E com as propensões mais baixas: estas são a sua cozinha e o seu mobiliário. Com o corpo: este é a cave, onde se armazenam os legumes do jardim e diversas substâncias. E por baixo de tudo estão os seus apêndices locomotores: estes são os agentes pelos quais ele se move à superfície da Terra.

O ser humano adquire um terceiro carácter através do contato com os seus semelhantes?

O carácter do homem é, evidentemente, triplo; ou pode dizer-se que possui três tipos de carácter: primeiro, o mais íntimo, que raramente se manifesta; segundo, aquele que herda dos seus pais; e terceiro, o que lhe é induzido pela igreja ou pelo Estado,

pela sociedade, ou pela família em que nasce; ou ainda, mais externamente, pelas pessoas com quem convive habitualmente. As variedades de disposição e as contrariedades de temperamento, nas pessoas com quem um homem vive em contato, contribuem diretamente para a formação de um carácter superficial. E é esse o "carácter" que a humanidade mais frequentemente mantém e manifesta.

Qual é o verdadeiro método para controlar e modificar o carácter?

O homem precisa de se familiarizar com princípios psicológicos bem estabelecidos de autodesenvolvimento. Estes princípios dão-lhe acesso ao maior grau de poder, através do qual pode controlar e modificar não apenas o seu carácter superficial, mas também, até certo ponto, o carácter secundário herdado dos seus progenitores individualizados. Quando um homem compreende como adquiriu um carácter superficial, através do qual o seu espírito se vê forçado a expressar-se de forma distorcida, esse conhecimento torna-se uma ferramenta psicológica com a qual o pode modificar.

É inegavelmente evidente que, quanto mais os homens aumentam o seu conhecimento e sabedoria, mais adquirem capacidade para minar e erradicar o carácter superficial. Admitindo que os espíritos de todos os homens são compostos pelos mesmos elementos essenciais, estabelecemos imediatamente uma Democracia universal. Ao aprofundar o estudo do carácter humano, encontramos uma herança de diamante, pura e imperecível. Não existe outro alicerce sobre o qual possam assentar reformas humanitárias. Se fores capaz de ver, nas profundezas da natureza do Homem, uma essência e um carácter verdadeiramente incorruptíveis, então aproximar-te-ás dele como um ser cujo íntimo pode revelar uma estrutura celestial.

Existem pessoas que possuem um duplo carácter?

Sim; encontramos pessoas que manifestam, simultaneamente ou alternadamente, tanto o carácter adquirido como o herdado. Cerca de quatro gerações contribuem para a formação de cada indivíduo. Assim, as crianças podem assemelhar-se ao pai ou à mãe, ou então ao avô ou à avó, ou ainda a antepassados mais remotos, até que a quarta geração seja representada. Há crianças que não se parecem nem com o pai nem com a mãe; mas características marcantes de antepassados distantes ressurgem nelas.

As características continuam a sobrepor-se, mas raramente remontam além da quarta geração. Todas estas condições originam e constroem o carácter individual; e o espírito vê-se obrigado a harmonizar-se com elas durante um período de anos rudimentares. Se herdou um cérebro posterior mais desenvolvido, ou um cérebro frontal maior, ou qualquer outra particularidade, a manifestação espiritual terá de estar em conformidade.

É evidente que o Espírito é forçado a manifestar-se de acordo com o carácter que lhe foi atribuído sem consulta nem consentimento. O carácter é moldado, após o nascimento, pelo pai e pela mãe. Depois disso, surge a formação terciária. Esta resulta das inúmeras circunstâncias sociais que, como oleiros, moldam o barro para "fazer um vaso para honra e outro para desonra". E se tivesses nascido noutra parte do mundo? O que teria acontecido? O ambiente físico, geográfico, meteorológico, político, eclesiástico, social, e todas as outras influências mais subtis desse local, teriam funcionado como mestres-de-obras e carpinteiros construtores da estrutura exterior do teu Carácter.

Por essas razões, poderias ter sido um turco, um mongol, um chinês ou um hindu: da mesma forma que, vivendo em Nova Iorque, poderás adquirir um carácter concreto e familiarizar-te, em maior ou menor grau, com um pouco de todo o mundo. É precisamente à retificação desse carácter exterior e superficial que os homens devem dirigir a sua atenção imediata. Se quisermos crescer de forma harmoniosa, comecemos por analisar e remover as causas que retardam o desenvolvimento desse carácter divino herdado do Pai-Deus e da Mãe-Natureza.

Algum método associativo poderá favorecer o desenvolvimento do íntimo?

Sim; estou profundamente convicto de que a humanidade, enquanto Irmandade, precisa de uma Associação cosmopolita, de âmbito mundial, que vise modificar a Igreja, o Estado, a Família, a Sociedade, e até outros domínios do interesse humano, com referência direta à formação harmoniosa deste terceiro carácter. O carácter humano é profundamente afetado pelas instituições eclesiásticas, e nada exige mais investigação por parte dos reformadores. Uma religião feita de formas, cerimónias e rituais não é a religião da humanidade. Os homens precisam de uma religião que, quando definida, signifique Justiça Universal.

As instituições exercem um efeito poderoso tanto sobre aqueles que delas participam, como sobre os que ficam à margem da sua poderosa força magnética. Os cidadãos empobrecidos de Nova Iorque, que nunca entraram numa igreja e talvez vivam em caves ou sob os passeios, são ainda assim influenciados pela natureza das teologias dominantes. O tipo mais firme de doutrina atua através de todos os interstícios da consciência, até alcançar a alma mais recôndita. Precisamos de uma religião de Justiça, que tenha em vista o desenvolvimento harmonioso do carácter. As instituições religiosas populares exercem grande influência sobre o carácter, especialmente sobre aquilo a que chamamos "consciência".

Quantos não há que acreditam sinceramente ser "errado" procurar o progresso teológico! Alimentam um conservadorismo de consciência, e a Igreja magnetizou-os nesse sentido. A consciência dessas pessoas, diria eu, é educacional — uma ideia adquirida sobre o que é certo e errado. E essas ideias são suscetíveis de várias

modificações. Por isso, as pessoas mudam de opinião sobre todo o tipo de questões. Aquilo que é certo esta semana, pode ser errado na próxima. A consciência superficial está em constante alteração, e o progresso é o resultado.

O carácter terciário forma-se de forma inconsciente?

De forma mensurável, sim. Suponhamos, por exemplo, que vais à igreja no próximo domingo. Na segunda-feira seguinte, estarás mais influenciado pela recordação da oração, do sermão e da música do que pelo espírito da música, do sermão ou da oração. É a forma que se imprime mais profundamente no solo do carácter exterior. Lembras-te de ter estado na igreja, mas o espírito do dia já partiu.

O que permanece na memória é a forma exterior, e isso influencia o teu espírito, ainda que de forma insensível, a manifestar-se da mesma maneira. Se meditares sobre Deus, pensarás na linguagem peculiar do teu pregador. Se pensares em música, a tua mente alinhar-se-á com a melodia que mais ficou gravada na tua memória. Recordas-te da forma da música, e o teu espírito flui, quase sem perceberes, para dentro dela. Sabes bem o que aconteceu com o "Hino da Marselhesa"; ele ficou gravado na alma de toda a França.

A sua forma tornou-se parte da memória coletiva. Naturezas alegres cantavam-no e dançavam-no; para elas, havia coragem sublime e esperança na própria forma do hino. E não é verdade também que o nosso memorável "Hail Columbia", ou o ainda mais familiar "Yankee Doodle", foi cantado, tocado, assobiado por centenas de milhares que simplesmente ouviram a melodia e guardaram as palavras?

Para ilustrar como o homem adquire o carácter terciário de forma tão subtil, vou contar-te uma experiência: num domingo vi um homem, dono de um estábulo, numa reunião de reavivamento espiritual. O pregador, de peito largo e voz poderosa, usava uma linguagem enfática. Descreveu de forma aterradora os terrores do Senhor e os atributos igualmente terríveis do Diabo. Com toda a eloquência que tinha, retratou o destino dos impenitentes e não redimidos. Lembro-me bem de como se ergueu no antigo púlpito de estofo vermelho e disse:

"Deus há de condenar ao inferno cada coração não contrito, cada alma não regenerada." A reunião terminou e o dono do estábulo voltou ao seu local de trabalho. Ao chegar, disseram-lhe que um dos seus melhores cavalos estava caído e a debater-se na baia. Tentaram levantá-lo várias vezes, mas ele caía sempre no mesmo sítio. A certa altura, o homem perdeu a paciência — parecia-se com o pregador! E eis que, de forma bastante semelhante ao ministro, ergueu a voz com força e... "condenou o cavalo ao inferno." Percebes como o espírito do homem se expressou através das mesmas palavras que o pregador lhe havia cravado no cérebro.

Queres então insinuar que toda a linguagem profana tem origem no púlpito?

Não; mas afirmo, sim, que o púlpito contribuiu bastante para dar um carácter terciário sombrio a muitas pessoas — até mesmo àquelas com inclinação profana que nunca entraram numa igreja. Da Igreja aprendem, primeiro, uma ideia provocadora de "Deus"; segundo, "vontade"; terceiro, "condenação"; quarto, "a tua"; quinto, "alma"; sexto, "ao inferno". E numa memória atenta e retentiva, é muito fácil tocar várias variações com essas palavras profanas e sugestivas. Basta que uma pessoa de temperamento colérico, que nunca pisou uma Igreja ortodoxa, ouça essas expressões atrozes pela primeira vez; garanto-te que, antes do meio-dia do dia seguinte, já terá transmitido essas palavras a uma multidão de mentes excitáveis!

E depois, cada membro dessa multidão passa a dizer "Deus vai condenar a tua alma" a outra pessoa: assim se propaga a infeção; e em dez dias, a partir do sermão, essas frases tornam-se expressões abreviadas, modificadas e estereotipadas em toda a aldeia ou região. Quem poderá então negar que o púlpito popular tem grande responsabilidade por tanta linguagem profana? Uma religião universal da Justiça, por outro lado, contemplaria a harmonia de cada indivíduo. Não se pode negar que todo o ser humano — pertença ou não a uma religião — é influenciado e caracterizado pelas instituições do seu país que se denominam "eclesiásticas".

O carácter também é influenciado pelas instituições políticas existentes?

Sim; seria interessante analisar o que tem sido feito em diferentes países — por toda a Europa e América — para marcar novas ideias políticas através de certas leis, pelas quais centenas de milhares de pessoas adquiriram caracteres terciários. Lembras-te de um certo poderoso "mágico" do nosso país? Um dia, de pé diante de todas as cabeças coroadas no capitólio da sua nação, com vasto saber e uma vara mística na mão, evocou das sombras a "Lei do Escravo Fugitivo".

Lançou-a ao chão, assustado com o seu próprio poder, e — eis que ela se tornou uma Serpente! Muitos pequenos mágicos tentaram imitá-lo! Às vezes, esses imitadores políticos têm triunfos temporários, mas cada um dos seus vários "compromissos", quando atirados ao chão, transforma-se numa serpente; mas a Lei do Escravo Fugitivo, sendo uma invenção mosaica e maior do que as outras, devorou-as a todas!

Vês como essa manobra política atua na América, não vês? A Lei do Escravo Fugitivo continuará, mesmo após a sua revogação, a influenciar o carácter terciário do povo americano durante um quarto de século. Se fosse revogada nas próximas vinte e quatro horas, o seu efeito ainda assim permaneceria impresso no espírito americano. Ou seja, o povo continuaria a confiar em compromissos e expedientes.

Sim, a influência de uma instituição política marca profundamente o carácter terciário; e tanto a nação como o indivíduo são, de forma subtil e insensível, forçados a percorrer todos os caminhos desse curso popular.

Mas não é verdade que toda doença traz em si o seu próprio remédio?

Veremos: é verdade que a confusão social desperta os arquitetos sociais; e que cada um deles apresenta diferentes propostas, ou remédios, para escapar ou curar as injustiças e desigualdades das desordens presentes. Naturalmente, o mundo nunca esteve sem esses Arquitetos Sociais. Tivemos o científico e generalizante Fourier, e o humanitário Owen.

Diferentes combinações industriais surgiram, e comunidades societárias tentaram resolver esse enorme problema: abolir desigualdades e superar injustiças. Mas apenas o carácter mais íntimo consegue perceber e valorizar o melhor e o ótimo. A sociedade, como uma máquina utilitária, está cheia de rodas, cintas e polias; e oramos por um John Fitch, ou um Fulton, por alguém habilidoso na arte de moldar o carácter terciário. Eixos e rodas que agora oscilam no edifício social poderiam ser postos em movimento harmonioso.

Os homens devem unir as influências que conduzem à criação de uma simplificação social; à simplificação do comércio, do fabrico, da agricultura. A verdade é sempre simples. É isso que o carácter interior anseia constantemente. Há quem, cansado das corrupções religiosas e das oscilações das engrenagens sociais, se retire para condições marginais. Pegam num princípio central estabelecido como ânimo divino do seu movimento e organizam-se em torno dele. Se não conseguirem harmonizar todas as relações humanas, a decomposição acabará por infiltrar-se na organização, e o enfraquecimento do esforço será inevitável. Mas, sentindo por vezes um carácter mais profundo e uma atração radical por estados melhores, esses Médicos Sociais não perdem a esperança de, um dia, administrarem o Remédio perfeito.

Contemplas a aplicação da Justiça a todas as relações humanas?

Sim; existe uma religião da Justiça que pode e deve ser aplicada, antes de mais, às relações familiares. Ou seja: à relação entre o homem e a mulher, à relação entre o amante e o amado, entre marido e mulher, entre pais e filhos, entre amigos e inimigos, e até mesmo ao estranho que está fora das tuas portas. O carácter terciário do homem deve ser moldado por uma religião que contemple a Justiça Universal. O carácter é formado em função do indivíduo, de acordo com a família, o país e a religião nos quais nasce. Depende das influências que a alma humana encontra antes, assim como depois, da sua entrada neste mundo, se será harmoniosa ou dissonante — ou, se seguirá um caminho intermédio, exibindo traços tanto do carácter secundário como do terciário.

Pode essa Justiça ser aplicada por cada indivíduo a si próprio?

Sim; até certo ponto. Tanto quanto possível, cada pessoa deve ser uma manifestação prática da sua Filosofia Harmónica. Deve aspirar a um desenvolvimento proporcional do carácter — à exumação do seu mais íntimo — para obter a expressão mais completa e elevada de si mesma. Isto não pode ser alcançado apenas pelo esforço individual, mas sim através da combinação de esforços; pelo convívio com outros que partilhem o mesmo objetivo e a mesma intenção.

Como pode ser organizada essa associação?

Não seria difícil para um grupo limitado de pessoas — digamos, seis ou doze — reunirem-se uma vez por semana. Juntarem-se, vindos de diferentes partes da cidade ou do campo, com o propósito de um desenvolvimento normal e harmonioso. Que continuem a reunir-se, criando empatia — sentindo as afeições e os intelectos uns dos outros — até se harmonizarem mutuamente em mente e espírito.

Uma associação harmoniosa deste tipo atrairia influências mais elevadas e divinas — receberia bênçãos e inspirações de fontes invisíveis — até que todo o círculo estivesse em pleno acordo, e cada membro se tornasse uma força positiva de Salvação. É assim que se inicia um sistema de reforma harmoniosa — apesar de todas as influências sociais adversas — através do qual é possível modificar e aperfeiçoar os caracteres herdados e adquiridos.

Suponhamos, a título de exemplo, que adquiriste um hábito de beber, fumar, praguejar, pensar de forma desordenada ou de te entregares a excessos passionais — e suponhamos que entras nesse círculo com a intenção sincera de libertar a tua alma dessas características defeituosas — nesse caso, o efeito da associação manifestar-se-á numa mudança subtil do teu pensamento para esferas mais elevadas e, posteriormente, será formado um novo carácter terciário, que permitirá uma expressão mais autêntica do teu verdadeiro espírito. Não há igreja nem santuário tão desejável como um corpo e alma bem equilibrados; mas esse templo não pode ser erguido, nem consagrado, sem auxílio fraterno. É necessário um fluxo contínuo de simpatia, vindo daqueles que partilham a mesma bênção gloriosa em oração.

Lembra-te: tais círculos não devem ser criados para atrair fenómenos exteriores que impressionem a mente com espanto ou temor — mas sim para a fusão, energização e harmonia das faculdades ou caracteres, através dos quais a alma se deve exprimir. O objetivo primordial a alcançar é o desenvolvimento da mente individual em estrita obediência ao seu carácter mais íntimo e às suas inclinações mais profundas. A mente deve moldar-se de acordo com as suas próprias tendências interiores. O

carácter ideal deve ser o teu próprio ideal — daquilo que queres ser! Esse deve ser o teu anseio, o teu deus, o teu anjo da guarda. Em torno desse carácter ideal, do teu íntimo, agrupar-se-ão mil forças amigas e energizantes; e certamente alcançarás descanso e satisfação.

O que dizes acerca da perpetuidade do carácter?

Afirmo que o carácter primário, herdado do Pai-Deus e da Mãe-Natureza, é permanente e imortal. O carácter secundário, transmitido pelos progenitores terrenos, é construído sobre esse núcleo mais profundo e íntimo. Essa herança continua a influenciar-nos neste mundo, e pode continuar por séculos no mundo seguinte; mas é suscetível, através do autocontrolo, de uma modificação harmoniosa e saudável. O carácter terciário, por sua vez, formado e fixado por hábitos, tem uma duração determinada — primeiro, pela força do teu desejo de o superar; segundo, pelas associações que esse desejo atrai até ti. Deves conviver com aqueles que são firmes e seguros nos seus esforços para alcançar a retidão.

A perpetuidade do carácter terciário, ou superficial, é uma questão de tempo — não uma questão de eternidade. Podes lutar para o superar, e até experimentar derrotas; mas cada derrota não é mais do que a afirmação da Natureza de que nada absoluto pode ser alcançado sem cooperação. Não basta contar com o auxílio dos amigos neste mundo — é igualmente necessário receber o auxílio espiritual dos vizinhos do Mundo Espiritual. Certa vez encontrei um homem de aparência distinta, um homem de letras, que tinha um carácter terciário bastante negativo — era satírico e severo para com a humanidade. Lembro-me de o ouvir citar um trecho de Byron que refletia claramente as suas características invertidas:

Já houve tempo em que da minha boca não caía
Palavra dura, nem sombra de ironia.
Nem tolos nem loucuras me faziam desprezar
O mais humilde ser que ousasse rastejar.
Mas hoje, endurecido — tão mudado desde então —
Aprendi a pensar e a falar com precisão.
Aprendi a rir do crítico e do seu rigor,
A quebrá-lo na roda do seu próprio ardor.
A rejeitar a vara que um escriba me estende,
Sem ligar se o povo aclama ou se me ofende.

Disse que esta era a passagem mais agradável que alguma vez encontrara em Byron! Os seus amores filiais e universais estavam invertidos. Consultando o quarto volume da *Grande Harmonia*, podes ver claramente a diferença entre um carácter harmonioso e um carácter oprimido por deformidades terciárias ou por tendências secundárias herdadas de progenitores desajustados. É um grande consolo saber que

tudo aquilo que condenamos na natureza humana — esse “mal” e esse “pecado” — pertence apenas às camadas do carácter que têm duração temporária. O espírito humano tem de se exprimir através de formas; e é daí que surgem más representações da natureza interior, que é essencialmente pura. Os teólogos têm procurado inquietar os humanitários com esta questão:

Como pode o homem ser exteriormente tão mau e pecador, e interiormente tão puro e divino?

Ao que respondo: o “carácter” é a forma através da qual a alma se expressa. A expressão e a forma correspondem uma à outra. Se alguém te incutir más palavras na mente, o teu carácter manifestar-se-á através delas. Se as janelas da tua casa forem de vidro azul, verás tudo o que está lá fora com um tom azulado. Se houver algo entre o teu olhar e a luz pura, branca e brilhante do sol — seja vermelho, açafrão ou verde — a luz parecer-te-á dessa cor. Assim é também o carácter que se interpõe entre o mundo e o teu espírito. Aquilo que está dentro de ti, como a luz do sol, é divino e inalterável.

O espírito não é manchado nem ferido na sua essência interior pelo contato com o corpo ou com o mundo, embora as suas manifestações possam ser cruas e dolorosamente dissonantes. O espírito é indivisível e imutável; mas o carácter muda constantemente. Assim, um homem pode adquirir e representar uma multiplicidade de características, enquanto o seu espírito permanece essencialmente o mesmo. Sim, é um grande alívio saber que o “carácter” não é o verdadeiro reflexo do espírito do homem. É apenas a habitação onde ele é temporariamente forçado a viver pelas circunstâncias. Portanto, é necessário começar pela melhoria das condições sociais de onde nasce o carácter humano.

Queres então dizer que o espírito do homem não deve ser julgado pela aparência do seu carácter?

Sim; reafirmo que o carácter não é o homem nem a mulher, mas apenas declarações fragmentárias da alma. Não é a alma, mas sim a sua expressão forçada. É algo que se interpõe entre o mais íntimo e o mais exterior. É a moldura do espírito — a armação onde está incrustada a joia da vida imortal. Se a moldura for bela, reflete beleza sobre a imagem; mas se for desproporcional e feia, quem ousará dizer que a obra do Artista Divino é, por isso, imperfeita? O primeiro carácter é natural, o segundo é superficial, e o terceiro é artificial.

O primeiro é uma subestrutura; o segundo, uma estrutura intermédia; o terceiro, uma superestrutura temporária construída por cima das anteriores. Para quem tem perceção espiritual — seja pela clarividência espiritual ou por uma mente intelectualmente clara — é evidente que um carácter se constrói sobre outro, até que

a essência espiritual esteja quase irreconhecível, disfarçada. O primeiro carácter, a subestrutura, é herdado. Os seus pais, como já foi dito, são o Pai-Deus e a Mãe-Natureza. O segundo carácter é herdado dos nossos pais imediatos, nos quais vivem as contribuições de três ou quatro gerações anteriores. Esse carácter progenitário é a estrutura intermédia, através da qual o espírito do homem se vê obrigado a exprimir-se. Tem de seguir as tendências dominantes dos seus progenitores imediatos. Já o carácter exterior é adquirido através de hábitos e, em grande parte, pelas influências do meio.

Podes ilustrar como se formam os caracteres secundário e terciário?

Sim; aqui vai uma analogia: imagina um arquiteto que desenha um edifício público. Ele reúne carpinteiros e pedreiros, e fornece-lhes ferramentas e materiais adequados. Com o tempo, a estrutura ergue-se. Mas alguma vez conheceste um arquiteto progressista satisfeito com o resultado final? As ideias arquetípicas do arquiteto foram os primeiros "pais" daquele edifício; os operários foram os pais imediatos, responsáveis por várias alterações. O plano original não previa uma janela aqui, nem uma porta ou um armário ali. Novas sugestões são introduzidas. Abre-se um salão num ponto, constrói-se uma escada noutro. Estas são, digamos, as *interestruturações*.

Mas depois chegam os trabalhadores da superfície — os homens com pincéis e latas de tinta — que acrescentam ornamentos e embelezamentos externos. Este é o carácter adquirido. Com o passar das estações, a tinta, os adornos e os retoques começam a desaparecer — tudo aquilo que carpinteiros, pedreiros e pintores expressaram desvanece-se lentamente. O edifício, por sua vez, sofre alterações que acompanham uma renovação interior. Por fim, tudo se reduz: o carácter dado pelos carpinteiros e pedreiros desaparece, e a ideia do arquiteto original fica por exprimir. Mas, sobre os mesmos alicerces onde o edifício foi construído, uma nova equipa traz à luz a ideia original em toda a sua plenitude.

Assim é: o Pai-Deus e a Mãe-Natureza concebem a ideia de um homem. Chamam à obra todos os carpinteiros e pedreiros — e os seus nomes são Legião. São novecentos milhões de vegetais, e cento e cinquenta milhões de animais — peixes, aves, répteis, marsupiais, mamíferos e primatas — que trabalham, como carpinteiros e pedreiros, para expressar a ideia arquetípica através da criação de um Homem. É a ideia da Natureza.

A Natureza trabalha com todos esses materiais e forças espirituais para fazer surgir aquilo que tu e eu representamos. Por fim, os intermediários instrumentais que geram um ser humano são os nossos pai e mãe. Eles concedem aos filhos a existência individualizada. Depois vêm os pintores e os decoradores — os

responsáveis pelo estuque, pelos ornamentos, pelos adornos, pelos feitos, e pelas influências sociais impressas no ser.

O que queres dizer exatamente com esta linguagem?

Quero dizer que o homem pode analisar-se a si próprio, compreender a maquinaria de um ser humano e, assim, adquirir poder de autorretificação — e, sem adiamentos desnecessários, polir e remover todas as peculiaridades adquiridas que impedem a expressão plena das suas características mais íntimas, herdadas do Pai-Deus e da Mãe-Natureza. A ideia divina do arquiteto é a única coisa imortal — não a casa que ele constrói, nem a tinta com que os artesãos a ornamentam.

Do mesmo modo, as imperfeições do teu carácter adquirido, e também do carácter herdado dos teus pais, hão de desaparecer. Seja qual for a tua origem — caucasiana ou africana, mongol ou indígena, celta ou teutónica — tudo isso é indiferente. A Natureza cumprirá o seu trabalho, e tu viverás, por fim, a plena realização da sua Ideia original.

Queres dizer que as ideias da Natureza acerca do ser humano podem ser realizadas ainda nesta vida?

Sim; no entanto, os caracteres herdado e adquirido, a menos que sejam conscientemente ultrapassados e purificados, sobreviverão à própria energia desesperada da morte e acompanhar-te-ão quando entrares nos salões e câmaras sublimes da Mansão Eterna. E lá não perderás a tua individualidade: serás reconhecido como foste conhecido pelo teu pai e pela tua mãe; serás identificado pelo princípio da Simpatia Universal. Nem a morte, com todas as suas energias químicas misteriosas combinadas, nem o túmulo, mesmo que chore durante meses ou anos à tua volta, conseguem limpar o espírito de certas características que a ele aderem como consequência da sua existência rudimentar e do seu desenvolvimento orgânico.

A mente vê o mundo apenas através das suas próprias características?

Sim; o homem vê tudo de acordo com o seu estado mental. Por exemplo: um grande pensador entra no mundo e começa a examinar aquilo que chama de "Palavra de Deus". Suponhamos que esse homem é Martinho Lutero. Ele olha para essa Palavra através das suas próprias características mentais, e "luteraniza" todo o texto desde o início até à última frase.

Agora, vejamos João Calvino: com um carácter imperioso, positivo e herdado, aplica a sua mente, com sinceridade, à obra religiosa. O seu carácter duplo — herdado e adquirido — interpõe-se entre o seu espírito mais interior e a letra da

Bíblia, obrigando-o a ver e a traduzir cada capítulo, versículo e palavra de forma nova. Assim, a Bíblia torna-se totalmente “calvinizada”; e o mesmo acontece contigo — consoante os teus caracteres herdados e adquiridos, tornar-te-ás luterano ou calvinista.

Mais tarde, ouvimos falar de João Wesley. Sabemos como ele “wesleyanizou” toda a Escritura! Ele era compelido a ver através do seu próprio carácter: viu um novo Deus e leu uma nova revelação. Para ele, Lutero e Calvino estavam redondamente enganados. Ficava espantado por mentes inteligentes não verem nada além de metodismo na Bíblia. Herdando uma natureza forte e positiva, os seus pensamentos não podiam ser controlados pelas mentes em redor.

E quem nunca ouviu falar de Emanuel Swedenborg? Quem não gostaria de estar no seu lugar por vinte e quatro horas? Ao examinares a Palavra sob o seu ponto de vista, ficarás surpreendido por haver quem se contente com Lutero ou Calvino. Verás um sentido natural, um sentido espiritual e um sentido celestial — verás um novo plano, uma nova Providência, uma nova Igreja e uma nova Lei, estabelecendo a coesão das ideias que se espalham pelos céus como uma aurora boreal!

Serás introduzido na linguagem das correspondências — e sairás “correspondencializado” da cabeça aos pés, assim como a Bíblia está “swedenborguianizada” de Génesis ao Apocalipse. Se a estrutura do teu carácter adquirido estiver alinhada com a de Calvino, serás calvinizado; se com a de Lutero, serás luteranizado; se dentro das generalizações e minúcias de Swedenborg, serás swedenborguianizado. Assim como o edifício do arquiteto, serás pintado, ornamentado, embelezado e artificializado no teu carácter exterior.

Mais um exemplo: aqui está John Murray. Ora, qualquer pessoa que aceite o seu evangelho fica admirada, uma vez plenamente “murrayzada”, por haver mentes inteligentes que vejam qualquer coisa na Bíblia que se oponha à doutrina da restauração universal.

Este princípio de explicação do carácter infunde no teu pensamento um espírito de interpretação, de generalização e de fraternidade para com todas as seitas religiosas — perante todas as quais terás a vantagem de manter uma atitude positiva. Que grande alegria é estar no cimo de uma montanha e ver, no vale lá em baixo, todas as capelas e povoações sectárias; sentir que, espiritualmente, és soberano de tudo o que contemplas! Em algum momento da vida, todos sobem à montanha da Contemplação; e quando a mente desce novamente desse monte, o que não daria ela para se lembrar de tudo o que viu e compreendeu durante esses momentos de iluminação!

O que farias para trazer à tona o carácter inato ou divino?

Essa pergunta será respondida mais plenamente mais adiante. Por agora, direi apenas que procuraria despertar aquilo que sei ser integral — a imagem natural ou carácter harmonioso — que está por baixo de tudo o que herdaste ou adquiriste. Ao trazeres isso à luz de forma positiva, serás salvo, não apenas das influências que fluem do teu meio imediato, mas também serás libertado das organizações eclesiásticas e políticas.

Recebemos sempre aquilo que damos. Se o homem acumula dívidas consigo próprio, mais cedo ou mais tarde terá de saldá-las até ao último centavo. Se alguém é cristão segundo Lutero, ou segundo Calvino, ou Wesley, ou Murray, ou Swedenborg, ou qualquer outro líder, e se parte para a Morada Espiritual com essa fé, então não só terá de superar o carácter herdado dos seus pais, como também terá de remover um carácter adquirido — esse que lhe foi impresso na mente pelos "pintores", "artistas", "ornamentadores" da organização religiosa a que pertenceu.

Isto explica porque diferentes seitas religiosas, durante os reavivamentos, acreditam que o Senhor vem em seu auxílio?

Sim; já testemunhei esses fenómenos, conhecidos como "reuniões de reavivamento". Não há manifestações mais eficazes para ilustrar esta doutrina — de que as características exteriores do homem o acompanham até ao Mundo Espiritual. Vai, por exemplo, a um acampamento metodista e analisa o estranho entusiasmo que ali se sente. Primeiro, há uma excitação artificial, provocada pela energia psicológica do pregador. Depois, surge uma segunda fase — a excitação produzida pela união de propósitos dos participantes. A terceira fase baseia-se nas paixões; ou seja, nas suscetibilidades nervosas, que são convocadas e estimuladas pela pregação fervorosa. Talvez nunca tenhas visto um pregador metodista a fazer uma reflexão filosófica.

O resultado disso é que o povo começa a *sentir*, não a *pensar*. São levados a uma região onde o amor se torna dominante. Alimentam um amor pela excitação espiritual — misturado, talvez, com amor pelo Supremo. E assim, as sensibilidades religiosas começam a ser excitadas de forma descontrolada. Tornam-se veneráveis, depois orantes, depois convencidas de pecado — sentem-se culpadas de mil coisas que nunca imaginaram ser culpa sua! E então são levadas ainda mais alto nesse estado psicológico. Muitos já viveram essa "experiência religiosa". Lembram-se de ter orado nas tendas, no meio dos bosques encantadores — com muitas luzes a iluminar as árvores à noite — e dos mais nervosos sentados nos "bancos da aflição", recebendo uma espécie de sopro misterioso! Nesse clímax, com ainda mais agitação, vem uma nova experiência.

Têm visões impressionantes! Veem um inferno metodista e um céu metodista. Afirmam que a Bíblia é a Palavra de Deus e que a doutrina do perdão dos pecados é verdadeira. A minha explicação é simples: uma pequena parte dessa excitação num acampamento tem origem espiritual. O carácter metodista adquirido é perpetuado no Mundo Espiritual, e age sobre mentes que se lhe sintonizam. Espíritos metodistas regressam, por vezes, à Terra — e assim mantêm-se as excitações religiosas que muitos julgam ser justas aos olhos de Deus.

As tuas explicações aplicam-se também aos reavivamentos noutras seitas?

Sim; a unidade da verdade determina a unidade das causas. Vê: há outro fenómeno curioso — um reavivamento presbiteriano. Este é muito mais reflexivo, o oposto do metodismo. Um presbiteriano precisa de alguma lógica. És obrigado a aceitar os "pressupostos" pela autoridade; o resto segue-se de forma lógica e legítima. A História não conhece advogado, desde os tempos de Lutero, com maior habilidade intelectual do que Calvino. João Calvino era reflexivo e lógico; por isso, os presbiterianos também o são. Os metodistas, portanto, são caracteristicamente diferentes dos presbiterianos. E, segundo a minha observação, o carácter presbiteriano adquirido, a menos que seja modificado por nova verdade, também é levado para o Mundo Espiritual.

Quando há um reavivamento numa igreja presbiteriana, uma pequena parte do influxo espiritual manifesta-se. Isso inspira os membros com uma forte convicção de justiça doutrinal; acreditam que a verdade está inscrita nas obras de Calvino e que a Bíblia é a plenitude da Revelação Divina. Já ouvi pregadores presbiterianos dizerem ao seu auditório que todos eram pecadores — o que, presumo, ninguém contestava — e que os próprios diáconos eram culpados de tibieza e de pecados ainda mais graves; e confesso que partilhava dessa opinião. Uma reunião de reavivamento é um fenómeno espiritual. Essas reuniões são inspiradas, estimuladas e perpetuadas, em parte, por ondas mentais de além-túmulo, vindas de espíritos que ainda não conseguiram libertar-se das suas características sectárias.

A perpetuação pós-morte das características adquiridas é também demonstrada em contextos militares?

Sim; foi fascinante testemunhar, através da clarividência, como as forças aliadas eram inspiradas por certos russos amantes da liberdade, que tinham sido enviados à Morada Espiritual por meio de balas. Enquanto estavam no exército, obedeciam aos seus governantes e generais, pois as circunstâncias assim o exigiam. Mas esses mesmos guerreiros de coração valente, depois de existirem no Mundo Espiritual durante, talvez, quarenta ou cinquenta dias, regressaram para inspirar e encorajar os homens que desejavam derrubar o espírito do despotismo.

Foi comovente assistir às visitas espirituais nos acampamentos onde descansavam os soldados da liberdade. No entanto, os líderes não tinham tal crença. Assim, certos soldados foram auxiliados por aqueles que vieram da Morada Espiritual. Trouxeram-lhes uma energia e um entusiasmo selvagem, que os fazia ansiar pela oportunidade de derrubar batalhões inteiros de inimigos! Uma vez, ouvi estas palavras, pronunciadas por um espírito que fora soldado russo, e que — tendo sido morto (ou melhor, elevado) para o Mundo Espiritual — encontrou a linguagem para expressar o seu amor inato pela Liberdade:

"Escutamos-te, Rússia! por uma nota de harmonia nas tuas terras, mas apenas ouvimos o rugido feroz do guerreiro em treino. Os teus soldados falhar-te-ão em combate; os seus corações baterão pelos oprimidos. Os teus oficiais tombarão perante os teus olhos; a tua astúcia desaparecerá. Russos! nobres do Norte! rejeitai as vossas espadas brilhantes e começai a educar os vossos filhos. A ignorância paira pesadamente sobre as vossas moradas. O crime selou os vossos despotismos; condenou-os à decadência."

(Consulta o prólogo em *A Época Presente e a Vida Interior*.)

Tens outro exemplo diferente para ilustrar a continuação do carácter?

Sim; enquanto residia na cidade de Hartford, fui visitado por um cavalheiro que veio fazer perguntas sobre manifestações espirituais. Afirmava que não tinha conversado com ninguém sobre o assunto, que pouco tinha lido ou ouvido a respeito, mas que recentemente tivera experiências muito inquietantes que o deixaram profundamente perturbado. Cerca de quatro semanas antes, ao deitar-se, sabendo que não havia no quarto senão ele e a esposa, pareceu-lhe ver a porta abrir-se e entrar um estranho calmo e seguro de si.

Não conseguia distinguir-lhe o rosto nem as vestes, mas, antes que tivesse tempo de saltar da cama, ouviu o seu nome pronunciado por uma voz serena, mas penetrante, e logo depois ouviu as seguintes palavras: **"Providencia lares para os teus escravos nas tuas plantações, dá-lhes oportunidade de ler e escrever, e serás feliz."** Ao ouvir estas palavras, saltou para o chão, acendeu o candeeiro — mas ninguém ali estava. A porta estava destrancada.

Na noite seguinte, entre o sono e a vigília — nesse crepúsculo dos sonhos — a porta abriu-se de novo, e a mesma figura entrou. As mesmas palavras foram ditas, e a mesma súbita desaparição ocorreu. Procurou por todo o quarto, encontrou nada, e concluiu que alguma brincadeira abolicionista lhe estava a ser pregada. Decidiu, então, manter uma vela acesa e ficar acordado como vigilante. Meditou durante bastante tempo, até que a vela queimou até ao fundo, e adormeceu. A porta abriu-se mais uma vez, a mesma figura entrou, e repetiu lentamente as mesmas palavras. O

cavalheiro admitiu possuir cerca de 235 escravos, possuir duas grandes plantações, e estar prestes a herdar mais terras e mais escravos; o pai e o avô tinham sido grandes senhores de escravos. Disse: “Não compreendo isto, mas ao vir para o Norte, decidi visitar Hartford e ouvir a sua opinião.” Tivemos uma conversa franca — mas o desfecho não posso ainda revelar. Importa lembrar que esta visitação ocorreu exatamente três meses após a entrada de Isaac T. Hopper na Morada Espiritual!

Se o carácter continua no Além, o que devemos concluir no caso de Daniel Webster?

Respondo que os caracteres intermédios e adquiridos de um homem perpetuam-se — ou não — consoante o progresso que tenha feito na sua retificação ou superação. O último ato terreno de Daniel Webster causou uma rápida transformação na camada superficial do seu carácter. A Lei do Escravo Fugitivo ergueu-se, tornando-se uma serpente de fogo para o povo do Norte. O seu carácter adquirido acompanhou-o até à Morada Espiritual, mas a sua herança mais íntima depressa assumiu o controlo. Assim, num discurso proferido em favor dos escravos, declarou:

“Falamos, ó vós, filhos sofridos de África, desde o céu claro — e as nossas vozes serão ouvidas. Mammon foi o deus que primeiro vos conduziu à servidão; assim também será o deus da vossa libertação. Abriremos ao mundo o catálogo dos crimes nacionais. A nação que perpetua a escravatura tornar-se-á um escárnio; e o seu povo será odiado como Appius Claudius, o tirano da Roma antiga, que condenou Virgínia à escravidão! O povo que vos escraviza há de revelar-se como o vosso benfeitor eterno. Há uma Lei de Justiça que vence sempre o mal com o bem. Inspiraremos os vossos senhores a adorarem no altar da Justiça.

Este é o Grande Deus diante do qual Mammon se há de curvar em eterna submissão! O homem honesto erguer-se-á em majestade imponente perante o autor de atos injustos. A terra agora lavrada por mãos escravas, as plantas regadas com as lágrimas dos exilados sofridos, serão vossas, ó filhos de África, para que nelas trabalheis ao sol da alegria, para que negocieis como legítimos proprietários. Tornar-vos-eis uma nação independente!

(Sem amalgamação, percebes — e sem emancipação imediata — mas sim com a promessa de que o dinheiro há de resolver a questão.)

Isto virá de livre e espontânea vontade! Traremos uma luz avassaladora a todos os opressores — e os oprimidos, em toda parte, serão libertos."

Já que falamos de escravatura, e considerando que William Lloyd Garrison é um destacado líder pela liberdade, podes descrever as suas características?

Sim; ele é um excelente exemplo: o mais extraordinário fenómeno político. William Lloyd Garrison é o único homem totalmente "garrisonizado" nos Estados Unidos. Imaginemos — para fins ilustrativos — que, ao abandonar o corpo físico, todas as suas características herdadas e adquiridas o acompanham até à Morada Espiritual.

Agora, para ilustrar com liberdade poética — sejamos “blasfemos” o suficiente para imaginar, como o mundo ortodoxo acredita com solenidade, um céu literal e um inferno literal. Suponhamos um elísio ortodoxo de um lado, e um pandemónio ortodoxo do outro. Imaginemos que, no dia seguinte à sua morte, este Garrison inabalável se apresenta às portas do Paraíso. (Assumindo que não tenha descartado ainda os seus traços intermediários ou adquiridos.)

Bate à porta. O porteiro pergunta:

“Qual a tua fé?”

Garrison responde, sem hesitação:

“Acredito na liberdade humana absoluta; não faço comunhão com senhores de escravos.”

O porteiro pergunta:

“Qual a tua religião? A que igreja pertences?”

“Ali dentro estão católicos, luteranos, calvinistas, metodistas, unitários, universalistas… A qual dessas denominações pertences?”

“A nenhuma,” responde Garrison.

“A minha doutrina é emancipação incondicional; nenhuma união com escravistas.”

O espantado Pedro inclina-se respeitosamente e diz:

“Entre, senhor; escolha o seu lugar.”

Garrison, como já disse, é um fenómeno político. Caminha alegremente pelos átrios do Elísio ortodoxo. Vê as várias seitas confortavelmente instaladas entre esplendores e sente-se curioso. Embora não esteja propriamente encantado com as divisões celestes, observa em silêncio — há um tipo de acordo tácito entre elas, sem conflitos ou disputas. Passa muitas horas agradáveis a passear e observar, pois tem liberdade total naquele domínio.

Subitamente, aproxima-se de uma das montanhas, cujas paredes são revestidas com aquele metal tão caro aos utilitaristas. Percebe então uma massa de nuvens espessas, entrelaçadas, turvas e sulfúricas! Há ali qualquer coisa que cheira a “tormento”; não tem o perfume da Liberdade. Essas névoas repulsivas parecem emanar de um império de imensa profundidade e extensão. Garrison, com o seu olhar penetrante, aproxima-se, ignora que a muralha seja de ouro maciço, sobe-a com independência, olha além dela e… contempla um inferno ortodoxo densamente povoado!

Basta-lhe essa visão. Volta-se e olha para o céu ortodoxo, muito mais vazio. Pergunta-se: “O que fazem ali todas essas seitas?” Ah, todas estão voltadas para o deus ortodoxo, cuja parte inferior do rosto brilha com sol eterno, mas cuja testa está carregada de sobrolhos e pensamentos condenatórios em número incontável. O destemido Garrison compreende de imediato as condições eclesiásticas. E então, volta-se firme e respeitosamente para o deus ortodoxo e pergunta:

— Primeiro: esta tribuna é livre para todos?
— Segundo: seria considerada inadequada uma intervenção da minha parte?

Após alguma deliberação entre os principais governantes celestiais, informam-no de que, se subisse a um dos degraus que conduzem ao Trono, e se mantivesse livre de referências pessoais, poderia dirigir a palavra à audiência religiosa...

Imaginem, pois, esta cena: Garrison, com o seu carácter hereditário firme e positivo, aliado às suas convicções políticas e anti-esclavagistas adquiridas, de pé — sozinho e sem auxílio — a discursar perante uma congregação aristocrática de tão peculiar natureza! Não, não me atrevo a imaginar uma só palavra do que ele pudesse dizer. Mas atrevo-me a afirmar que ele acenderia um fogo ardente feito apenas de adjetivos morais, que queimaria e fustigaria os devotos mornos, até que cada um deles sentisse como se o Reino dos Céus estivesse prestes a entrar em cisão política e decomposição eclesiástica!

Com serenidade, repreende-os pela sua indolência e lamenta o seu desconhecimento das urgentes exigências da Humanidade. Aponta, com fervor, para a terra vizinha de trevas, onde abunda a escravidão e o sofrimento indescritível, e diz-lhes, sem temor, que são imperdoavelmente negligentes em relação a todos os princípios evidentes da felicidade humana. Lá estão eles, dia após dia, alimentando simpatias egoístas uns pelos outros, aparentemente alheios ao fato de que milhões sofrem a cada instante do tempo!

Pois bem, o discurso é proferido — mas o orador não percebe o menor sinal de simpatia. Perante isso, dirige-se ao porteiro e diz:
“Deixem-me sair para a liberdade; aqui não encontro simpatia.”

Mas para onde o levaria o dever, achas tu?

Digo-te: com o seu carácter, o dever haveria de conduzi-lo a uma missão de misericórdia junto à população do pandemonium ortodoxo. Lá, sem dúvida, encontraria uma tribuna livre! Apoiado por mentes que ele já havia parcialmente "garrisonizado", fundaria, em três dias, uma Sociedade Anti-Fogo-do-Inferno! Sim, este homem, tão cheio de liberdade orgânica e da doutrina de "nenhuma união com escravistas", colocaria sentinelas ao longo de todo o caminho e — não exagero — em três dias haveria um eficiente caminho-de-ferro subterrâneo a ligar o Pandemónio ao Reino dos Céus!

Mas em toda esta narrativa fizeste uso de uma suposição inaceitável. Podes descrever as características de Garrison numa hipótese natural?

Sim, com todo o gosto. Sem recorrer a hipóteses sobrenaturais, posso afirmar que, se o Sr. Garrison entrasse na Morada Espiritual, ele se dedicaria naturalmente à causa da libertação universal da escravatura. E certos indivíduos do Sul, mesmo que não tenham qualquer interesse pelo Espiritualismo, com certeza começariam a ter sonhos inquietantes e pressentimentos perturbadores.

O carácter do Yankee da Nova Inglaterra seria perpetuado?

Não há nada mais certo. Já se disse que, se um verdadeiro Yankee fosse lançado numa ilha deserta, no dia seguinte já estaria a vender mapas aos habitantes! Imagina que um homem utilitário entra na Morada Espiritual — achas que demoraria muito até aprender a mover cadeiras ou dominar todo o "arsenal" das manifestações espirituais?

As características naturais são perpetuadas na Morada Espiritual?

Sim. Por exemplo: o verdadeiro irlandês não perde, nesta vida, nenhuma das suas peculiaridades nacionais ou individuais. A raça irlandesa continua a existir no Mundo Espiritual. O mesmo se aplica aos germânicos, aos franceses e a todas as outras etnias; continuam com o seu impulso próprio e seguem, durante longos períodos, o percurso de uma progressão nacional. Mas, com o tempo, pela aproximação de tendências e intercâmbio de simpatias, tudo sobreposto por um sistema de harmonia, as raças divergentes começam a convergir e a assimilar-se. Então, as características adquiridas caem, depois as características parentais desaparecem — e por fim, brilha apenas o carácter inato e belo, divino e celestial, herdado do Pai-Deus e da Mãe-Natureza.

Contaram-me o caso de um irlandês que levou consigo tanto o seu espírito inato como o seu humor característico. Certa vez, num círculo espiritual, perguntaram-lhe com cortesia de onde era natural. Respondeu:

“Nasci na esquina da West Broadway com a rua Lispenard… enquanto a minha mãe viajava pela Europa!”

Assim é: a maioria dos seres humanos reflete a casa, a instituição ou a nação de onde veio. Algumas crianças, mal se juntam aos colegas de rua, já revelam a última conversa que ouviram à mesa. Sem se aperceber, o carácter exterior vai-se formando, deformando ou reformando.

Esse espírito de condenação — essa prática de considerar um homem “bom” e outro “mau”, de louvar o “pacifista” e condenar o “guerreiro”, de condenar a alma do “inquisidor espanhol” e exaltar o carácter de “William Penn” — há de desaparecer quando os homens compreenderem que o espírito humano é forçado a manifestar o carácter que herdou.

É belo contemplar o carácter pacífico de William Penn. Mas o espírito mais íntimo do inquisidor espanhol é igualmente pacífico e belo! Não recuses, pois, ser harmonicamente democrático. Quando tiveres o privilégio de ver a humanidade de forma mais ampla, contribuirás para evitar a discórdia individual — não através da condenação, nem de métodos que exacerbam e enfurecem e humilham, mas erguendo, revelando e libertando o carácter divino que é o mais íntimo e o mais imperecível.

No caso de William Penn, ou de qualquer pessoa boa e amante da verdade, não haverá alguma manifestação desse carácter inato?

Sim. A maioria das pessoas manifesta, primeiro, o carácter herdado dos seus progenitores imediatos; e, ao longo da vida, o carácter adquirido durante a infância e juventude. Mas são poucos os que possuem uma estrutura intermédia e superficial suficientemente translúcida e maleável para permitir que o carácter divino se revele.

De tempos a tempos, encontramos naturezas cuja conformação temperamental permite ao íntimo expressar-se através de pequenos espaços — pequenas fendas entre o carácter adquirido e o herdado. Ocasionalmente, encontramos mentes que deixam transparecer traços do divino e do celestial através dessas pequenas aberturas, dessas frestas no carácter superficial. E, em meio à dissipação, à discórdia e à imperfeição do mundo, regozijamo-nos ao ver a natureza humana manifestar bondade e verdade — que são sempre belas e admiráveis.

Lembro-me de estar junto a um canteiro de flores. Por um capricho dos operários, a grande porta de um celeiro foi deixada cair sobre as plantas que ali estavam a despontar. Foram esmagadas contra a terra, murchando sob aquele peso esmagador. No entanto, havia três ou quatro nós de madeira soltos naquela porta, e, com o tempo, três ou quatro flores conseguiram brotar por esses orifícios. Surgiram, embora deformadas e fragilizadas, e apresentaram-se ao mundo: lindas, ainda assim.

Agora vês o que faz a sociedade?

Lança-se, com todo o peso das suas formalidades, sobre o recém-nascido logo ao nascer. Então a Igreja e o Estado unem-se para moldar e formar o indivíduo à sua imagem e semelhança. Mas, tal como na metáfora anterior, há algumas fendas na Sociedade — fendas profundas e perigosas também na Igreja e no Estado — pelas quais a bondade e integridade nativas do homem emergem em florescimento belo e vívido! Além disso, através de características herdadas, talvez de progenitores mal ajustados, um pouco da herança divina consegue brilhar — sobretudo quando existe uma causa adequada que a desperte e manifeste. Por isso, mesmo na condição mais baixa do ser humano, há lampejos do Divino. Olha para dentro de ti, ó homem, e contempla o imperecível! A melhor Ideia dos teus progenitores divinos está aí — o mais íntimo, o harmonioso, o eterno.

Tu és o senhor daquilo que herdaste do teu pai e da tua mãe, e acabarás por o dominar; assim como tudo o que adquiriste através do contato com a Sociedade, o Estado ou a Igreja. Toma, pois, coragem, ó homem, e acredita que, unindo-te aos outros — apertando mãos, ombro a ombro, espírito com espírito — para abolir as características dissonantes, receberás ajuda celestial dos habitantes de outras Esferas.

Podes desenvolver mais detalhadamente as tuas impressões sobre a reforma do carácter?

Sim. Reitero: o carácter é aquilo através do qual o teu espírito é forçado a expressar-se. Se desejas melhorar a mente, então melhora os teus símbolos mentais e linguísticos. Aprende boas obras e atos corretos como ferramentas para pensar; pois todos os teus pensamentos tomarão a forma da tua linguagem — da mesma forma que a água toma a forma do copo ou do recipiente que a contém. Sim, os teus pensamentos são fluidos — moldam-se às tuas palavras.

Por isso, ordena o “mobiliário” utilitário da tua mente. Esse mobiliário é feito de pensamentos e das palavras com que a tua mente se declara. Um espírito puro procura uma morada bem mobilada. Esta é a primeira lição de uma reforma harmonioso do carácter pessoal. Realiza isso com esforço cooperativo, e tanto o teu carácter adquirido como o herdado tornar-se-ão, rapidamente, frágeis como tecido gasto — permitindo que o imortal floresça, cheio de fragrância.

O carácter superficial, tão detestado pelas boas mentes, assemelha-se à ferrugem no ferro. O homem nasce na sociedade. A sociedade corrói e oxida a sua superfície; mas, por vezes, lampejos da natureza interior conseguem atravessar esse exterior corroído. Os seus vizinhos irritam-no, e assim certos temperamentos descobrem em si mesmos o poder para esfregar e eliminar essa ferrugem. Essas mentes superam um conjunto de circunstâncias, depois outro ainda mais desafiante.

Aqui começa uma grande lição de responsabilidade individual: o conhecimento de que tu és um Poder — não uma circunstância. É verdade que, no início, és moldado pelas circunstâncias, e sentes-te impotente diante delas. Mas um dia descobres que determinadas circunstâncias não são tuas mestres, e sim, que tu tens o poder de as rodear e dominar! Sim, é verdade que influências e hábitos, que um homem ignorante considera superiores a ele, não estão de modo algum acima da jurisdição da sua razão ou da sua vontade.

Dá a um homem confiança em si mesmo — confiança de que possui um carácter interior — e ele iniciará imediatamente a obra da reforma e da purificação. A sociedade e os maus hábitos depositaram ferrugem sobre a tua mente. Começa agora: esfrega-a com a fricção da vontade.

Oh, dá esperança, alegria e força saber que este carácter exterior, que não revela o espírito, é como a casca espinhosa que envolve a castanha escondida. Chegará o tempo em que essa casca se abrirá e cairá — e o fruto doce da castanha será visível. Mas se for manuseada antes do tempo, os inúmeros espinhos da casca ferirão e causarão irritações. Assim também há pessoas tão revestidas e encerradas em hábitos mentais adquiridos que ferem quem com elas convive, tal como o toque imprudente fere a mão nos espinhos da casca da castanha.

Mas o tempo chegará, insisto, em que esse carácter adquirido cairá! As características exteriores do homem assemelham-se à crisálida que envolve a borboleta. A esperança para todos baseia-se nisto: que todas as imperfeições — tanto do carácter exterior como do herdado — acabarão por ser vencidas e eliminadas, a ponto de nem sequer uma sombra delas restar para perturbar a felicidade futura da mente imortal!

Contudo, cada indivíduo continuará eternamente a ser distinto de todos os outros. Não existe um único tipo ideal para toda a humanidade. Serás, portanto, desenvolvido à imagem e semelhança do teu próprio carácter interior, legado antes do nascimento pelo Pai-Deus e pela Mãe-Natureza!

PERGUNTAS SOBRE OS BENEFÍCIOS E PENALIZAÇÕES DO INDIVIDUALISMO

Começo com a afirmação de que, por raciocínio analógico ou correspondencial, os fatos da mecânica reproduzem-se nas operações da mente humana. Nas leis mecânicas, observamos uma dupla tendência: uma que vai do exterior para o interior — o centripetalismo; e outra que vai do centro para o exterior — o centrifugalismo. Entre essas duas forças, todos os corpos giram sobre os seus respetivos eixos.

Assim também, nas operações da mente humana, observamos dois movimentos correspondentes. Enquanto a alma revela uma tendência a fugir do seu próprio centro, não deixa de exibir também o movimento contrário. Na verdade, a alma experimenta uma forte atração positiva em direção à sua própria substância integral. Por isso, digo: o homem é feito para se recentrar.

Ele não pode fugir do seu Ponto Central Interior — e é sobre isso que assenta toda a ciência do Individualismo.
O Individualismo é a ciência da centralização; a lei da mecânica mental; a doutrina da fidelidade entre o órbita e o centro; a filosofia das relações harmoniosas entre o centro e a circunferência.

Se é verdade que a mente do homem está mais interessada em si própria do que nos outros, não será ele um ser egoísta e egocêntrico?

Deixa-me refletir... Embora o método seja algo delicado, pode-se afirmar e aceitar que o homem, num certo sentido, é um ser de egoísmo simples e composto; ou seja, sempre que age, age a partir e em direção ao centro da sua própria revolução. Não pode fazer nada senão por meio do centro da sua alma individual.

Quando a mente demonstra uma tendência constante para o bem-estar da sua própria consciência — sem considerar os direitos, liberdades e bem-estar individual dos outros — chamamos-lhe então “egoísmo”, no plano mais baixo do individualismo. Tal mente é limitada, e precisa de expansão — precisa de exercer maior fidelidade à lei do centrifugalismo. Cambaleia e tropeça à volta da sua órbita, como uma roda sem proporção nem alinhamento.

Não será natural à humanidade rejeitar e repelir um carácter puramente egoísta?

Sim; uma pessoa egoísta é universalmente detestada pela Humanidade. Esse tipo de egoísmo é característico de mentes subdesenvolvidas — uma esponja viva que absorve todos os líquidos à sua volta; um redemoinho que atrai tudo o que o rodeia; um deserto avarento que bebe com ganância as chuvas de abril e os orvalhos

matinais, sem devolver sequer um fio de erva em gratidão. Todos esses exemplos são mais toleráveis do que contemplar um "carácter egoísta". A avidez inevitável desse tipo de egoísmo — a violência que exerce sobre o nosso sentido de harmonia individual — torna essa condição absolutamente repulsiva.

De acordo com a tua definição anterior, deverá existir um egoísmo superior. Como o descreverias?

Sim; há uma outra forma de egoísmo que é verdadeiramente admirável. Que forma é essa? É o individualismo manifestado como uma fonte — que jorra de si mesma em direção à circunferência. Oh, quanta grandeza há nisto! Pára por um momento e contempla uma alma humana a expandir a sua órbita até aos limites da Humanidade! O centro expande-se — em consequência do seu esforço generoso para alargar a própria consciência — sobre toda a circunferência do interesse humano. Isto é o mais elevado tipo de egoísmo: uma identificação do indivíduo com o todo. Alguns caracteres são tão vastos e divinos que apenas a felicidade do universo inteiro pode satisfazer a sua "auto-centragem".

Não será natural à humanidade amar e atrair um carácter puramente benevolente?

É muito natural. Diante de tais naturezas, curvamo-nos com reverência — orando por sentir o seu forte abraço, por sermos elevados pelo seu amor ilimitado, por sermos sustentados pelos braços gigantes de tais mentes mestres. Um "Jesus" nasce entre nós; e, após a sua morte, construímos altares e curvamo-nos em adoração às suas qualidades divinas. Contudo, talvez nos momentos gastos a prestar homenagem a outro, sacrifiquemos parte do nosso próprio individualismo.

Ao admirarmos a grandeza e bondade dos outros — na adoração sem aspiração — enfraquecemos e atrofiamos os atributos do autodesenvolvimento. Eis aqui a explicação que procurávamos: a razão por que há tão poucos homens e mulheres verdadeiramente individualizados no mundo. Os homens perdem o melhor da sua individualidade e independência pela admiração ignorante das manifestações dos outros.

Na língua inglesa, há duas palavras escritas e pronunciadas de forma semelhante: "egotism" e "egoism". Podes explicar a diferença entre elas?

Sim. "Egotism" (egotismo) é o termo que aplico às pessoas que demonstram a primeira e mais baixa forma de egoísmo; já "egoism" (egoísmo), é aplicável com rigor à última e melhor forma de egoísmo.

Egotismo é um rótulo verdadeiro para aquelas mentes que se colocam com arrogância e pedantismo no centro de tudo — que usam abundantemente o pronome pessoal “eu”, como se tudo e todos fossem secundários ou subordinados. Recebi, certa vez, uma carta de uma pessoa assim, preenchendo três páginas com cento e dezasseis “eu” — muitos deles destacados, como se o autor se posicionasse entre a terra e o sol, permitindo que a luz deste último brilhasse através do seu egotismo, como pudesse!

Por outro lado, para o sentimento de individualidade interior, para as relações que se estabelecem entre o “eu” e o mundo exterior, podemos aplicar com propriedade o termo “egoísmo”. O egoísmo é a mais verdadeira forma de individualidade. O egoísta é aquele que compreende o mundo — e apenas o compreende — a partir do centro do seu próprio ser. Os sentidos são canais que conduzem a esse centro. O centro é o ponto de movimento, o eixo sobre o qual a alma gira na sua órbita.

Egotismo é a víbora; egoísmo é o homem. Entre estes dois extremos, encontramos todos os graus e formas do carácter humano.

Não tem havido sempre um conflito entre o indivíduo e as instituições?

Sim; a humanidade tem lutado pela supremacia de um lado, e as instituições têm sempre reivindicado o direito exclusivo de controlar o indivíduo. As instituições, embora criadas pelos homens e essencialmente arbitrárias, sempre se arrogaram o direito de governar. E quando, por vezes, o indivíduo se recusa abertamente a reconhecer essa supremacia, assistimos às tentativas institucionais de o subjugar — com forca, fogueira ou cruz — impondo-lhe desonra perpétua.

Todos os governos políticos e eclesiásticos basearam-se nesta teoria: a suposta incapacidade inata do indivíduo para se auto-regular, e, por isso, a alegada necessidade de leis institucionais.

Quando Jesus afirmou a supremacia do indivíduo, pela sua vida e pelos seus ensinamentos, o governo romano considerou-o um traidor e conspirador. E assim, os antigos romanos mantiveram a dignidade afirmada e a alegada superioridade da Instituição, forçando-o a passar pelo sepulcro em direção ao Mundo dos Espíritos.

Não é verdade que também Thomas Paine foi considerado um conspirador?

Ele foi. Quando Thomas Paine afirmou a supremacia do povo da América sobre o governo inglês — ou sobre qualquer governo, na verdade —, esse país passou a nutrir por ele o mais profundo ódio e teria tido prazer em vê-lo capturado e destruído fisicamente.

Foi, então, procurado e destruído?

Não; pelo contrário. *"Os Direitos do Homem"* prevaleceram sobre os erros do Governo, sobre o preconceito dos Tories; e Thomas Paine foi lido e honrado pelos amantes da Liberdade. Tendo a sua alma despertado pela contemplação dos direitos do homem — superiores às leis institucionais —, ousou investigar e dedicar-se, com evidente amor à Justiça, à análise da escravidão espiritual imposta pelas organizações e dogmas religiosos.

Como homem que respeitava a sua individualidade, investigou profundamente as causas da usurpação teológica e declarou livremente — talvez até demais — as suas descobertas e a sua oposição ao sistema religioso da América. E foi exatamente por isso que a América, agora, passou a rejeitá-lo com a mesma veemência com que fora anteriormente condenado pela Inglaterra.

O seu único desejo era libertar o indivíduo — mas os apoiantes ignorantes das instituições só conseguiam responder com insulto e escárnio. Paine compreendeu e proclamou a supremacia natural do ser humano sobre todas as organizações políticas e religiosas — a sua superioridade sobre igrejas e credos — e assim, como um homem iluminado (e não muito diferente do intrépido Jesus, ao proclamar as suas convicções sinceras), apresentou ao mundo a sua reclamação, acompanhada de um conjunto de "Razões" imensas — que, convém recordar, foram ridicularizadas e desprezadas pelos defensores das instituições, mas nunca refutadas de forma inteligente, nem provadas como essencialmente erradas.

O que proporias fazer em honra de Thomas Paine, pela sua defesa dos Direitos Humanos?

Deixa-me refletir... Já temos santos a mais. Caso contrário, proporia a imediata canonização de Thomas Paine. Pode ter dito e feito mil coisas impacientes ou insensatas — mas também o fizeram muitos dos chamados santos. Pode ter ferido, na sua impetuosidade, a piedade sentimental de pessoas honestamente preconceituosas ou impiedosas. Mas, apesar de tudo, a sua nobre defesa da soberania humana — a sua declaração inequívoca da inferioridade das instituições perante o indivíduo — cobre uma multidão de pecados (ou calúnias), e torna-o tão digno de figurar no "calendário dos santos" como qualquer outro humanitarista do passado.

Os santos do passado eram apêndices de instituições — defensores da supremacia das leis civis e religiosas sobre os direitos do Homem. Mas Thomas Paine foi o contrário de um santo institucional. Foi um cidadão do mundo, um defensor da soberania da alma humana, e por isso, deveria ser chamado "São Tomás", em vez dos títulos blasfemos que lhe foram atribuídos pela Igreja. E, no entanto, não desejo

blasfemar, nem manchar a sua memória com a palavra “santo”. Não, ele foi superior a um santo! Porquê? Porque defendeu os Direitos do Homem, enquanto os santos se opuseram ao individualismo e defenderam “a fé” — condenando o homem independente nesta vida, e determinando-lhe a danação por toda a eternidade.

E se a Humanidade se rendesse aos desígnios das Instituições — o que aconteceria?

A resposta é clara: na medida em que as mentes abdicam da sua supremacia individual perante a Igreja ou o Estado, entregam-se à escravidão e às suas múltiplas formas de degradação. As instituições aliam-se e conspiram contra a liberdade individual. E os homens, habituados à vassalagem, acabam por perpetuar o mal, convencidos de estarem a cumprir o dever.

Por exemplo: as instituições políticas da América aprovaram e impuseram a Lei do Escravo Fugitivo. Essa lei exige que os escravos permaneçam cativos, sob pena de serem capturados e punidos por cada tentativa de fuga. E cada cidadão dos Estados Livres foi nomeado, pelo governo, como uma espécie de delegado com poder para deter o fugitivo e devolvê-lo ao domínio do seu senhor.

Mas suponhamos que eu acredito que os direitos e liberdades de um homem — independentemente da sua cor — são supremos e inalienáveis. Suponhamos que eu creio que a Igreja e o Estado, bem como todas as outras instituições, são secundárias e inferiores aos direitos do indivíduo. E que a Igreja me prega submissão às leis civis, e que o Estado me ordena viver e agir em obediência aos seus decretos — pergunto: “O que devo fazer? Deverei sacrificar a minha alma no altar de uma instituição?”

Oh, Religião da Justiça, proíbe tal coisa! O meu caminho é claro: obedecer às perceções mais elevadas da minha alma, mesmo que o Estado me queime com achas verdes, como Calvino fez com Servet!

Mas não receberias, neste ponto, algumas penalizações do individualismo?

Sim; mas essas penalizações são, na verdade, benefícios positivos e de grande valor. Vê: eu estou em amizade com a minha consciência central! Ajudei um fugitivo a alcançar a liberdade individual. Portanto, perante o tribunal onipresente do Pai-Deus, estou absolvido de todo o crime. E mais: sou profundamente recompensado por ter praticado um ato de bondade para com o meu irmão.

E que espécie de recompensa é essa que recebes?

A minha recompensa está na edificação e consolidação do meu individualismo, que me concede:

“Luz e força para suportar
A parte que me cabe do fardo pesado
Que esmaga, em silêncio desesperado,
Metade da raça humana.”

Além disso, os benefícios manifestam-se também de outra forma: não estou perdido como indivíduo dentro de uma instituição corrompida; não fui destruído como um navio tragado pelo redemoinho!

Os grandes homens — e os chamados sábios — à minha volta são apoiantes de organizações: estão no meio dos males e, por isso, não têm poder para os discernir. Enquanto isso, eu descanso sereno sobre o firme alicerce do meu espírito interior herdado de Deus — adorando a Verdade, a Justiça e a Harmonia, por meio das funções e dos portais da minha existência individual.

Mas, no meio de todos esses benefícios interiores, não experimentas penalizações exteriores?

Sim; as penalizações externas, embora negativas e transitórias, seguem de perto os benefícios permanentes. Ocorrem no campo de batalha das minhas relações mundanas. Em vez de sorrisos, recebo escárnio. Dão-me pedras em vez de pão. Velhos amigos afastam-se. Têm pena do meu zelo “fantástico” e sorriem com desprezo. Mas eu, tal como Paulo, não consulto carne nem sangue.

Passam a considerar a minha família indigna de respeito — mesmo que, por hábito ou dever, tentem manter um certo espírito filantrópico. Nas minhas relações comerciais, sou atacado em todos os pontos vulneráveis. Os antigos clientes abandonam-me rapidamente; os novos, mesmo de reputação inferior, vêm muito lentamente. Na escola, os meus filhos são apontados. Os filhos do ministro ortodoxo — repetindo o que ouvem em casa — troçam dos meus. A minha esposa, com uma mente conservadora, fica profundamente angustiada com a minha impopularidade. Ora reza seriamente por libertação; ora considera o divórcio. Os seus parentes juntam-se a ela, e os meus amigos prudentes somam-se à oposição.

Cada carta traz conselhos de tios honrados, e repreensões de tias religiosas, respeitáveis e oportunistas. O ministro franze o sobrolho; a minha esposa, devota frequentadora da igreja, acompanha-lhe o gesto; e os meus filhos, ainda mundanos, seguem-lhe o exemplo. Tal como Roger Williams, devo procurar um lugar de

Liberdade — ou ser sepultado para sempre na tumba das Instituições Populares. Como os bravos Huguenotes, devo abandonar a presença dos meus inimigos, ou ser esmagado pelo seu peso opressor. Como Madame Roland, devo respeitar a minha alma — e morrer; ou, como Galileu, confessar prudentemente que a Verdade é um erro — e viver uma vida ignóbil!

Suponhamos que, por prudência, decides viver em harmonia com as Instituições prevalecentes: onde poderias encontrar maior força?

Esta pergunta é difícil. Se não sou verdadeiro com o centro da minha consciência — se não honro a minha própria órbita e eixo — onde poderei encontrar fora aquilo que não venero em mim mesmo? Irei procurá-lo em Jesus, em João ou em Paulo? Se assim for, então terei também de o encontrar, como eles, na ciência do individualismo. Se gasto o meu tempo em devoção à memória desses homens, enfraqueço ou abandono o meu próprio poder de ser como eles foram.

Nos recantos mais interiores da sua alma, esses homens oravam ao Deus que podiam compreender. Assim também eu devo orar ao Deus que consigo realizar. Preciso fortalecer-me na minha progressão pessoal; aspirar tanto à emancipação política como à emancipação religiosa; e aprender de cor — como se diz — a Lei da Liberdade. No corpo e na alma, devo desenvolver-me até à plenitude da estatura de um Homem completo!

Não há, na vida de todos, um momento em que a alma tem de decidir se será mestre ou escrava?

Sim; toda e qualquer situação — todas as espécies de circunstâncias — conduzem tanto os humildes como os nobres a essa encruzilhada. O operário pergunta-se se será patrão ou apenas mão-de-obra. O comerciante, se será negociante ou apenas vendedor. O estudante, se será figura pública ou um técnico obscuro. O tipógrafo, se será editor ou apenas "segue o modelo". O marido, se há de assumir as rédeas da governação do lar. A esposa, se será um adereço conveniente ou uma companheira verdadeira.

No verdadeiro individualismo, existe alguma necessidade de antagonismo?

Creio que não. O lema é: "Que cada um seja tudo o que puder, para o bem de todos." É verdade que os caminhos individuais por vezes se cruzam — tal como planetas e cometas que dançam por entre as suas órbitas — mas, entre pessoas cultas, não há nisso conflito nem discórdia indesejável.

Diz ao torrente: "Detém-te no cume daquela montanha; porque, se desceres como desejas, arrancarás as árvores do vale."
O torrente responderá: "Devo obedecer à lei da minha natureza."

A Mãe-Natureza deseja que cada indivíduo permaneça fiel a si mesmo?

Sim; embora haja uma constante divergência e convergência — um perpétuo centripetalismo e centrifugalismo — na operação diária das almas individuais, a Mãe-Natureza protege firmemente cada uma contra as outras. Mantém uma espécie de polícia universal e jurisdição em todos os seus domínios. Como escreveu um autor:

“Nada é mais marcante do que o poder com que os indivíduos são guardados dos outros indivíduos.”

Este é um mundo onde todo o benfeitor se pode tornar um malfeitor, apenas por prolongar a sua ação além do ponto necessário. O calor do corpo, se prolongado, torna-se febre; a bondade de um amigo insensato, estendida além da medida, torna-se crueldade. Tudo só é bênção quando vem e vai conforme é preciso.

Deve o homem proteger o seu Individualismo contra a influência magnética das Instituições?

Certamente. Se fosse colocar esta questão em termos comerciais, perguntaria: “Compensa ao homem vender a sua alma pela popularidade?”
Se ganhar o mundo inteiro mas perder a sua alma (ou seja, o seu individualismo), onde está o lucro? Que pode o homem dar em troca da sua alma?

Por outras palavras:

“O que há no mundo que valha mais do que a Hombridade para um Homem, ou a Feminilidade para uma Mulher?”

O mundo responde: “Nada.”

E, no entanto, eis a prática universal de desconfiar e crucificar o Indivíduo! Os homens curvam-se perante os deuses — rendendo culto a ídolos mitológicos — em detrimento da sua própria individualidade.

O homem tem sido ensinado a desconfiar de si e a exaltar as virtudes dos seres invisíveis. Isso está errado?

Sim. Toda a exageração, repito, é injustiça. Ignorando a sua verdadeira natureza, e ignorando igualmente o imenso culto idolátrico edificado sobre essa ignorância, o

homem comete injustiça contra si próprio ao promover conceções exageradas de personalidades divinas.

A doutrina da Trindade quase apagou a Unidade individual do homem.
O homem não se pode dar ao luxo de tirar de si para dar aos deuses. Ele precisa de toda a veneração que confere às divindades imaginadas.
Precisa de todo o seu tempo e todos os seus talentos para fins de autodesenvolvimento, os quais gasta com imbecil prodigalidade em nome dos "círculos superiores" do Amor e da Sabedoria.

Em todas as religiões, os direitos dos homens são sepultados nos direitos de Deus.

Mas o homem é, na verdade, muito insignificante: o que é o homem senão uma gota no oceano?

É verdade; mas o oceano é composto de oceanos menores — como o coração de pequenos corações, e o cérebro de cérebros mais simples.

Não demonstra este fato a importância do menor para a existência do maior? Sim — eu insisto nesta proposição: todo o pensamento gasto a engrandecer abstrações teológicas é, na mesma medida, subtraído ao valor e bem-estar dos seres humanos. Tu retiras da tua própria natureza divinamente herdada, para dar a deuses que se admiram a si mesmos — e que, portanto, não têm necessidade da tua generosidade nem da tua adoração.

Mentes em transição, e pouco práticas, ocupam-se frequentemente — com a mais profunda seriedade — em engrandecer grotescamente e inutilmente os atributos e feitos das suas divindades favoritas. Tornam o invisível tão vasto e importante, que o Homem quase desaparece do campo de visão — declarado insignificante — uma ínfima porção do Todo Infinito — destinado a ser, eventualmente, absorvido pelo grande Oceano da Vida, de onde tudo flui.

Sim, não se pode ocultar: os homens criam primeiro os deuses; depois, o processo inverte-se — e os deuses passam a criar os homens. Inúmeros erros religiosos, repito, têm origem nestas falsas exagerações. Absurdos insuportáveis, bárbaros e despóticos, não têm outro berço senão este.

Qual consideras ser o efeito mais nocivo destas exagerações?

O mais evidente de todos os despotismos religiosos — que nasce da exageração do divino e da consequente diminuição do humano — é a concessão de todos os direitos e liberdades aos deuses, e a atribuição ao homem de um mero resíduo de deveres e obrigações.

Segundo tais religiões, o homem nunca se pode sentir livre de dívida.
Ele é um escravo! A sua vida é-lhe permitida ou emprestada. Deve trabalhar para o Mestre mitológico!

Isto, dito de forma clara, é despotismo religioso. Neutraliza e absorve o individualismo do homem. Procura incutir uma inclinação para a servidão. Retira-lhe a posse de um poder interior, sobre o qual apenas ele pode erguer a bandeira da Liberdade.

É tristemente verdade: a individualidade e soberania do homem estão quase irremediavelmente perdidas nestas falsas exagerações da soberania dos deuses. O homem cria um Ídolo todo-poderoso; depois, em dez gerações, esquece que o criou; então inscreve na tradição que esse Ídolo existiu desde toda a eternidade; depois ensina — ou paga para que se ensine — essa crença aos filhos; e, por fim, estabelece-se uma teoria supersticiosa de governo divino.

Porquê? Porque essa crença esmagou quase todo o individualismo do seu espírito. Com rédeas de ferro e correias de aço, a verdadeira criatura é atrelada ao carro inquisitorial do Criador fabuloso.

A doutrina do "dever" surgiu dessa concessão de direitos aos deuses?

Sim. O fantasma do "Dever" está sempre próximo, com o chicote levantado, para fustigar o devoto pelas inúmeras vicissitudes da existência rudimentar. O sistema romano permite aos papas, bispos, padres e santos participarem, em algum grau, dos direitos e liberdades celestiais — os quais são negados aos homens comuns.

Mas o protestantismo, sendo uma melhoria, permite a difusão universal desses direitos. Ensina a cada homem que é um centro de privilégios políticos; que pode exercer a consciência individual em matéria religiosa; que, em oração, pode manter correspondência privada com o Céu; que, dentro da esfera do seu livre-arbítrio, pode manter relações morais de "lucro e perda" com o Ser Divino.

Contudo, ambos os sistemas religiosos assentam em exagerações igualmente falsas dos deuses — da Trindade.

Como sustentas essa afirmação?

Com o facto de que ambos os sistemas, ao definirem a relação do homem com Deus, diminuem o individualismo humano. É nestas variações conscienciosas, mas afastadas da Verdade, que residem os grandes erros dos teólogos.

Os direitos que concedem teologicamente ao homem não são considerados integrais, mas apenas permitidos pelo sistema de governo que Deus decidiu adotar para

regular as suas criaturas. O livre-arbítrio e a liberdade são “emprestados” ao homem, como um teste dos deuses — para ver o que fará com eles: se irá para o céu, ou para o inferno.

Afirmo que tudo isto é a forma mais nociva de teologia.
O homem nunca poderá crescer até à verdadeira Hombridade sob esse sistema — não mais do que um escravo do Sul pode enriquecer apanhando algodão a vida inteira para um senhor preguiçoso.

Não conheço nenhum sistema religioso que conceba que o homem possui direitos constitucionais e liberdades integrais — independentes de qualquer concessão, privilégio ou impedimento de natureza arbitrária.

Por isso, a Filosofia Harmónica, que afirma que o homem é uma organização de essências e elementos — que por si mesmos conferem direitos e liberdades — está em antagonismo direto com todos os sistemas de teologia e formas populares de culto religioso.
Assim, declara-se livremente como amiga da Verdade, e como expoente e promotora dos interesses da Humanidade.

As declarações de individualismo estão a multiplicar-se diariamente?

Sim; e a influência das Instituições está diariamente a diminuir.
O homem tem-se aproximado gradualmente do seu centro de gravidade; e os tempos estão prenhes de promessas de que cada um venha a tornar-se uma lei para si próprio.

Em todos os departamentos da sociedade, precisamos de mais individualismo.
Hoje há demasiada uniformidade; a monotonia torna-se cansativa; quase podemos ver a uniformidade da imbecilidade.

Os agricultores, por exemplo, deviam ser mais individualizados. É verdade que a sua posição lhes dá alguma independência social. Mas não é triste ver a uniformidade mental por todo o lado? O filho a construir muros e a cavar valas exatamente como o pai e o avô fizeram antes. A mesma velha forma de fazer feno. Os celeiros e anexos não têm qualquer inovação. O gado é tratado como há cem anos. As terras baixas recebem cuidados pouco melhores do que no tempo dos primeiros lavradores.

E no entanto, estamos na iminência de um avanço utilitário na ciência da Agricultura. O rio do Progresso corre imponente diante dos olhos do jovem agricultor. E agora surge a pergunta:

"Quem será o Colombo desta nova viagem?"

O sucesso dos agricultores europeus, o recente desenvolvimento de maquinaria agrícola, e o espírito de progresso dos trabalhadores da terra no Ocidente, tudo isso lança os alicerces para a realização de esperanças ambiciosas nesse campo.

Também temos promessas de mais individualismo no mundo médico?

Sim; e eu direi por que deve acontecer.
Embora o número de candidatos à profissão médica regular seja grande, absorvendo alguns dos nossos melhores jovens, a confiança da maior parte das pessoas está, cada vez mais, a ser retirada dos medicamentos e colocada na obediência às Leis da Natureza. Por isso, todo o tipo de individualismo médico está a ser desenvolvido, e deve continuar a ser. Homens e mulheres, independentemente, estão a entrar no campo da Reforma Médica. Cada um repete este evangelho:

“A saúde consiste na obediência às Leis Fisiológicas e Mentais.” A clarividência tem feito muito para espalhar a fé do homem na filosofia de se curar sob a influência de remédios simples. Portanto, os homens podem alimentar uma grande esperança de que as Leis da Saúde um dia preocupem o mundo mais do que a ciência astrológica de curar doenças.

O individualismo aparece também entre editores de jornais e condutores de periódicos?

Não posso dar a resposta mais desejável. O antagonismo político esmagou centenas de editores sob o peso das restrições partidárias. Contudo, de vez em quando, surge um homem proveniente das instituições políticas, que ergue a cabeça, balança os próprios braços, pensa e escreve os seus próprios pensamentos, publica o seu próprio "Chronotype" ou monta o seu próprio "Tribune", pronunciando-se "a favor ou contra" as ideias e acontecimentos prevalentes, e, por fim, é silenciado.

As pessoas em geral apreciam as penalidades do individualismo?

Não; as penalidades da independência individual são desconhecidas para aqueles que não têm a feminilidade ou a masculinidade para fazer uma declaração.
Claro que, por “independência”, não me refiro a uma oposição pomposa, desafiadora e agressiva aos costumes estabelecidos, nem a um orgulho egoísta e tolo de ser diferente dos outros, que indica um carácter vaidoso e beligerante. Não, nada disso faz parte das minhas impressões sobre independência individual. Pelo contrário, refiro-me a uma perseverança direta, honesta e verdadeira, em honra do Direito Espiritual que vive e governa dentro de cada um — uma estrita obediência à ideia

mais alta de Verdade que reside na tua própria alma, independente de todas as instituições políticas e requisitos eclesiásticos que digam o contrário.

Por que não julgais vós mesmos o que é certo?

Por que não agis conforme a tua alma, na sua mais elevada disposição, te diz para agir?

O custo, ou a penalidade? Isso eu sei que é pesado. Mas, marca bem o fato: nunca respeitarás a tua própria natureza em termos menores! Nunca poderás honrar o teu Pai-Deus e Mãe-Natureza com uma existência menos cara.

Do céu uma voz fala a cada alma individual: "Vende tudo o que tens e segue a Verdade!"

Mas, dirás, o que é a Verdade?

A tua mais profunda e elevada convicção, essa é a tua Verdade; a minha mais profunda e elevada convicção, essa é a minha. Não podes, portanto, seguir-me completamente, nem eu a ti. Mas cada um pode girar na sua própria órbita, para benefício do outro.

Com base neste princípio, quem pode deixar de admirar o individualismo de João Huss, o reformador boêmio?

João Huss opôs-se àquilo que considerava intolerância religiosa e erro. Viveu quase um século antes de Martinho Lutero, opôs-se à doutrina da transubstanciação e, como consequência, foi queimado fisicamente até à morte por ordem de uma instituição chamada Conselho de Constança. Nos vossos corações, vejo reverência pela Individualidade; pelo Conselho, apenas repulsa.

Não foi Martinho Lutero também um exemplo de protesto individual contra a autoridade das instituições?

Sim; quando Martinho Lutero foi solicitado pela nobreza, príncipes e prelados da Alemanha para defender a sua nova doutrina, ele respondeu pessoalmente; e perante o Imperador, na presença de uma vasta assembleia de opositores, afirmou corajosamente a soberania nobre da Individualidade e da Razão, que os protestantes agora deploram em ti e em mim!

Ele concluiu a sua defesa dizendo: "Deixe-me ser refutado e convencido pelos argumentos mais claros; caso contrário, não posso e não vou retratar-me: pois não é seguro nem conveniente agir contra a consciência. Aqui tomo o meu lugar. Não posso fazer de outra forma, assim me ajude Deus!"

Por mais que os homens sintam que discordam de Lutero, uma coisa é certa — o seu individualismo desafia a veneração universal. É com emoções semelhantes que penso em Swedenborg, John Wesley, John Murray, George Fox, Charles Fourier, Robert Owen, William Ellery Channing, George Combe e Theodore Parker.

O que dirias sobre esses homens?

Sobre esses homens, eu diria muitas coisas. Mas é o individualismo deles que mais me impressiona; a manifestada superioridade das suas almas sobre as Instituições! Nenhuma mente calma pode deixar de nutrir sentimentos de respeito e veneração por estes homens.

No entanto, podemos não estar em uníssono com eles ao permanecermos fiéis às nossas próprias órbitas. Mas isso não merece consideração. Porque, como já disse, o individualismo não traz antagonismo inevitável, apenas uma honrosa diferença, concedendo a cada estrela (a cada alma) a sua própria glória.

Não existem outros exemplos de individualismo?

Sim; há muitos mais. Como a alma se acende com os fogo da esperança, quando, no meio das Instituições, contempla a Individualidade de pessoas como William Lloyd Garrison, Wendell Phillips, Lucretia Mott, e Lucy Stone! Que individualismo esses demonstram!

Esses são exemplos de uma grande multidão que surgirá das Instituições. Thomas Carlyle, Henry Ward Beecher, e Ralph Waldo Emerson: como essas mentes às vezes parecem exaltadas acima das Instituições!

Oh, eu quase consentiria em chamar estas pessoas independentes de "santos", mas me abstenho, sim, e a minha razão para me abster é que os "santos" sempre advogaram as Instituições (o despotismo das leis arbitrárias), em oposição aos Direitos do Homem Individual!

As mentes desprovidas de imaginação e utilitaristas praticarão o individualismo sem antes calcular as penalidades mundanas?

Penso que não. Os comerciantes limitam-se à questão de "lucros e perdas": quanto custa por ano dizer a Verdade no comércio? Onde está o homem, no vórtice dos negócios, que seguirá a Verdade? Será que o comerciante de vinhos, mesmo convencido de que os seus produtos são prejudiciais ao homem, deixará a sua ocupação? Não, de todo. Por que não? Porque custa demasiados dólares. Será que o taberneiro, o especulador de farinha, o corretor de ações, o médico, o advogado ou o clérigo, será que algum destes, quando convencido de que a sua ocupação é errada,

deixará o negócio, afirmará a supremacia da alma e fará algo mais condizente com a sua verdadeira vocação? Receio que não: porque a penalidade é demasiado severa. Oh, o que daria o homem em troca da sua alma?

Se considerasses esta questão como um comerciante, o que dirias?

Se eu fosse falar como um comerciante, diria que nunca "vale a pena" abandonar ou negligenciar o fato central da alma. Cada homem e cada mulher ocupa uma posição original na escala da vida. Intrinsecamente, não há "pessoas comuns": um Platão e um Paulo, um Huss e um Howard, são possibilidades humanas.

Estes são arcos de promessa para ti e para mim, e mais ainda; parecem dizer: "Seja fiel, filhos da terra, pois obras maiores do que estas fareis!" O animado Hiberniano expressou esta verdade quando, com alegria, exclamou: "Olhem bem, rapazes: porque o bem de um homem é como o de outro, e até melhor!" Talvez todos os homens sintam uma profecia interior dessa verdade.

Queremos ensinar que o individualismo é uma herança inata?

Sim; cada um é um Fato eterno — e a ele todo o outro fato no universo eventualmente virá. O exato ponto no tempo em que cada pessoa "será melhor" e fará "maiores obras" do que as ideias terrenas agora predizem, será determinado pela Lei do desenvolvimento progressivo. Mas através do alambique da Razão — através dos recetores da consciência humana — devem fluir todas as Verdades, e cada Fato também, que um princípio possa abraçar.

Cada um deve, portanto, ter a sua própria Vida — a sua própria Liberdade — a sua própria Experiência — a sua própria Verdade.

Para a mente do homem, tudo é submisso. Os céus acima, a terra abaixo e os princípios mais profundos são todos seus.

Ao turco e ao cristão, ao judeu e ao gentil, ao servo e ao imperador, ao escravo e ao senhor — a cada um desses, todos os direitos e todas as liberdades virão finalmente. Eu sei disso na profundidade da sabedoria espiritual.

Sinto-me profundamente grato pelo poder de realizar o fato de que influências estão a ser exercidas, de todos os lados, para a melhoria da nossa raça universal e o estabelecimento dos Direitos e Liberdades Individuais.

O que disseram os sectários sobre os direitos e as liberdades?

O tempo passou, como mostrei, e não desapareceu ainda, quando os sectários acreditavam que ninguém na Terra tinha direitos e liberdades, exceto o papa, o rei, o

bispo e o padre. Os nossos ancestrais, especialmente os que viveram antes da protestação de Lutero, sustentavam estas opiniões. Esta doutrina é teocrática, é monárquica, é aristocrática, é tudo, menos democrática e republicana! Todas as instituições cristãs têm algo a desaprender sobre este tema. Pelo sistema da Igreja, o homem ainda é negado a posse de quaisquer liberdades constitucionais. O Livre Arbítrio é parte de um Drama religioso: uma alegada estratégia dos deuses para escapar à culpa de serem cúmplices do tormento dos ímpios. Os clérigos protestantes, com poucas exceções, afirmam a onipotência de Deus, e, assim, demonstram logicamente que todos os direitos permanecem com os deuses — ao homem, uma categoria de deveres. Os deuses comandam; e o homem deve obedecer.

O que é isso, senão uma ideia católica romana dita de forma mais suave?

É a mesma coisa. Essencialmente, os dois sistemas afirmam o mesmo dogma, a saber: que o povo não tem direitos, apenas deveres — obrigações para com os deuses, através da obediência aos mandamentos dos seus vice-reis — aos dignitários da Igreja.

Preciso de explicar mais sobre a restrição que tudo isso impõe ao individualismo?

Sim; enquanto persistirem, nas crenças populares e nas instituições, ideias tão completamente hostis aos "Direitos do Homem", o homem não poderá gozar das liberdades individuais. A ideia de que os deuses são "sem lei", porque mais poderosos do que nós, é extremamente prejudicial.

Serve para tornar o homem um escravo fraco, tímido, supersticioso e miserável! Suponhamos que os deuses mitológicos sejam todo-poderosos — suponhamos que possuam todos os poderes: o poder faz o Direito?

A verdadeira ideia do Pai-Deus é muito diferente. Ele não pode mudar.
O Poder Central deste Universo é eternamente responsável — assim como tu e eu — pelas imutáveis Leis da Verdade, Justiça, Amor, Sabedoria e Liberdade.
Esta ideia repudia toda a religião arbitrária: e, assim, diferente de qualquer teologia, liberta o Indivíduo.

Não quererias dizer algumas palavras práticas adicionais, como forma de encorajamento?

Sim: que todos os homens tomem coragem. A longa idade da meia-noite das combinações despóticas está a partir rapidamente. Mas, como um enorme lagarto sanriano de origem primitiva, ela lutará desesperadamente antes de morrer.
Serás convocado para o campo de batalha. O individualismo do homem será

ressuscitado.
Os poucos respeitarão profundamente e lutarão por ele, enquanto os muitos se aliarão ao institucionalismo.
Mas um Homem fará dez mil deles fugir: e a vitória será certa e rápida, do lado da Humanidade.

É impossível fazer com que todos, de qualquer país, sejam seguidores de um único homem, exceto por um breve período. Por que não? Porque ninguém pode sentir e suprir as necessidades de todos — cada homem vem ao mundo com um código de leis imutáveis.

Essas leis são justas — adaptadas ao desenvolvimento do homem inteiro — e, algum dia, a penalidade será pesada se ele for contra as suas exigências.
Essas leis são mais importantes para o teu bem-estar — são mais divinas — do que todas as bíblias, credos, códigos ou igrejas externas.

Não duvides! Em toda a sobriedade, digo-te a simples Verdade.
A obediência fiel a essas leis desenvolverá o carácter inato de cada um de forma diferente, mas harmoniosa. Sob essas condições, cada homem será um homem; e cada mulher será uma mulher — não as meras coisas do costume, como são agora — imitadoras de outros menos desenvolvidos que elas próprias — reflexos fugazes das imagens da antiguidade — seguidores automáticos de qualquer época ou figura.

Os bem-intencionados clérigos utilitários da América pensam, comercialmente, que "não compensa" ensinar esta doutrina moderna de emancipação pessoal: ensinar uma religião tão acessível como o individualismo. Por isso, eles nos encontram, no limiar deste assunto, com um “Assim disse o Senhor.” Mas eu digo:

“Assim diz a Humanidade.”

A Humanidade não é maior que o Pai-Deus, eu concedo; no entanto, ela é o mais amplo e verdadeiro expoente da Sua palavra e das Suas obras.

Sim; e eu direi porquê. O terrível conflito entre o homem e as instituições tem perdurado por séculos. Indivíduos, ao longo dos tempos, rebelaram-se abertamente contra a arrogância e o despotismo institucional; mas os “rebeldes” foram logo derrubados e silenciados pelas ajudas inquisitoriais da tirania — prisões, masmorras, torturas, fagotes e a guilhotina. Mas o espírito revolucionário desses rebeldes individuais sobreviveu a eles. O espírito da Liberdade nunca dorme — nunca repousa no chão da masmorra. A ignorância pode retardar o progresso da liberdade; mas a Natureza, a seu tempo, é poderosa para o Direito. Os homens têm ainda uma lição valiosa a aprender: que todas as penalidades são benefícios; que, através da discórdia, ascenderemos à harmonia.

Quais são os termos com que o mundo designa os amigos e inimigos das instituições?

Os apoiantes das instituições veneráveis são chamados de “fariseus” e “conservadores”; os opositores são chamados de “radicais” e “fanáticos.”

Homens que emprestam dinheiro e influência para sustentar as instituições são chamados de “amigos da lei e da ordem”; os reformadores do institucionalismo, por outro lado, são estigmatizados como “heréticos abandonados e infiéis sem Deus.” Os amigos das instituições são chamados de “leais”; os amigos dos Direitos Humanos são classificados na história como “conspiradores.”

As instituições e a aristocracia casaram-se há muito tempo; o casamento foi celebrado por dois sacerdotes mosaicos — o primeiro é o Orgulho, o segundo é o Poder.

O individualismo e o Harmonialismo também se casaram; eles se uniram um ao outro na presença dos dois primeiros ministros da Natureza — o primeiro é a Razão, o segundo é a Liberdade.

Do lado das instituições, encontramos todos os reis, imperadores, papas, padres e clérigos ortodoxos; do lado da Liberdade Humana, encontramos o escravo, o servo, os trabalhadores, as trabalhadoras, os cortadores de madeira, os pescadores, e as mentes que fazem o seu próprio pensar. O institucionalismo mora nas igrejas, nos palácios, nas famílias opulentas; o individualismo, ao contrário, vive em cabeças honestas e corações corajosos.

O institucionalismo vai para o céu pela fé; o individualismo, pelas obras.
O institucionalismo serve a teologia e aos deuses; o individualismo serve à antropologia e à humanidade.

Disseste que o institucionalismo serve aos deuses: os deuses têm alguma necessidade dos dons humanos?

Longe disso. Devem os escravos trabalhar, desde a infância até ao túmulo, para tornar os mestres mais ricos? O objetivo principal do homem na Terra é abençoar e elevar a Humanidade. Tentar glorificar os deuses — a Trindade — seria um ato de supererogação.

Pode o homem adicionar algo à glória dos deuses? Pode o homem impartir um novo esplendor aos céus? Não; o homem deve apenas tentar as possibilidades.

Ele pode adicionar glória e esplendor à sua espécie; este, então, é o seu campo de ação. Isso seria o Individualismo; a religião da Masculinidade.

É o institucionalismo o pai das igrejas e dos governos?

Sim; já existem centenas de milhares de igrejas dedicadas aos deuses; mas não há dez dedicadas à Humanidade. Os governos são feitos para defender os ricos e subjugar os pobres. Em Louisville, Kentucky, o filho de um homem rico foi recentemente livre da forca, através do poder do dinheiro; enquanto quase todos os meses ouvimos falar da "dignidade da lei" sendo vindica com a estrangulação formal de pessoas desamparadas, por crimes muito menos agravantes.

As instituições são feitas pelos fortes, para manter o poder. Os indivíduos, portanto, têm apenas um caminho a seguir — a saber: rebelar-se contra as Instituições e aceitar as penalidades.

Poderias reconsiderar brevemente a influência das instituições sobre o caráter?

Sim; o poder das instituições sobre as liberdades e características terciárias dos indivíduos é tremendo.

Poucos podem resistir à popularidade do seu despotismo. Poucos conseguem manter a masculinidade e manifestar o seu caráter divino, no meio de um magnetismo tão energético. Para muitas pessoas, com certas características secundárias predispostas, o poder atrativo das instituições populares é irresistível.

Na verdade, a popularidade, para a maioria das mentes, é como um belo rio de cristal, no qual os peregrinos melancólicos se afogam.

Eles perdem-se voluntariamente no seu aconchegante seio. Parece suave, a maré é popular, e lá se atiram. A Niagara da Reforma é muito temerosa para o navegador dos rios interiores.

O rugido da Revolução perturba o comedor de ópio. Quem, infelizmente, foi alimentado pela ama das Instituições, embalado no berço da Popularidade, alimentado com papinha da colher prateada da Aristocracia, e embalado ao sono no colo da Opulência, não é o homem para a Humanidade.

Não! O homem da Humanidade, ao contrário, sempre nasce em uma manjedoura. Ele tem o sangue do povo em si.

Ele declara que as instituições foram feitas para o homem; não o homem para as instituições. Os governos e as religiões são menos que o homem, porque eles emanaram da sua mente.

Portanto, todas as leis estão realmente sujeitas à vontade do mundo.
Cada homem é um profeta, sacerdote e rei.

Não estás a abrir liberdades prejudiciais aos indivíduos?

Ninguém deve temer a soberania do individualismo; o direito de cada um agir de acordo com as suas mais altas intuições. Porque, se um homem ultrapassar seus limites, outro o fará saber. Precisamos praticar o evangelho do governo pessoal. O conservador pode clamar alto pela segurança e santidade das Instituições.

Mas não o ouças! A sua voz não vem do campo aberto, nem do topo da montanha. Muito longe disso. Pelo contrário, os seus gritos vêm do deserto do crime e dos pântanos do despotismo, que são dez vezes mais perigosas do que as terras pantanosas da Flórida. Escutem! O republicanismo americano será transformado em tirania, a menos que o homem individual declare a sua independência de todas as instituições políticas e eclesiásticas.

Não acreditas que as instituições americanas, mais do que as de qualquer outro país, se voltam para a Liberdade?

Queres que continue a reflexão sobre as instituições americanas e o seu papel na busca pela liberdade?

O cristianismo americano é demasiado despótico; assim também a política americana; e ainda assim, é verdade que ambos, mais do que os de qualquer outro país, estão a olhar para a Liberdade. Também é verdade que a independência de pensamento e de expressão não é incentivada, mas geralmente denunciada. Os homens pensam e falam, por agora, por concessão. Sim; afirmo a proposição de que o direito de pensar e falar livremente ainda não está estabelecido. No Código Estatutário de Connecticut existe uma lei contra a discussão livre sobre o que eu chamo os deuses — normalmente designados como "Trindade".

A Convenção Bíblica de Hartford foi, portanto, denunciada como "ilegal" por vários conservadores. Se os oradores daquela memorável convenção não foram legalmente detidos, "multados em cem dólares e enviados para a prisão", isso deveu-se a um espírito de tolerância que permeava a comunidade; não a um amor real pela Liberdade como princípio de discurso e ação humanos. Essa convenção foi permitida, tolerada; não defendida e protegida pelas instituições legais ou religiosas da América.

Sim, repito, não temos Liberdade absoluta entre nós. Exigimos algo mais do que um espírito patronizante de tolerância: porque não há segurança para a liberdade individual em circunstâncias tão superficiais e temporárias. De acordo com as nossas

instituições, como já disse, a mulher é propriedade do marido. Ele possui o seu corpo, as suas roupas, os seus filhos, os seus direitos, as suas liberdades. Mas a mulher, tornando-se cada vez mais individualizada, está agora resolvida a rebelar-se contra as nossas instituições. Não só decidiu afirmar os seus Direitos, como também se propôs a avançar e tomá-los.

O Conservador diz: "A mulher agora tem tanta liberdade quanto o homem." Mas aqui está o erro: a sua liberdade não é real. A esposa é tolerada ou permitida a fazer quase tudo o que deseja; no entanto, as leis das instituições são contra a sua individualidade. A sua liberdade não é uma questão de princípio; está garantida principalmente através de afeto, urbanidade e civilidade; é apenas uma defesa dos fracos pelos fortes.

Quer afirmar que, neste e em todos os outros aspetos, as nossas instituições políticas são antagonistas à liberdade individual?

De fato; e o mesmo é verdade para a nossa Igreja Americana. Não foi inteiramente devido ao amor pela Liberdade entre os sacerdotes que a igreja não se mete na ação política. Ou seja, o povo não é politicamente livre porque os sacerdotes querem que assim seja; bem pelo contrário; eles apoiam a liberdade individual na legislação — primeiro, porque fazem "uma virtude da necessidade" — segundo, porque as pessoas do norte, enquanto massa, já superaram a tirania absoluta do institucionalismo.

Não foi o amor pela Liberdade que originalmente separou o Estado da Igreja: foi a raiva de Henrique VIII de Inglaterra, porque o Papa não o quis divorciar da sua esposa na altura, Catarina de Aragão. Mas algo de bom surgiu disso! E ainda assim, as nossas instituições políticas não contradizem as promulgações eclesiásticas populares.

A Igreja diz que Senhores e Servos são adequados de acordo com os decretos providenciais; o Estado responde — "Amém". A Igreja diz que São Paulo enviou o escravo de volta ao seu senhor; o Estado responde "Amém", e institui uma Lei do Escravo Fugitivo. A Igreja afirma que "os desejos da esposa devem ser para o seu marido, e que ele deve dominar sobre ela"; o Estado responde "Amém", e institui disposições legais em conformidade. Mas a humanidade está um pouco ressuscitada neste aspeto, e leis mais liberais e justas estão gradualmente a ser desenvolvidas.

"Para sufocar o seu grande adversário, a Liberdade (diz aquele grande economista político e fiel historiador, Guizot), tem sido sempre o primeiro e último objetivo da igreja. A destruição da liberdade é a sua missão e a sua esperança. Nenhum homem pode ler a sua história, os atos das suas convenções, as suas leis e cânones, sem perceber que em cada ato o seu objetivo tem sido esmagar a liberdade humana, sob o pretexto de piedade, e fundar um despotismo tirânico, civil e religioso."

Há um partido político, recentemente organizado, chamado "Know-Nothings" — composto principalmente por cidadãos americanos nativos: quais são as suas impressões sobre ele?

O princípio e a política predominantes deste partido é a oposição a toda a influência estrangeira — dirigida principalmente contra os irlandeses e católicos romanos. Negam-lhes o direito de ocupar cargos públicos como oficiais ou de fazer leis para o povo americano. Agora, estou plenamente consciente de que o poder Papal na América está a desenvolver-se, diariamente, em força prodigiosa. E muitos jornais políticos incentivam a expansão desse poder, procurando ou tentando garantir os votos da população irlandesa.

Os Whigs e os Democratas, os Hards e Softs, os Doughfaces e os Emptyheads, e outros partidos com nomes apropriados, evitam cuidadosamente qualquer palavra que possa ser interpretada como oposição ao Catolicismo Romano — simplesmente porque o voto irlandês é muito importante para a eleição de candidatos favoritos. Também estou ciente de que o génio do sistema católico, o seu verdadeiro espírito, é politicamente e eclesiasticamente despótico. É o institucionalismo contra o individualismo. E ainda assim, apesar de tudo isso e muito mais, ainda mais grave, não poderia consentir em tornar-me um Know-Nothing.

Porquê? Porque não posso opor erro com erro. O nativismo americano é um despotismo caseiro organizado para derrubar um despotismo estrangeiro. É, portanto, força, e preconceito, e tirania, contra tirania, e preconceito, e força. A Liberdade, ao contrário, só pode prosperar pela Liberdade. Se a influência nativa derrubar a influência católica pela força, e se o caráter americano for levado a apoiar isso, quem pode dizer quando não surgirá outro partido para derrubar a Filosofia Harmónica? Numa país onde o Princípio da Liberdade não é plenamente aceite e proclamado, sinto-me inseguro — sim, incerto quanto aos Direitos da minha Individualidade. Mas você pergunta —

Não olha para as consequências — os resultados da expansão e supremacia do poder papal na América?

Com a questão das consequências, não tenho nada a ver — apenas com o Princípio. Os resultados não podem ser errados quando o Direito é seguido. O mesmo espírito político que perseguiria e prostraria os católicos neste país, poderia, nos próximos quinze anos, perseguir e prostrar os filósofos harmónicos. Como assim? Porque, embora os católicos romanos e os filósofos harmónicos sejam absolutamente opostos entre si na maioria das questões, eles harmonizam na sua oposição aos sistemas protestantes de charlatanismo religioso; e também concordam em fazer a acusação de que a política americana é terrivelmente desprovida dos princípios de Justiça distributiva e Liberdade universal.

Que plano sugeriria para evitar o despotismo político e religioso?

O único plano certo para evitar o estabelecimento do despotismo político e eclesiástico é este: uma educação universal do nosso povo para reverenciar e praticar os princípios da Liberdade Individual Absoluta. Toda a fé numa Revelação milagrosa, arbitrária, despótica, deve ser cuidadosamente removida, e colocada no Pai-Deus e na Mãe-Natureza. A Luz interior, a religião da Justiça na alma de cada um, deve tornar-se a regra de fé e prática. A Teologia Americana e o Catolicismo Romano morreriam então — nunca mais a respirar, nunca mais a conhecer uma ressurreição.

De acordo com a sua definição, o que é uma Instituição?

Uma Instituição, de acordo com a nossa melhor definição, é um estabelecimento nomeado, prescrito e fundado pela autoridade — destinado a ser permanente. Assim, falamos das instituições estabelecidas por Moisés ou Licurgo, ou das leis dos Medos e Persas. A ideia popular de uma Instituição é uma sociedade organizada, estabelecida por lei, ou pela autoridade de indivíduos, para a promoção de um dado objetivo, social, político ou religioso. Daí, não pode deixar de ser visto que uma Instituição é algo como a Muralha da China — um esforço estupendo e sistemático para manter os indivíduos permanentemente dentro ou fora. O Indivíduo nunca é incentivado a crescer e expandir, salvo até a circunferência do círculo. Ali ele deve parar, ou ser chamado de conspirador, rebelde, e — levar as penalidades.

Pode indicar alguns exemplos de erros institucionais?

Os exemplos são demasiado numerosos. Foi uma Instituição, sob a direção de Herodes, o Grande, que causou o massacre de quatro mil crianças nos arredores de Belém. Foi uma Instituição que apresentou e realizou os atos diabólicos de crueldade chamados de "Massacre de São Bartolomeu", quando num único dia mais de quarenta e cinco mil pessoas foram mortas em Paris e nas províncias da França. Ainda se espanta que eu tenha recusado colocar a palavra "santo" ao nome de Thomas Paine? Foi uma Instituição que estabeleceu "o cargo da Santa Inquisição", para a extirpação sistemática de infiéis, judeus e outros hereges. Foi autorizada pelo poder romano e posta em prática na Itália, Espanha e Portugal. Os torturantes indescritíveis das vítimas dessa Santa (!) Instituição — os seus gritos de socorro — chegam até nós até hoje, carregados de advertências — com avisos portentosos — dizendo: "Imploramos-vos, vede, que vos levantais com sabedoria contra o despotismo das Instituições?"

Foi uma Instituição que crucificou o amoroso Nazareno. Todas as guerras são frutos das Instituições. A escravidão de toda a descrição — social, política, religiosa — resulta das Instituições. Há uma "Instituição peculiar", consolidada numa força

adamantina, sob os céus do sul ensolarado. Lá, o irmão negro não tem direito ao seu corpo, nem à sua alma: a sua esposa, os seus filhos, as suas irmãs e irmãos — todos pertencem à Instituição. E essa Instituição é propriedade dos poucos, que, devido ao mero acidente de nascimento, carregam a bolsa, e portanto o poder. Que infortúnio indescritível é nascer dentro dos limites de tal peste política e espiritual!

O que se pode dizer sobre o institucionalismo russo?

Foi uma Instituição que, entre milhões de seres humanos, escolheu o Czar da Rússia para atuar como Déspota. O autocrata moscovita é ele próprio um Indivíduo. A sua organização moral, no entanto, é moldada pelas suas circunstâncias. As suas conceções de justiça são enormes e arbitrárias; não finas, e surgem de uma ideia de distribuição universal de direitos. O caráter terciário de um Imperador é cínico em alguns pontos. Ele não vê nada realmente bom no homem; porque, devido às suas usurpações, o mal abertamente ou secretamente realizado manifesta-se por todo o lado. Ele não está certo de nada humano; no entanto, trata os seus associados imediatos com grande respeito.

O Imperador Russo é inclinado à religião?

Quase todos os déspotas russos foram movidos por uma reverência peculiar pelas instituições sagradas de Deus. Ele pensa que a Igreja Grega é o especial mercado dos desígnios da Divindade. Nesse particular, o Déspota é tão consciencioso e supersticioso como qualquer clérigo ortodoxo nos Estados Unidos. Pois ele está plenamente "persuadido na sua própria mente" de que está a prestar um verdadeiro serviço a Deus, mesmo quando engana e subjuga outras nações, para fornecer à Igreja ricos e numerosos adeptos. Ele considera-se tão "agente" do Todo-Poderoso como qualquer professor da fé uma vez entregue aos Santos da Nova Inglaterra. Ele acredita firmemente e conscientemente que tem uma "missão" a cumprir. Para ele, é certo e essencial que se coloque à frente da Igreja e do Estado.

Os Imperadores normalmente possuem sentimentos heroicos fortes?

O amor do governante russo pelo país é forte, mas o seu orgulho nacional é bem mais fraco que o seu orgulho pelo poder. Os seus caracteres hereditários e adquiridos obrigam-no a ser um adorador do poder. Nesse aspeto, um autocrata institucional é morbidamente ambicioso. Ele reza para expandir os seus domínios, o seu poder e governo. Estuda arduamente para superar o mundo. A sua firmeza nesta direção é inabalável e indomável.

Ele pensa de forma forte, constante, indignada. Não pode consentir ser fraco o suficiente para perdoar um inimigo; o seu amor pelo poder torna-o implacável. A sua organização moral é tal que a suspeita da natureza humana é inevitável. Ele é

suficientemente supersticioso para acreditar que é o chefe espiritual e legal de uma Instituição feita por Deus: a sua natureza, portanto, não consegue formar uma crença clara e estável na bondade intrínseca de qualquer Indivíduo. Essa convicção silenciosa — eu diria ceticismo — tende a torná-lo cruel, despótico, absoluto. Ao seu caráter adquirido, por vezes, parece que...

A enganação é o fio da existência,
O céu é volúvel, e os elementos, traiçoeiros,
São todos traidores. A aranha trama sua subsistência
Na mentira; e no ar, as aves de poder,
Com cruel arte, sobre as mais fracas descem,
E saciam sua fome com ardilosa sede.
As feras e peixes, com certo domínio,
Transformam terra e mar em palco de um destino
Traiçoeiro, cuja trama o Todo-Poderoso fez.
Por isso, eu me ergo no centro da Natureza,
E meu pé sente o pulsar de sua grandeza,
Enquanto planejo com astuta destreza.

Quando vejo um Imperador na sua totalidade, com todas as suas características em combinação, vejo um homem que é um instrumento, ou uma circunstância, nas mãos de diplomatas confederados. Tudo é feito por cima do seu ombro.

Que efeito tem isso sobre ele?

Isso lisonjeia o seu amor pelo poder, e dá-lhe uma reputação de grande habilidade e coragem, que ele raramente trabalha para merecer: portanto, como indivíduo, ele desfruta imensamente da posição que ocupa. O pai do atual Imperador, Nicolau, tinha tanto orgulho na sagacidade e diplomacia dos seus oficiais públicos e principais nobres, que os afirmava ser superiores às nações mais civilizadas que ele rejeitava imitar ou copiar em qualquer aspeto. De estranhos, o Imperador consentiria aprender ou pedir emprestado raramente. Há algo anómalo no caráter deste Imperador.

Ele é mestre — ele sabe disso — todos o reconhecem na sua nação; mas nunca reivindica tal prerrogativa ou controle absoluto. Igreja e Estado estão ambos abaixo das suas regulamentações governamentais. Ele faz com que os patriarcas e bispos eclesiásticos jurem lealdade inequívoca a ele; ainda assim, quando se encontra com o clero superior em público, beija devotamente as mãos do arcebispo e exibe outras evidências de reverência religiosa e submissão. Com o povo, essa política opera como magia. Eles veem os agentes de Deus, organizados e mantidos a um custo e cerimónia incalculáveis, em prol do povo. Aparentemente, o Imperador aspira ser

um cristão consciencioso, um sacerdote devoto, um rei cuidadoso — um déspota pela força da necessidade religiosa — um governante principal entre as nações.

Qual parece ser a crença religiosa do Imperador Russo?

O Imperador é movido pela convicção de que foi designado por Deus para espalhar o governo Moscovita sobre os territórios dos pagãos. A Rússia é movida pelo seu chefe em direção ao Oriente. A ideia do decreto divino — um dever religioso, uma missão sagrada — atua sobre ele e os seus principais oficiais e ministros com a mesma força com que uma superstição influenciaria qualquer mente. "Poderes orientais devem tornar-se russos!" Esta é a palavra de ordem. O Imperador está totalmente convencido de que não pode haver poder permanente num país onde o povo é permitido agir segundo suas depravações privadas.

Ele sente que o Papa e o Rei devem existir apenas em um homem, como religião e intelecto se encontram em uma organização. Movido pelo seu ceticismo adquirido em relação às tendências da natureza humana, ele observa essa concentração focal de poder eclesiástico e político com ciúmes, como fez Otelo com a virtude de Desdémona. E não se pode persuadi-lo, com a sua organização intelectual e moral, de que ele não deve fazer guerra contra as nações pagãs, convertê-las e suas possessões para as ordenanças salvíficas e o governo da Igreja Grega.

Ele seria hábil em administrar uma conquista — firme, combativo, corajoso, esperançoso, firme, e ambicioso por poder — e sendo, além disso, tão religioso nas suas guerras, embora utilizando outros motivos como pretextos, pode ter certeza de que ele lançará os seus planos quando e onde menos se espera.

Que efeito exerce o institucionalismo russo sobre os habitantes?

Sob o institucionalismo da Rússia, não vejo qualquer fuga para os servos. Os ministros russos, penso, são mais inclinados ao triunfo e subjugação do que o próprio Imperador. Eles fazem muito para criar pretextos para fazer guerra ao Oriente; e o Czar recebe todo o louvor e condenação. Ele é o mestre; a sua vontade é suprema. Mas a sua vontade coincide com a legislação ou sugestão dos seus principais nobres e oficiais públicos; e ainda assim deve ser visto que a mente peculiar do Imperador age de forma clara o suficiente ao colorir e moldar todos os planos e decretos.

Ele é uma vítima tanto quanto Rei; um súdito tanto quanto Imperador. Os nobres, como classe, são excessivamente orgulhosos. Os servos, como classe, são excessivamente submissos. O Czar, como homem, é ambicioso. Todos são supersticiosos, e são movidos e unidos por convicções religiosas absurdas. E não há civilização maior possível na Rússia — não se pode esperar mais liberdade no

império de Nicolau — até que o Individualismo seja reconhecido, e alguma educação valiosa seja dada ao povo ignorante e estupidificado.

Qual é o título de cada instituição despótica?

O programa de cada instituição despótica começa com — "Acredite, ou seja amaldiçoado!" E a cabeça e a frente da nossa ofensa é um protesto pessoal. Mas quão difícil é nadar contra as marés da popularidade! As ondas batem furiosamente contra e te submergem. Deves ter confiança na Verdade — caso contrário, afundar-te-ás sob a superfície das Instituições, tornando-te alimento para répteis que rastejam sobre os seus fundamentos manchados de sangue.

"Uma vez pensávamos que os Reis eram sagrados,

Fazendo o mal por direito divino; Que a Igreja era senhora da consciência —

Árbitra do meu e do teu; Que tudo o que os padres mandavam,

Ninguém poderia rejeitar e viver; E que todos os que deles discordavam

Era erro perdoar!"

Mas agora declaramos a nós mesmos uma raça "livre e independente" de Irmãos — cada um uma lei para si. As Instituições não nos prenderão para sempre: e, quando dizemos isso, falamos pelo africano oprimido, pelo italiano, pelo húngaro, pelo servo russo — falamos por todas as Nações!

Poderia ilustrar a influência das instituições sobre o caráter?

Já o fiz. Provavelmente se lembra de um certo filho da Irlanda que se opôs às rígidas Instituições da Inglaterra, e ainda assim defendeu a Escravidão Americana. Os homens livres do Norte ficaram atónitos. Em casa, ele era amigo da Liberdade; aqui, o suporte da Escravidão. Em casa, ele denunciava as Instituições; por isso, as Instituições privaram-no da liberdade individual. Aqui, um fugitivo da tirania britânica, ele ergue a voz a favor da escravidão. Teria sido melhor se tivesse permanecido o amigo da Liberdade.

O Norte não poderia facilmente suportar a dor que ele acrescentou ao seu sofrimento, à sua ardente e pungente ferida, no Sul. E assim foi que os homens condenaram John Mitchel. Por causa da sua apostasia, escreveram para torná-lo infame. Mas não devemos esquecer que, desde a sua juventude — sim, por hereditariedade e sangue gerador — ele foi uma vítima do institucionalismo. Talvez ele nunca tenha conhecido a verdadeira Liberdade — ainda não a sinta. No entanto, ele rebelou-se corajosamente contra certas restrições políticas. Mas a grandeza do

Individualismo ele não poderia, talvez, perceber. Portanto, enquanto fraternizo e compadeço-me com John Mitchel, repudio ainda mais as Instituições das quais ele foi, e ainda é, uma vítima.

"Uma vez pensávamos que a Liberdade sagrada

Era uma coisa amaldiçoada e manchada — Inimiga da paz, da lei e da virtude, Inimiga do magistrado e do Rei;"

Que a vil e desenfreada paixão

sempre tenha seguido o seu caminho — Luxúria e Saque, Guerra e Rapina,

Lágrimas, Anarquia e Ira! —

Mas agora pensamos que a verdadeira liberdade individual irá prevenir para sempre todos esses males. Enquanto a Liberdade é " inimiga dos magistrados e dos Reis," não é menos amiga de " paz e virtude;" e eleva — pela sua influência benigna, tão atraente e tão forte — cada um da nossa raça comum. Os Tiranos do Antigo Mundo ainda consideram a nossa República como uma experiência. Profetizam que o povo, um dia, derrubará os alicerces do nosso governo. Mas somos Progressistas!

Isso explica o suficiente. Vamos de alteração para melhoria; ferimos, apenas para curar. Daí, com cada revolução americana, vem o desenvolvimento. Um terremoto resultaria em melhores condições geográficas — em melhores combinações atmosféricas. Deixe um povo acreditar praticamente na Progressão, e ele ascenderá do pior para o melhor, "do mal extraindo o bem," como nas escadas de uma escada.

Mas não há uma filosofia no Governo?

Os governos geram e reproduzem-se a si mesmos; eles surgem no curso natural das coisas. O primeiro governo humano era como uma bolota. Quando foi plantado, pela necessidade humana, começou a série histórica das Instituições que marcaram o caminho da humanidade. O último será como o primeiro em qualidade, mas infinitamente superior em grau: assim como cada bolota reproduz sua espécie e progride por meio da multiplicação.

Qual foi a primeira forma de governo?

O primeiro governo foi a Anarquia; ou seja, nenhum governo de todo. Esta foi a semente. O último será assim — com esta diferença, que cada indivíduo, no início, foi movido pelas suas paixões; no final, cada um será movido pela luz da Razão. No início, cada um considerava a força como sendo o direito; no final, cada um considerará o direito como a força. No início, o povo adorava o deus da Riqueza e

do Poder; no final, venerará o deus do Amor e da Sabedoria. Mas o Individualismo da Humanidade, no final, será ainda mais absoluto contra as Instituições do que no início. A Anarquia dos primeiros dias era Confusão; a Anarquia dos últimos dias será Harmonia. A primeira forma de governo, sendo anárquica, forçou cada pessoa a confiar no seu próprio centro de força. Mas a alma, então, não conseguia praticar o Individualismo numa esfera mais elevada. Não o Amor, mas a Força foi manifestada. Os fortes começaram a oprimir os fracos. Inúmeros problemas surgiram entre tribos vizinhas; e assim, do seio da Necessidade, surgiu uma outra forma de governo.

Qual foi a segunda forma de governo?

A segunda forma foi a Patriarcal. Agora, cada tribo tinha o seu próprio Pai, que era árbitro e governante absoluto. Mas esta forma foi gradualmente transformando-se em Teocracia.

O que é um governo teocrático?

Uma Teocracia significa o governo de um povo pela suposta direção imediata de Deus. Os israelitas fornecem um exemplo. O sacerdote, no entanto, tinha tudo à sua maneira. Bastava dizer, "Assim diz o Senhor" — e os seus comandos, bons ou maus, eram obedecidos sem hesitação.

Qual é a quarta forma de governo?

A quarta forma é a Monarquia. A Monarquia é um governo em que o poder supremo está nas mãos de uma única pessoa.

Qual é a quinta forma de governo?

A quinta forma é o Republicanismo. Esta é uma forma de governo em que as maiorias governam. O poder soberano está nas mãos do povo, representado pelos seus representantes.

Qual é a sexta forma de governo?

A sexta forma é a Democracia. Levo a afirmar que uma verdadeira forma democrática de governo nunca foi ainda desenvolvida na Terra. O governo de Atenas, na Grécia, foi uma aproximação a isso. A Democracia é uma instituição em que o poder supremo está nas mãos do povo. A América não é uma Democracia; é Republicana. O Republicanismo confere aos representantes todo o poder legislativo; a Democracia, por outro lado, é o poder do povo para legislar por si mesmos. Aspiramos a uma forma democrática de governo. Ela é superior ao Republicanismo. Irá garantir os direitos dos Trabalhadores; os direitos dos trabalhadores livres; os

direitos do Escravo; os direitos da Mulher; os direitos das Crianças. Mas até esta forma de governo é demasiado formal para a Humanidade. O último será como o primeiro. A Anarquia do primeiro deve resultar finalmente no Individualismo do homem refinado e civilizado. Daí, sendo Progressistas como somos, declaramos abertamente ser a favor de nenhum governo. O povo é governado demais. Eles irão rebelar-se. Gradualmente, tornar-se-ão ingovernáveis. Exigirão, das mãos uns dos outros, soberania individual absoluta e suprema — que o Patriarcalismo, a Teocracia, a Monarquia concedem sem reservas aos Pais, aos Reis, aos Imperadores, aos Papas, aos Tiranos.

Qual será a sétima forma de governo?

A sétima forma será a Autocracia. Uma forma autocrática de Governo é aquela em que um governante, um soberano, detém e exerce os poderes de regulação por direito inato — sem restrição. Isto é o verdadeiro Individualismo! — poder independente ou absoluto de autogoverno; direito supremo, incontrolado e ilimitado de governar numa única pessoa. Sim, cada pessoa tornar-se-á um Autocrata. E cada Autocrata será um poder, exercendo justiça igual, com base nos doze mandamentos.

Percebe como esta doutrina parece para um conservador tímido?

Sim; estou bem ciente de que, para um conservador tímido, e para aqueles que respiram a atmosfera do Institucionalismo, tudo isto tem a marca da Anarquia Original. Eles temem que a Confusão se torne ainda mais desordenada. Mentes assim procurariam advertir-me a "cuidar do radicalismo extremo". Pregariam contra o Individualismo, tal como os Tirano se opõem ao Republicanismo. Mas digo-vos que o Individualismo acabará por se desenvolver da Democracia — assim como o Republicanismo se desenvolveu da Monarquia — naturalmente, assim como o Verão florido surge do rígido Inverno.

Mas suponha que a União Americana fosse dissolvida?

Hoje não há uma base óbvia sobre a qual apoiar tal suposição; e não perderemos tempo com argumentações inúteis. Ainda assim, conceda, por um momento, a sua suposição. Qual seria o resultado? A minha resposta é, uma reorganização imediata, com uma Constituição nada melhor.

Como sabe disso?

Pelo fato de o caráter e a alma do povo americano não terem ultrapassado a forma da sua Instituição atual. Se um agricultor tentasse destruir ervas daninhas venenosas cortando as suas folhas — as raízes ainda firmes na terra — os seus esforços resultariam em revelar a sua própria ignorância. As ervas cresceriam ainda mais

abundantemente. Ou seja, o nosso governo é baseado numa ideia de justiça. Mas esta ideia revela-se imperfeita. Apesar disso, o governo permanecerá forte, inabalável, inalterado, até que a alma desta Nação ultrapasse os seus fundamentos políticos. Quando uma ideia superior de justiça penetrar no povo americano, então, e só então, a União se decomporá como um corpo morto: então, também, a alma nova, maior e mais justa, será vestida com uma Constituição nova, maior e mais justa. Todo este floreio oratório sobre a dissolução da nossa União é útil, porque move o povo e obriga muitos a refletir sobre a filosofia do governo.

Que bem pode alcançar ao ensinar a doutrina do Individualismo?

Se eu ensinar a doutrina da Autocracia — se eu o incitar a aceitar e viver os princípios do Individualismo — faço algo para elevar, expandir e universalizar a Alma do povo americano; algo também para apressar a decomposição nacional das formas arbitrárias do Institucionalismo, assim como todas as fases de servidão e escravidão. Porém, reconheço, de forma mais explícita, um certo bem transitório nas Instituições. Embora seja verdade que elas há muito se opuseram ao crescimento da Humanidade — sempre disseram, "Acredita, ou serás maldito!" — ainda assim, recordemos o princípio de que todas as penalidades são benefícios.

A rosa esmagada emite um perfume mais doce: assim também a Liberdade obstruída e interrompida ganha força e retidão. Há um Deus-Pai na constituição da Mãe-Natureza, que tira o bem do aparente mal — harmonia da discórdia — de forma tão positiva e certa, que até a guerra, por fim, beneficiará a Humanidade.

Pode o Individualismo existir independentemente de toda a Associação?

Não; há um grau de Institucionalismo que é natural ao homem, em todas as fases do crescimento, e absolutamente necessário para esse crescimento — ou seja, a Instituição do Grande Harmónio, baseada na lei da Atração Espiritual; não tendo nenhum vínculo de união exceto a Afinidade do Amor e a Unanimidade da Sabedoria. As Instituições populares são feitas de influências externas — apoiadas por legislações — infringindo as liberdades de grandes minorias.

As Instituições humanitárias, por outro lado, assemelham-se a corpos solares — cada um girando na sua própria órbita — sendo ao mesmo tempo uma honra para o Pai-Deus e uma felicidade para todos os homens. Associações Benevolentes, Atraentes, Industriais e Educacionais, são, com base neste princípio, desejáveis como meios transitórios de desenvolvimento Individual. O homem não foi feito para as formas, lembre-se; mas as formas para o homem.

"O maior covarde na terra
É aquele que teme a opinião do mundo —
Que age em referência à sua vontade,
A sua consciência sendo dominada pela sua dominação.
"A mente não vale o peso de uma pena
Se deve ser medida com outras mentes;
O eu deve dirigir, e o eu controlar,
E a conta no céu ser guardada.
"O medo nunca domina uma alma viril —
Para corações honestos nunca foi destinado;
Eles, só eles, têm razão para temer,
Aqueles cujos motivos ofenderam o seu Deus.
"O que dirá o meu vizinho se eu
Fizer esta tentativa, ou aquela, ou outra?"
Um vizinho é certamente um inimigo
Se não for um irmão ajudante.
Esse homem é valente que desafia o mundo,
Quando pelo mar da Vida a sua barca ele dirige;
Que mantém a estrela guia em vista —
Uma consciência clara, que nunca se desvia."

EXAME PSICOMETRICO DE WILLIAM LLOYD GARRISON

Por amor ao bem do mundo, proponho dedicar algumas horas ao exame psicométrico de uma certa personagem notória e célebre. Movido por esta proposta autoimposta — juntamente com um desejo especial de investigar por mim mesmo a natureza intrínseca do cavalheiro — ontem obtive um fio de cabelo da cabeça de William Lloyd Garrison, o conhecido editor do "Liberator", um jornal semanal dedicado à defesa da liberdade incondicional, com o lema — "O nosso País é o Mundo, os nossos compatriotas são toda a Humanidade" — publicado todas as manhãs de sexta-feira, em Boston, Massachusetts. Com este cabelo, espero lançar minha mente de tal forma em clarividência, que, para examinar este homem público — vê-lo tal como ele é, e não como ele ou outros possam pensar que ele é — será relativamente uma tarefa fácil. Claro, existe um ceticismo suficiente quanto a esse poder de discernir o caráter humano, para dar tanto aos amigos quanto aos inimigos deste cavalheiro "o benefício da dúvida."

EXAME DE WILLIAM LLOYD GARRISON

Até agora, não tive uma oportunidade real de obter um conhecimento externo correto deste indestrutível Garrison. Já o encontrei e troquei palavras amigáveis com ele em várias ocasiões; mas nada ocorreu em qualquer uma dessas entrevistas que me permitisse penetrar na "real realidade" da sua constituição. Estou familiarizado com a avaliação pública do seu caráter. Ouvi e li opiniões sobre ele que fizeram minha alma revoltar-se, o que me fez desejar nunca mais encontrar-me com um homem tão perverso.

Seus amigos nunca me deram uma descrição detalhada dele. A única coisa concreta que recebi de alguém sobre ele foi dita a mim por um amigo muito ardente dele, com estas palavras: "Quero que você conheça o Garrison; acho que você vai gostar dele; e quero que ele o conheça." Agora, na minha opinião, a forma mais rápida de eu chegar a esse conhecimento desejável, é fazer um exame das suas características primárias, secundárias e terciárias da maneira proposta; e, como ele é, de certa forma, propriedade do povo, farei minhas impressões publicamente conhecidas à medida que as obtiver. Proponho investigar-lhe objetivamente, socialmente, intelectualmente, moralmente e como um indivíduo, em relação ao mundo. Vamos agora prosseguir. A seguir estão minhas **Impressões ao vê-lo objetivamente**.

O seu sistema físico é bem equilibrado e bem desenvolvido; não é nem muito grande nem muito pequeno; suficientemente cheio de fibra muscular forte, elástica, duradoura, associada a uma organização nervosa que é naturalmente estável e firme, mas muito sensível. O seu cérebro é composto por material fino, notavelmente ativo e brilhante; proporcionando, como um todo, um organismo muito capaz de suportar as insídias da doença, a força das mudanças atmosféricas; e sustentar por muito tempo uma grande quantidade de trabalho corporal e mental cuidadosamente graduado.

A sua presença pessoal tem amplitude, castidade e masculinidade. Quando ele anda, vai um homem com um objetivo à sua frente; com algo a ser realizado. Quando ele fica de pé, em conversa, a sua postura é ereta e direta; ele é, por natureza, gracioso, preciso, enfático, sério. Quando ensina diante de uma audiência, ali está o mesmo homem com os mesmos modos: vê-se ele gesticulando, sem impetuosidade, com o braço direito, como se estivesse martelando os seus pensamentos na estrutura mental do povo.

O seu rosto é expressivamente indicativo de seriedade direta e imutável; demonstra uma afeição por tudo o que é inerente, vital, genuíno, glorioso; nada que seja efeminado ou superficial. A sua boca indica sentimentos amáveis e uma leve diversão; com uma ligeira curva em cada canto, significando uma tendência para repreender críticas.

Os seus olhos são generosos, sérios, penetrantes, pensativos; olham para você e o lêem, depois se viram para o lado de forma brincalhona, como se nada tivesse ocorrido; enquanto a boca está seriamente, mas familiarmente, engajada em conversa com você ou com outros. Ele parece ser uma pessoa que gosta de refinamentos pessoais e tranquilidade; aprecia todos os confortos exteriores e temperados fornecidos por uma civilização racional.

Com as porções superiores da sua cabeça completamente sem cabelo — não por idade, mas devido a causas hereditárias; com as suas características um pouco proeminentes e bem definidas — embora não afiadas, irregulares ou feias; com o rosto e o pescoço cuidadosamente barbeados e privados assim do que foi, por natureza, designado como um ornamento útil e a peculiar inscrição de um homem; com uma gravata simples bem ajustada. C

om óculos de ouro, sentados com dignidade diante dos seus olhos expressivos; com o seu corpo elegantemente vestido com um terno preto — e, com a sua forma masculina e estatura adequada — há algo "certo" sobre este William Lloyd Garrison, em sua aparência externa e comportamento não superficial, seja de pé ou em repouso, que atrai positivamente sua atenção e inequivocamente desafia o seu respeito.

A seguir estão minhas **Impressões ao vê-lo socialmente**. Em sua família e entre seus amigos, ele é peculiarmente doméstico e social. Seu amor pela esposa e pelos filhos é constante, verdadeiro, sincero; mas não é suficientemente forte para afastá-lo nem um milímetro do que ele concebe ser o caminho do Direito, em relação à fraternidade humana. O lar tem uma influência genial — não formadora — sobre suas afeições e disposição. Ele aprecia a ideia de ter uma "habitação local" própria; ainda assim, o amor pela localidade é temperado, e não ganha verdadeira supremacia sobre suas atrações e propósitos mais elevados. Ele é muito mais brincalhão com

adultos do que com crianças — mais mental do que físico, em qualquer dos casos; nunca é reservado ou melancólico na companhia; e, embora incline-se para a sátira e ironia, raramente se deixa levar por seu uso em conversas comuns; mas tende facilmente para uma piada, ou trocadilho, e é (ou pode ser) rápido e afortunado em respostas espirituosas.

O seu caráter privado é notável pela sua uniformidade e simplicidade; a ingenuidade e espontaneidade da criança estão invariavelmente manifestas; e, por meio dessas qualidades cativantes, as fortes e indomáveis características de um homem brilham intensamente sobre os seus companheiros. A continuidade da sua natureza social também é muito notável; diante da esposa e dos filhos, diante dos amigos e dos inimigos, ele é sempre a mesma pessoa. Ele é estranho ao "silêncio digno ou desprezativo," e não menos a todos os sentimentos de natureza presunçosa ou exclusiva.

As opiniões de ninguém, as experiências de ninguém, as ideias de ninguém, as preocupações de ninguém, são indiferentes a ele; e ele, quando não está envolvido em elaborar ou completar um pensamento que está agitando-se em sua própria mente, ouvirá a história do mais humilde e iletrado. Aos seus amigos, ele é caloroso e confiante; aos seus inimigos, ele é franco e honrável; a ambos, ele expressará sinceramente a sua oposição aos seus erros, pensando nem na aprovação nem no desagrado deles, quando um princípio estiver em debate; e, ainda assim, ele tem um forte amor pelo elogio e não tem disposição, por si mesmo, para ferir os sentimentos de qualquer homem.

A seguir estão minhas Impressões ao vê-lo intelectualmente. Ele possui uma inteligência de alto nível, mas não a mais elevada. É mais do que normalmente bem organizada e equilibrada; superior, nesse particular, à maioria dos homens públicos e literários. Parece uma casa bem arrumada. Os móveis são bem escolhidos e parecem, sem ornamentos irrelevantes ou exibição inútil, estar mais do que admiravelmente adaptados ao tamanho e à arquitetura da morada. Em sua mente não há materiais inúteis. Cada pensamento e cada experiência são feitos para servir a uma contingência presente e a um propósito imediato.

Esta inteligência não é difusa e nebulosa; é uma unidade compacta e transparente — uma unidade. Ele não costuma raciocinar frequentemente de causa a efeito — interiormente e analiticamente; mas, na maioria das vezes, parte de impulsos internos, com observação externa e uma comparação crítica de estatísticas, eventos históricos, circunstâncias gerais e fatos contíguos ou presentes. Ele é, portanto, um raciocinador de superfície e transparente; e isso lhe permite transmitir suas ideias de forma clara ao público. Raramente raciocina de forma profunda o suficiente para atingir as funções metafísicas e imaginativas da mente humana. Ele é honesto, e

sempre direto e franco. No entanto, ele possui o poder mental necessário para mergulhar abaixo da superfície, e de forma profunda também, se assim o desejar.

Quando a ocasião o desafia, ele pode construir um argumento lógico, amplo, masculino e tremendo. Ele é muito vigilante, e guarda suas posições fundamentais ou postos avançados, como um guerreiro acostumado. Sem adornos oratórios ou fugas poéticas, sempre compacto e bem unido, carregado até a borda com balas de canhão destinadas a realizar a execução desejada, seus argumentos são claros e dirigidos às faculdades mais altas, bem como às mais práticas da mente humana. E, sendo consciente de sua inteligência sempre disponível, capaz de abranger grandes temas, ele não experimenta reservas mentais ou hesitação.

A memória de palavras e ideias é notavelmente boa. Sua recordação de música não é tão perfeita quanto a do sentimento; a primeira é lembrada por meio da segunda, por associação. Ele gosta de poesias com temas generosos e universais; a versificação comum sobre sentimentalidades é extremamente desagradável para ele. Para ele, a literatura clássica está repleta de atrações; seus gostos literários e poderes são aguçados e pungentes; ele escreve suas ideias com peculiar clareza; e tende a ser hipercético, e até exigente, no seu próprio uso de termos. Em relação à escolha das palavras, ele é naturalmente cauteloso e intelectualmente consciencioso; elas devem significar literalmente o que ele pensa, ou o que os outros pensam, e nada mais.

Ele é rápido em perceber falhas nos argumentos; as premissas e conclusões são matematicamente ajustadas em sua mente; e não pode haver erro ou alteração nas posições que ele assim assume, ou seja, em sua opinião honesta. No entanto, ele está sempre disposto a investigar essas suposições de novo e a adotar novas perspetivas sobre elas, quando seu julgamento for convencido.

Embora incline-se para a ironia, ele raramente pensa ou escreve sob sua influência; e, embora igualmente inclinado para o sarcasmo, ele tempera seus pensamentos didáticos e linguagem exegética com benevolência e uma espécie de suavidade imperiosa. Há uma nobreza nesta inteligência. Ela é forte, energética, ativa, sensível, cultivada, disponível e autossustentável. Sua integridade intelectual — isto é, sua autojustiça ao pensar ou raciocinar sobre qualquer tema — é muito extraordinária e peculiar a ele. Suas palavras naturalmente não são numerosas, mas, por desenvolvimento e necessidade, fluem sem muita interrupção; e com uma precisão conscienciosa.

A seguir estão minhas Impressões ao vê-lo moralmente. Algumas mentes são apenas reservatórios; esta é uma fonte. Algumas são cálices e jarros prontos para receber e entreter; esta é uma fonte. No departamento moral dessa mente, sinto-me mais à vontade. O seu amor pela justiça como princípio, por si só, é sensível, intenso, poderoso. Sinto um direito imperial de examinar as relações entre homem e homem.

Entronizado acima de todos os outros pensamentos e mais profundo do que todos os outros sentimentos, estão — Deus, Justiça, Liberdade.

Esses pensamentos predominantes e que governam nunca dormem; nem sequer sonham. A mente inteira é movida do centro à periferia por eles, como o mundo pelas leis atrativas da gravitação; eles não apenas influenciam, mas moldam e dão forma a todos os elementos do seu caráter hereditário e adquirido. Impulsionado e energizado por esses sentimentos soberanos, ele sente uma severa indignação — uma espécie de ultraje cometido contra a sua própria alma — pela injustiça feita à liberdade de outro ser humano.

A sua justiça é severa e um tanto arbitrária: felizmente, ela é agradavelmente temperada pela benevolência. Sem isso, ele seria um segundo João Calvino — uma pessoa de uma vontade indomável — com uma disposição persecutória. Mas com Deus, Justiça e Liberdade, tão supremas sobre todos os sentimentos pessoais ou egoístas — tão predominantes sobre todos os outros pensamentos e atrações — esta mente considera tudo o que é de natureza temporal ou prudencial como irrelevante e, até certo ponto, como totalmente abaixo da sua consideração, quando comparado com a adoção universal e aplicação prática desses princípios.

O lar, os amigos, a saúde, a reputação, a fortuna, e até mesmo a própria existência — embora estes sejam caros e agradáveis à sua natureza — são considerados secundários à entronização de Deus, Justiça e Liberdade, na constituição dos homens e da sociedade.

Quando me deixo entrar sem restrições nas profundezas do seu caráter, sinto-me como se estivesse falando para uma grande audiência sobre um grande tema. A ocasião é cheia de interesse. Desejo ver o povo excitado e profundamente indignado contra algum grande erro; disposto a ir até a tortura ou à fogueira pelo bem da Verdade. Eu me queimaria alegremente para que a Ideia — o Princípio inerente, vital, glorioso e divino que defendo — sobreviva a mim, e seja aceita pela consciência do meu semelhante. Eu devo falar, palavras grandes, sérias, masculinas, ardentes. Minha alma deve ser sentida. Meu tema deve ser totalmente apreciado. Caso contrário, devo partir. Mas a multidão deve ser abordada.

Diante e à frente de cada homem, devo repreender o erro no pensamento, na palavra e na ação. Coragem, esperança, fé — o sentido divino e a força do Direito — preenchem toda a minha alma. Sinto-me como se devesse citar passagens de poesia expressiva, enfática, cheia de esperança e coragem — sinto-me como se devesse usar certos versículos do Antigo e do Novo Testamento — para explicar minhas convicções interiores, mas muito mais autoritárias. Não devo dar deferência a uma opinião ou instituição que só tenha o prestígio da antiguidade para recomendá-la. Se não me agradar à consciência — à minha perceção intelectual das relações lógicas e

absolutas entre a premissa e a conclusão — então não hesitarei em falar contra ela. Mas não devo confundir meus temas. Onde falo, todos podem falar — minha plataforma é livre como a Verdade torna livre — a qual liberdade e minha honra são inseparáveis.

Assim é que me sinto quando deixo minha mente adentrar as emoções predominantes de William Lloyd Garrison.

Sua Cautela é grande e muito ativa, mas seus sentimentos religiosos, sendo tão superiores ao egoísmo de qualquer tipo comum, permitem-lhe não sentir medo. Esperança, confiança em si mesmo e coragem são grandes e ativas. Ele é autossustentável; e deseja não depender de ninguém para nada. Esta mente e seus assuntos são um só e indissolúvel. Ele não percebe diferença ou distinção entre si mesmo e seus princípios — a sua vida, alma, intelecto e eles, são um só; pertencem uns aos outros. Daí, esse Garrison não pode pensar em políticas, prudências, compromissos e posições intermediárias; pois a natureza não pode ser infiel a si mesma. O seu amor por Deus-Pai é poderoso. Ele tem uma boa apreciação da natureza humana.

Ele é espiritualmente inclinado e intuitivo; ama orar de maneira prática, no closet secreto do seu próprio coração; acredita e aspira a princípios, sujeitos e personagens divinos. A sua mente tem uma concentratividade constitucional ou vital — uma adesividade e integridade com suas próprias posições, motivos e propósitos — que não vem da firmeza ou da vontade voluntária de ser constante. Ele não pode ser de outra forma. Nesse particular, a sua mente é extraordinariamente organizada. Aparentemente, seria suposto, do ponto de vista da frenologia, que sua "Firmeza" é grande o suficiente para gerar teimosia e obstinação dogmática; o que não é verdade.

A sua firmeza é a do carvalho; a integridade da natureza consigo mesma. Também seria suposto, do ponto de vista da frenologia, que sua "Combatividade" seja grande o suficiente para levá-lo a extremos destrutivos; o que também não é verdade. A sua energia e coragem destemida vêm inteiramente de sua consciência religiosa e fortemente sentida, que, ignorando todos os credos e constituições, adora no altar de Deus, Justiça, Liberdade.

Ele é ciumento da honra. A sua consciência sensível e enérgica o obriga a descobrir o erro e condená-lo, nos termos mais práticos ou vigorosos, seja esse erro manifestado por ricos ou pobres, igreja ou estado, amigos ou inimigos. Não tendo respeito por posições intermediárias ou compromissos, ele não pode, sob nenhuma tentação ou circunstância, "fazer amizade com o mammon da injustiça"; e suas denúncias abertas do erro provavelmente ofenderiam os personagens opostos.

A sua consciência o coloca completamente fora de harmonia com as instituições e constituições dominantes. Ele encontra o lado mais impopular de quase todas as questões endossado pelas melhores consciências, as mais próximas da verdade (ou provavelmente próximas dela), e, portanto, mais atraente e congenial a ele do que o lado comum que cada grau da humanidade aceita.

O abuso que ele pode receber da consciência popular é para ele considerado como um elogio. Ser aprovado pela maioria o assustaria tremendamente, com a convicção de que ele não poderia estar no caminho certo, pois o Direito é impopular! Ele se coloca ao lado dos abusados, maltratados e perseguidos; porque sua benevolência o impulsiona a fazer isso, enquanto a consciência o obriga ao trabalho.

O Sr. Garrison não tem ambição de ser conspícuo diante do mundo, nem de ser martirizado pela glória dos princípios — ele gostaria que fosse de outra maneira — mas ele considera tudo o que é seu como nada, como algo que não faz parte bem-vinda de sua existência e felicidade, que é obtida ao custo dos direitos e liberdades humanas. A sua dignidade constitucional é tão forte, sua estima pela honra pessoal é tão alta e nobre, que ele não pode permitir-se descer ao nível dos malfeitores — não pode condescender a devolver mal por mal — não pode consentir fazer o mal, por mais leve que seja, para que o bem venha; portanto, ele é, dos princípios mais profundos de seu caráter, um Não-resistente.

No entanto, ele explicará, resistirá e denunciá-lo-á, quando vir algo errado. Ele acredita apenas na oposição dos argumentos — na resistência de uma espiritualidade pacífica e viril — aos males e erros da humanidade. Nenhuma guerra, nenhuma crueldade, nenhuma punição arbitrária; nenhuma distribuição desigual das liberdades entre o povo. Toda forma de infidelidade ou hipocrisia é, para sua mente, indescritivelmente detestável; tanto que o inclina para a ousadia e exemplificação do extremo oposto.

Nenhum homem apela mais magnanimamente aos altos sentimentos morais e viris da mente humana. Ele fala diretamente com eles. Cada palavra deve causar a sua impressão legítima. Ele desperta e cultiva sua consciência; faz você sentir indignação e revolta contra os crimes cometidos contra um irmão. Ele é um amante da retidão; e, para obtê-la, não tem medo de lutar contra o mundo com uma espada de dois gumes. Finalmente, a seguir estão as minhas Impressões ao vê-lo individualmente. Agora, farei um resumo dos efeitos deste caráter no mundo.

Com sua organização, William Lloyd Garrison certamente será cordialmente amado e apreciado por seus amigos, e completamente odiado e incompreendido por seus inimigos. O público superficial irá odiá-lo — porque ele ignora tão perentoriamente os seus prudencialismos. Para o político, ele é "um rebelde" — porque ele não consentirá vender sua alma para ganhar o mundo. Para o homem de negócios ou

mercantilista, ele é "um fanático" — porque é estritamente desvinculado do mundo, auto-sacrificial e altruísta. Para o escravocrata, ele é um "desuniunista problemático" — porque ele o repreende por seus crimes gigantescos e expõe sem piedade seus erros contra a humanidade. Para o devoto das crenças, ele é "um blasfemo" — porque ele não pode ser conservador, exceto no que ele sente e vê como sendo o Direito, independentemente das formas, autoridade externa ou precedentes.

Para o cristão de bíblia ou caneta e tinta, ele é "um infiel" — porque ele acredita apenas no espírito da Religião e submete a letra à crítica livre e irrestrita. Para o mundo, ele é "um radical reformador" — porque não pode manter comunhão com os agentes e realizadores de injustiças manifestas. Para seus amigos absolutos, ele é "o homem mais íntegro e importante" deste século — porque sabem que ele é, em todos os aspetos essenciais, exatamente o que este exame psicométrico declara — nada mais do que o que se espera de um homem com tais princípios.